

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANILO RODRIGUES SILVA

JESUS DE NAZARÉ, EXISTIU? O QUE REALMENTE DISSE E FEZ? UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE O GALILEU DO “REINO DE DEUS” (C. 1 – 35 EC)

CURITIBA

2025

DANILO RODRIGUES SILVA

JESUS DE NAZARÉ, EXISTIU? O QUE REALMENTE DISSE E FEZ? UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE O GALILEU DO “REINO DE DEUS” (c. 1 – 35 EC)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação
em História, Setor de Ciências Humanas, da
Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof^o. Dr. Thiago David Stadler

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Silva, Danilo Rodrigues

Jesus de Nazaré, existiu? O que realmente disse e fez? : uma investigação sobre o galileu do “Reino de Deus” (c. 1 – 35 EC). / Danilo Rodrigues Silva. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientador: Prof. Dr. Thiago David Stadler.

1. Jesus Cristo - Historicidade. 2. História - Fontes.
4. Bíblia e teosofia. I. Stadler, Thiago David, 1985-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DANILO RODRIGUES SILVA** intitulada: **Jesus de Nazaré, existiu? O que realmente disse e fez? Uma investigação sobre o galileu do "reino de Deus" (c. 1 - 35 EC)**., sob orientação do Prof. Dr. THIAGO DAVID STADLER, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica

25/02/2025 16:37:18.0

THIAGO DAVID STADLER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

25/02/2025 22:08:13.0

EVERTON GREIN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - CAMPUS DE UNIÃO DA VITÓRIA)

Assinatura Eletrônica

25/02/2025 16:34:55.0

LEANDRO SOUSA COSTA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Thiago David Stadler pela orientação, conjugando: correção e incentivo, fez-me perceber que a consciência do equívoco é a via mais confiável à busca pela perfeição. Ninguém conseguiria verdadeiramente contemplar o que é a nobreza depois do fim do seu trabalho, se já não houvesse contemplado a nobreza em alguém que acreditou nele.

Agradeço à Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães pelas aulas de Seminário, por todos os ensinamentos e carinho.

Agradeço ao Professor Doutor Renan Frighetto por ser um espírito de bem e alto- astral.

Agradeço ao Professor Doutor Leandro Sousa Costa e ao Professor Doutor Everton Grein, por todos os apontamentos gentilmente feitos que foram imprescindíveis para o êxito da investigação.

Também, e não menos, dirijo minha gratidão à Universidade Federal do Paraná, ao Programa de Pós-Graduação em História, e à linha de pesquisa Cultura e Poder, como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da minha pesquisa.

RESUMO

A dissertação é dividida em duas partes, na primeira, inicio com uma pretensão pela verdade: quem de fato foi Jesus de Nazaré? Proponho a construção de um método a partir da reconstrução do modo como as fontes foram desenvolvidas, para concluir quais passagens das fontes sobre Jesus podem preservar as descrições das suas palavras e ações, ou a memória delas pelas testemunhas oculares. A segunda parte é caracterizada pela verificação da consistência das passagens identificadas através do método, segundo as circunstancias materiais da Província da Judeia, como também, segundo os mundos simbólicos dos judaísmos da primeira metade do século primeiro.

Palavras-chave: *Jesus; ações; ditos; fatos; fontes.*

ABSTRACT

The dissertation is divided into two parts, in the first, i start wanting the truth: who really was Jesus of Nazareth? I propose the construction of a method based on the reconstruction of the way the sources were developed, to conclude which passages from the sources about Jesus can preserve the descriptions of his words and actions, or the memory of them by eyewitnesses. The second part is characterized by checking the consistency of the passages identified through the method, according to the material circumstances of the Province of Judea, as well as according to the symbolic worlds of Judaism at the beginning of the first century.

Key-words: *Jesus; actions; sayings; facts; sources.*

FIGURA

FIGURA 1	70
-----------------------	----

GRÁFICO

GRÁFICO 1.....	32
----------------	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	15
TABELA 2	40
TABELA 3	41
TABELA 4	137
TABELA 5	145
TABELA 6	174

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
PARTE 1 METODOLOGIA	12
1 Construindo o método a partir da análise das fontes.....	13
2 Acerca do procedimento de aplicação do método.....	71
PARTE 2 DO QUE JESUS DISSE E FEZ. DE QUAL MUNDO OBJETIVO E SIMBÓLICO PARTICIPAVA	77
1 O maior dos homens, mas nem mesmo o menor no Reino de Deus.....	77
2 “Vocês não sabem interpretar o tempo presente”.....	80
3 Da insurgência de Jesus de Nazaré.....	93
4 Insurgentes à margem da História.....	96
5 Quando o preservar também é esquecimento.....	101
6 Circunstâncias socioeconômicas da Província da Judeia.....	104
7 Esperanças messiânicas.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICE A	137
APÊNDICE B	145
APÊNDICE C	174

INTRODUÇÃO

Jesus de Nazaré existiu? Quem foi? Uma resposta que não divergiria do senso comum a este respeito e que contemplaria as duas perguntas, versaria nestes, ou em termos semelhantes a estes: filho de/e único Deus existente, que veio ao mundo como homem para ser Ele mesmo sacrificado para a remissão dos pecados daqueles que Nele cressem e o adorassem, prometeu-lhes a ressurreição dos mortos; nasceu milagrosamente e experimentou tudo o que a natureza humana experimentaria, com exceção do pecado, ensinou normas morais e foi responsável por ações extraordinárias diante de multidões; morreu em uma cruz por vontade do seu povo que, expressando o “endurecimento” do seu coração, entregou-o para ser crucificado pelos pecados que julgou ter sido cometidos por Ele; e ressuscitou no terceiro dia, também deixando a esperança de que um dia voltaria para a transformação do mundo. Um espírito crítico poderia, em seu afã investigativo, perguntar sobre a origem desta caracterização, algo que provavelmente seria respondido prontamente com um afirmação contundente: “Os evangelhos!”, referindo-se ao conteúdo dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. A crença ou a descrença na existência de Jesus de Nazaré estaria condicionada à adoção ou não, portanto, dessa caracterização, ou de caracterizações semelhantes; e fundamentalmente, o conhecimento do que ele disse e fez, estaria condicionado à admissão das informações presentes nas fontes mencionadas, como informações verdadeiras.

Uma pergunta deveria preceder a pressuposição de que todas as informações apresentadas nas fontes mencionadas são verdadeiras. As informações admitidas como verdadeiras pelos cristianismos hegemônicos (catolicismos e protestantismos-evangelicalismos), apresentam-se nos evangelhos porque correspondem ao que uma pessoa real pronunciou e fez? Ou são, primeiro, admitidas como verdadeiras porque se apresentam nos evangelhos? A resposta parece óbvia, aparentemente só pode ser afirmado que os dados se apresentam nas fontes porque correspondem a fatos, todavia, este é um pressuposto formado pela inferência inválida de que necessariamente se segue da evidência da presença de narrativas e descrições de ditos atribuídos a Jesus nas fontes adotadas; à correspondência com o que uma pessoa real pronunciou e fez. A afirmação é inválida porque não se segue necessariamente da mera reivindicação dessas informações como verdadeiras, delas serem verdadeiras, porque a validade dessa reivindicação só poderá ser afirmada, se ela for justificada e essa justificativa puder ser contestada. Como justificativa à validade das informações preservadas nos evangelhos, poderia ser afirmado que a adoção delas desde o cristianismo primitivo, assegura a sua autenticidade, todavia, quando elas são analisadas e não

o seu uso, podem ser identificadas ocorrências de contradições, como também, indícios de fabulações. As contradições, ferem o princípio da não contradição: se um determinado evento é descrito, não poderá ser negado por outra passagem que o descreve sob as mesmas circunstâncias sem causar o reconhecimento da falibilidade das informações das fontes. Uma outra pergunta, então, constitui-se pertinente: todas as outras fontes não canonizadas, apresentam o mesmo conteúdo que as canonizadas? Se não, então, a autenticidade das informações das que mencionei nem sempre e nem por todos era reconhecida, com efeito, àquela caracterização de Jesus de Nazaré descrita há pouco, demonstrar-se-ia apenas uma versão do que talvez há muito tempo ignoramos. A pergunta sobre quais informações sobre a vida de Jesus correspondem a fatos, se de fato ele foi uma pessoa real; não faz sentido à adoção das fontes como autênticas, porque a autenticidade atribuída é promotora da aceção de que todo o conteúdo das fontes, como também, o modo como são apresentados, é desta natureza “autêntica”. Um requisito necessário, portanto, para o sentido da pergunta sobre quais informações das fontes são fiáveis, é o questionamento do pressuposto da autenticidade.

Esta dissertação de mestrado, como toda investigação, é circunscrita entre outras investigações que compartilham da mesma temática. Nos próximos parágrafos vou contextualizá-la entre as investigações sobre Jesus de Nazaré, que comungam do mesmo ensejo de identificar se há fatos sobre a sua vida, e por consequência, se é correto afirmar que ele existiu; sem tomar o pressuposto da autenticidade. Exporei brevemente as principais correntes de estudos que caracterizam essas investigações, apesar do tom generalista e pouco objetivo que ganhará, a exposição contribuirá para compreensão do lugar que esta dissertação de mestrado ocupará ou o qual pretendo dispô-la.

Cinco fases caracterizaram a pergunta sobre a historicidade dos eventos preservados sobre Jesus de Nazaré. A primeira, ganhou forma por Hermann Samuel Reimarus (1694-1769), um professor de línguas orientais de Hamburgo. A articulação das suas ideias pertinente ao tema que abordamos, pode ser identificada em sua “Apologia ou defesa dos adoradores racionais de Deus”, documento que não publicou, mas que confidenciou a amigos. G. E. Lessing, um desses, publicou alguns fragmentos depois da morte de Reimarus, sem, contudo, atribuir de quem eram a autoria. A inovação aportada pelo pensamento de Reimarus e a contribuição para que o estudo sobre a vida de Jesus ganhasse caráter científico, deve-se a sua proposta de uma distinção fundamental, antes ignorada: que existem razões para estabelecer uma distinção entre o que Jesus fez e disse, e o que foi atribuído a ele (Theissen e Merz, 1999, p.19). A realidade dos ensinamentos de Jesus deve ser compreendida nas circunstâncias da religião judaica da sua contemporaneidade. A missão e os ensinamentos de Jesus, tinham por tema central o anúncio da proximidade de um reino, compreendido no

contexto judaico, e portanto, mundano. Reimarus distinguiu, portanto, o ensinamento de Jesus, das pregações apostólicas posteriores, concebendo-as como o resultado do malogro do intuito de Jesus na sua condenação à cruz; produziram um “engano consciente” à defesa da ressurreição e volta iminente de Jesus, como um subterfúgio ao impacto da sua morte e a atestação do fracasso do seu movimento.

David Friedrich Strauss (1808-1874), aluno de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), foi mais um expoente nos estudos sobre o Jesus. Sua reflexão foi marcada pela inserção na investigação sobre a vida de Jesus, o conceito de mito, propondo demonstrar que a interpretação das narrativas das fontes, que apresentam eventos extraordinários, deve fiar-se à concepção de um processo gradual de imaginação mítica (Theissen e Merz, 1999, p.20-21). Os milagres, tradicionalmente, para as consciências críticas moderadas, eram explicados de maneira racionalizante, como exemplo, o caminhar de Jesus sobre as águas, era interpretado como uma visão dos seus discípulos e não um evento concreto, a sua ressurreição, por sua vez, era interpretada como uma aparente morte, mas não uma morte efetiva. Strauss se posicionou ainda mais contrariamente a essas interpretações, do que às posições sobrenaturalistas que concebiam esses milagres não como visões ou equívocos de juízo, mas sim como eventos extraordinários raros, nada obstante, reais. Apesar de inscrever Jesus na perspectiva mitológica, não afirmou, todavia, que a fé cristã fora construída a partir, somente, da imaginação mítica, porque a ideia de humanidade e de Deus, realiza-se no sujeito histórico que é Jesus, o mito, portanto, é o fenômeno histórico desta ideia humana geral.

A primeira fase das investigações sobre o Jesus histórico, foi caracterizada pela distinção entre quem de fato foi Jesus e o Jesus da fé. Reimarus estabeleceu a hipótese do “engano consciente”, uma explicação que solucionava a presença de contradições e elementos extraordinários nas fontes primárias (abordou apenas os evangelhos do Novo Testamento). Strauss, a sua vez, correlacionou a noção de mito às narrativas e descrições de eventos extraordinários. Distanciou-se da noção de “engano consciente” de Reimarus.

A segunda fase do desenvolvimento dos estudos sobre a historicidade (se há fatos ou não) das descrições sobre a vida de Jesus, foi marcada pela “investigação liberal” da sua vida. Dos autores que buscavam se distanciar do dogma Cristo, o mais notável autor deste período é Heinrich Julius Holtzmann (1832-1910). A base metodológica da referida “investigação liberal” acerca de Jesus, foi a análise crítico literária das fontes mais antigas. Os autores desse movimento buscavam identificar qual era a fonte precursora e conseqüentemente, as sucessoras. O Evangelho de Marcos e uma fonte empregada por Mateus e Lucas, não preservada só, mas preservada neles; foram consideradas as mais antigas e confiáveis para o estudo de Jesus. Estes autores propuseram ser possível, por meio destas fontes, desvincular a

vida de Jesus, da construção da sua vida pelas igrejas cristãs. Holtzmann assumiu o Evangelho de Marcos como o documento que possuía as informações biográficas mais confiáveis sobre Jesus, e a fonte empregada por Mateus e Lucas, como a mais confiável para as palavras autênticas dele. A segunda fase, portanto, foi marcada pela tentativa de reconstrução histórico-crítica da vida de Jesus por meio das consideradas fontes mais antigas: o Evangelho de Marcos e a fonte empregada pelos autores de Mateus e Lucas, denominada por convenção: “Q”. Marcos foi concebido como um desenvolvimento biográfico da vida de Jesus, sendo o conteúdo da doutrina de Jesus, presente na fonte de ditos “Q” (Theissen e Merz, 1999, p.21-22).

A terceira fase foi marcada pela crise dos estudos sobre a vida de Jesus. Por meio da obra “Investigação sobre a vida de Jesus”, Albert Schweitzer (1875-1965), sustentou a afirmação de que as descrições da vida de Jesus produzidas pelas investigações que o precederam, eram projetivas: que os autores concebiam Jesus segundo o que eles consideravam como ideal moral. W. Wrede (1859-1906), afirmou que o Evangelho de Marcos era uma expressão de uma dogmática comunitária, que manifestava o modo como a comunidade que o seu autor pertencia, imaginava Jesus. R. Bultmann (1884-1976), propôs que não era crucial o que Jesus disse e fez, mas sim o que Deus fez e disse na cruz e ressurreição, o *kerigma* (a mensagem de Deus) no Novo Testamento não tinha como objeto os feitos e ditos de Jesus, mas sim o Cristo “kerigmático” (Theissen e Merz, 1999, p.22-23). Esta vertente, teve clara base teórica: a teologia de Paulo desenvolvida especialmente em 2 Coríntios 5:14-17. Paulo, na passagem, expressa que não havia nada antes da ressurreição de Jesus que devesse ter maior importância que a “realidade nova”.

Pois a caridade de Cristo nos compele, quando consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram. Ora, ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles. Por isto, doravante a ninguém conhecemos segundo a carne. Mesmo se conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim. Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova (2 Coríntios 5:14-17).

Ao enunciar que: “Mesmo se conhecemos Cristo segundo a carne”, Paulo, expressa que não há tanta importância em conhecer o que Jesus disse e fez como há em conhecer o modo como ele, e a quem se dirige; conhecem. Sugere, portanto, que a “realidade nova”, a saber, o culto a Jesus, a crença na sua ressurreição e vinda futura; é mais fundamental que suas palavras e ações, algo que explica a escassez de descrições de palavras e ações de Jesus em suas cartas.

A quarta fase, tendo como um dos expoentes Ernst Käsemann (1906-1998), é marcada pelo estabelecimento da ideia de que as informações sobre Jesus estão dispostas fragmentariamente nos evangelhos, e com valor secundário. Esta fase foi caracterizada pelo distanciamento das problematizações elaboradas pelos movimentos anteriores, que demarcavam uma diferença entre o Jesus da história e as doutrinas dos cristianismos. A nova pergunta, nesta fase, partiu do pressuposto do Cristo kerigmático e questionou se a sua natureza extraordinária, manifesta na cruz e na ressurreição, foi anteriormente manifesta na sua vida. Os resultados das investigações conjugaram o homem terreno com o Senhor Salvador. No lugar de uma construção crítico literária das fontes e dos estudos da vida de Jesus; foi elaborado um método comparativo, cuja base se dispôs na história das religiões e das tradições. A quarta fase, portanto, pode ser definida como a defesa da conjugação da concepção de um Jesus terreno com um Jesus Cristo, da fé (Theissen e Merz, 1999, p.24).

A quinta fase, tendo como um dos principais expoentes John Dominic Crossan (1934), é caracterizada pelo seu enfoque histórico-social. Por meio dos estudos nela compreendidos, não é ensejado delimitar o cristianismo primitivo à distinção do judaísmo, mas sim articulá-los. Sem dar preferência a nenhuma fonte mas adotando inclusive as chamadas pela ortodoxia de “heréticas”; Jesus é circunscrito na sociedade judia do século I, entre as figuras proféticas dos movimentos de renovação. A doutrina de Jesus seria caracterizada como uma escatologia restauradora (Theissen e Merz, 1999, p.27). Essa fase também ganhou correntes distintas, em uma delas, seus autores adotam uma imagem de Jesus sem traços escatológicos. Defendem que ele expressava uma sabedoria do melhor viver, participando da tradição filosófica cínica; resultado da confluência da cultura helênica e da cultura judaica do seu tempo. A quinta fase, de modo geral e não preciso, circunscreve Jesus no ambiente judaico como um líder carismático de renovação, não o desvincula da fé; concebe-o como resultado de um processo de construção, do qual ela também participa. No Brasil, dos pesquisadores que produziram e produzem estudos que poderiam ser circunscritos em diálogo com esta fase, menciono: André Leonardo Chevitarese; Pedro Paulo A. Funari; Monica Selvatici; e Gabriele Cornelli. Algumas de suas obras sobre este tema: “Jesus de Nazaré, uma outra história”, organizada por André Leonardo Chevitarese, Monica Selvatici e Gabriele Cornelli; “Jesus Histórico, uma brevíssima introdução”, de André Leonardo Chevitarese e Pedro Paulo A. Funari; e “Judaísmo, Cristianismo e Helenismo. Ensaio Acerca das Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo”, de André Leonardo Chevitarese e Gabriele Cornelli.

Ainda acerca da quinta fase, o grupo de estudos *Jesus Seminar* deve ser mencionado; foi formado por acadêmicos da América do Norte e Europa, com o intuito de investigar quais dos ditos e feitos atribuídos a Jesus de Nazaré, nos evangelhos da ortodoxia e das “heresias”,

poderiam ser os mais autênticos ou primitivos. Os integrantes do Seminário se reuniam duas vezes por ano; dialogavam sobre os artigos técnicos que eram elaborados previamente e, depois de ponderarem sobre eles, empregavam um método de votação, por meio de cédulas com diferentes cores que correspondiam a diferentes graus de fiabilidade que defendiam possuir determinadas passagens dos evangelhos. As cédulas eram colocadas por acadêmico em uma caixa e depois contadas, assim, resultavam valores ponderados que apontavam que determinados ditos e feitos possuíam maior e menor consenso acerca da sua autenticidade¹. Expressavam deste modo, seus posicionamentos pessoais.

Na primeira fase do Seminário (1985-1991), o trabalho foi identificar todas as palavras atribuídas a Jesus em todos os evangelhos e outros documentos dos primeiros séculos, classificando-as em categorias: aforismas; diálogos; parábolas; e histórias. O consenso foi de que Jesus não afirmou ser o Messias, nem que era divino e nem que veio ao mundo para servir como sacrifício para a remissão dos pecados. A doutrina de Jesus partia de uma concepção sobre um Reino de Deus, por meio da qual ensinava os seus seguidores a praticarem a generosidade e a bondade. No reino, todos seriam libertos da miséria e seriam aceitos como filhos de Deus; não somente os judeus. Em relação a este seminário, os autores: John Dominic Crossan; Karen Armstrong; John F Dechow; Arthur Dewey; Robert Fowler; Charles Hedrick; CM Kempton Hewitt; Roy W. Hoover; Glenna Jackson; Gregory C Jenks; Perry Kea; Davidson Loehr; Lane C. McGaughy; Robert Miller; Stephen Patterson; Bernardo Brandon Scott; Andrew D. Scrimgeour; Cristina Shea; J. Samuel Subramanian; Hal Taussig; e Daryl Schmidt.

Na segunda fase do Seminário (1991-1996), o enfoque principal foi dado às ações de Jesus e aos eventos nos quais ele foi inscrito pelos autores dos evangelhos. O resultado foi que Jesus não caminhou sobre as águas; não foi executado por alegar ser filho de Deus; e não ressuscitou corporalmente dos mortos, sendo a ideia da ressurreição, formada por visões de Pedro, Paulo e Maria Madalena. Em relação a este seminário, os autores: Jon F Dechow; Robert Fowler; Charles Hedrick; Roy W. Hoover; Glenna Jackson; Gregory C Jenks; Perry Kea; Davidson Loehr; Lane C. McGaughy; Robert Miller; Stephen Patterson; Bernard Brandon Scott; Andrew D. Scrimgeour; Christine Shea; J. Samuel Subremanian; Hal Taussig.

A terceira fase (1996-1998) foi marcada pela elaboração do perfil de Jesus. Os integrantes investigaram qual era a imagem expressa nas passagens elegidas como mais autênticas. Parte dos resultados foram inferidos das circunstâncias sociais de Jesus. Em relação a este seminário, os autores: Jon F Dechow; Charles Hedrick; Roy W. Hoover; Glenna

¹ Para mais informações acessar o site do *Westar Institute* (westarinstitute.org).

Jackson; Gregory C Jenks; Perry Kea; Davidson Loehr; Lane C. McGaughy; Robert Miller; Stephen Patterson; Bernard Brandon Scott; Andrew D. Scrimgeour; Christine Shea; J. Samuel Subramanian; e Hal Taussig.

Nos parágrafos anteriores foram expostas as linhas de investigação sobre Jesus de Nazaré e algumas das suas principais proposições. O objetivo de tal tarefa foi o de contextualizar esta investigação entre elas, no entanto, a exposição não delimitou em qual fase esta dissertação efetivamente participa. Demarco-a, portanto, em diálogo com a quinta fase, todavia, não necessariamente como sua integrante, porque o método que construirei, que é o elemento mais original deste trabalho; se distingue dos adotados pelos autores que são compreendidos nessa fase, ademais, os resultados consensualmente admitidos das suas investigações, divergem em um número considerável das proposições desta investigação. A convergência com a referida fase, está no reconhecimento da importância do conhecimento das circunstâncias sociais da Província da Judeia na contemporaneidade de Jesus de Nazaré.

Esta investigação também corroborará com teses defendidas em fases anteriores. Como Reimarus, afirmarei a importância de estabelecer a diferença entre a tradição dos cristianismos e o que Jesus expressou e ensinou em sua vida, apesar disso, não afirmarei que os apóstolos foram responsáveis pelo “engano consciente”. Dos objetivos de Holtzmann, adotarei o intuito de identificar o conteúdo mais antigo sobre Jesus, desligando-se das construções dos cristianismos, todavia, divirjo da procura pelas fontes mais antigas, porque defenderei a busca por seções de informações mais antigas. Com Crossan, corroborarei com o enfoque histórico-social, que se expressará pela abordagem das circunstâncias materiais e simbólicas da Província da Judeia.

Circunscrita esta dissertação entre as pesquisas mencionadas, carece-se de introduzir a sua constituição. Ela será dividida em duas partes: a primeira, construirei um método de análise das fontes primárias, para refutar ou legitimar a reivindicação de fatos das informações preservadas sobre Jesus de Nazaré. Para a identificação de indícios de: inconsistências internas; fabulações; conteúdos semelhantes; precursão e sucessão de passagens, elaborarei um gráfico e tabelas que serão instrumentos de suporte para a reflexão. Como as informações devem ser articuladas de outras formas como tradicionalmente não são articuladas, elaborarei conjecturas. Também exporei as formas de raciocínio que usarei; uma forma de tornar todas as inferências da reflexão mais transparentes, para que possam ser reproduzidas e possíveis de serem refutadas. Ao final da primeira parte, depois da construção de várias proposições sobre as fontes mais relevantes para a identificação de informações sobre Jesus de Nazaré, será possível propor um método de análise das fontes primárias para a identificação de quais passagens podem ser legitimamente reivindicadas como

correspondentes a possíveis fatos. Na segunda parte, verificarei se o conteúdo resultante do método é consistente, se as informações sobre o mundo simbólico na Província da Judeia refutam as informações estabelecidas pelo método como mais confiáveis, ou se o método se manifesta resiliente à refutação.

PARTE I | METODOLOGIA

Convido a conhecer o procedimento metodológico que vou elaborar neste capítulo da dissertação com a mesma disposição que conheceria um ambiente pouco explorado, acerca do qual só soubesse um conjunto de opiniões dadas por outros, que fossem tão diversas como contrastantes². O que proponho com isto é que se disponha a compreendê-lo, sem pressupor procedimentos que já conheça, especialmente os relativos às fontes primárias acerca de Jesus de Nazaré (c. 30 EC)³; são as fontes a seu respeito a matéria que, por meio do procedimento que me refiro, articularei. Este capítulo, portanto, poderá ser definido objetivamente, como uma formulação⁴ de um procedimento metodológico para as fontes primárias que apresentam supostos ditos, parábolas e narrativas relativas a Jesus de Nazaré⁵. Estabeleço distinção deste

² Por que o uso de metáfora? Por que as usarei em outros momentos da dissertação? “O criador e o apreciador de uma metáfora se aproximam de forma singela, o que envolve três aspectos: (1) o falante emite um tipo de convite oculto; (2) o ouvinte depende um esforço especial para aceitar o convite; e (3) a transação constitui o reconhecimento de uma comunidade. Todos os três aspectos aparecem em qualquer comunicação; porém, no discurso literal comum, suas funções são tão dispersas e rotineiras que passam despercebidas. O uso de metáforas coloca esses aspectos em primeiro plano – é esse o ponto” (Cohen, 1992, p. 13). “Compreender uma metáfora é, por sua própria natureza, decidir se concordamos com o metaforista ou se o rejeitamos, e isso, simultaneamente, é decidir ou se acomodar ou resistir a sua metáfora” (Booth, 1992, p. 68).

³ São as seguintes fontes (algumas de diferentes tradições) as quais identificaremos conteúdos atribuídos objetivamente a Jesus de Nazaré. As fontes primárias: “Evangelho Q”; “Evangelho de Sinais”; “Evangelho de Tomé”; “Evangelho da Infância, de Tomé”; “Fragmento ‘Oxyrhynchus 1224’”; “Evangelho de Marcos”; “Evangelho Secreto de Marcos”; “Evangelho Egerton”; “Evangelho de Pedro”; “Fayyum Fragmento”; “Evangelho de Mateus”; “Evangelho de Lucas”; “Evangelho dos Egípcios”; “Evangelho dos Hebreus”; “Evangelho dos Ebionitas”; “Fragmento Strasbourg”; “Papiro Merton 51”; “Fragmento de Cairo”; “Protoevangelho de Tiago”; “Evangelho dos Nazarenos”; “Atos dos Apóstolos”; “1º Coríntios”; e “Evangelho de João”. Estas fontes foram escolhidas porque compartilham ditos, parábolas, e em alguns casos, narrativas em comum que se corroboram. A justificativa da não inclusão de demais documentações, repousa sobre o motivo de que o critério visionado para esta pesquisa é empregar documentações que contenham as palavras e ações de Jesus de Nazaré, e não as interpretações delas, pelas recepções das tradições cristãs, judaicas e gnósticas. Nem todo o conteúdo destas fontes será abordado, mas sim, o atestado. O termo que acompanha a maioria das fontes, a saber, “Evangelho”, significa: boa mensagem, muitas vezes denotando no Novo Testamento uma nova boa mensagem, quiçá alusão comparativa à boa mensagem da Torá, como em Tertuliano, em sua obra: “Contra Marciano”, livro V, capítulo XL, referindo-se a uma “nova aliança”. Após a morte de Jesus de Nazaré encontramos esta titulação nos mais diversos documentos escritos e sendo referido a ensinamentos orais que eram atribuídos às suas palavras, escusando minha categorização enquanto documentos de um mesmo caráter.

⁴ O que estou entendendo em formular? Para explicar, primeiro cito Bruno Latour, em “Esperança de Pandora”: “Em grande parte, a argúcia de um experimentador consiste em elaborar enredos alternativos e encená-los com cuidado, para que o ‘atuante’ participe de situações novas e inesperadas capazes de defini-lo ativamente”. (Latour, 1999, p. 143). “Atuante”, aqui, estou compreendendo o conteúdo das fontes primárias. Eu, o investigador, concateno de uma forma diferente da que já está dada a matéria, a partir de certos objetivos: eu quero salientar apenas o conteúdo atestado por mais de uma fonte de diferentes tradições, devido ao critério da falseabilidade (ver nota). Com tudo isso, elaboro determinados procedimentos para o conteúdo do documento. Ou mais, sobre isto também, o que Karl Popper nos disse: “Não deparamos com experiências, nem elas caem sobre nós como chuva. Pelo contrário, temos de ser ativos: temos de ‘fazer’ nossas experiências. Somos sempre nós que propomos questões à natureza; somos nós que repetidamente procuramos formular essas questões, de modo a provocar um claro ‘sim’ ou ‘não’ (pois a natureza só dá uma resposta quando compelida a isso)” (Popper, 2008, p. 307).

⁵ Uso o termo: “supostos”, porque apenas após a aplicação do procedimento metodológico em construção, é que poderá ser possível identificar com maior precisão a validade dos dados informados.

capítulo com os demais capítulos, não por uma simples arbitrariedade, mas por um motivo que requer tal distinção. Identifico a presença de inconsistências internas em parte das fontes abordadas, tão significativas que não podem ser ignoradas antes de qualquer reflexão. Isto, porque o objetivo deste capítulo é estabelecer um método seguro para a identificação de quais passagens, nas fontes primárias acerca de Jesus de Nazaré, podem ter dados mais consistentes para a reivindicação de que foi uma pessoa real, e paralelamente, o que provavelmente pode ter dito e feito, por esta razão, se indícios de inconsistências existem, não é devido iniciar uma reflexão sobre o que ele disse e fez, sem antes, assegurar o que ele pode ter dito e feito.

1 Construindo o Método a partir da análise das fontes

Abordarei como as inconsistências internas se apresentam nos quatro evangelhos⁶ do Novo Testamento⁷, porque por meio da identificação das suas ocorrências, será possível analisar se elas efetivamente devem ser assim concebidas. Para os casos em que o emprego do termo “inconsistência” for unívoco: quando for possível a verificação da ocorrência de conflito de informações no conteúdo das fontes, construirei as possíveis explicações para as suas ocorrências. “Inconsistência”, refere-se a, no mínimo, dois enunciados que expressam

⁶ Como se deve fazer em toda investigação, parto de um problema inicial básico, aqui, como estou elaborando uma metodologia a respeito das fontes, não irei inicialmente abordar todas as que empregarei, mas algumas, para que desde elas, por indução, eu possa elaborar um procedimento aplicável a todas as outras. Neste momento, vou abordar as fontes mais conhecidas quando tratamos de saber quem é Jesus de Nazaré, a saber, os evangelhos canonizados pela hegemonia cristã (hoje compostas pelas tradições: católicas, protestantes e evangélicas). Na antiguidade, mencionando objetivamente quais eram as fontes canonizadas do Novo Testamento, ou seja, as que tinham as informações confiáveis acerca de Jesus de Nazaré: Orígenes em “História Eclesiástica” de Eusébio de Cesareia, VI. 25. Orígenes, nas suas “Homilias” sobre o Evangelho de Lucas, refere-se nominalmente aos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João quando trata de quais a ortodoxia empregava: “Certamente, Mateus, Marcos, João e Lucas não ‘tentaram’ escrever, mas sim que, cheios do Espírito Santo, escreveram Evangelhos. Portanto, ‘muitos tentaram ordenar o relato daqueles acontecimentos que conhecemos de um modo claramente manifesto’. A Igreja tem quatro evangelhos; a heresia, muitos (...)”.

⁷ O termo “testamento” conjugado com o adjetivo “novo”, refere-se a compilação de textos sagrados da tradição ortodoxa cristã, que supostamente registrariam o cumprimento, ou atualizariam, a antiga aliança formada entre Yahweh e Moisés. Outorgando-a, entre outras interpretações, na de que uma nova aliança havia sido prevista em Jeremias 31-34. Os tradutores da Septuaginta, traduziram “*brit*” (בְּרִית), é dizer, pacto entre duas pessoas ou acordo entre elas, não significando até então, algo a se cumprir após a morte; como em Gênesis 6:18, Deuteronômio 5:2 e Ex 24:7; para “*diatheke*” (διαθήκη), é dizer, “testamento”, ou seja, um documento legal para o pós-morte, como segundo o emprego de Hyperides, em sua obra: “Contra Athrogenos”, na seção 18 (18), segunda linha: “*διαθήκας*”, que pouco denoto pacto entre pessoas em vida, para isso, Aristófanes emprega na sua obra: “As vespas”, linha 583, o termo: “*διαθήκη*”. Por fim, traduziram “*brit*” para o latim como “*testamentum*” (relativo a um desejo deixado para que pudesse ser satisfeito por outro, depois da morte). Isto, pôde ter feito que a interpretação cristã da tradução de “testamento” da Septuaginta, tenha prevalecido ao invés da noção de “*brit*” da Torá hebraica, de maneira que foi relacionada com a morte de Jesus de Nazaré, como em 2 Coríntios 3:14. Identifiquei o uso de “Novo Testamento”, denotando a coleção de escrituras canônicas aos cristãos da ortodoxia, em Tertuliano “Contra Praxeas” 15; “Contra Marcião” III. 15; IV. 1,2 e 15; e Eusébio de Cesaréia em “História Eclesiástica” III.3.1–7; III.25.3; IV.8.1; VI.25.1, no entanto, usando outra denominação, referente a aliados da mesma posição (ἐνδιαθήκη). Sem denotar coleção de escrituras, objetivamente, Irineu de Lyon, especificamente em Contra as Heresias III. 11.

dois estados diferentes de coisas, apesar do conteúdo da fonte tratá-los como a descrição de um único estado de coisas. Para verificar se as inconsistências são de fato inconsistências, dividirei as passagens das quatro fontes mencionadas em uma tabela ilustrativa. Nessa tabela, as passagens que podem ser verificadas em inconsistência, serão correlacionadas por semelhança temática acerca do que preservam, por exemplo: se “X” de “L” afirmar “B” para “C”, onde se e somente se “B” ou “H” para “C”, paralelamente, em uma outra coluna, inscreverei uma passagem do tipo: “Y” de “L”, que afirma “H” para “C”, para demonstrar que em uma mesma fonte se apresentam dois enunciados divergentes. De forma que no exemplo do período anterior: “C” equivale ao assunto central evocado; “L” equivale a um dos quatro evangelhos mencionados; “X” e “Y” as diferentes passagens; e “B” e “H” as afirmações distintas sobre um mesmo estado de coisas. Segue a construção da referida tabela:

Número da coluna e assunto central evocado	Coluna 1. Jesus veio trazer paz ao mundo?	Coluna 2. O evangelho deve ser ensinado a todos?	Coluna 3. João Batista sabia que Jesus era o Messias?	Coluna 4. Jesus realizou milagres?	Coluna 5. O Reino de Deus virá ou já está presente?	Coluna 6. Deve-se cumprir a Lei?
Afirmção sobre o assunto central da coluna; evangelhos e passagens.	Sim Mt. 5:9; 26:51-52 Lc. 2:14 Jo. 14:27; 16:33 Atos 10:36	Sim, a todos Mt. 28:29 Mc. 16:15 Atos 8:25; 15:3; 22:21; 28:28	Sim Jo. 1:29-34	Sim Mc. 16:20 Jo. 3:2; 12:37; 20:30 Atos 2:22 Mt. 8:1-4 Lc. 5:12-16 O seu nascimento foi milagroso Mt. 1:18-25 Lc. 1:26-38	Virá Mt. 24:29 Mc. 13:14-27 Lc. 21:20-28 Será em um outro mundo Jo. 18:36	Sim, integralmente Mt. 5:17-20
Afirmção sobre o assunto central da coluna; evangelhos e passagens.	Não Mt. 10:34 Lc. 12:51; 22:36	Não, nem aos gentios nem aos samaritanos Mt. 10:5-6; 15:24 Atos 16:6	Não Mt. 11:1-6 Lc. 7:18-23	Ele se negou a fazê-los Mc. 8:12 Lc. 11:29 Mt. 12:39; 16:4	Já está presente Mt. 16:2-3 Lc. 12:54-56	Nem tudo Mc. 2:23-28 Mt. 12:1-8 Lc. 6:1-5 Mt. 12:9-14 Mc. 3:1-6 Lc. 6:6-11

Tabela 1 – Exemplo de contradições internas ⁸

⁸ Ainda que possa haver outras inconsistências internas, de maneira que não há um número exato delas para cada investigador, estas, foram evocadas porque possuem as inconsistências que se configuram como impedimento para esta investigação.

Sobre o conteúdo da tabela, inicio abordando os dados que são apresentados e o modo segundo o qual proponho que sejam interpretados. 1) As fontes: Evangelho de Marcos, Evangelho de Mateus, Evangelho de Lucas e Evangelho de João, apresentam passagens que ao serem interpretadas, expressam o principal intuito de Jesus⁹, a saber, proclamar ou instaurar o “Reino de Deus”. Sendo o referido, caracterizado como um reino em um mundo restaurado, e também, em um “outro mundo”¹⁰. Isto, poderá ser verificado nas passagens dispostas em cor verde, referentes à coluna 5, sobre a pergunta que a caracteriza, a saber: “O reino de Deus virá ou já está presente?”. 2) Jesus assegura, contudo, que esse reino pertence àquela realidade da qual ele é uma circunstância, nas passagens dispostas em cor azul, também referentes à coluna 5, sobre a pergunta que a caracteriza, esta, a anteriormente mencionada. 3) É possível verificar que Jesus realiza um grande número de milagres, nas suas ocorrências nas fontes, as passagens dispostas em verde, referentes à coluna 4, sobre a pergunta que a caracteriza, a saber: “Jesus realizou milagres?”. 4) Nos mesmos evangelhos em que há muitas passagens em que realiza milagres, Jesus, em outras passagens, não expressa que os valoriza em seu intuito. Isto, poderá ser verificado nas passagens dispostas em cor azul, também referentes à coluna 4, sobre a pergunta que a caracteriza, esta, a anteriormente mencionada. Desta forma, poderá ser verificado que, acerca dos mesmos assuntos sobre a natureza e as ações de Jesus de Nazaré; é possível serem identificadas posições conflitantes no interior de cada evangelho abordado. Justifico, enfim, a denominação por mim conferida de “inconsistências” a estas ocorrências, e corroboro com a necessidade de dispor de maior atenção para a possível razão de ocorrerem.

Para analisar um possível motivo das ocorrências de inconsistências, as passagens que descrevem feitos extraordinários atribuídos a Jesus devem ser problematizadas. A escolha por essas passagens possui uma justificativa: ao apresentarem descrições de eventos atípicos e de ações não reproduzíveis, induzem à hesitação da sua admissão como fiáveis¹¹. No cenário

⁹ Mais à frente discutirei acerca do porquê o Reino de Deus é um tema que deve destaque quando falamos algo sobre Jesus de Nazaré.

¹⁰ Expressamente em João 18:36.

¹¹ O cuidado ao analisar narrativas que descrevem feitos extraordinários, pode ser compreendida em uma reflexão do filósofo David Hume, quando redigiu: “Suponhamos, por exemplo, que o fato que um testemunho tenta estabelecer participa do extraordinário e do maravilhoso; nesse caso, a prova, resultante do depoimento, pode ter uma diminuição, maior ou menor da credibilidade, na proporção em que o fato for mais ou menos inusitado. A razão pela qual atribuímos qualquer crédito as testemunhas e aos historiadores não deriva de qualquer ligação, que percebemos a priori, entre o testemunho e a realidade, mas porque estamos habituados a encontrar uma conformidade entre eles. Mas quando o fato atestado é um fato que raramente foi objeto de nossa observação, aqui está uma competição de duas experiências opostas (a que eu já posso ter tido e a que nunca tive); das quais uma destrói a outra, no que diz respeito à sua força (...). O mesmo princípio de experiência que nos dá um certo grau de segurança, ante o depoimento das testemunhas, dá-nos também, neste caso, outro grau de segurança contra o fato (nunca experimentado), que elas se esforçam por estabelecer; de cuja contradição surge necessariamente um contrapeso e uma destruição mútua de crença e autoridade.” (Hume, Dos milagres, X.

possível em que os milagres foram criados e atribuídos a Jesus, uma motivação pode ser concebida: a tentativa de conciliação entre relatos de testemunhas oculares, ou mesmo entre histórias primitivas sobre Jesus, e o que os autores responsáveis pelas narrativas aspiravam que ele fosse¹². Visionando esse cenário, a identificação da originalidade ou não das informações contidas nas passagens seria útil, sendo, ademais, um critério para a verificação ou para a refutação da plausibilidade dessas passagens preservarem descrições de eventos reais. Saliento que, agora, não será verificado se essas passagens ocorrem em inconsistências ao se contraporem a outras passagens, isto foi abordado na tabela 1; mas sim analisar se cada passagem pode ser consistente ou original, ao não possuir uma versão anterior inspiradora, assim, por meio do critério da originalidade aplicado à tabela do Apêndice A, será possível verificar se essas passagens possuem ou não indícios de serem fabulações¹³.

Pode ser verificado na tabela do Apêndice A, que há duas formas distintas de ocorrências de narrativas que descrevem milagres atribuídos a Jesus de Nazaré, elas, compreendidas nas duas primeiras colunas; a terceira coluna, também se refere a ocorrências de narrativas de mesma natureza e semelhantes as anteriores, contudo, os feitos narrados estão nos documentos relativos ao Antigo Testamento, e atribuídos aos profetas, ou seja, com outros personagens e circunstâncias, e cujas narrativas são locucionadas distintamente. Objetivamente, a tabela pode ser descrita da seguinte forma: 1) na coluna horizontal 1, são mencionadas as passagens do núcleo de passagens sinóticas (Mc-Lc-Mt) e as passagens de, ou Marcos, ou Lucas, ou Mateus; paralelamente a cada passagem, a alusão da narrativa do milagre atribuído a Jesus, que elas preservam, sendo ela, indicada pela coluna: “Assuntos referentes as passagens da coluna horizontal 1”; 2) na coluna horizontal 2, apresentam-se as passagens de João/Sinais¹⁴, e paralelamente a cada passagem destes evangelhos a alusão da

I, 10.8) Tradução do inglês sob minha responsabilidade.

¹² Uma passagem do livro de Isaías expressa o que era esperado que seria feito pelo Messias e que aqueles que acreditavam que Jesus o era, poderiam inferir sobre ele: “Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará canções alegres, porque a água jorrará do deserto, e rios, da estepe. A terra seca se transformará em brejo, e a terra árida em mananciais de água. Onde repousavam os chacais unguirá um campo de juncos e de papiros.” (Isaías 35:5-7).

¹³ Ou passagens de caráter puramente apologetico, de defesa de determinada doutrina, carecendo de observância de descrições exclusivas de relatos testemunhais.

¹⁴ Um possível documento denominado “Sinais” é uma fonte reconstruída por Robert Tomson Fortna em “*The Fourth Gospel and its predecessor*”; identificada por meio de muitas referências feitas pelo autor do Evangelho de João. Norman Perrin em “*The New Testament: An Introduction*”, p.225, argumenta que o autor do Evangelho de João, ao que a análise do seu conteúdo indica, usou uma fonte distinta das preservadas, uma documentação que continha narrativas de feitos maravilhosos e sobre humanos (milagres). É possível identificar o uso em, por exemplo: João 2:11, cujo milagre de Jesus em Caná é referido como “o primeiro de seus **sinais**”. Outros denominados sinais são registrados em alusão, em João 2:23 e em João 4:54 sobre a cura do filho do oficial em Cafarnaum que é referido como “o segundo **sinal** que Jesus fez quando veio da Judeia para a Galileia”. Ademais, João 12:37, registra: “embora tivesse feito tantos **sinais** diante deles, eles não acreditaram nele”, e esta observação é registrada também no resumo no final do evangelho, em João 20:30-31: “Ora, Jesus fez muitos

narrativa do milagre atribuído a Jesus, de modo semelhante ao primeiro caso, indicada pela coluna: “Assuntos referentes as passagens da coluna horizontal 2”; e para o caso da coluna horizontal 3, o conteúdo presente na coluna referente a ela, a saber, “Assuntos referentes as passagens da coluna horizontal 3”, são apresentadas as passagens do Antigo Testamento que são semelhantes às do Novo Testamento que descrevem milagres atribuídos aos profetas. Para uma passagem que descreve uma cura de lepra nas duas colunas anteriores, a sua correspondente mais semelhante que também descreve uma cura de lepra, mas no Antigo Testamento¹⁵ e atribuída a um profeta. Para a verificação e compreensão das semelhanças entre os assuntos referenciais ao conteúdo das colunas horizontais 1 e 2, e os da coluna horizontal 3, é necessário observar o sistema de cores¹⁶, por exemplo: acerca do milagre da multiplicação dos pães, presente na tradição sinótica e na tradição João/Sinais; observar com qual cor são ilustradas as passagens que o apresentam, no caso, a cor cinza, depois disso, observar na coluna correspondente aos “Assuntos referentes as passagens da coluna horizontal 3”, quais passagens também são dispostas com a cor cinza. Por meio deste procedimento, portanto, será possível verificar as semelhanças entre a maior parte das narrativas de milagres dos evangelhos do Novo Testamento, aqui, compreendidas nas colunas 1 e 2, mais

outros **sinais** na presença dos discípulos, que não estão escritos neste livro; mas estes foram escritos para que vocês criam...”. A hipótese de que a narrativa do autor do Evangelho de João até João 12:37 foi composta com o auxílio de uma outra fonte que não a da tradição sinótica, é em alguma medida justificada, porque todos os milagres contidos em João que não são paralelos aos evangelhos sinóticos, ocorrem antes de João 12:37, como a cura na piscina de Betzatha em João 5:1-9; a cura do cego em João 9:1-12; e a ressurreição de Lázaro em João 11:1-44. Estes milagres possuem uma descrição mais elaborada que suas versões nos sinóticos e indicam conceber Jesus não simplesmente como o messias mas como alguém divino. Kysar em “*The Anchor Bible Dictionary*”, v.3, pp. 921-922, defende que a proposta mais consistente de outra fonte do Evangelho de João é uma fonte marcada por sinais. Muitos elementos contribuem para esta hipótese, o emprego não fortuito do termo “sinais” para denominar esses feitos extraordinários, a numeração dos sinais em João 2:11 e João 4:54, e a referência aos sinais na conclusão do evangelho. A funcionalidade dos sinais em promover a fé, contrasta com a funcionalidade dos demais milagres dos quais o autor de João estava usando, que eram milagres como produto da fé. O que pode ser inferido é que houve em algum momento uma coleção de milagres em interação com a comunidade do autor do Evangelho de João antes da redação do evangelho a ele atribuído. Robert Fortna em “*The Anchor Bible Dictionary*”, v.6, p.19 defende que o emprego não fortuito de “sinais” sugere a preservação de uma camada mais primitiva no Evangelho de João, pois remete a algo externo. Especialmente o emprego de “sinal” relacionado a fé, porque não é empregado usualmente nos sinóticos, e quando o é, é em circunstâncias negativas e nunca nos milagres realizados por Jesus, por outro lado, inclusive no próprio Evangelho de João, sinais para a fé, às vezes vem acompanhados de crítica: João 4:48; João 6:26, todavia em outros pontos da narrativa, e aí os da fonte utilizada pelo autor de João; são entendidos como totalmente positivos, não abrindo espaço para um sentido crítico negativo. São essas histórias de milagres, juntamente com as conversações e discursos de Jesus que são elaboradas a partir delas, que constituem a única atividade pública de Jesus. O que nos sinóticos foi chamado de “ministério” só poderia ser descrito neste evangelho como a apresentação da sua natureza na realização de sinais e diálogos sobre eles.

¹⁵ As semelhanças serão concebidas a partir de algumas diferenças de personagens e contexto.

¹⁶ Para a compreensão do sistema de cores: leia das duas primeiras colunas, desde a esquerda da página (onde estão as sinopses das passagens e as referências das mesmas no Antigo Testamento), e principalmente, atenha-se às cores. Em seguida identifique nas demais colunas, e compare as passagens do Novo Testamento com as do Antigo Testamento, seguindo as cores para encontrar as passagens semelhantes.

especificamente da tradição sinótica e João/Sinais; com as do Antigo Testamento, que são compreendidas na coluna 3.

Observando o procedimento descrito, é possível verificar que as passagens que narram feitos extraordinários nos evangelhos do Novo Testamento (também concebendo João/Sinais), apresentam semelhanças com algumas passagens presentes no Antigo Testamento, algo que até o momento não havia sido verificado. Ainda que esta semelhança tenha se expressado verdadeira na análise dos dados dispostos na tabela, por ter sido verificado paralelismos entre as narrativas de milagres de diferentes origens; ainda falta, todavia, um terceiro dado para a conversão da suposição sobre fabulação, em uma hipótese. Em uma tentativa de encontrar uma razão que ocupe o lugar desta falta, evoco um dado externo às fontes primárias de Mateus, Marcos, Lucas e João/Sinais, o qual, proponho que analisamos. Atenha-se, portanto, a seguinte referência de uma obra de Justino Mártir (c.100-165 EC).

De modo que o próprio Platão, ao dizer: ‘A culpa é de quem escolhe. Deus não tem culpa’, falou isso por tê-lo tomado do profeta Moisés, pois é conhecido que este é mais antigo do que todos os escritores gregos. Em geral, tudo o que os filósofos e poetas disseram sobre a imortalidade da alma e da contemplação das coisas celestes, aproveitaram-se dos profetas, não só para poder entender, mas também para expressar isso (Justino, Apologia I, 44, 8-9).

Justino, estabelece como pressuposto, que a originalidade de passagens semelhantes de diferentes origens, deve ser atribuída às passagens que possuem maior antiguidade, por esta razão, atribui a causa do dado de que os filósofos e poetas gregos afirmaram, muitas vezes, o mesmo também afirmado pelos profetas do Antigo Testamento; à suposição de que conheciam o conteúdo profetizado anteriormente. Tal pressuposto de Justino, não se fundamenta por nenhum indício ou dado que possa ser verificado, mas decorre da sua inferência fundamentada na fé que adere. Ao reconhecer semelhança entre passagens elaboradas por gentios e os escritos dos profetas, atribuiu a estes últimos a originalidade das ideias porque crê que os profetas afirmaram o que afirmaram não por ciência humana, mas por ação divina. Isto, se expressa ainda outra vez, apesar de uma notável mudança, vejamos em mais uma de suas frases.

Nos livros dos profetas já encontramos anunciado que Jesus, nosso Cristo, deveria vir nascido de uma virgem; que ele chegaria à idade adulta, curaria toda doença, toda fraqueza e ressuscitaria dos mortos; que seria invejado, desconhecido e crucificado; que morreria, ressuscitaria e subiria aos céus; que ele é e é chamado “Filho de Deus”; que ele enviaria alguns para proclamar essas coisas a todo o gênero humano e seriam os homens das nações aqueles que mais criam nele (Justino, Apologia I, 31, 7).

No último trecho, pode ser identificado o mesmo raciocínio anteriormente empregado por Justino. Recordando-o: quando há duas passagens que afirmam o mesmo ou algo muito semelhante, deve ser afirmado que uma inspirou a outra, todavia, o que antes era a causa para concluir a dependência de um autor do que foi redigido ou dito anteriormente por outro, nesta ocorrência, é o efeito. Um autor para ter redigido o que redigiu, portanto, depende do que será feito ou dito depois, por outro. Enquanto que na primeira menção, Justino atribui a originalidade de algumas ideias defendidas pelos filósofos e poetas gregos aos profetas do Antigo Testamento, por elas serem semelhantes aos destes que os precederam, defendendo, com efeito, que os gregos se inspiraram nos textos dos profetas para elaborarem os seus próprios textos; no caso que agora é abordado, Justino estabelece a originalidade das presumidas verdadeiras ações extraordinárias, a Jesus. Essas ações só foram precedidas pelos profetas, porque eles as anunciavam, desta forma, à distinção do primeiro caso, a autenticidade do que sucedeu, é conferida pela anunciação que é, apesar de precursora, efeito da causa que é sucessora. Justino, expressa identificar, embora indiretamente, que muitas das narrativas presentes nas fontes primárias sobre Jesus, assemelham-se às narrativas proféticas presentes no Antigo Testamento, do seu raciocínio, portanto, ao contrário da primeira citação a respeito da inspiração nas profecias dos profetas pelos gentios; decorre-se que a presença dessas narrativas profetizadas já há muito tempo, é causada pelo suposto fato delas estarem naquele tempo, anunciando o que ocorreria efetivamente na contemporaneidade de Jesus.

Proponho, porquanto, o uso do raciocínio de Justino¹⁷ anteriormente exposto. Articulando-o com o dado de que em um caso de inconsistência nas fontes, foram narrativas de feitos extraordinários que se apresentaram. Concebamos, ainda que por apenas um momento e que abandonamos posteriormente a ideia, que as narrativas do Antigo Testamento, tal como elas supostamente foram para os gregos; foram empregadas para a elaboração de algumas narrativas dos quatro evangelhos aqui abordados, de tal forma que os autores dessas fontes elaboraram parte das narrativas dos seus textos a partir das narrativas do Antigo

¹⁷ A conclusão do argumento de Justino é falsa, porque sabemos que as ideias dos filósofos e poetas gregos não se inspiraram na dos profetas, contudo, isso não faz que o seu raciocínio seja inválido. A diferença da falsidade, aqui, da proposição de Justino, e a possibilidade da que proporei, mesmo empregando o seu mesmo raciocínio; é que a dele, não é corroborada pela verificação das fontes, de forma que não há nenhuma correlação de proximidade dos escritos dos filósofos e poetas gregos com os escritos atribuídos aos profetas, ao passo que no meu argumento logo mais elaborado, os autores do Novo Testamento comprovadamente tiveram contato com as fontes do Antigo Testamento, na medida que as citaram inúmeras vezes ao longo dos seus evangelhos, portanto, o raciocínio de Justino ou como chamarei “razão de Justino”, nas circunstâncias nas quais ele o desenvolveu, era válido, contudo, a proposição inferida a partir dele se estabelecia como falsa, na medida que não havia nenhuma correlação comprovável de proximidade entre os escritos dos filósofos e poetas gregos com os do Antigo Testamento. Nas circunstâncias que proporei logo mais, no entanto, a saber, no argumento sobre a inspiração das narrativas de milagres dos evangelhos do Novo Testamento, nas do Antigo Testamento, pela razão da semelhança delas; o raciocínio se mantém válido, e a nova proposição, provável, devido a satisfazer o critério da correlação por proximidade, possível de ser verificada.

Testamento. As narrativas resultantes da inspiração, portanto, seriam fabulações elaboradas desde textos anteriormente existentes, de forma que não proviriam de testemunhos de fatos vividos por Jesus de Nazaré, mas sim de histórias proféticas previamente existentes¹⁸. Isto, por conjectura e não por consequência dedutiva, justificaria a presença de parte das inconsistências internas verificadas na tabela 1, sendo as passagens que se contrapunham as que narravam milagres, de uma origem distinta dessa fabulação.

Foi possível concluir por meio da análise das tabelas, duas coisas, uma, que as fontes apresentam inconsistências internas, e a outra, que os milagres narrados nos evangelhos do Novo Testamento, possuem semelhanças aos atribuídos a alguns profetas, no Antigo Testamento. Tendo sido suposto a partir do emprego da “razão de Justino”¹⁹; que os milagres que se apresentam nos evangelhos abordados, por estarem divergindo do conteúdo central de outras de suas passagens e por guardarem semelhanças com narrativas já existentes; podem ser fabulações inspiradas em narrativas do Antigo Testamento, articuladas com passagens de outra origem, por consequência, pode ser concluído acerca delas, que não são a contraparte dos casos de inconsistências mais fiáveis, pouco podendo ser concebidas como tendo sua origem em relatos testemunhais de fatos vividos por Jesus de Nazaré²⁰. É possível ir mais além e propor, todavia, sem verificação de casos, mas sim por indução, que os autores das fontes primárias, evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João/Sinais, acrescentaram a

¹⁸ Na época de Justino Mártir já era estabelecido a tradição cristã que Jesus de Nazaré era o messias aguardado pelos judeus, isso pode ter promovido a necessidade de justificar esta fé, na busca pela comprovação de que Jesus veio e cumpriu as profecias dos antigos profetas. Algo que muito provavelmente foi requerido pelos judeus, como podemos localizar nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, nas intervenções dos fariseus.

¹⁹ O raciocínio que articula semelhanças, atribuindo necessariamente a uma parte, precursão.

²⁰ Esta hipótese pode ser ainda mais corroborada, com outra passagem de Justino Mártir. Ele também defendeu que as ações de Jesus já haviam sido anunciadas aos gentios. Tais revelações, contudo, por ação de demônios, sofriam de intervenção, para que o que devesse ser reconhecido em Jesus fosse reconhecido nos filhos de Zeus. A crença em Jesus, na medida que os autores gentios antigos já tinham tido contato com o seu anúncio por meio dos mitos; não seria nova. Os milagres e atributos divinos, portanto, atribuídos aos filhos de Zeus, pertenceriam a Jesus. “Como já dissemos, o profeta Moisés é mais antigo do que todos os escritores e por ele, como já indicamos, foi feita esta profecia: “Não faltará príncipe de Judá, nem chefe de seus músculos, até que venha aquele a quem está reservado, e ele será a esperança das nações, amarrando seu jumentinho na sua videira e lavando sua roupa no sangue da uva. Ouvindo essas palavras proféticas, os demônios disseram que Dionísio tinha sido filho de Zeus, ensinaram que ele tinha inventado a vinha, introduziram o asno em seus mistérios e propagaram que ele, depois de ter sido esquartejado, subiu ao céu. Acontece, porém, que na profecia de Moisés não aparecia com clareza se aquele que devia nascer seria Filho de Deus, nem se aquele que deveria montar o jumentinho permaneceria na terra ou subiria ao céu. Por outro lado, o nome de jumentinho, originariamente pode tanto significar a cria do asno como do cavalo. Assim, não sabendo se a profecia deveria ser tomada como símbolo de sua vinda montado num jumentinho de asno ou num potro de cavalo, nem se seria filho de Deus, como dissemos, ou de homem, os demônios inventaram que, Belerofonte, homem nascido de humanos, subiu ao céu montado no cavalo Pégaso. Como também ouviram por outro profeta, Isaías, que haveria de nascer de uma virgem e que por sua própria virtude subiria ao céu, adiantaram-se com a lenda de Perseu. Pela mesma razão, conhecendo o que fora dito dele nas profecias anteriormente citadas: “Forte como um gigante para percorrer seu caminho”, inventaram um Hércules forte, que andava peregrinando por toda a terra. Por fim, ao se inteirarem que estava profetizado que ele curaria todas as enfermidades e ressuscitaria mortos, trouxeram-nos a fábula de Asclépio.” (Justino, I Apologia, 54, 5-10)

determinadas seções de narrativas advindas de uma tradição “X”, outras pertencentes a “Y”, pelo mesmo motivo de que o conjunto de passagens com narrativas de milagres, foi anteriormente interpretado como inconsistente no interior de cada um dos evangelhos abordados, de forma que divergira de outros conjuntos^{21 22}. Porquanto, apenas façamos o exercício de visionar tal cenário, porque esta argumentação que venho propondo foi articulada, por um lado, com dois dados dos evangelhos identificados pela análise das tabelas, todavia, por outro lado, foi articulada com uma suposição que ocupou o lugar de um terceiro dado, mesmo não sendo: que os milagres descritos nos evangelhos do Novo Testamento são fabulações elaboradas desde algumas narrativas de milagres do Antigo Testamento. O resultado desta argumentação, portanto, não foi verificado, com efeito, devemos preservá-lo como uma suposição relevante, porque em outro momento com maiores dados acerca das fontes, talvez possa ser mais consistente.

Agora, volto ao que havia anunciado anteriormente: analisar se haviam motivações alheias à de preservar relatos testemunhais para a elaboração de narrativas de milagres nas fontes primárias abordadas. Como vimos, as passagens que os apresentam foram, supostamente, elaboradas a partir da inspiração de algumas narrativas de milagres no Antigo Testamento²³. A razão para a elaboração dessas histórias, talvez, estaria disposta na tentativa de alguns movimentos cristãos, responsáveis pelas narrativas de milagres, em assegurar a messianidade de Jesus²⁴. Embora suponhamos que os milagres “verdadeiros” de Jesus são aqueles que são promovidos pela fé do enfermo ou do endemoniado, anterior a realização, ou seja, milagres como produto da fé²⁵; e que por esse motivo, grupos rivais a Jesus não teriam

²¹ Para reforçar: o motivo pelo qual saliento a inconsistência do conjunto de passagens que narram milagres, e não o conjunto de passagens que a ele diverge; está disposto na razão de que são estas passagens que apresentam feitos extraordinários e não suas contrapartes, sendo, portanto, o conteúdo das contrapartes com maior valor de verdade quando comparado ao deste.

²² Sendo a divergência identificada quando duas passagens de um evangelho, ou dois conjuntos de passagens de um mesmo, ao narrarem sobre um determinado estado de coisas, divergiram sobre ele, quando se e somente se a negação ou a sua afirmação pudesse ser verdadeira.

²³ Inspirações eram comuns, Justino fala que os antigos filósofos já anunciavam Jesus. Ou seja, interpretam Jesus, a partir do que eles conheciam dos deuses gentios.

²⁴ Poderia ser requerido pelos judeus aos movimentos cristãos, uma prova da messianidade de Jesus, porque havia a crença amplamente difundida que o messias realizaria maravilhas. Sobre isto, décadas mais tarde a contemporaneidade de Jesus; Simão Barcoquebas em certa ocasião é descrito simulando um feito extraordinário para convencer os espectadores de sua messianidade, isto, descrito por Jerônimo em *Contra Rufinus* 3.31, quando redigiu: “Aquele famoso Barcoquebas, o instigador do levante judaico, ficava abanando uma folha de palha acesa na boca, dando baforadas para dar a impressão de que estava cuspidando chamas.”

²⁵ Nas passagens que descrevem milagres, de Marcos, Mateus, Lucas e algumas de João (as que não contemplam Sinais), Jesus claramente se nega a fazer qualquer feito extraordinário para provar algo sobre si ou sobre seus ensinamentos. A razão por detrás da clara oposição a realização de milagres como prova de sua autoridade, nas suas ocorrências, pode estar disposta não em seu posicionamento, mas na necessidade do autor de tais narrativas em confrontar o testemunho dos fariseus, o que assegurava a não messianidade de Jesus pela falta de milagres realizados por ele. Da ausência de milagres testemunhados, uma “justificativa de saída” do autor evangélico que buscava contornar a problematização da messianidade de Jesus, ela, construída por aquilo que as testemunhas

testemunhado os seus feitos extraordinários, é, todavia, difícil conceber que após a sua realização naqueles que creram e que padeciam de doenças físicas ou psíquicas; o feito extraordinário não tenha se tornado público, afinal, cegos e coxos convertidos emãos imediatamente, são notáveis aos que creem e aos que não creem, se a contestação à figura de Jesus como sendo o Messias por parte dos judeus, foi por não ter demonstrado que era o Messias, a não execução de feitos extraordinários pode ter sido verdadeira. Essa intuição, corrobora com a hipótese já abordada, da possibilidade das narrativas sobre milagres realizados por Jesus serem fabulações, contudo, ainda é uma especulação.

Os problemas abordados até aqui se constituíram efetivamente como tais, devido à adoção de três princípios metodológicos: o primeiro, uma noção de conhecimento; o segundo, determinadas formas de raciocínio para a elaboração das proposições; e o terceiro, um critério de demarcação que consolida a distinção entre esta investigação e uma argumentação devocional.

Tradicionalmente “conhecimento” é definido como: crença verdadeira justificada²⁶. Duas condições, portanto, são necessárias para caracterizar as proposições, inclusive as que já venho promovendo; diversamente de quaisquer outras proposições que se caracterizam simplesmente como crenças: a primeira, que o que afirmam possa ser verificado em uma análise das fontes, quando a ideia que é afirmada em uma proposição, corresponda efetivamente com algum dado que é constituinte de alguma fonte; e a segunda, que seja descrito o procedimento de análise das fontes, o que resultou na afirmação de um dado. O ensejo expresso, portanto, é que as proposições desta investigação se caracterizem como conhecimento por: primeiro, serem verdadeiras, pela correspondência da ideia afirmada com dados passíveis de verificação nas fontes; e segundo, por serem justificadas, é dizer, que as afirmações que portam, sejam apresentadas com a descrição dos procedimentos que foram responsáveis pela afirmação da ideia.

As argumentações serão construídas por três modos distintos de raciocínio, por meio dos quais articularei os dados que as fontes apresentam. Empregarei, e já venho empregando, os raciocínios por indução; dedução; e analogia. Do que estou compreendendo como raciocínio por “indução”, refiro-me ao raciocínio que ao partir de determinados dados apresentados pelas fontes, conclui afirmações generalizantes sobre todo o conteúdo delas.

não poderiam contestar, em termos de um fator condicionante que as testemunhas contestadoras não portavam, precisamente a presença da fé anterior a sua execução. Saliento, contudo, que esta argumentação é uma conjectura, e não fornece nenhum conhecimento de dado ignorado para o conhecimento das particularidades das fontes que até aqui venho abordando, todavia, nada impede que tais conjecturas venham a desempenhar um papel importante quando retomadas no final deste capítulo.

²⁶ Ver: Platão, Diálogos: “Teeteto e Cratilo” 2001, 201d, p. 125.

Esta forma de raciocínio também pode ser subdividida segundo duas características distintas que ganha pela natureza dos dados particulares dos quais parte: se todos os dados podem ser verificados, é uma “indução completa”, se apenas alguns dentre outros podem ser verificados, é uma “indução incompleta”. Para o primeiro caso, vejamos o seguinte exemplo de argumentação: “parte dos evangelhos canonizados compartilham seções de passagens de uma origem comum, porque os evangelhos de Mateus e Lucas possuem duas seções de passagens que não são fortuitamente semelhantes e porque, necessariamente, narrativas não podem ser independentes e não fortuitamente semelhantes”, aqui, há dois dados constituintes do argumento que podem ser verificados nas fontes: a existência de seções semelhantes em dois evangelhos; e que as passagens não fortuitamente semelhantes necessariamente têm a mesma origem. Apesar de não existir nenhuma documentação que apresente o enunciado: “parte dos evangelhos canonizados compartilham seções de passagens de uma origem comum”, através do raciocínio por indução completa, é coerente afirmá-lo como possivelmente verdadeiro. Para o segundo caso, vejamos o seguinte exemplo de argumentação: “as fontes podem preservar descrições de fatos, porque parte de suas seções que ocorrem em contradições possuem indícios de serem fabulações, ao passo que suas contrapartes não”, aqui, há um dado constituinte do argumento que pode ser verificado nas fontes e um que não pode: pode ser verificado que há indícios de fabulações em algumas seções de passagens, todavia, não pode ser verificado que suas contrapartes preservam descrições de fatos, embora possa ser inferido tal possibilidade justamente pela razão de serem contrapartes das fabulações.

Como anteriormente foi afirmado, os raciocínios por indução são constituídos por dados, embora tenham sido mencionados, não foram caracterizados, pois, são: suficientes; insuficientes; e tendenciosos. São caracterizados pelas formas referidas, não por sua natureza, visto terem sido denominados como “dados” por serem conteúdos verificados; mas sim por ser coerente ou não, concluir o que a proposição resultante da argumentação que os articula, enuncia. Para exemplificar, atendo-me uma vez mais ao dado verificado acerca da contraposição de algumas passagens às passagens que apresentaram indícios de fabulações. A proposição do argumento construído no parágrafo anterior por indução incompleta: “as fontes podem preservar descrições de fatos”, determina a suficiência do dado para a sua coerência em relação ao argumento; se parte dos conteúdos apontam para a não presença de descrições de fatos nas fontes, as passagens contrastantes a eles podem apontar para o contrário. Poderíamos, no entanto, articular um outro cenário em que esse mesmo dado verificado e o mesmo raciocínio por indução incompleta, enuncia uma outra proposição: “as fontes também preservam descrições de fatos”. Nesse caso, o dado é insuficiente para assegurar a presença de

descrições de fatos, porque apesar de ter sido verificada a ocorrência de passagens que se contrapõem às problematizadas, nada mais foi verificado acerca delas para que fosse assegurada a presença de descrições de fatos nas fontes. A tendenciosidade do dado, por sua vez, constituir-se-ia em um argumento cuja proposição fosse a seguinte: “as contradições entre passagens expressam que as fontes não preservam nenhum conteúdo que possa ser crível”. Para a conclusão redigida no último período, as contradições foram assumidas a partir de uma pressuposição, a de que os conteúdos presentes nas fontes devem ser concebidos como de uma mesma origem, segundo a inferência: se estão dispostos em uma mesma fonte, são de uma mesma origem. A pressuposição ignora a possibilidade das origens distintas das passagens, algo que será propriamente abordado mais à frente. A tendenciosidade do dado, foi constituída pela pressuposição assumida como verdadeira na argumentação. Nesta investigação, todavia, apenas dados suficientes à coerência das proposições serão empregados.

Se há fabulações em seções de passagens dos evangelhos que compõem o Novo Testamento, sendo elas, aqui, concebidas como “fabulações” por terem sido elaboradas sob aparente inspiração em histórias do Antigo Testamento; os seus autores também poderiam ter empregado raciocínios por indução para construí-las. Podendo estar convictos de ser Jesus o Messias esperado, inferiram que o que ele fez e disse já havia sido anunciado nas passagens do Antigo Testamento, julgando assim, não haver impedimento para adaptarem essas passagens ao que nada a esse respeito havia sido preservado sobre Jesus. Se para a construção das fabulações foi empregado pelo menos uma forma de raciocínio por indução, aparentemente não seria correto elaborar uma investigação usando raciocínios assim, contudo, uma diferença define o provável raciocínio por indução que foi usado para construir as fabulações, distintamente dos raciocínios que são empregados nesta investigação²⁷. Ao invés

²⁷ Karl Popper, em sua obra “Conjecturas e Refutações”, afirma que: “É fácil obter confirmações ou verificações para quase toda teoria, desde que as procuremos” (Popper, 2008, p.66), assim, de uma passagem que compõe as fabulações, como Mateus 20:28, que afirma que Jesus morrerá por muitos por ter vindo para servir; alguém afirmaria ao adotar como verdade necessária a conclusão de uma indução, que Jesus não existiu porque os autores dos evangelhos se inspiraram em costumes romanos, como a *devotio* dos soldados romanos que também se colocavam em sacrifício por outros. Ademais, outra pessoa afirmaria que Jesus existiu, mas que nada nos evangelhos correspondem com possíveis fatos, de forma que o que pode ser afirmado sobre ele é o que por indução podemos inferir desde as informações preservadas sobre os habitantes da Galileia no século primeiro. Embora Jesus poderia estar sob as mesmas circunstâncias sociais que todos os seus demais concidadãos, do que sabemos sobre eles, nada é suficiente para uma conclusão assertiva sobre Jesus, da mesma forma, a correlação que pode ser identificada entre informações contidas nos evangelhos e informações conhecidas sobre a cultura romana, não é suficiente para a verdade da proposição de que as informações contidas nos evangelhos foram todas elaboradas por autores romanos. A suposta correlação identificada entre informações, não é identificada, mas sim produzida. A tentativa de justificar a verdade de uma proposição por meio de uma indução, é a mesma tentativa de recorrer a uma série de correlações verdadeiras entre determinadas informações, como causa das verdades das proposições estabelecidas por correlações identificadas, mas não atestadas pelas fontes. É ignorado, no entanto, que as correlações conhecidas, só foram conhecidas como tais, quando foi atestado que determinados

de proceder como Justino, que justificava a verdade da proposição acerca da anunciação de Jesus no Antigo Testamento, à relação causal entre passagens semelhantes, uma suposição que não era explicada a não ser por sua possibilidade de ser verdadeira; aqui, toda relação suposta entre informações é concebida exclusivamente como causa da composição da conjectura, ou seja, seguindo com o exemplo de Justino: a relação causal imaginada entre passagens semelhantes de diferentes fontes de diferentes temporalidades, não respalda a afirmação da anunciação de Jesus no Antigo Testamento. Não é a suposição da causalidade que assegura a verdade da afirmação resultante da indução; a suposição só é o motivo da articulação de tais informações que produzem a afirmação. A articulação das informações: a que enuncia que os poetas e filósofos gregos se inspiraram nos profetas, e a que enuncia que há passagens do Antigo Testamento semelhantes às do Novo Testamento; é produzida pela suposição de uma causalidade entre passagens semelhantes, sendo ela estabelecida como premissa somente por ser possível. A verdade ou a falsidade das proposições estará condicionada a resiliência da sua submissão às tentativas de refutação; o que efetivamente assegurará a consistência de todas as articulações, são princípios dedutivamente estabelecidos. Com o raciocínio por dedução, é possível inferir de dados verificados, proposições necessárias, por exemplo, fatos não são descritos apenas por passagens de uma fonte, tampouco por uma única tradição de escrituras; há diferentes fontes de uma mesma tradição. Portanto, descrições de fatos só devem ocorrer em passagens que se apresentam em diferentes fontes de diferentes tradições.

Os raciocínios na forma de “analogia”, constituem-se por correlações, nas quais determinados elementos verificados causam as proposições sobre os elementos particulares não verificados, extrapolando-os²⁸. No caso desta investigação, resultarão de inferências por analogias, enunciados como o seguinte: “O Evangelho de Mateus possui passagens ‘X’ e ‘Y’;

dados efetivamente se implicavam, todavia, as supostas correlações identificadas por causa das correlações anteriores atestadas, não devem ser adotadas como verdadeiras por serem semelhantes às conhecidas, porque a semelhança é uma conjectura da nossa interpretação; só são verdadeiras por causa da atestação. Uma indução não pode causar a verdade de uma proposição, porque para ser a sua causa, deveria ser suposto que toda semelhança ou correlação identificada, é necessariamente verdadeira, e não possivelmente verdadeira como efetivamente é.

²⁸ “Num argumento por analogia, as analogias relevantes são aquelas que se referem a propriedades ou circunstâncias relacionadas causalmente. Se a casa do meu vizinho está termicamente isolada e a sua conta de combustível diminui, então, se minha casa está termicamente isolada, posso esperar, confiantemente, que a minha conta de combustível diminuirá. A analogia é boa, porque o isolamento térmico é relevante para o montante das contas de combustível, desde que se encontre causalmente relacionado com o consumo de combustível. Os argumentos analógicos são altamente prováveis, quando vão da causa ao efeito ou do efeito a causa. São até prováveis, quando a propriedade da premissa não é causa nem efeito da propriedade da conclusão, desde que ambas sejam efeitos da mesma causa. Assim, da presença de alguns sintomas de uma determinada doença, um médico pode prever outros sintomas, não porque um sintoma seja a causa do outro, mas porque são todos, de modo geral, causados por uma única infecção.” (Copi, 1978, p. 322).

seu autor não privilegiou decompor passagens, mas sim acrescentar, portanto, o Evangelho de Lucas que também possui passagens ‘X’ e ‘Y’, não privilegiou decompor, mas sim acrescentar”. Tal raciocínio por analogia é justificado pela “familiaridade” ou “relevância” identificada na presença de conteúdos compartilhados por essas duas fontes. Uma contestação à analogia, poderia ser feita pela afirmação do contrário do que foi concluído: o autor do Evangelho de Lucas também poderia ter subtraído passagens em vez de privilegiar compor com outras, contudo, para que esta afirmação seja justificada, é necessário pelo menos algum indício que sugira sua probabilidade, ou seja, pelo menos outras fontes passíveis de verificação que apresentassem subtrações, todavia, se não é possível identificar outras assim, a afirmação de que o autor do Evangelho de Lucas subtraiu passagens, derroca apenas em uma afirmação por especulação arbitrária, enquanto a analogia, estabeleceu coerência²⁹.

A familiaridade identificada entre dados, principalmente em uma analogia, só pode ser reconhecida como “familiaridade”, quando os diferentes dados que não estão articulados nas fontes mesmas, são articulados mentalmente. O experimento mental se caracteriza pelas novas circunstâncias de interação executadas mentalmente e proporcionadas aos dados, assim, é possível identificarmos familiaridades mais ou menos relevantes que as fontes mesmas não expressam ³⁰. O que mais devemos ter cautela, é que em uma analogia promovida por

²⁹ Uma analogia pode ser mais ou menos consistente dependendo da relevância que se estabelece na comparação entre semelhanças. No caso de uma analogia inconsistente, a comparação que a fundamenta se baseia em similitudes irrelevantes. Um exemplo destes casos poderia ser exemplificado se eu enunciasse algo como o seguinte: “não conheço muito Maria, contudo, ela é brasileira, gosta de peixes assados”; por saber que: “o brasileiro João gosta de peixes assados”; neste exemplo, ainda que seja guardada alguma semelhança entre os enunciados, a saber, o dado/propriedade de ser brasileiro/a, ele, não implica um gosto particular por peixes assados. Esta analogia se constitui como inconsistente, porque se precipita a supor que de um acidente conhecido do sujeito da oração que serviu de fundamento para a enunciação sobre Maria, necessariamente se decorre um dado que não era conhecido, no enunciado sobre ela, fazendo com que o que era acidental no enunciado sobre João se convertesse, devido à inferência, em necessário no sobre Maria. A analogia será forte, contudo, quando o fator de relevância for explicado em função da causalidade. Para empregar argumentos analógicos são requeridos alguns conhecimentos das interações causais, assim, posso enunciar que: “a avenida que nunca fui, perto da que conheço, é perigosa”, por antes saber que: “a avenida ao lado é perigosa”. O enunciado do último período se enquadra como consistente porque o dado da proximidade entre ruas ou avenidas é relevante, ou seja, o que quero expressar é que é correto inferir que de uma avenida perigosa conhecida, uma outra não conhecida próxima desta, também é perigosa, visto que é uma causa para uma avenida ser segura, ter avenidas ou ruas circunvizinhas também seguras, na medida que o elemento principal desta enunciação é caracterizado por ser um espaço físico; sustém-se relevantes comparações de distâncias geofísicas, relevância aprimorada pelo elemento principal discutido na oração que é o fator segurança, e não uma mera e irrelevante comparação de acidentes, como seria na seguinte enunciação: “não conheço a avenida ao lado, mas ela tem flores bonitas”; por conhecer que: “a avenida ao lado tem flores bonitas”, se configura como irrelevante esta analogia, já que é um acidente para uma avenida, como foi a anterior, ter flores, exceto para o caso que seja uma avenida com esta propriedade, algo que no enunciado anterior não foi pontuado.

³⁰ Por exemplo, proponhamos temporariamente que existem dados conhecidos dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas: os referidos evangelhos possuem seções de diferentes origens; ainda que três, as narrativas pertencem a apenas uma destas fontes; os autores privilegiaram adicionar passagens às suas já existentes, do que subtrair algumas. Já acerca das circunstâncias as quais podemos submeter estes dados, podemos pensar na seguinte: peço que imagine que os três evangelhos mencionados há pouco, fossem mentalmente, por nós, agrupados com o Evangelho de Tomé, do qual temos tão somente parcialmente a verificação de seus dados. Depois de imaginarmos tal circunstância por nós criada, conseqüentemente, perceberíamos que há passagens

experimento mental, a coerência do que conclui sempre estará disposta no fator de relevância das familiaridades e paralelismos identificados mentalmente, por essa razão, no próximo parágrafo vou tratar do fator relevância.

O fator de relevância em uma analogia, confere-lhe coerência em uma argumentação, uma analogia altamente coerente, é a que parte da causa para o efeito ou do efeito para a causa, por exemplo, se não verificássemos que a fonte Evangelho de Tomé possui passagens consistentes, por analogia aos evangelhos sinóticos de Mateus, Marcos e Lucas, poderíamos dizer que também as possui, na medida que alguns de seus dados (suas passagens), são semelhantes e compartilhadas com eles, portanto, se as deles em múltipla atestação são as mais consistentes, as suas passagens, também poderão ser³¹. Poderíamos também afirmar que uma analogia é até em alguma medida coerente, quando um dado da premissa não é causa nem efeito de um dado da conclusão, desde que ambas, premissa e conclusão, sejam efeitos da mesma causa, isso, pode ser objetivamente identificado no exemplo a seguir: os milagres dos quatro evangelhos do Novo Testamento, podem ter sido elaborados sob inspiração aos do Antigo Testamento, pela mesma fórmula lógica do raciocínio de Justino Mártir, quando afirmou que o motivo das semelhanças entre sentenças dos textos dos filósofos e poetas gregos e as dos textos dos profetas do Antigo Testamento, deviam-se a razão de que os autores gregos se inspiraram nos profetas, justamente pelos profetas os precederem. Na premissa, o dado externo às fontes, de que Justino Mártir afirmou o que afirmou; não é causa nem efeito do dado de que os milagres semelhantes dos evangelhos do Novo Testamento sejam inspirados nos do Antigo Testamento, contudo, ambas, premissa e conclusão, são efeitos da mesma causa, a saber, que uma contraparte mais antiga, entre passagens semelhantes, pode ser a mais provável inspiradora, dado que é subsumido tanto na premissa quanto na conclusão. O fator relevância, portanto, estabelece-se como um critério de medição do grau de familiaridade que possuem os dados empregados no modo de raciocínio.

Antes de definir o terceiro elemento metodológico utilizado, ressalto que a compreensão adotada de “inconsistências internas”, segue o princípio da não-contradição de Aristóteles: “O mais certo de todos os princípios básicos é que proposições contraditórias não são verdadeiras simultaneamente.” (Metafísica, 1011b13-14). Dada uma sentença sobre um

atestadas entre eles. Devido a essa comparação de passagens paralelas que imaginamos, e que não se encontrava nas fontes mesmas, foi possível observar um fenômeno importante, que as passagens amplamente atestadas por diferentes documentações de diferentes tradições, são as passagens mais consistentes, ou seja, as que menos possuem indícios de serem fabulações. Perceba que devido a articulação mental dessas fontes, as comparando como elas não estão comparadas na realidade, podemos verificar algo que ignorávamos.

³¹ Porque foi verificado que ambas possuem a mesma causa, a saber, a múltipla atestação, que desde serem articuladas em um experimento mental, e de poder serem verificadas, foi possível identificar serem efetivamente as passagens mais consistentes.

determinado estado de coisas, a sua negação não pode ser igualmente verdadeira sobre um mesmo aspecto e circunstância. Se as fontes preservam as palavras e ações de uma pessoa real chamada “Jesus”, não pode ser admitido, portanto, que algumas descrições apresentem um feito e outras apresentem a sua negação, tampouco, doutrinas divergentes. Com exceção da hipótese das passagens serem todas não mais que fabulações criadas com ações e ideias conflitantes sobre o personagem protagonista³²; é devido suplantar as fabulações e verificar se as demais passagens podem ser consistentes, afastando-nos assim, por consequência, das fabulações.

Até aqui, o emprego do termo “fabulação” pode levar a uma noção ainda não definida de “fato”. Segundo a teoria da correspondência, uma descrição de um estado de coisas é verdadeira, ou um é fato, se corresponde à realidade. Nesta investigação, como são abordadas fontes documentais da antiguidade, não é possível assegurar a correspondência com a realidade de nenhuma das descrições das palavras e ações atribuídas a Jesus, embora seja possível assegurar, pelas ocorrências de contradições e pelos indícios de fabulações; a impossibilidade de muitas descrições corresponderem à realidade. Contudo, será possível verificar a razoabilidade da reivindicação de fatos sobre Jesus, dos autores das fontes, ao terem atribuído a ele como uma pessoa real as palavras e ações que preservaram nas passagens dos seus documentos. Já foi estabelecido que muitas dessas passagens, embora apresentem feitos e ações atribuídas a Jesus, ocorrem em contradições e apresentam indícios de serem fabulações, apesar disso, não deve ser inferido que a reivindicação de outras passagens ainda não verificadas, já está falseada pelos dados que foram arrazoados, porque essas ocorrências de contradições também indicam que as passagens possuem origens distintas, assim, acerca das passagens problematizadas, é possível assegurar que a reivindicação de fatos é sub-reptícia, todavia, não é possível assegurar necessariamente o mesmo para as demais. A verificação da razoabilidade da reivindicação é condicionada à consistência das passagens que sobrepujam as passagens com indícios de fabulações. Um dos critérios para a atestação da consistência, dos que serão estabelecidos pelo método em construção, é o da admissão exclusiva de passagens que se apresentam em diferentes fontes de diferentes tradições, como testemunhos que se corroboram; aplicando-o, identificaremos passagens consistentes cuja coesão assegura a razoabilidade e legítima a reivindicação de fatos, sob condição de concebermos essa “reivindicação legítima” relativa exclusivamente a essas passagens. Este princípio é construído por dedução: quando verificamos nas fontes as

³² Hipótese que quando assumida como verdadeira antes da investigação da possibilidade de seções de passagens preservarem descrições de palavras e ações verdadeiras atribuídas a uma pessoa real, inviabiliza qualquer investigação.

passagens semelhantes em diferentes fontes de diferentes tradições, são elas que não se apresentam em contradições e são elas as mais incontestáveis quando comparadas às exclusivas de uma documentação, sendo incontestáveis porque, ao se apresentarem em uma fonte referencial, também são atestadas externamente. Em suma, o que será assegurado pelo método em construção, é a consistência das passagens, e com isso, a legitimidade da reivindicação de fatos por elas, portanto, o método será suficiente para legitimar a reivindicação de descrições de eventos reais, todavia, não será suficiente para assegurar como foram os fatos em si.

O terceiro e último requisito à investigação, o que justifica a abordagem das problematizações, é o critério de demarcação que consolida a distinção entre esta investigação e uma argumentação devocional. Uma argumentação “devocional” adota pressupostos não verificáveis como causa da verdade das suas proposições e pode ser compreendida como a seguinte: “em muitas passagens é afirmado que Jesus é Deus, em outras é afirmado que ele é totalmente humano; elas são simultaneamente verdadeiras, porque as fontes são revelações divinas”. A afirmação de que todas as passagens descrevem fatos não pode ser refutada, porque se empregássemos o princípio da não-contradição, e por isso, afirmássemos que, pelo menos, uma categoria de passagens necessariamente não descreve fatos; o pressuposto da “revelação divina” obstaculizaria a refutação, e não apenas ela, como qualquer outra refutação entre informações divergentes, com efeito, a afirmação sempre teria o subterfúgio de ser causada pelo quê não pode ser verificado. Proposições assim, empregam conteúdos formados por uma determinada fé, e demandam para sua validade, a mesma fé. O referido critério que se opõe à justificação pelo pressuposto irrefutável, é o critério da “falseabilidade”³³, por meio dele, somente proposições cuja verdade é causada por elementos passíveis de serem refutados pela experiência devem ser construídas³⁴. Sem a falseabilidade, qualquer aparente

³³ Gérard Fourez elabora um exemplo do que se trata objetivamente esse critério: “se digo que a aceleração de um objeto que cai é constante, trata-se de uma proposição que poderia revelar-se falsa por ocasião de uma experiência para a qual se utilizassem critérios precisos; é portanto ‘falseável’”. (Fourez, 1995, p. 72) “[...] a proposição ‘ajo assim porque é do meu interesse agir assim’ pode ser compreendida como uma proposição não falseável, na medida em que posso inventar para mim múltiplos interesses que farão com que esses interesses sejam sempre a causa da minha ação. Por exemplo, se não existem interesses financeiros, poderei dizer que há um interesse político, ou afetivo etc., de modo que se agirá sempre por interesse.” (Fourez, 1995, p. 73). O que quero dizer, portanto, é que para a minha atual investigação, devo considerar somente critérios alheios a subjetivos e não reproduzíveis. O sistema teórico que adoto, portanto, deve: 1) ser sintético, de modo que possa representar uma realidade sem ser contraditório. 2) satisfazer o critério de demarcação – não deve ser metafísico, deve representar uma realidade de experiência possível. 3) ser diferente, de alguma forma de outros sistemas semelhantes como o único representativo de nosso mundo da experiência, ou pelo menos, ter essa pretensão .

³⁴ O critério da falseabilidade se opõe a verificabilidade. A característica principal de um sistema científico, contrariamente do que poderia ser intuído; é ele poder ser refutado: “Contudo, só reconhecerei um como empírico ou científico se ele for passível de comprovação pela experiência. Essas considerações sugerem que deve ser tomado como critério de demarcação, não o critério da verificabilidade, mas a falseabilidade de um sistema. Em outras palavras, não exigirei que um sistema científico seja suscetível de ser dado como válido, de

inconsistência poderia ser explicada “por causa de”, que sempre seria algo fora do escopo de verificação. A busca por articulações mais consistentes, nesta investigação, deve-se ao fato de serem elas as que são menos resistentes à refutação: têm o menor número de elementos que não podem ser contestados.

Para identificar a razão das ocorrências de inconsistências, atendo-me a três fontes mais semelhantes, porque ao serem notoriamente semelhantes, também preservaram as mesmas inconsistências, de maneira que carecemos conhecer o porquê, apesar de serem três fontes supostamente independentes, ou seja, elaboradas por autores diferentes; preservaram as mesmas inconsistências, algo que sugere exatamente o contrário. Talvez, por meio da identificação da razão deste dado, seja possível conceber o que causa as ocorrências de inconsistências. As três fontes referidas são os evangelhos de Mateus, Lucas e Marcos, eles são os “Evangelhos Sinóticos”³⁵. São assim denominados, porque apresentam ditos, parábolas e narrativas de eventos locucionadas semelhantemente. Não proponho que seja dada muita atenção ao seu conteúdo, porquanto não será analisado propriamente se as suas passagens, ou parte delas, apresentam consistência que legitime a reivindicação de descrições de fatos; mas os indícios de que essas fontes são composições formadas desde algum tipo de interação dos seus conteúdos. No gráfico a seguir e na descrição que o sucede, peço que observe o lastreio em termos numéricos ou proporcionais do que me refiro.

uma vez por todas, em sentido positivo: exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recurso a provas empíricas, em sentido negativo: deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico”. E continuo a citá-lo: “(Assim, o enunciado ‘Choverá ou não choverá aqui, amanhã’, não será considerado empírico, simplesmente porque não admite refutação, ao passo que será considerado empírico o enunciado ‘Choverá aqui, amanhã’).” (Popper, 2008, p. 41)

³⁵ “Sinótico” significa “ver junto”, a provisionando alguma interação dos três evangelhos abordados.

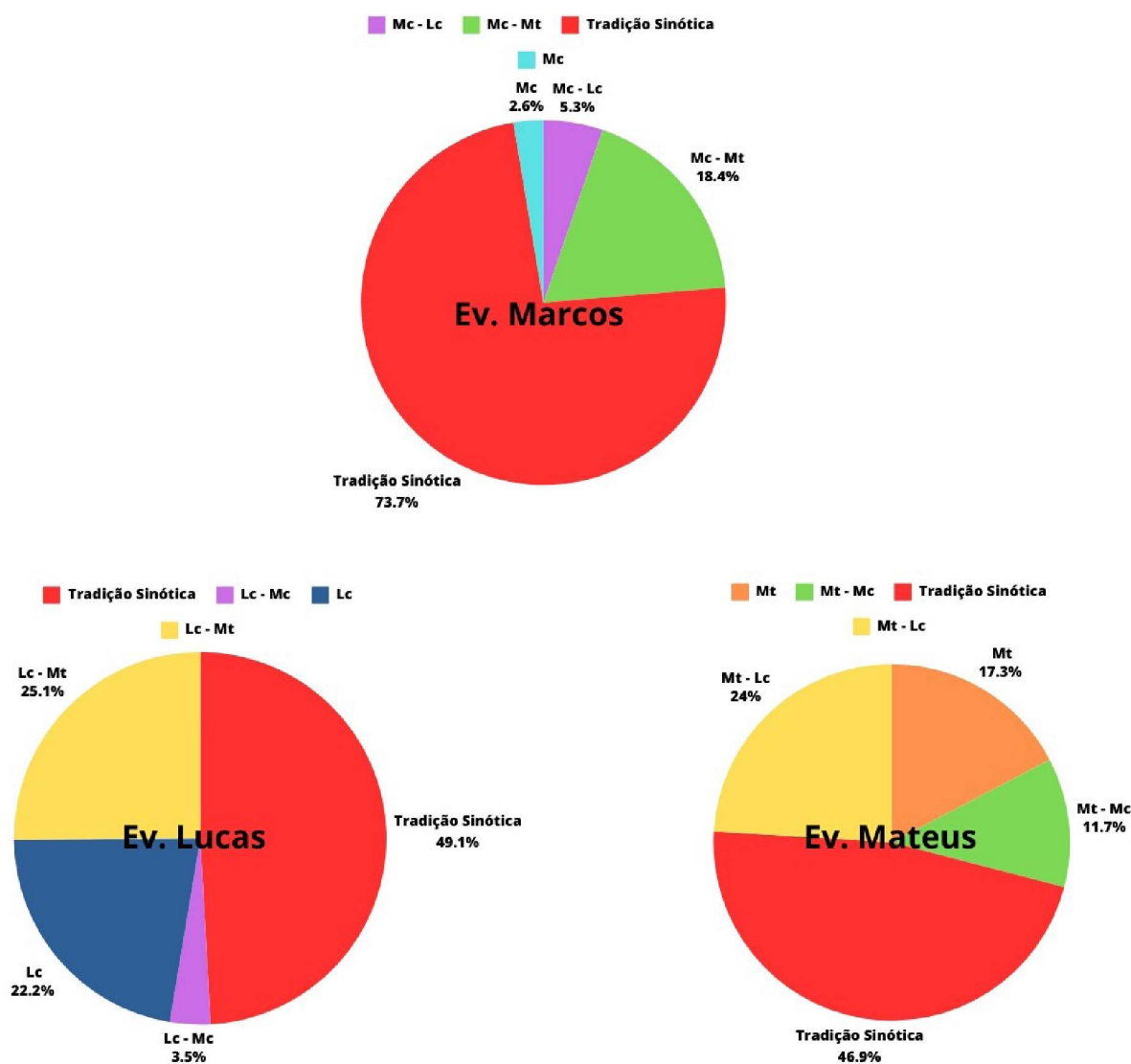


Gráfico 1 – Indício de interação das fontes sinóticas ³⁶

É apresentado nos gráficos, em termos numéricos, a totalidade de passagens presentes nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, os também denominados “evangelhos sinóticos”. O gráfico foi elaborado a partir da investigação presente no artigo de A. M. Honoré, “*A Statistical Study of the Synoptic Problem*”³⁷, no qual, acerca destes evangelhos, identifica que

³⁶ Sobre as fontes sinóticas ver: Marsh, Herbert, *Dissertation on the Origin of our Three First Canonical Gospels*. Em: Michaelis, John David (ed.). *Introduction to the New Testament*. Vol. 3, pt. 2 (2 ed.). F. & C. Rivington. pp. 167–409.

³⁷ Ver: “*A Statistical Study of the Synoptic Problem*” de A. M. Honoré, p. 95 - 147.

possuem: Marcos, 108 passagens em sua totalidade, Mateus, 179, e Lucas, 171. Há 84 passagens com narrativas não fortuitamente semelhantes³⁸, que se apresentam nos evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, estas passagens correspondem a 73,7 % de todo o conteúdo encontrado em Marcos, 46,9 % do todo de Mateus, e 49,1 % do todo de Lucas. Há ainda, 43 passagens com narrativas não fortuitamente semelhantes, que se apresentam, agora, somente nos evangelhos de Mateus e Lucas, elas, correspondem a 24% de todo o conteúdo encontrado em Mateus, e 25,1% de todo o de Lucas. Há também, 21 passagens com narrativas não fortuitamente semelhantes, que se apresentam somente nos evangelhos de Marcos e Mateus, elas, correspondem a 18,4% de todo o conteúdo de Marcos, e 11,7% de todo o de Mateus. Há da mesma forma, 6 passagens com narrativas não fortuitamente semelhantes, que se apresentam somente nos evangelhos de Marcos e Lucas, elas, correspondem a 5,3% de todo o conteúdo de Marcos, e 3,5% de todo o de Lucas. E por fim, há 3,31 e 38 passagens que se apresentam somente em cada um destes três evangelhos, respectivamente, correspondem a 2,6 % de todo o conteúdo encontrado em Marcos, 17,3 % do de Mateus e 22,2% do de Lucas.

O gráfico 1 é o registro numérico porcentual das passagens semelhantes entre os três evangelhos sinóticos, dessas informações articuladas também podemos afirmar que: 1) os evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus compartilham ditos, parábolas e narrativas, sendo que essas últimas, não são fortuitamente semelhantes³⁹. As passagens que são constituídas por esses ditos, parábolas e narrativas, compõem as maiores frações da totalidade de passagens desses evangelhos; 2) Lucas e Mateus também apresentam entre si um conteúdo formado por ditos, parábolas e narrativas que não são fortuitamente semelhantes, que compõem suas segundas maiores frações de passagens semelhantes. Deste conteúdo, algumas passagens presentes em Marcos se assemelham a elas, todavia, essa semelhança é simplesmente fortuita⁴⁰, distintamente em Mateus e Lucas⁴¹; 3) por fim, o conteúdo “Mateus-Marcos” e “Lucas-Marcos”, compõem suas quartas menores partes, ao passo que, para Marcos,

³⁸ Ainda que haja três fontes distintas preservando narrativas sobre eventos, o fato de serem narrativas locucionadas semelhantemente, aponta, possivelmente, para uma única fonte que foi recompilada por suas comensais, ou seja, uma única tradição em três fontes.

³⁹ Para todas as narrativas paralelamente dispostas, ver: *The Complete Gospels Parallels*, compiladas por Arthur J. Dewey e Robert J. Miller.

⁴⁰ Acerca de quais são essas passagens, verifique-as na tabela do Apêndice B, nas sinopses: 20; 21; 22; 23; 59; 67; 71; 84; 88; 89; 91; 96; 98; 102; 104; 105; 113; 119; 127; 131; 132; 136; 143.

⁴¹ Neles, elas não se apresentam como fortuitamente semelhantes, pois podem pertencer a uma outra fonte que foi precursora dos evangelhos de Mateus e Lucas. Sobre a discussão sobre a existência deste evangelho ver: James M. Robinson, Paul Hoffmann, e John S. Kloppenborg, ed., *The Critical Edition of Q: Synopsis including the Gospels of Matthew and Luke, Mark and Thomas with English, German, and French translations of Q and Thomas* (Fortress Press, 2000). Três dos opositores acadêmicos da hipótese “Q” são Austin Farrer, Michael Goulder e Mark Goodacre; em suas obras a tal fonte relativas. A teoria contrastante à hipótese das duas fontes (teoria que carrega uma oposição à defesa da segunda fonte, além de Marcos, usada por Mateus e Lucas), é muitas vezes denominada de hipótese de Farrer-Goulder em reconhecimento aos seus expoentes teóricos.

compõem a sua terceira maior parte de todo o conteúdo que partilha com um ou dois outros evangelhos.

Suposições podem decorrer dos dados expressos no gráfico, por isso apresento algumas: 1) se várias fontes estão reproduzindo ditos, parábolas e narrativas que não são fortuitamente semelhantes, é possível que estejam desde uma única tradição de narrativas concebida entre estas identificadas: 1 tradição de narrativas em 3 fontes (Lucas-Mateus-Marcos); 2 tradições de narrativas em 3 fontes (Lucas-Marcos; Mateus-Marcos); 1 tradição de narrativa em 2 fontes (Lucas-Mateus); e 3 tradições de narrativas em 3 fontes (Lucas; Mateus; Marcos)⁴²; 2) as contradições anteriormente abordadas podem ter ocorrido devido à presença de diferentes passagens de diferentes origens; e 3) uma investigação sobre a datação dos evangelhos se demonstraria improfícua, devido ao indício expresso no gráfico 1, acerca das fontes serem composições de passagens diferentes origens, pela presença de narrativas não fortuitamente semelhantes; os evangelhos poderiam ter passagens mais originárias, como mais derivadas, sendo todas articuladas em um mesmo documento. A datação, portanto, do conjunto total de passagens, que não consideraria que as frações podem ter origens distintas, só poderia propor o possível período em que estes evangelhos foram compostos com todas essas passagens preservadas, e não acerca da originalidade ou não das passagens mesmas, quando mais próximas a relatos testemunhais. A datação destes evangelhos, portanto, pode configurar-se como um viés ou um obstáculo para a identificação das passagens mais originárias, desta forma, não vou investigar qual é a fonte mais antiga sem conceber suas seções de diferentes origens, mas sim vou investigar quais seções de passagens em quais evangelhos são precursoras.

Porquanto, é devido a termos à tentativa de consolidar a natureza relacional destes três evangelhos como conhecimento. Dos dados ilustrados nos gráficos que foram descritos, podemos afirmar que as maiores frações de passagens dos evangelhos abordados, são de narrativas locucionadas semelhantemente, sendo um dos motivos que as fazem serem conhecidas como “evangelhos sinóticos/semelhantes”. Compreendo “narrativas locucionadas semelhantemente”, como as narrativas que não podem ter sido elaboradas independentemente uma das outras. A razão de não poderem ter sido elaboradas assim, pode ser analisada em um

⁴² As diversas tradições podem apontar que as contradições que evoquei no início deste capítulo, podem ser produto desta interação entre seções de passagens de diferentes origens, além é claro, não posso abordar isso sem me lembrar de algo importante; de que as contradições internas a uma tradição de narrativas podem dar-se devido a alguma necessidade, ainda que aqui apenas hipotética; dos autores preservarem as passagens históricas que relatam eventos reais, por haverem testemunhas que as reivindicariam, todavia, por tais passagens possuírem elementos que possam ter se confrontado com as suas crenças pessoais, fez-se necessário também, que posteriormente, pudessem ter promovido a necessidade de acrescentarem seções que superavam tais impasses.

breve experimento mental sobre a narrativa do complô para matar Jesus⁴³, devemos, portanto, evocar um trecho do que a passagem descreve, e logo em seguida, devemos refletir sobre os questionamentos que sobre ele são pertinentes: “Estava próxima a festa dos Pães Sem Fermento, chamada Páscoa. Os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei procuravam uma maneira de eliminar Jesus, pois, tinham medo do povo”⁴⁴. Neste breve trecho da narrativa, quem é, antes de mais nada, a voz ativa que diz isto? Como fez para saber o que os chefes dos sacerdotes e doutores da Lei falavam secretamente? Como pôde saber que tinham medo do povo?⁴⁵ Dificilmente alguém teria informações verdadeiras tão privilegiadas. Se as três fontes abordadas no gráfico foram redigidas por diferentes autores, qual a razão das mesmas locuções se apresentarem nelas? Segue-se que: se são fontes distintas com autores distintos, por que narrariam de um único modo o que preservam? Se na narrativa mencionada, o narrador fosse apenas o comunicador de um testemunho dado a ele, poderíamos assumir que diferentes fontes poderiam preservar as mesmas locuções, todavia, agora deveríamos questionar como foi possível a suposta testemunha ter o privilégio de ter acesso àquelas informações? É improvável, portanto, que sejam narrativas independentes e é pouco provável que possa ter havido uma testemunha privilegiada com acesso a informações secretas, como já foi concluído no último parágrafo. Se assim, portanto, se narrativas locucionadas semelhantemente em diferentes fontes não devem ser contabilizadas entre passagens atestadas advindas de diferentes origens, como de diferentes tradições, narrativas teriam seu grau de atestação estabelecido especialmente pelas diferenças e não pelas similitudes⁴⁶ quando são

⁴³ Porque se percebe imediatamente que é um observador privilegiado que narra os supostos eventos, de maneira que os descreve como se conhecesse os supostos fatos; para que não tomemos caminhos diversos,

⁴⁴ (Mc. 14:1s.10s; Mt. 26:1-5,14-16; Lc. 22:1-2; Jo. 11:45-57).

⁴⁵ O leitor pode concluir que, por ser uma narrativa, é comum o locutor soar ser um indivíduo que pode estar em diferentes ambientes sem ser percebido e saber com perfeição o que se passa secretamente longe de qualquer testemunha, todavia, eu como quem produz e articula esta investigação, não devo simplesmente me precipitar em aceitá-los sem a questionar.

⁴⁶ É comum narrativas e relatos de diferentes origens apresentarem algumas divergências, não contradições como nos casos referidos no início deste capítulo; e ainda assim, preservarem algo de concreto e aferível. Encontrar os fatos mesmos não será possível, por duas razões, para demonstrá-las farei um exemplo, imaginemos o seguinte: um fenômeno luminoso estranho, cuja causa ignoramos, ocorre na sala que estamos. Ao sairmos da sala assustados começamos a discutir sobre o que ocorreu, um de nós diz que foi uma manifestação de um espírito, ele possui uma religiosidade que explica fenômenos estranhos assim, todavia, outro de nós, contesta-o, afirmando que nós estávamos muito cansados e vimos algo que não aconteceu além das nossas mentes, o outro por sua vez, diz que de fato ocorreu algo, mas nada fora da normalidade, foi apenas um fenômeno que ainda não se sabe explicar com exatidão, pois, demanda uma investigação mais conclusiva. Ora, este exemplo nos demonstra uma coisa com exatidão: houve um fenômeno testemunhado por diferentes pessoas e explicado de diferentes formas; as diferentes explicações, por consequência, não apontam para a não ocorrência do fenômeno, pelo contrário, apenas expressam que ele não foi de uma única forma interpretado, mas sim de diversas, aliás, indica com alto grau de probabilidade que de fato ocorreu algo na sala, o estranho seria se todos, na nossa diversidade de ideias, déssimos os mesmíssimos testemunhos. A verdade sobre o fenômeno, preocupação da investigação científica, será ensinada pelo investigador que não está no momento do evento. Ele terá dois fatores limitantes para sua investigação: o primeiro, é que terá somente os relatos daqueles que de uma forma ou de outra presenciaram o ocorrido, e esses relatos, como vimos, são múltiplos e distintos uns dos outros; o segundo,

locucionadas, tal como as testemunhas de um crime não o descrevem empregando os mesmos termos e narrando a ordem dos fatos de maneira rigorosamente semelhante, nem tampouco, tendo acesso a detalhes que elas mesmas jamais poderiam ter.

Os ditos e as parábolas semelhantes não são problematizadas como as narrativas locucionadas semelhantemente, porque elas não contêm o “locutor privilegiado”. Pela sua natureza simplificada, podem ter sido antes, memórias testemunhais amplamente conhecidas⁴⁷. Para corroborar com esta ideia, evoco uma afirmação de Pápias de Hierápolis (c. 60 EC), a qual denota que existia uma tradição oral paralela aos evangelhos, e inclusive, anterior a eles: “Eu não pensei que o que poderia ser obtido dos livros me beneficiaria tanto quanto o que veio da voz viva e permanente” (Eusébio de Cesareia, História Eclesiástica, III. 39.4). A “natureza simplificada”, é um conceito que pode ser contemplado desde o seguinte exemplo: “muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu’. E ainda: ‘O tempo está próximo’. Não sigam essa gente” (Mc. 13:1-13; Mt. 24:1-14; Lc. 21:8), esse dito possui o elemento suposto: “ele disse que”, ou seja, responde a uma pergunta simples sobre o personagem central: “o que ele disse?”, ao contrário de narrativas que possuem um locutor, que pode ser o autor da fonte, que descreve e interpreta eventos; os ditos como o evocado, podem preservar a forma original, ou uma forma semelhante a original, do que foi pronunciado pelo personagem central. Semelhante ao caso do último período, são as parábolas, elas são histórias fáceis de serem lembradas quando o seu conteúdo guarda familiaridade com a cultura das possíveis testemunhas, como também, por possuírem um caráter lúdico como o das fábulas de Esopo que a elas se assemelham, das quais até mesmo os espíritos menos eruditos são capazes de se recordarem e reproduzirem. Um outro breve exemplo, agora, de um caso de parábola, também pode ser abordado para demonstrar a natureza simplificada de uma passagem: “o Reino de Deus é semelhante a um grão de mostarda (...). Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças, (...) as aves do céu se abrigam à sua sombra” (Mc. 4:30-32; Mt. 13:31-32; Lc. 13:18-19). A parábola poderia ser compreendida pelas testemunhas oculares não eruditas de Jesus, como pelos futuros membros dos cristianismos,

o equívoco de constatar que a sua proposição é a sumamente correta, pois ele pode ter usado de suas experiências e perspectivas de mundo para a sua proposição, tal como fizeram as testemunhas ante ao fenômeno, ainda que ele aporte uma “aura” de maior rigorosidade por sua autoridade conferida. A investigadora ou o investigador se limitam na identificação, análise e definição não dos eventos em si, mas dos relatos, que nada mais são que o fenômeno da coisa como ela aparece àqueles que a testemunham. Eles, todavia, também podem ter um trunfo, em diminuir os vieses injustificados da interpretação acerca daquilo que as testemunhas concordam na multiplicidade daquilo que não concordam quando testemunham o ocorrido. O resultado da investigação acerca do fenômeno, não será uma verdade indubitável e inquestionável, mas uma proposição com o maior número de justificativas que não dependem de fatores não falseáveis.

⁴⁷ Ditos e parábolas são mais “fáceis” de serem lembradas e de serem propagadas oralmente, em contraste das narrativas, que demandam articulação textual.

sem ter sido necessário um locutor que interpretasse a mensagem central; logrando com muito êxito transmiti-la⁴⁸. As passagens que preservam conteúdos como dos casos abordados, podem ser semelhantes em mais de uma documentação, sem necessariamente implicar a compilação posterior de outras fontes desde uma mais primitiva ou original, porque as semelhanças entre ditos e parábolas em diferentes fontes, sugere que elas podem ter sido testemunhadas por diferentes testemunhas, ou, ainda que reproduzidas por várias fontes desde uma fonte mais primitiva, esta, preservava esses ditos e parábolas com pouquíssimos elementos interpretativos, ou seja, sem os elementos próprios das diversas crenças dos movimentos posteriores ligados a Jesus.

Voltando ao caso do conjunto de passagens: “Mateus-Lucas”, no qual se apresentam passagens não fortuitamente semelhantes nestas duas fontes, que implicam a afirmação de não serem passagens redigidas independentemente, mas sim sendo de uma origem em comum; Raymond Brown (1997, p. 114), um dos teóricos que analisa este fenômeno, contesta as duas teses tradicionais que buscam explicá-lo, a saber, a primeira, que autor de Lucas elaborou as passagens semelhantes as também encontradas em Mateus, por ter tido contato com o Evangelho de Mateus, e a segunda, que o autor de Mateus elaborou as passagens semelhantes, as também encontradas em Lucas, por ter tido contato com o Evangelho de Lucas. Para ele, essas duas hipóteses são falseáveis, visto que elas não explicam por que o autor do Evangelho de Lucas não buscou alguma conciliação com as passagens do Evangelho de Mateus que não preserva, nem o de Mateus, para o segundo caso; não buscou conciliação com as passagens de Lucas, mas ambos somente preservaram as passagens “Mateus-Lucas”. A narrativa da infância do autor de Lucas é divergente da narrativa do autor de Mateus; podemos verificar que no caso sobre a casa dos pais de Jesus, o autor de Mateus afirma ser Belém de Judá (Mt. 2:11), ao passo que o de Lucas afirma ser Nazaré (Lc. 2:4-7), além disso, ainda sobre a narrativa da infância, mais especificamente acerca da viagem de Jesus com a sua família; o autor de Mateus afirma que Jesus e sua família saíram da sua cidade natal em direção ao Egito (Mt. 2:14), enquanto que o autor de Lucas, narra que saíram em direção à Jerusalém e depois se dirigiram a cidade de Nazaré (Lc. 2:22-23). Ademais, sobre a morte de Judas Iscariotes, o autor de Lucas/Atos 1:1-19⁴⁹, ao afirmar sobre ela, expressa que Judas não quis intencionalmente morrer, ou seja, não cometeu suicídio por consequência do seu arrependimento (At. 1:1-1), contrastando, portanto, com a intencionalidade auto penalizante no registro do autor de Mateus (Mt. 27:3-10) (*Brown, An Introduction to the New Testament*,

⁴⁸ Sobre como a alegoria contribui para o entendimento, ver: Platão, “República”, VI. 487e1-489b2.

⁴⁹ Concebendo Atos como continuação do Evangelho de Lucas.

1997, p.114). A hipótese, portanto, de que há uma fonte anterior a Mateus e Lucas que foi empregada por ambos e que pode ser identificada nos conjuntos de passagens semelhantes apenas entre eles; constitui-se como uma hipótese plausível, pois, explica com um baixo nível de complexidade⁵⁰, a presença de narrativas não fortuitamente semelhantes entre outras distintas e contraditórias em ambos os evangelhos. O argumento de defesa da existência de uma fonte empregada pelos autores de Mateus e Lucas, elaborado por Brown, todavia, também possui debilidades: não há nenhuma fonte mencionada por nenhum autor da antiguidade, como empregada somente pelos autores de Mateus e Lucas e não pelo de Marcos, tampouco, há uma fonte assim, preservada. Os pais da Igreja: Pápias de Hierápolis⁵¹; Orígenes⁵²; e o historiador Eusébio de Cesareia⁵³, afirmaram que o primeiro evangelho redigido, era o atribuído a Mateus, o cobrador de impostos que Jesus teria convidado a tornar-se apóstolo (Mt 9: 9-13).

Se o Evangelho de Mateus mencionado pelos pais da Igreja, pode ser uma versão distinta da preservada, seria válido inferir que o autor do Evangelho de Lucas pode ter tido contato com essa versão, ou outras distintas da preservada que não possuíam o conteúdo que ele não preserva, anteriormente mencionado; de forma que as passagens não fortuitamente semelhantes da tradição “Mateus-Lucas”, seriam as passagens que estavam primeiramente contidas em uma versão de Mateus conhecida pelo autor de Lucas. Seja qual for o possível cenário verdadeiro, sabendo que não possuímos indícios conclusivos em defesa de nenhuma das hipóteses acerca de qual das fontes: Mateus e Lucas, ou uma terceira; é precursora da tradição de passagens “Mateus-Lucas”, pelo menos um dado fundamental deve ser afirmado, que há entre estas fontes um núcleo precursor de passagens anterior às passagens exclusivas de cada uma delas. Ou um dos autores de Mateus e Lucas, empregou parte do conteúdo do outro para compor a sua fonte, ou em outro cenário possível, ambos autores das duas fontes empregaram uma terceira fonte anterior as deles para comporem com as suas, assim, seja qual for destes cenários o real, necessariamente estas passagens “Mateus-Lucas”, foram compostas junto com o conteúdo próprio de cada um destes evangelhos, como ocorreu com o núcleo de passagens não fortuitamente semelhantes entre os evangelhos de Mateus, Lucas e Marcos.

Apesar da hipótese “Q”⁵⁴, a de que Mateus e Lucas empregaram uma fonte anterior, ser adotada por muitos acadêmicos, não a priorizarei nesta dissertação, porque embora seja

⁵⁰ Navalha de Ockham.

⁵¹ Segundo o que está preservado em: “História Eclesiástica”, III 39.

⁵² Ibid. VI. 25.

⁵³ Ibid. III. 24.

⁵⁴ O hipotético terceiro evangelho, responsável pelo núcleo: “Mateus-Lucas”.

plausível, não acrescenta nenhum elemento novo ao dado principal de que o núcleo de passagens “Mateus-Lucas” é precursor, porque até mesmo se adotássemos a tese de que o autor do Evangelho de Lucas empregou o conteúdo de Mateus, que o precedeu, ou Mateus o de Lucas, ainda assim, pouco mudaria ao fato do núcleo: “Mateus-Lucas”, ser necessariamente precursor, a diferença seria somente relativa à informação de que este núcleo seria precursor apenas para uma das duas fontes (Mateus ou Lucas), ao passo, que para a hipótese “Q”, o núcleo de passagens semelhantes: “Mateus-Lucas”, seria necessariamente precursor para duas das duas fontes que o apresentam (Mateus e Lucas), justamente pela impossibilidade de narrativas muito semelhantes serem elaboradas independentemente de interação, argumento que anteriormente já abordei. Portanto, quando eu for referir, a partir de agora, a estas passagens partilhadas não fortuitamente pelos evangelhos de Mateus e Lucas, simplesmente vou chamá-las como: “núcleo Q (Mateus-Lucas)”, expressando não adotar nenhuma tese em exclusivo, mas sim dando ênfase para o núcleo de passagens precursoras. Saliento que, com o emprego de: “Q (Mateus-Lucas)”, não me refiro às fontes, mas sim, simplesmente, ao núcleo comum de passagens “Mateus-Lucas”.

Para a análise de qual é a fonte originária do caso: “Lucas-Mateus-Marcos”, que também se constitui como um núcleo de passagens com narrativas não fortuitamente semelhantes, proponho a elaboração de duas tabelas, onde vou dispor as passagens que participam desta tradição, junto com as passagens precursoras e sucessoras delas, em cada um destes três evangelhos.

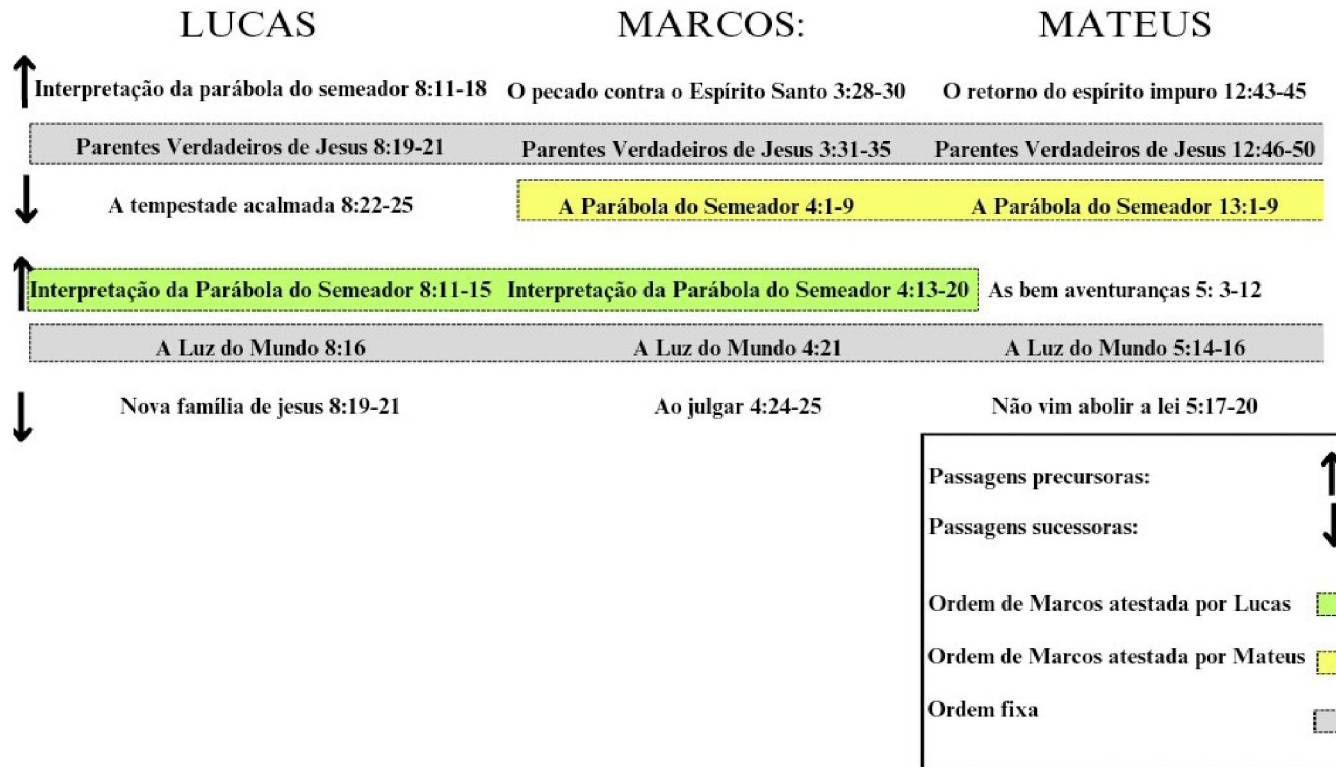


Tabela 2 – Dois exemplos de prevalência da ordem das passagens de Marcos⁵⁵

⁵⁵ Imagem e informações elaboradas por mim.

	LUCAS	MARCOS	MATEUS
↑	Missão dos doze 9:1-6	Missão dos doze 6:6b-13	Jesus é rejeitado em Nazaré 13:53-58
	Execução de João Batista 9:7-9	Execução de João Batista 6:14-29	Execução de João Batista 14:1-12
↓	Partilha dos pães e peixes 9:10-17	Primeira partilha dos pães 6:30-34	Primeira partilha dos pães 14:13-20
↑	Sobre os últimos tempos 21:5-18	Destrução do Templo 13:1-13	Destrução do templo 24:1-14
	A grande tribulação 21:20-28	A grande tribulação 13:14-27	A grande tribulação 24:15-31
↓	A lição da figueira 21:29-33	A lição da figueira 13:28-31	A lição da figueira 24:32-35

Passagens precursoras: ↑

Passagens sucessoras: ↓

Ordem de Marcos atestada por Lucas

Ordem de Marcos atestada por Mateus

Ordem fixa

Tabela 3 – Dois exemplos de prevalência da ordem das passagens de Marcos⁵⁶

⁵⁶ Imagem e informações elaboradas por mim.

As tabelas 2 e 3, ilustram a possível prevalência da ordem de passagens precursoras e sucessoras do Evangelho de Marcos, quando o autor deste evangelho é aparentemente seguido pelos dois outros evangelhos sinóticos. Na tabela 2, existem dois núcleos centrais com três passagens não paralelas cada um deles, elas, das três fontes sinóticas. O primeiro, é o núcleo onde se encontram as passagens centrais: “O pecado contra o Espírito Santo”, “Parentes verdadeiros de Jesus” e “A parábola do semeador”; e o segundo núcleo de mesma natureza, é o que se encontram as passagens centrais: “Interpretação da parábola do semeador”, “A luz do mundo” e “Ao julgar”. No primeiro núcleo pode ser identificado duas ocorrências distintas de passagens, a primeira, a de passagens precursoras, não é encontrado nenhum paralelismo entre os três evangelhos sinóticos, ou seja, não há concordância entre seus autores responsáveis, a respeito de qual passagem é anterior à referencial de ordem fixa; na outra ocorrência há duas formas de paralelismos, a saber, a primeira, a de passagens referenciais de ordem fixa, quando as três fontes sinóticas apresentam as mesmas passagens (ocorrência que tão simplesmente expressa que estas passagens pertencem à tradição sinótica), e a segunda, a de um paralelismo em relação a passagem sucessora da referencial de ordem fixa, onde Marcos e Mateus concordam com a passagem que a sucede, enquanto Lucas, discorda. No segundo núcleo também pode ser identificado duas ocorrências distintas de passagens, na primeira, há duas formas de paralelismo, a saber, a primeira, a de passagens precursoras, caracteriza-se por duas fontes sinóticas apresentarem as mesmas passagens, onde Lucas e Marcos concordam com a passagem precursora da referencial de ordem fixa, enquanto Mateus, discorda, e a segunda, a de passagens referenciais de ordem fixa, caracteriza-se como tal quando as três fontes sinóticas apresentam as mesmas passagens; na última ocorrência de passagens, não é encontrado nenhum paralelismo entre os três evangelhos sinóticos.

O argumento resultante da organização proposta é o seguinte: na tabela 2, a ordem de disposição de passagens do Evangelho de Marcos, que precedem e sucedem as passagens referenciais de ordem fixa da tradição sinótica, foi duas vezes corroborada pela ordem de outro evangelho, enquanto que a de Lucas e a de Mateus, uma vez⁵⁷. Nas duas vezes em que sua ordem foi corroborada, Marcos não demonstrou dependência de nenhum dos dois outros evangelhos, na medida que quando ela foi corroborada, não foi apenas pela ordem de um dos dois em específico, mas ora pela de Lucas, ora pela de Mateus; conquanto Mateus e Lucas,

⁵⁷ Saliento, contudo, que apenas nos casos de passagens precursoras ou sucessoras não de ordem fixa, porque as passagens triplamente corroboradas apenas manifestaram a tripla atestação de referência e não a ordem de disposição de passagens, ou seja, as ocorrências de “ordem fixa” apenas desempenham a funcionalidade de parâmetro de comparação de passagens que as precedem e sucedem, ou seja, a partir delas somente, não se decorre nenhuma conclusão a respeito de qual fonte é precursora ou sucessora.

quando tiveram suas ordens precursoras ou sucessoras corroboradas, tiveram apenas por Marcos. Perceba, portanto, que Marcos é necessário para a corroboração de Mateus e Lucas, enquanto que ele expressa a não dependência de nenhum destes em exclusivo; porque sempre quando um dos dois outros discordou de sua ordem de precursão ou sucessão, ou nenhum corroborou, ou nenhum especificamente, corroborou.

Na tabela 3, os dados ilustrados reforçam o que já pôde ser concluído por meio do experimento produzido anteriormente, agora, portanto, atenha-se a organização destes que ainda não o foram: existem dois núcleos centrais com três passagens não paralelas cada um deles, elas, das três fontes sinóticas. O primeiro, é o núcleo onde se encontram as passagens centrais: “missão dos doze”, “execução de João Batista” e “primeira partilha dos pães”, e o segundo núcleo de mesma natureza, encontram-se as passagens centrais não paralelas: “destruição do templo”, “a grande tribulação” e “a lição da figueira”. No primeiro núcleo, pode ser identificado duas ocorrências distintas de passagens, em uma, a de passagens precursoras, há um paralelismo em relação a passagem precursora da referente de ordem fixa, onde Marcos e Lucas concordam entre si a respeito da que ocupa este lugar, enquanto Mateus discorda; uma segunda ocorrência de passagens, há uma única forma de paralelismo em duas ocorrências distintas, a saber, a primeira, a de passagens referenciais de ordem fixa, quando as três fontes sinóticas apresentam as mesmas passagens; e a segunda, a de passagens sucessoras, quando as três fontes sinóticas também apresentam as mesmas passagens (algo que, novamente, apenas expressa a tradição sinótica e não nos permite inferir a prevalência de ordem de disposição de passagens). No segundo núcleo, também pode ser identificado duas ocorrências distintas de passagens, em uma, a de passagens precursoras, há um paralelismo em relação a passagem precursora da referente de ordem fixa, onde Marcos e Mateus concordam entre si a respeito da que ocupa este lugar, enquanto que, ao seu passo, é Lucas que discorda; na segunda ocorrência de passagens, há uma única forma de paralelismo em duas ocorrências distintas, a saber, a primeira, a de passagens referenciais de ordem fixa, quando as três fontes sinóticas apresentam as mesmas passagens, e a segunda, a de passagens sucessoras, quando as três fontes sinóticas também apresentam as mesmas passagens (algo que, pela segunda vez aqui, apenas expressa a tradição sinótica e não nos permite inferir a prevalência de ordem de disposição de passagens).

O argumento resultante da organização proposta para a tabela 3, é o seguinte: a ordem de disposição de passagens do Evangelho de Marcos, que precede as passagens referenciais de ordem fixa da tradição sinótica, foi duas vezes corroborada pela ordem de outro evangelho, enquanto que a de Lucas e a de Mateus, uma vez. Nas duas vezes em que sua ordem foi

corroborada, Marcos não demonstrou dependência de nenhum dos dois outros evangelhos, na medida que quando ela foi corroborada, não foi apenas pela ordem de um dos dois outros em específico, mas ora pela de Lucas, ora pela de Mateus, isto, da mesma forma que na tabela 2; conquanto Mateus e Lucas, quando tiveram suas ordens precursoras corroboradas, tiveram apenas por Marcos. Portanto, Marcos é necessário para a corroboração de Mateus e Lucas, enquanto que ele expressa a não dependência de nenhum destes em exclusivo, porque sempre quando um dos dois discordou de sua ordem de precursão, o outro corroborou, ou seja, nenhum especificamente.

Se anteriormente eu buscava identificar qual fonte da tradição sinótica era precursora, justamente para verificar se de fato a existência de narrativas locucionadas semelhantemente nas fontes sinóticas, apontam para o fato de que há uma fonte primaz utilizada pelas duas outras⁵⁸; a tentativa de verificação, portanto, pode ter logrado um êxito. Por meio do experimento mental, foi possível verificar a possibilidade de haver uma fonte precursora entre os evangelhos sinóticos, da qual, parte substancial de sua organização interna de conteúdos foi preservada por dois dos outros evangelhos, sendo esta interação, a que por sua vez, produziu o núcleo de passagens sinóticas. Por indução incompleta, portanto, a ordem de disposição de passagens de Marcos é privilegiada pelos dois outros autores, ou pelos seus posteriores editores; privilegiada para organizar as passagens precursoras e sucessoras das passagens referenciais sinóticas, tanto em Lucas como em Mateus⁵⁹.

Uma refutação pode ser proposta para a conclusão estabelecida no último parágrafo: as passagens referenciais de ordem fixa e as passagens precursoras ou sucessoras a elas, que se apresentaram nos três evangelhos abordados, algumas vezes foram passagens da tradição sinótica (Mc-Mt-Lc), portanto, não é possível por meio delas, e tampouco pela verificação das tradições independentes, como as passagens exclusivas de Marcos, de Mateus, ou de Lucas⁶⁰; a verificação de qual ordem de disposição de passagens precursoras e sucessoras é privilegiada, porque se alguma é, algo que supus ao elaborar as tabelas 2 e 3, só poderá ser verificada sendo, quando seguida ora por um evangelho, ora por outro (Mc-Mt, ou Mc-Lc, ou Mt-Lc). Se necessariamente não seriam sinóticas, a conclusão do último parágrafo, a saber, que a ordem de disposição de passagens do Evangelho de Marcos é privilegiada por Mateus e

⁵⁸ Indício este, reforçado pelo que foi analisado no gráfico 1, a saber, que as fontes sinóticas podem ser produto de interação, devido as suas maiores seções apresentarem os mesmos conteúdos com ao menos uma outra fonte.

⁵⁹ Gottlob Christian Storr, em “*Über den Zweck der evangelischen Geschichte und der Briefe Johannis*” p. 287, de 1786. Ele foi um dos primeiros teóricos a identificar a dependência da fonte de Mateus ao Evangelho de Marcos; em detrimento ao que sabíamos dos pais da Igreja, que defendiam a primazia da fonte de Mateus.

⁶⁰ Ordens diferentes de disposição de passagens precursoras ou sucessoras, sendo que cada uma só se encontra exclusivamente no seu evangelho.

Lucas, e portanto, Marcos (sinótico) é o evangelho precursor; é inválida. O raciocínio de refutação pode ser descrito ainda de outra forma: quando o autor de Mateus ou Lucas, corroborou com a passagem precursora ou sucessora de Marcos, verificamos isso em ocasiões na tabela 2 e 3, que a ordem de disposição de passagens do Evangelho de Marcos, a que precede e a que sucede as passagens referenciais de ordem fixa da tradição sinótica, nas ocorrências em que sua ordem foi corroborada ora por um, ora por outro evangelho; não demonstrou dependência de nenhum dos dois outros evangelhos, visto que quando foi corroborado, não foi apenas pela ordem de um dos dois outros em específico, mas ora pela de Lucas, ora pela de Mateus, ao passo que a deles só foi pela dele. Foi equívoco, portanto, inferir a sua precursão, porque deveria ser inferido a sua sucessão, expressa em termos de que foi o último evangelho elaborado a partir dos outros dois, porque os indícios apontam que foi o seu autor que conheceu as ordens de disposição de conteúdos dos dois outros evangelhos da tradição sinótica e buscou adequar seu evangelho as duas deles. Para ressaltar: se o objetivo era identificar qual evangelho é o precursor da tradição sinótica, este procedimento, por somente poder ser levado a cabo por meio da verificação das passagens precursoras ou sucessoras não sinóticas presentes em dois destes evangelhos; demonstrou-se equívoco.

Para uma resposta à refutação anteriormente proposta, proponho uma outra argumentação. O Evangelho de Marcos não preserva as passagens não fortuitamente semelhantes do núcleo Q (Mateus-Lucas)⁶¹, como Mateus e Lucas preservam, tampouco compôs este núcleo com os conteúdos exclusivos destes evangelhos, expressa por isso, portanto, não ter seu conteúdo dependente deles. Se apresenta conhecer a ordem de disposição de passagens precursoras e sucessoras desses evangelhos, não conhece todas, visto que também verificamos nas tabelas 2 e 3, que em determinadas ocasiões discorda da ordem deles, o cenário mais provável, portanto, é que os autores de Mateus e Lucas compuseram com o núcleo Q (Mateus-Lucas), o conteúdo de Marcos (sinótico), no entanto, este Marcos (sinótico) carecia de uma ordem de disposição de passagens que seguia cronologicamente a sucessão dos eventos que preservava. A presença de uma ordem de disposição de passagens no Evangelho de Marcos que segue Mateus e Lucas pode ser justificada por uma conjectura: um editor futuro de Marcos (sinótico), adequou a versão sem a ordem de sucessão dos eventos, com a qual se lembrava disposta nos evangelhos de Mateus e Lucas que conhecia, de forma que não adicionou grande parte dos conteúdos exclusivos destes evangelhos e o núcleo Q (Mateus-Lucas), mas simplesmente adequou as passagens de Marcos (sinótico), à ordem de

⁶¹ Embora preserve algumas de suas passagens de modo fortuito.

disposição de passagens de Mateus e Lucas que apresentavam. A precursão de Marcos (sinótico), estabelece-se, portanto, porque é mais provável que Mateus e Lucas tenham utilizado uma primeira versão de Marcos, a sinótica, compondo-a com o núcleo de passagens Q (Mateus-Lucas), justamente por apresentar estes dois conteúdos independentes; do que Marcos os ter sucedido e acrescentado ao seu documento somente o Núcleo Sinótico como apresentado em Mateus e Lucas e subtraído o núcleo Q (Mateus-Lucas) e os conteúdos exclusivos desses evangelhos, porque não há uma razão evidente para ter feito isso.

Se a refutação não se demonstrou consistente o suficiente para adotarmos a hipótese de precursão do Evangelho de Marcos (sinótico), nem por isso a argumentação irá se debilitar, porque seja verdade que os autores dos evangelhos de Marcos e Lucas, elaboraram seus conteúdos desde o emprego do conteúdo do evangelho de Mateus, seja os autores de Marcos e Mateus, desde o conteúdo de Lucas, ou seja, os de Mateus e Lucas, desde o conteúdo de Marcos, o que é fundamental, pode ser inferido de todos estes cenários, a saber, que o núcleo de passagens “Marcos-Mateus-Lucas”, necessariamente é um núcleo precursor, ou seja, redigido por um dos autores destes evangelhos e empregado por dois outros; isto, porque ele se constitui por passagens com narrativas não fortuitamente semelhantes, portanto, compõe um núcleo elaborado e depois utilizado por autores que acrescentaram a ele outros conteúdos. Por isso, a partir de agora vou me referir a este núcleo precursor da tradição sinótica (Marcos-Mateus-Lucas), simplesmente como “Núcleo Sinótico”, algo semelhante ao que fiz há pouco com o núcleo Q (Mateus-Lucas). Saliento o que já havia afirmado, que não devemos identificar qual fonte é precursora ou mais antiga, mas sim qual núcleo de passagens é o mais antigo/primitivo, porque as fontes abordadas, como foi exemplificado no Gráfico 1, são composições de passagens de diferentes origens ou de interações entre elas.

Até o momento é possível assegurar pelos dados do gráfico 1 que foram analisados, que: 1) os núcleos de passagens precursoras: Q (Mateus-Lucas) e o Núcleo Sinótico, são independentes, porque o Núcleo Sinótico não possui seções de passagens do núcleo Q (Mateus-Lucas), e das passagens que atesta, não podem ser categorizadas como “passagens não fortuitamente semelhantes”, por sua vez, o núcleo Q (Mateus-Lucas) também não possui seções de passagens do Núcleo Sinótico, e das que deste núcleo atesta, também não podem ser categorizadas como “passagens não fortuitamente semelhantes”; 2) o núcleo Q (Mateus-Lucas) é a origem dos ditos, parábolas e narrativas locucionadas semelhantemente em Mateus e Lucas, e atestadas entre eles; 3) o Núcleo Sinótico é a origem dos ditos, parábolas e narrativas não fortuitamente semelhantes em Marcos, Mateus e Lucas; 4) e ademais, as passagens do núcleo Q (Mateus-Lucas) e o Núcleo Sinótico, também podem ser composições

de passagens de diferentes origens, especialmente, porque os núcleos atestam algumas passagens fortuitamente semelhantes um do outro⁶², todavia, nem todas. Não podemos afirmar que as passagens atestadas fortuitamente entre o Núcleo Sinótico e o núcleo Q (Mateus-Lucas), são as passagens que advém de testemunhas oculares, porque elas também poderiam ser produto de fabulações.

Sobre o item 4), acerca da natureza composta dos núcleos precursores de passagens, agora, cabe analisar quais podem ser as seções de passagens que os compõe, supondo existir mais de uma seção de passagens além da identificada pelas passagens fortuitamente semelhantes entre o Núcleo Sinótico e o núcleo Q (Mateus-Lucas). Para isto, vou iniciar analisando os dados sobreviventes sobre a origem do Evangelho de Marcos, pois, é ele que possui sua maior parte composta por um núcleo precursor de passagens (Marcos-Mateus-Lucas), correspondendo a 73,7% de todo o seu conteúdo como foi visto.

Pápias de Hierápolis (c. 60 EC) escreveu⁶³ em sua “Exposição dos Oráculos do Senhor”⁶⁴ que, segundo o que preservou Irineu de Lyon (c. 130 EC) em sua “Contra as Heresias”⁶⁵, e Eusébio de Cesareia (c. 260 EC) em sua “História Eclesiástica”; o Evangelho de Marcos, foi escrito por Marcos, um intérprete do apóstolo Pedro que buscava preservar as memórias das palavras e ações de Jesus⁶⁶. Segundo Eusébio, Pápias afirmava que Marcos teve cuidado ao redigir para não acrescentar nada ao que de fato havia ocorrido e que ele: “(...) escreveu com precisão tudo o que ele lembrava. Não foi, no entanto, na ordem exata que ele relatou as palavras ou ações de Cristo.”. Quando verificamos o Evangelho de Marcos na sua versão preservada, podemos identificar o contrário do que foi afirmado por Pápias, porque a versão preservada contém as suas passagens seguindo uma ordem de sucessão dos eventos, de forma que a informação de Pápias carece de fiabilidade ou ao afirmá-la, referia-se a uma outra versão deste evangelho que não foi preservada. Se há a possibilidade de ser uma versão não

⁶² Na tabela do Apêndice B, as sinopses: 20; 21; 22; 23; 59; 67; 71; 84; 88; 89; 91; 96; 98; 102; 104; 105; 113; 119; 127; 131; 132; 136; 143.

⁶³ “Marcos tendo se tornado o intérprete de Pedro, escreveu com precisão tudo o que ele lembrava. Não foi, no entanto, na ordem exata que ele relatou as palavras ou ações de Cristo. Pois ele não ouviu o Senhor nem o acompanhou. Mas depois, como eu disse, ele acompanhou Pedro, que adaptou suas instruções às necessidades [de seus ouvintes], mas sem intenção de dar uma narrativa regular das palavras do Senhor. Portanto, Marcos não cometeu nenhum erro ao escrever algumas coisas conforme ele se lembrava delas. Por um lado, ele teve um cuidado especial para não omitir nada do que ouvira e não colocar nada fictício nas declarações.” (Eusébio de Cesareia, História Eclesiástica III. 39). Tradução desde o espanhol sob minha responsabilidade.

⁶⁴ Obra que não foi preservada.

⁶⁵ Mais precisamente no livro III I.1, X.5.

⁶⁶ Justino Mártir, diz: “(...) e que esteja escrito nas **Memórias** que ele fez o mesmo com os filhos de Zebedeu, mudando-lhes o nome para Boanerges, isto é, filhos do trovão (...)” (Diálogo com Trifão, 106, 2-3). Tal referência só é encontrada em Marcos 3:17, no qual também apresenta: “Boanerges, filhos do trovão”. Portanto, Justino empregava um Evangelho de Marcos, semelhante, ou o mesmo, que foi preservado.

preservada, e já vimos que há, pelo que arrazoei nos últimos parágrafos acerca de uma edição do Evangelho de Marcos posterior a conhecida por Mateus e Lucas; o autor ou o editor de Marcos, portanto, poderia ter adequado o seu conteúdo segundo a ordem de disposição de passagens dos dois outros evangelhos⁶⁷.

Também houve uma outra versão do Evangelho de Marcos mencionada em uma carta⁶⁸ de Clemente de Alexandria (c. 150 – 215 EC), descoberta em 1958 por Morton Smith (1994, p. 408) no mosteiro de *Mar Sabá*, na circunvizinhança da cidade de Jerusalém; nela, Clemente, refere-se a uma versão do Evangelho de Marcos que possuía a descrição de feitos secretos⁶⁹ de Jesus, destinada apenas para “aqueles que estão (estavam) sendo iniciados nos grandes mistérios”. Nesta carta, além dessa informação, e da citação de um trecho do referido evangelho, Clemente apresenta outras informações, das quais não podemos assegurar se correspondem a fatos ou se são apenas fabulações, contudo, podem corroborar com indícios já abordados. Clemente acompanha Pápias de Hierápolis (a sua informação pode provir do próprio Pápias), afirmando que a autoria do Evangelho de Marcos pertencia a alguém próximo a Pedro, o apóstolo; Pápias afirmava que ele não havia escrito o relato sobre Jesus segundo a ordem dos eventos, mas da forma com a qual se lembrava do que havia dito Pedro. Clemente, afirma nessa carta que Marcos escreveu o relato sobre Jesus ocultando alguns feitos (referindo-se ao Evangelho de Marcos, não o secreto), de uma forma tal que não

⁶⁷ De forma que a hipótese antes construída acerca de uma versão de Marcos, que não possuía a ordem dos eventos estabelecida por Mateus e Lucas; demonstra-se agora, depois do dado advindo de Pápias, razoável.

⁶⁸ Em 1958, Morton Smith encontrou uma carta de Clemente de Alexandria no mosteiro de *Mar Saba*, perto da cidade de Jerusalém. O Evangelho Secreto de Marcos é conhecido apenas pelas referências nesta carta. “Agora, das coisas que continuam dizendo sobre o Evangelho divinamente inspirado, segundo Marcos, algumas são completamente falsificações, e outras, mesmo que contenham alguns elementos verdadeiros, ainda assim não são relatadas com veracidade. Pois as coisas verdadeiras, misturadas com invenções, são falsificadas, de modo que, como diz o ditado, até o sal perde o sabor. “Quanto a Marcos, então, durante a estada de Pedro em Roma, ele escreveu um relato dos feitos do Senhor, não declarando todos eles, nem ainda insinuando os secretos, mas selecionando o que considerava mais útil para aumentar a fé daqueles que estavam sendo instruídos. Mas quando Pedro morreu como mártir, Marcos foi para Alexandria, trazendo suas próprias notas e as de Pedro, das quais transferiu para o interior do seu livro as coisas adequadas a tudo o que contribui para o progresso em direção ao conhecimento. Assim ele compôs um Evangelho mais espiritual para uso daqueles que estavam sendo aperfeiçoados. No entanto, ele ainda não divulgou as coisas que não deveriam ser proferidas, nem escreveu o ensinamento hierofântico do Senhor, mas às histórias já escritas acrescentou ainda outras e, além disso, trouxe certos ditos dos quais ele conhecia a interpretação, iria, como mistagogo, conduzir os ouvintes ao santuário mais íntimo daquela verdade escondida por sete véus. Assim, em suma, ele preparou o assunto, nem a contragosto nem incautamente, na minha opinião, e, morrendo, deixou sua composição para a igreja em Alexandria, onde ainda é muito cuidadosamente guardada, sendo lida apenas para aqueles que estão sendo iniciados nos grandes mistérios. Mas como os demônios imundos estão sempre planejando a destruição da raça dos homens, Carpócrates, instruído por eles e usando artes enganosas, escravizou tanto um certo presbítero da igreja em Alexandria que obteve dele uma cópia do Evangelho secreto, que ele há interpretado de acordo com sua doutrina blasfema e carnal e, além disso, poluído, misturando com as palavras imaculadas e santas mentiras totalmente desavergonhadas. Desta mistura é extraído o ensinamento dos Carpocratianos.” (*The Complete Gospels*, Robert J. Miller. Editor. 1994, p. 408)

⁶⁹ Por esta razão chamado de “Evangelho Secreto de Marcos”.

“insinuou os secretos”, mas escreveu os que julgou que fossem mais úteis para aumentar a fé “dos que estavam sendo instruídos”⁷⁰. Continuando, apresenta dois dados que merecem maior cuidado e atenção no seu emprego, o primeiro, que depois da morte de Pedro, Marcos, colocou as suas notas em um livro, elaborando, desta forma, um evangelho mais “espiritual”, e o segundo, de que dos ditos que conhecia, os interpretou, e deixou sua “composição” para a igreja de Alexandria⁷¹.

Alguns dados apresentados no último parágrafo corroboram com os seguintes indícios já arrazoados: 1) pôde ter existido mais de uma versão do Evangelho de Marcos, a saber, uma da tradição sinótica; uma que apresenta além das passagens sinóticas, algumas passagens exclusivas e algumas passagens de Mateus e Lucas, esta, podendo conter a ordem dos eventos que carecia a versão sinótica; uma referida por Pápias de Hierápolis; e uma secreta, destinada a formação de iniciados, referida por Clemente de Alexandria; e 2) que existiam ditos atribuídos a Jesus que não estavam interpretados, isto, por Clemente afirmar que: “trouxe certos ditos dos quais ele conhecia à interpretação”. Deste item 2), é possível afirmar ainda outras coisas: os indícios que foram apresentados desde o início deste capítulo, continuam sendo corroborados, porque segundo o que Clemente afirmou, a saber, que alguns ditos de Jesus foram interpretados e preservados em um documento; poderíamos afirmar, portanto, que as contradições e indícios de fabulações abordados desde o início do capítulo, podem ser causados pela existência de seções de passagens mais primitivas que podem provir de Jesus, como também, pela existência de passagens elaboradas, as fabulações, que foram construídas pelos cristianismos, talvez, como uma forma de interpretar os ditos de Jesus que não eram intuitivamente compreensíveis, ou mesmo, uma tentativa de convencer o leitor dos documentos, que Jesus de fato era divino ou o Messias.

Como há pouco vimos, as fontes da ortodoxia são compostas de seções de passagens de diferentes origens. Os núcleos de passagens: Q (Mateus-Lucas) e Núcleo Sinótico, necessariamente são os mais primitivos. Os núcleos de passagens precursoras, portanto, “vieram antes” dos conteúdos exclusivos dos evangelhos abordados, de forma que não seria absurdo afirmarmos que algumas seções de passagens poderiam vir de testemunhas oculares de Jesus e outras serem interpretações dos cristianismos e dos movimentos “heréticos”. No item 2), é possível verificar que Clemente já expressava a existência de uma necessidade de

⁷⁰ Algo semelhante é redigido pelo autor do apêndice do Evangelho de João, em João 21:25.

⁷¹ “(...) enquanto catalogava manuscritos no famoso mosteiro de *Mar Sabá*, perto de Jerusalém, Morton Smith descobriu um fragmento de uma carta até então desconhecida, ela, era de Clemente de Alexandria. Este fragmento de carta menciona tal evangelho e contém dois trechos de texto.” (*The Apocryphal New Testament. A Collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation* J. K. Elliott, p. 148).

interpretação de alguns ditos, apesar de não podermos afirmar quais eram e se foram interpretados em todas as fontes adotadas pela ortodoxia; essa informação pode corroborar com o indício de composições de passagens mais primitivas e fabulações. No próximo parágrafo vou continuar a abordar o Evangelho de Marcos ou assuntos relativos a ele, porque como agora, podemos encontrar outros dados que podem corroborar com os já existentes.

No início deste capítulo, ao abordar sobre as passagens que descrevem milagres no Novo Testamento, contestei-as por não serem fiáveis, porque naquele momento foi possível verificar que elas apresentam semelhanças com algumas passagens do Antigo Testamento. Logo após essa verificação, redigi acerca das passagens cujo conteúdo se contrapõe aos milagres em, especialmente, Marcos, Mateus, Lucas e algumas de João (as passagens que não fazem parte de Sinais), quando nelas, Jesus não faz nenhum feito extraordinário para provar algo sobre si ou sobre seus ensinamentos. Também foi conjecturada uma motivação para a elaboração de passagens que narram milagres, ela, subentendida nas passagens mesmas: a tentativa de conciliação entre relatos de testemunhas oculares, ou mesmo entre histórias primitivas sobre Jesus, e o que os autores responsáveis pelas narrativas aspiravam sobre ele. Oculti, contudo, uma outra justificativa para a presença de possíveis fabulações de milagres nos evangelhos, porque ainda não eram tratados outros dados que só foram identificados nos parágrafos logo anteriores a este. Agora, neste procedimento para a identificação de quantas outras seções de passagens há nos núcleos precursores, vou abordar seções de passagens do Núcleo Sinótico que apresentam milagres, porque elas sobrepujam as passagens atestadas entre este núcleo e o núcleo Q (Mateus-Lucas)⁷². Quando comparamos as fontes: Evangelho de Marcos (quando apresenta o Núcleo Sinótico) e Sinais, a independência entre ambos pode ser verificada⁷³.

Quando nos detemos às passagens que narram milagres no Evangelho de Sinais, mais especificamente a todas elas até Sinais/João 12:37-38, e em Sinais/João 20:30-31⁷⁴, nas narrativas que as compreendem; os milagres denotam que foram realizados por dois motivos principais: primeiro, para sanar sofrimentos pela misericórdia de Jesus; e segundo, para promover a fé daqueles que eram convertidos em saudáveis, como também, daqueles que observavam tais feitos, isto, mais objetivamente: “Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele” (Sinais/João

⁷² Saliento que até mesmo as passagens atestadas entre o Núcleo Sinótico e o núcleo Q (Mateus-Lucas), podem ser composições, porque não sabemos em que período se origina cada seção de passagens.

⁷³ Para verificar quais são as passagens do Núcleo Sinótico que se caracterizam pela descrição de milagres, ver tabela do Apêndice A.

⁷⁴ Lembrando que Sinais apresenta a mesma numeração de passagens que João, por ser uma reconstrução a partir de um material já presente nele.

2:11); “Então o pai reconheceu ser precisamente aquela a hora em que Jesus lhe dissera: ‘O teu filho vive’ e creu, ele e todos os da sua casa.” (Sinais/João 4:53); “Vendo o sinal que ele fizera, aqueles homens exclamavam: ‘Esse é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo!’” (Sinais/João 6:14); “Muitos, porém, dentre o povo, creram nele e diziam: ‘Quando o Cristo vier, fará, porventura, mais sinais do que os que esse fez?’” (Sinais/João 7:31); “Muitos dos judeus que tinham vindo à casa de Maria e viram o que ele fizera, creram nele.” (Sinais/João 11:45); “Então, os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram o Conselho e disseram: ‘Que faremos? Esse homem realiza muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação’.” (Sinais/João 11:45, 47b-48); “Apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, não creram nele, a fim de se cumprir a palavra dita pelo profeta Isaías: ‘Senhor, quem creu naquilo que ouviu de nós? E o braço do Senhor, a quem foi revelado?’” (Sinais/João 12:37-38); “Esses (sinais), porém, foram realizados para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.” (Sinais/João 20:31).

No Núcleo Sinótico e em João, os milagres de Jesus só ocorrem, quando antes, o personagem que sofre, crê na natureza extraordinária de Jesus, de forma que para que ocorram milagres, é necessário acreditar que será curado, isto, pode ser exemplificado na seguinte passagem e nas subsequentes: “Quando ele o toma, atira-o pelo chão e ele espuma, range os dentes e fica ressequido. Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas não conseguiram’. Ele, porém, respondeu: ‘Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o a mim’.” (Mc. 9:18-19). Em João (não contando, agora, Sinais), os milagres também são produto da fé: “Disse-lhe Jesus: ‘Se não virdes sinais e prodígios, não creereis.’” (Jo. 4:48), neles, expressamente, Jesus nega a fé que foi gerada pela comprovação anterior por meio de feitos extraordinários; na ocasião do diálogo com Nicodemos isto fica ainda mais evidente, quando ele, caracteriza a fé promovida por estes feitos como um obstáculo: “A noite ele veio encontrar Jesus e lhe disse: ‘Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como um mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele’. Jesus lhe respondeu: ‘Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer do alto não pode ver o Reino de Deus’.” (Jo. 3:2-3). Inversamente aos muitos casos em Sinais, os milagres só são realizados pela fé como condição; estão divergindo de Sinais, portanto, os casos de milagres no Núcleo Sinótico e João. Estes elementos podem indicar, ademais, que é razoável a hipótese do autor do Evangelho de João ter usado como fonte, Sinais⁷⁵ e a ter

⁷⁵ Já que apresenta milagres que promovem a fé e milagres que são produto dela, sendo as passagens destes últimos, algumas vezes, apresentando uma oposição a milagres que promovem a fé.

composto com outro conteúdo, na medida em que ela é a única que não expressa ressalvas que acompanham os milagres, ou seja, não expressa problematizar a promoção da fé, enquanto que outras partes de João (aquelas que não são compartilhadas com Sinais), a fé é apresentada como condição para os milagres, da mesma forma que em Marcos, Mateus e Lucas.

No início deste capítulo, quando abordava as ocorrências de inconsistência nos evangelhos abordados, afirmei que se sobre uma mesma doutrina ou evento reivindicado como factivo, duas ou mais narrativas divergem, necessariamente ao menos uma delas é uma fabulação. A existência de um documento que apresentava passagens com ditos reivindicados como autênticos de Jesus, como também, que apresentava passagens com interpretações desses ditos, ou seja, passagens que poderiam ser concebidas como fabulações; foi atestada quando abordei o caso do Evangelho Secreto de Marcos, mencionado por Clemente quando afirmou que existiam passagens que eram interpretações dos ditos de Jesus. Poderíamos, portanto, empregar o mesmo princípio da não contradição para identificar entre as passagens que narram milagres no Núcleo Sinótico, João e Sinais, se são os milagres “que promovem a fé”, ou os que são “produto da fé”, que devem ser concebidos como fabulações. O indício de um desenvolvimento interpretativo de caráter contestatório, é verificado nas narrativas do Núcleo Sinótico e no Evangelho de João, quando, implicitamente, apresentam uma doutrina de contestação de milagres como promotores da fé; Sinais, não apresentou nenhum desenvolvimento interpretativo de caráter contestatório. As passagens que narram milagres no Núcleo Sinótico e João, seriam melhor compreendidas como passagens sucessoras, resultado da adoção dos seus autores de uma doutrina que contestava a realização de milagres que promoviam a fé por Jesus, como a presente em Sinais.

Até então abordei que o que caracterizava Sinais em distinção do Evangelho de João era a natureza dos milagres: os milagres de Sinais promoviam a fé e os de João se assemelhavam ao do Núcleo Sinótico que eram produto da fé; outras passagens que sobrepujam as narrativas de milagres, reforçam esta distinção. As passagens de João que ocorrem em inconsistência com as de Sinais, podem ter sido inspiradas em uma versão do Evangelho de Marcos, por essa razão, a proximidade dos milagres de João com os do Núcleo Sinótico. Apesar de Sinais estar presente em João, João, sobre alguns temas, “acompanha” a doutrina do Núcleo Sinótico como apresentado no Evangelho de Marcos, em detrimento do conteúdo de Sinais, de forma que expressa que o seu autor teve contato com uma versão de Marcos. Ademais, essa interação, explica a razão, como disse há pouco, de João também apresentar passagens com narrativas de milagres que se opõem aos milagres que promovem a fé, ao invés de sempre acompanhar Sinais. Sinais, portanto, pôde ter sido um documento

independente ou uma versão mais primitiva de João, anterior ao contato do autor dele com o Evangelho de Marcos.

Antes de identificar a interação do Evangelho de João com o Evangelho de Marcos, exporei a independência da fonte Sinais, do Núcleo Sinótico, a partir das divergências doutrinárias. É possível verificar que Sinais apresenta uma sucessão de reprimendas a Pedro o apóstolo, mais objetivamente: 1) Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: ‘Senhor, tu, lavar-me os pés?!’ Respondeu-lhe Jesus: ‘O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde’. Disse-lhe Pedro: ‘Jamais me lavarás os pés!’ Jesus respondeu-lhe: ‘Se não te lavar, não terás parte comigo’. Simão Pedro lhe disse: ‘Senhor, não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça’. Jesus lhe disse: ‘Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro. Vós também estais puros, mas não todos.’” (Sinais/João 13:6-10), nesta passagem é possível observar que a reprimenda é protagonizada por Pedro, que tarda em compreender o que Jesus está propondo; 2) “Ora, Simão Pedro, junto com outro discípulo, seguia Jesus. Esse discípulo era conhecido do Sumo Sacerdote e entrou com Jesus no pátio do Sumo Sacerdote. Pedro, entretanto, ficou junto a porta, de fora. Então, o outro discípulo, conhecido do Sumo Sacerdote, saiu, falou com a porteira e introduziu Pedro. (...) Simão Pedro continuava lá, de pé, aquecendo-se. Disseram-lhe então: ‘Não és tu também um dos seus discípulos?’ Ele negou e respondeu: ‘Não sou.’” (Sinais/João 18:15-16, 25), aqui, Pedro, em contraste com a presença do “outro discípulo”, tem a sua negação destacada; 3) “Pedro saiu, então, com o outro discípulo e se dirigiram ao sepulcro. (...) Pois ainda não tinham compreendido que, conforme a Escritura, ele devia ressuscitar dos mortos. Os discípulos, então, voltaram para casa.” (Sinais/João 20:3, 9-10), aqui, novamente, Pedro é nomeado; tarda em entender os eventos que sucedem.

O Núcleo Sinótico em Marcos, ainda que também apresente a atitude controversa de Pedro, ela é atenuada, isso pode ser verificado mais objetivamente na seguinte passagem, e relativo a isso, nas suas sucessoras: 1) “E imediatamente, pela segunda vez, o galo cantou. E Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe havia dito: ‘Antes que o galo cante duas vezes, me negarás três vezes’. E começou a chorar.” (Mc. 14:72), ainda que a passagem suceda o evento da negação de Pedro, o seu autor, preocupa-se com o modo como Pedro está sendo representado e atenua a ocasião narrada com o imediato arrependimento de Pedro, expresso através do pranto; 2) “Jesus disse-lhe: ‘Todos vós vos escandalizareis, porque esta escrito: Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão.’” (Mc. 14:27), nesta passagem, não há nenhuma reprimenda pessoal, ela é dirigida a todos os apóstolos, em contraste com as anteriores passagens referidas de Sinais, onde é Pedro que majoritariamente as protagoniza; “Eles,

porém, não compreendiam essa palavra e tinham medo de interrogá-lo” (Mc. 9:32), novamente, a falta de compreensão não é protagonizada por Pedro, mas compartilhada por todos; 3) “Tiago e João, os filhos de Zebedeu, foram até Ele e disseram-lhe: ‘Mestre, queremos que nos faças o que vamos Te pedir’. Ele perguntou: ‘Que quereis que vos faça?’ Disseram: ‘Concede-nos, na Tua glória, sentarmo-nos um à Tua direita, outro à Tua esquerda’. Jesus lhes respondeu: ‘Não sabeis o que estais pedindo. Podeis beber o cálice que Eu vou beber e ser batizado com o batismo com que serei batizado?’” (Mc. 10:35-38), nesta passagem, é Tiago e João que protagonizam a controversa, depois de manifestarem uma atitude presunçosa.

A independência de Sinais das passagens do Núcleo Sinótico foi verificada, ao passo que acerca do restante material de João dependente do Núcleo Sinótico, aparentemente por seu contato com o Evangelho de Marcos; ainda deve ser verificado, para isso, portanto, atenha-se às passagens numeradas. Na ocorrência 1: “Simão Pedro lhes disse: ‘Vou pescar’. Eles lhe disseram: ‘Vamos nós também contigo’. Saíram e subiram ao barco e, naquela noite, nada apanharam. (...) Disse isso (Jesus) para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus. Tendo falado assim, disse-lhe: ‘Segue-me’.” (Jo. 21:3, 19). O trecho da ocorrência 1, aparentemente, pertence ao trecho que falta na continuação do Evangelho de Marcos 16:1-8, visto que não encontra semelhança com o estilo de diálogo das outras partes do mesmo Evangelho de João, mas sim com o estilo de Marcos, por, primeiro, os personagens estarem na mesma circunstância descrita, a saber, no trabalho de pesca, e segundo, por preservar o mesmo convite para segui-lo, veja o paralelismo com Marcos a seguir: “Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: ‘Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens’. E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram. Um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, eles também no barco, consertando as redes. E logo os chamou. E eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados, partiram em seu seguimento.” (Mc. 1:16-20). Agora, a ocorrência 2: “Já amanhecera. Jesus estava de pé, na praia, mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Então Jesus lhes disse: ‘Jovens, acaso tendes algum peixe?’ Responderam-lhe: ‘Não!’.” (Jo. 21: 4-5). No trecho, os discípulos expressam que se encontraram pela primeira vez com Jesus ressuscitado, de maneira que não o reconhecem, contudo, nas próximas passagens do mesmo Evangelho de João, é locucionado que é a terceira vez que Jesus encontra com eles: “Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos, depois de ressuscitado dos mortos.” (Jo. 21:14), nada obstante, quando comparamos João 21:4, onde é a primeira vez que os discípulos

encontram Jesus; com a última passagem incompleta de Marcos, antes do seu Apêndice, parece que o trecho de João completa a parte que falta em Marcos 16:8, seguindo a ordem cronológica do que em Marcos é narrado, ao passo que em João 21:14 a ordem é quebrada, identifique isto: “Elas saíram e fugiram do túmulo, pois um tremor e um estupor se apossaram delas. E nada contaram a ninguém, pois tinham medo...” (Mc. 16:8), visto que em João já era o terceiro encontro, enquanto que em Marcos, devido as mulheres não contarem a ninguém que o túmulo estava vazio, seria, portanto, o primeiro encontro de Jesus com os seus discípulos, justifica-se o não reconhecimento dos apóstolos exposto em João 21: 4. Assim, os indícios indicam que o autor de João acrescentou partes às que preservava da fonte de Sinais, da forma como conheceu a parte final completa de Marcos 16:8⁷⁶. Com isso, é possível verificar a independência de Sinais do Núcleo Sinótico, de forma que até o momento, temos o conhecimento de que o Núcleo Sinótico, o núcleo Q (Mateus-Lucas) e a fonte Sinais, são independentes entre si.

Desde o ensejo de identificar quais seriam as outras seções de passagens que compõem o Núcleo Sinótico e o núcleo Q (Mateus-Lucas), supondo existir mais de uma seção de passagens além da identificada pelas passagens fortuitamente semelhantes entre eles; a partir da dinâmica de milagres presentes no Núcleo Sinótico e João, como no Evangelho de Sinais, foi possível identificar que o Núcleo Sinótico e João possuem seções de passagens sobre milagres que apresentam o indício de serem um desenvolvimento interpretativo de caráter contestatório, indício este, foi a contestação dos milagres como promotores da fé, por essa razão, concluí que as passagens que narram milagres no Núcleo Sinótico e em João não eram primitivas. Com efeito, paralelamente à conclusão anterior, afirmei que as narrativas de milagres em Sinais, por não possuírem nenhuma ressalva acerca da natureza dos milagres, expressaram ser mais primitivas⁷⁷ que as suas contrapartes no Núcleo Sinótico e João. Pode

⁷⁶ Anteriormente eu havia afirmado que algumas seções do Evangelho de Marcos (sinótico), especificamente as que contém milagres, parecem contestar ou aperfeiçoar algumas da fonte de Sinais, algo que sugeri que elas podem ser posteriores a estas e em alguma medida dependentes dela, porque se caracterizam como suas contestações, isso, naquele momento não poderia ser inferido, contudo, agora, depois destes outros indícios evocados no parágrafo logo anterior a este, podemos propor que ou o autor de Marcos (sinótico) conhecia a fonte Sinais, ou conhecia a doutrina que em determinada ocasião se tornou este documento, de maneira que parte de seus conteúdos, a saber, os milagres e a definição do caráter do apóstolo Pedro, foram elaborados em observância a esta doutrina a qual se opunha. Dado a ausência de elementos que indicam a contestação a alguma doutrina precedente, como é notável em seções de Marcos (sinótico); deve-se inferir a precursão de Sinais a este evangelho, ainda que posteriormente o autor/editor da versão do Evangelho de João que conhecemos hoje, a tenha empregado com seções dele.

⁷⁷ Sinais é a única fonte que é possível por meio de uma única passagem, inferir a datação de todas as outras, inferência que com os demais evangelhos não é possível de ser feita. É possível para o caso da fonte Sinais, porque suas passagens seguem uma lógica de sucessão, a qual, na descrição de feitos extraordinários que as passagens preservam, seguem a marcação: “este foi o início dos sinais”; “este foi o segundo dos sinais”; “este foi o terceiro dos sinais”, de maneira que através de um indicativo de possibilidade de assegurar uma datação de

ser um dado, portanto, que o Núcleo Sinótico possui pelo menos uma seção de passagens que são fabulações, as que narram milagres, estas, que foram compostas com as passagens atestadas com o núcleo Q (Mateus-Lucas). Da mesma forma, as narrativas de milagres em Sinais, que se apresentaram como mais primitivas, por se contraporem às do Núcleo Sinótico e João; não devem ser inferidas como correspondentes a fatos antes de verificarmos a sua consistência, ainda se ignorássemos os indícios de fabulações de todos os milagres apresentados no início deste capítulo. Da exposição da razão do Evangelho de João, apesar de apresentar as narrativas de milagres de Sinais, apresentar também narrativas de milagres como às do Núcleo Sinótico, conclui, e no último parágrafo verifiquei, que o autor de João pôde ter tido contato com uma versão do Evangelho de Marcos.

Equivocadamente, das narrativas de milagres do Evangelho de Sinais serem anteriores às contrapartes do Núcleo Sinótico e João; seguir-se-ia que podem ser caracterizadas como advindas de relatos testemunhais. A precipitação está em confundir possibilidade por necessidade, porque essas narrativas de milagres em Sinais também poderiam ser fabulações, apesar de anteriores às do Núcleo Sinótico e João. Quando verificamos que a autenticidade do conteúdo das narrativas de milagres que promovem a fé é contestada pelo Núcleo Sinótico, deparamo-nos com o dado de que as suas passagens não exerciam nenhuma autoridade como ditos e feitos autênticos exerceriam. Como conjectura, acrescentando à suposição da tentativa de conciliação entre relatos de testemunhas oculares e o que os autores responsáveis pelas narrativas aspiravam sobre Jesus; seria coerente propor que a existência de narrativas de milagres como em Sinais, era promovida pela necessidade de provar aos gentios e judeus que

elaboração de uma destas passagens, é possível inferir por indução completa, a datação das demais, portanto, uma passagem desta natureza, implica a precursão ou sucessão de uma outra. Na passagem sobre o terceiro sinal, feito a um doente, podemos identificar um indicativo da possível data de elaboração deste evangelho: “Em Jerusalém, perto da Porta das Ovelhas, existe uma piscina rodeada de cinco colunatas. Em hebraico, a piscina se chama Bethzata. Aí ficava uma multidão de doentes: cegos, coxos e aleijados, esperando que a água se mova” (Sinais/João 5:2-3), a afirmação sobre a localização, em um presente, de onde havia ocorrido o milagre; confere a data aproximada de produção deste conjunto de passagens de sinais, porque a cidade de Jerusalém, e conseqüentemente a piscina Bethzata, foi destruída pelos romanos em 70 EC, na ocasião da Primeira Guerra Judaico-Romana (Tácito, Histórias V, 13 e Josefo, Guerra Judaica VI.1.1 e VII 1.1), de maneira que é possível inferir que a elaboração destas passagens não ultrapassa este ano. Uma outra passagem, contudo, pode refutar esta conclusão: “Os judeus responderam, dizendo a Jesus: ‘Que sinal nos mostras para fazeres tais coisas?’ Jesus respondeu dizendo-lhes: ‘Destruam esse santuário, e em três dias eu o levantarei’. Os judeus então disseram: ‘Há quarenta e seis anos vem sendo construído este santuário, e tu o levantarás em três dias?’ Jesus porém falava do santuário do seu corpo” (Sinais/João 2: 18-21), nesta passagem o seu autor demonstra conhecer a destruição do Templo de Jerusalém em 70 EC, ainda que não possamos assegurar isso, é um indicio que deve ser considerado, porque se se mostrasse verdadeiro, implicaria em afirmar que a fonte Sinais é posterior a 70 EC, sendo a possível contestação de Marcos (sinótico), ainda posterior a isso, contudo, não concluímos nada ainda a este respeito, porque Flávio Josefo (37 EC) preservou em sua “Guerra Judaica”, que um homem chamado Jesus ben Ananias (c. 60 EC), previa a destruição do Segundo Templo, anos antes dela (Guerra Judaica, VI. 5, 3), de maneira que não podemos seguir necessariamente da identificação de uma afirmação sobre a destruição do Templo presente em uma fonte, que o seu autor a elaborou com o conhecimento do evento que já havia sucedido (*vaticinium post eventum*).

não conheceram Jesus, que de fato ele foi o Messias anunciado pelos profetas, para este objetivo, essas narrativas eram exitosas, todavia, não permaneceram incontestáveis, isso é manifesto na existência da categoria de milagres como produto da fé, presentes no Núcleo Sinótico e João; além de serem milagres distintos dos de Sinais, expressamente os contestam.

Por que elaborar narrativas de milagres que contestam os milagres que promovem a fé, se os milagres de Sinais foram reais, e portanto, muitos os testemunharam? Qualquer resposta conjecturável só poderia supor que existiam testemunhas oculares de Jesus, entre elas, um número significativo que contestava os muitos e notórios feitos extraordinários de Jesus narrados em Sinais. Essas testemunhas poderiam ter afirmado não serem ele quem os profetas anunciavam, por nunca terem presenciado milagres feitos por ele, de forma a refutar as narrativas de Sinais por seus testemunhos, foi necessário aos autores que acreditavam ser Jesus o anunciado pelos profetas, portanto, contornar o obstáculo estabelecido por muitas de suas testemunhas. Para além da conjectura, o dado mais relevante é que, apesar de constituir-se como um núcleo precursor; as narrativas de Sinais devem ser compreendidas como fabulações⁷⁸, porque ao não preservá-las, o autor do Núcleo Sinótico expressou a falta de confiabilidade que exerciam, em tal medida, que as contestou quando expressamente divergiu da promoção da fé e quando apresentou somente narrativas de milagres que são produto da fé. As narrativas de Sinais, portanto, não serão contabilizadas entre os núcleos de passagens precursoras, tampouco as narrativas de milagres do Núcleo Sinótico⁷⁹ e do núcleo Q (Mateus-Lucas) serão contabilizadas, contudo, desses dois núcleos, as suas demais passagens serão contabilizadas, ainda que momentaneamente.

Do objetivo de identificar quais seriam as outras seções de passagens que compõem o Núcleo Sinótico e o núcleo Q (Mateus-Lucas), além da compartilhada entre eles, foi verificado acerca do Núcleo Sinótico, que as suas seções de passagens com narrativas de milagres possuem um indício de serem fabulações, portanto, agora é necessário verificar quais das suas outras passagens, entre elas as que são atestadas com o núcleo Q (Mateus-Lucas), e todas as desse mesmo núcleo referido; que são passagens fiáveis. Para isso, deverão ser identificadas as passagens dos núcleos precursores que se apresentam em, pelo menos, uma fonte não empregada pela ortodoxia, no entanto, não poderá ser usada uma versão dos evangelhos já abordados ou uma semelhante, mas sim uma fonte que apresente algumas seções de passagens do Núcleo Sinótico e do núcleo Q (Mateus-Lucas), entre todas as suas

⁷⁸ Isto, corrobora com os indícios de fabulações da maioria dos milagres, os que foram identificados no início deste capítulo quando comparei os milagres dos quatro evangelhos com os presentes no Novo Testamento.

⁷⁹ Com exceção das suas narrativas de milagres, pois, já foram verificadas como posteriores as narrativas de Sinais.

outras passagens que não são corroboradas por estes núcleos, nem corroboradas pelas demais passagens e fontes da ortodoxia. Assim, seria possível verificar entre as distintas passagens dessa outra fonte, as que são atestadas pelos núcleos precursores da ortodoxia. Poderia ser afirmado quais são as passagens que não são contestadas; que são atestadas entre diferentes tradições. Em suma, seria possível verificar quais são as passagens que, apesar das divergentes doutrinas, são igualmente preservadas, concebendo por isso, uma igualdade entre passagens não contestadas por estarem presentes em divergentes doutrinas e passagens fiáveis ou autênticas.

Por que não foram mencionadas as passagens do Evangelho de João que não compõem o Núcleo Sinótico nem o núcleo Q (Mateus-Lucas), antes de ser afirmado que será necessário identificar passagens de, pelo menos, uma fonte não adotada pela ortodoxia para verificar as passagens mais incontestáveis desses núcleos? Porque as passagens não abordadas do Evangelho de João, as que não são de Sinais e nem as relacionadas com o Núcleo Sinótico como se apresenta no Evangelho de Marcos; não são atestadas por esses núcleos de passagens precursoras, portanto, não são passagens precursoras. Quando essas outras passagens presentes em João são atestadas externamente, só são por uma seção de passagens de uma outra fonte, que não está entre as seções de passagens dos núcleos precursores.

Depois do esclarecimento, é devido abordar a fonte que possui seções de passagens que também se apresentam nas fontes da ortodoxia, todavia, que não é adotada por essa tradição. A principal fonte não empregada pela ortodoxia que abordarei é a intitulada: “Evangelho de Tomé”, porque compartilha passagens com: o Núcleo Sinótico; o núcleo Q (Mateus, Lucas); Mateus não sinótico; Lucas não sinótico; João; e Marcos não sinótico^{80 81}, além de preservar passagens não atestadas por estas fontes da ortodoxia. O principal fator para a importância do Evangelho de Tomé para a verificação de quais passagens dos núcleos

⁸⁰ Stephen J. Patterson em “*The Gospel of Thomas and Jesus*”, propõe a comparação de cada dito registrado no Evangelho de Tomé com a sua versão nos evangelhos sinóticos, estabelece a plausibilidade da hipótese de que este evangelho preserva e representa uma tradição independente da tradição e da interação dos evangelhos sinóticos (p. 18). Se fosse o caso que o Evangelho de Tomé depende, em alguma medida, da tradição dos evangelhos sinóticos, ou seja, que de alguma forma, seu autor promoveu uma interação com a tradição sinótica, ou alguma variação dela; seria muito viável identificar, nas ocasiões de paralelismos, um desenvolvimento comum entre os sinóticos e Tomé, ele, subjacente a versão de Tomé do dito e da versão sinótica: o autor que elaborou o Evangelho de Tomé, ao adotar a versão do conteúdo sinótico, teria preservado também o traço característico presente no conteúdo sinótico, de maneira que teria acrescentado depois disso sua própria tradição, contudo, não é o que apresenta, o Evangelho de Tomé não preserva o mesmo desenvolvimento característico dos evangelhos sinóticos, os ditos de Tomé se apresentam como pertencentes a uma tradição distinta da dos evangelhos sinóticos, ainda que o conteúdo seja semelhante.

⁸¹ O Evangelho de Tomé é um documento encontrado em três fragmentos escritos em grego e um em manuscrito em língua copta. Sendo as partes em grego o papiro Oxy. 654, contendo o prólogo e ditos de 1 à 7, o papiro Oxy. 1 contendo aos ditos 26 à 30, 77.2, 31 à 33, e o papiro Oxy. 655 que contém os ditos 24, além dos 36 à 39. Algumas destas passagens, as que são atestadas externamente; poderão ser verificadas na tabela do Apêndice B.

precursores são as mais fiáveis, deve-se ao fato de que este evangelho era empregado por um movimento não ortodoxo. Com o uso de um procedimento semelhante ao empregado na fonte de Sinais, será possível identificar por meio de uma fonte como o Evangelho de Tomé, no emprego do seu autor de passagens dos núcleos precursores; quais passagens do Núcleo Sinótico e do núcleo Q (Mateus-Lucas) eram também concebidas por um movimento não ortodoxo como descrições das palavras e ações autênticas de Jesus. Antes de mais nada, contudo, vou introduzir este evangelho e os outros que também poderiam ser concebidos como ele, para verificar se efetivamente ele e as demais fontes, são independentes da ortodoxia, ou se não são, apesar de empregadas por movimentos com doutrinas divergentes dela⁸².

Hipólito de Roma (c. 222 – c. 235 EC) em sua obra “Refutação de Todas as Heresias”, caracteriza e problematiza o Evangelho de Tomé, afirmando que ele foi construído em observância às crenças de um movimento cujos integrantes eram identificados como “Naasenos”, os mesmos que também o empregavam.

Começamos pelos hereges que tiveram a ousadia de venerar à serpente, causa do terror, imaginando doutrinas sob a inspiração deste animal. Os sacerdotes e esclarecidos desta doutrina foram primeiro os denominados “Naasenos”, assim conhecidos com um termo hebreu, “naas”, que significa serpente. (...) Depois se autodenominaram “Gnósticos”. Proclamando-se os únicos conhecedores do profundo conhecimento (Hipólito, Refutação de Todas as Heresias V, pp. 24-25).

Hipólito introduz o movimento responsável pela doutrina que objetará por meio da sua argumentação.

Opinam que não somente dão testemunho de sua doutrina os mistérios dos assírios e frígios, mas também os dos egípcios, concernentes à bem-aventurança da natureza às vezes escondida e às vezes manifesta (...). Esta natureza é, dizem, o buscado reino dos céus que há no homem interior, sobre o qual transmitem com precisão o que se encontra escrito no denominado “Evangelho de Tomé” (...) (Hipólito, Refutação de Todas as Heresias, V, pp. 34).

O autor além de descrever o que conhece do mencionado movimento, refere-se ao documento por ele empregado, que preserva as doutrinas que contesta.

“O que me busca me encontrará entre as crianças a partir dos sete anos; escondido, ali me manifestarei no décimo quarto eon.” Mas isto não é de Cristo, mas sim de Hipócrates, que afirma: “O menino de sete anos é a metade do pai.” (Hipólito, Refutação de Todas as Heresias, V, pp. 34).

⁸² Visto que as fontes da ortodoxia também poderiam circular em ambientes não ortodoxos, apesar de possuírem doutrinas que corroboram com a ortodoxia.

Hipólito ao citar a passagem, possibilita a verificação de que está referindo-se ao Evangelho de Tomé, porque a passagem que se refere trata exatamente do dito quarto presente na fonte de mesmo título que foi preservada. Além desta verificação, este trecho possibilita a identificação de uma concepção já estabelecida na contemporaneidade de Hipólito, quando ao citar um trecho deste evangelho, contestando-o ao afirmar não ser “de Cristo”; indica, indiretamente, que em alguma ou algumas fontes, eram preservadas palavras equivocadamente atribuídas a Jesus. Embora tal afirmação se constituía simplesmente como uma forma de negação de doutrinas não ortodoxas, configura-se como um dado indispensável que nos assegura que a distinção promovida nesta dissertação, entre o que efetivamente Jesus havia dito e o que simplesmente se atribuía a ele, não é uma distinção inexistente para os primeiros movimentos que preservaram informações sobre Jesus. O ensejo presente desde o início desta dissertação, o de encontrar o que de fato Jesus disse e o que ele não disse, diferenciar-se-á da distinção de Hipólito, porque enquanto a dele é estabelecida por sua fé nas fontes da ortodoxia, ou seja, do princípio de que o conteúdo que está presente nelas é verdadeiro, o que será levado a cabo aqui, parte do critério da não contestação, quando duas tradições divergentes, preservam as mesmas passagens.

Orígenes (c. 253) também menciona um evangelho atribuído a Tomé, mas não redige em sua obra alguma passagem dele, de forma que não é possível verificar se efetivamente estava tratando do que conhecemos ou não, todavia, a sua principal informação é a de que “a heresia” possuía muitos evangelhos, enquanto a Igreja apenas quatro, e estes, ao contrário dos outros, inspirados pelo Espírito Santo; os quais possuíam “as verdades sobre a pessoa de Nosso Senhor e Salvador”. Podemos afirmar, portanto, que Orígenes possuía a crença de que haviam informações verdadeiras sobre Jesus em fontes escritas; sua fé estabeleceu que eram as contidas nos quatro evangelhos da ortodoxia⁸³.

⁸³ “Certamente, Mateus, Marcos, João e Lucas não ‘tentaram’ escrever, mas sim que, cheios do Espírito Santo, escreveram Evangelhos. Portanto, ‘muitos tentaram ordenar o relato daqueles acontecimentos que conhecemos de um modo claramente manifesto’. A Igreja tem quatro evangelhos; a heresia, muitos; um destes últimos está escrito ‘Segundo os Egípcios’, outro ‘Segundo os Doze Apóstolos’. Também Basíledes ousou escrever um evangelho e o intitulou com seu nome. ‘Muitos tentaram’ escrever, mas só quatro evangelhos foram aprovados, dos quais devemos extrair as verdades sobre a pessoa de Nosso Senhor e Salvador. Conheço também um evangelho que se chama ‘Segundo Tomé’, e outro ‘Segundo Matias’. E temos lido também outros muitos, não vá a ser que dê a impressão de que desconhecemos algo deste tema aos olhos dos que pensam que sabem algo porque os conhecem.” (Orígenes, Homílias, Lucas, I, 1-2, p. 43). Tradução desde o espanhol sob minha responsabilidade.

Se os evangelhos empregados pelos “hereges⁸⁴” apresentam passagens com ditos equivocadamente atribuídos a Jesus, tendo sido alguns deles elaborados desde “doutrinas inspiradas pela serpente”, por Hipólito, símbolo negativamente concebido; e que “as verdades sobre a pessoa de Nosso Senhor” estavam somente dispostas nos quatro evangelhos aprovados pela ortodoxia, como defendeu Orígenes, então, os evangelhos dos “hereges” podem não apresentar o conteúdo que esta investigação enseja identificar nas fontes, a saber, as passagens que apresentam a recepção comum de informações sobre Jesus pelas testemunhas oculares, tal inferência, todavia, é equívoca, porque algumas dessas fontes apresentam núcleos de passagens atestados pela ortodoxia. Antes de analisar, portanto, a sua invalidade, evoco mais informações providas dos pais da Igreja acerca de outras fontes elaboradas ou empregadas pelos “hereges”.

Pelo termo “hereges”, também eram caracterizados os que usavam os evangelhos adotados pela ortodoxia, todavia, segundo alguns pais da Igreja, os referidos elaboravam suas doutrinas a partir do mal uso dessas fontes. Eles eram: os Ebionitas, que empregavam o Evangelho de Mateus⁸⁵ que, segundo Epifânio (c. 310 EC), chamavam “de acordo com os hebreus”; fazendo sobre ele “suposições”, as quais, afirma que eram refutadas pelo próprio evangelho. Segundo Irineu de Lyon (130-200 EC), eles consideravam que Jesus havia sido gerado por José⁸⁶, e segundo Eusébio de Cesaréia (264-340 EC), acreditavam que a excelência de Jesus não se devia a sua divindade, mas sim a sua superior virtude⁸⁷, e que para os seus seguidores, a “observância da lei cerimonial era completamente necessária”, não sendo

⁸⁴ O que precisamente os pais da Igreja estavam se referindo com o emprego de “hereges”, era aos integrantes dos movimentos que não adotavam ou empregavam as suas doutrinas e evangelhos que estabeleceram como autênticos, a razão que definiria o que era herético e o que era ortodoxo, portanto, estava disposta na dicotomia: nós e os outros, entre o familiar e o estranho, de maneira que “heresia”, poderia ser concebido como um juízo aplicável ao outro que não possuía a doutrina adotada, e não um predicado aplicável desde uma característica que a eles era própria e comum.

⁸⁵ “Eles também aceitam o Evangelho segundo Mateus. Eles também se utilizam dele como o fazem os seguidores de Cerinto e Merinto. Eles o chamam, porém, 'de acordo com os Hebreus', que é o nome correto, pois Mateus é o único nome de evangelista no Novo Testamento que escreveu em hebraico e com as letras hebraicas.” (Contra as Heresias ou Panarion 30.3.7). E Jerônimo: “No Evangelho que os nazarenos e os ebionitas utilizam, que eu traduzi recentemente do hebreu para o grego e que é chamado de 'autêntico texto de Mateus' por muitos, está escrito ...” (Comentário ao Evangelho de Mateus 12.13).

⁸⁶ Irineu de Lyon é mais específico: “(...) Eis que uma jovem mulher conceberá e dará à luz um filho” (Isaias 7:14). “(...) Os ebionitas, seguindo estes, afirmam que Ele foi gerado por José” (Irineu de Lyon, Contra as Heresias 21:1).

⁸⁷ “Os antigos muito propriamente chamaram estes homens ebionitas, porque eles mantinham opiniões pobres e medíocres a respeito de Cristo. Pois eles o consideravam um simples e comum homem, que foi justificado somente por causa de sua superior virtude, e que era o fruto do intercurso de um homem com Maria.” (História Eclesiástica III.27, 27). Um dos “antigos” referido por Eusébio, pode ser Inácio de Antioquia (c. 68 – 100 EC) que redigiu: “Se alguém diz que existe um só Deus, e também confessa Cristo Jesus, mas pensa que o Senhor é um mero homem, e não o unigênito Deus, e a Sabedoria, e a Palavra de Deus, e considera que Ele consiste meramente de uma alma e corpo, este tal é uma serpente, que prega engano e erro para a destruição dos homens. E tal homem é pobre em entendimento, até mesmo por nome ele é um Ebionita.” (Epístola aos Filadelfenses, VI).

somente fundamentais a crença nele e uma “vida correspondente”⁸⁸. Eusébio também afirmou que havia um outro movimento que também tinha integrantes que eram chamados de “ebionitas”, apesar de que “evitavam as estranhas e absurdas crenças” dos outros; também cometiam equívocos⁸⁹ segundo o seu juízo, entre esses, a não adesão às cartas do apóstolo Paulo, restringindo-se ao uso exclusivo do Evangelho dos Hebreus⁹⁰, de forma que recebiam o nome “ebionitas,” devido a uma suposta “pobreza do seu entendimento”. Não atribuíam a si mesmos, portanto, tal denominação; eram reconhecidos pela ortodoxia desta forma⁹¹. Por sua vez, acerca do Evangelho dos Hebreus que empregavam, poderia, segundo Epifânio, ser uma versão do Evangelho de Mateus escrita em “hebreu”, ele, contudo, atribuiu o uso deste evangelho a um outro movimento cujos integrantes eram chamados de “Nazarenos”⁹². Estes movimentos, a saber, um dos dois denominados “ebionitas”, e o movimento dos “nazarenos”, poderiam ser na verdade um único movimento nomeado diversamente pela ortodoxia, ora seus integrantes eram chamados de “ebionitas”, ora como “nazarenos”. A imprecisão, todavia, não permite que possamos assegurar se “nazarenos” era a forma com a qual um dos movimentos denominados “ebionitas”, denominavam a si mesmos⁹³.

⁸⁸ “Em sua opinião a observância da lei cerimonial era completamente necessária, pelo motivo de que eles não podiam ser salvos pela fé em Cristo somente e por uma vida correspondente.” (História Eclesiástica III. 27, 27).

⁸⁹ “Havia outros, porém, além deles, que eram do mesmo nome, mas evitavam as estranhas e absurdas crenças dos anteriores, e não negavam que o Senhor nasceu de um virgem e do Espírito Santo. Mas não obstante, tendo em vista que eles também se recusavam a reconhecer que ele preexistiu, sendo Deus, Palavra, e Sabedoria, eles se desviavam para a impiedade dos anteriores, especialmente quando eles, como eles, esforçavam-se para observar estritamente o culto corporal da lei.” (História Eclesiástica III. 27, 27).

⁹⁰ “Estes homens, além disso, pensavam que era necessário rejeitar todas as epístolas do apóstolo, que eles chamavam um apóstata da lei; e eles usavam somente o assim chamado Evangelho segundo os Hebreus e tinham em pequena conta o resto.” (História Eclesiástica 3:27 cap. 27).

⁹¹ “Portanto, em consequência de tal curso eles receberam o nome de ebionitas, que significava a pobreza do seu entendimento. Pois este é o nome pelo qual um homem pobre é chamado entre os hebreus.” (História Eclesiástica III. 27, 27).

⁹² “Está no seu poder [dos nazarenos] o Evangelho segundo São Mateus, completíssimo, e em hebreu. Pois entre eles se conserva, sem dúvida, ainda este tal como foi composto originariamente, em caracteres hebreus. O que não sei é se suprimiram as genealogias desde Abraão até Cristo.” (Epifânio, Contra as Heresias ou Panarion. 1.1 t.2 c.29,9: PG 41.405A). Tradução desde o espanhol sob minha responsabilidade.

⁹³ Até aqui, acerca do Evangelho dos Hebreus e do/s movimento/s dos ebionitas e nazarenos, só podemos concluir em termos aproximados; sobre o evangelho, que ele pôde ser uma ou diferentes versões de um mesmo não preservado documentalmente, e sobre os movimentos, que foram um ou diferentes movimentos semelhantes. O que ressalvo é que devemos ater-nos que os evangelhos dos ebionitas, nazarenos, e o simplesmente atribuído como “dos hebreus”, por não terem sido preservados, e apenas mencionadas partes suas pelos pais da Igreja, as quais em atestação com outros evangelhos inscrevo na tabela do Apêndice B; não devem ser concebidos necessariamente como diferentes evangelhos, nem mesmo independentes dos canonizados pela ortodoxia, porque o problema da distinção entre ebionitas e nazarenos e se empregavam um Evangelho dos Hebreus, ou diferentes evangelhos que ganharam este nome, impede-nos de estabelecer assertivas acerca destas distinções, apesar disso, não devemos nos preocupar pelas imprecisões, porque o devemos investigar é o conteúdo que preservam entre aquilo que não preservam, que está inscrito na tabela do Apêndice B, porque ali inscrevi as diferentes passagens atestadas externamente destas fontes, quando foram citadas pelos pais da Igreja e atribuídas indiretamente como pertencentes a fonte empregada ora pelos ebionitas, ora pelos nazarenos, e diretamente como pertencentes ao Evangelho dos Hebreus. Efetivamente como foi expresso no último período, não saberemos quais foram todas as passagens que preservaram em detrimento das que não foram, pois, os pais da

Continuando a investigar sobre o Evangelho dos Hebreus, Eusébio de Cesareia e Irineu de Lyon preservaram que segundo o que afirmava Pápias de Hierápolis; foi um evangelho elaborado por Mateus, que “pôs em ordem os dizeres (de Jesus) na língua hebraica”⁹⁴. Como vimos, Epifânio afirmou que “Mateus é o único nome de evangelista no Novo Testamento que escreveu em hebraico e com as letras hebraicas.” (Contra as Heresias ou Panarion 30.3.7), mesmo que possa estar simplesmente repetindo o que a tradição já havia estabelecido desde Pápias, isso, pode levar-nos a lembrar que os ebionitas eram um movimento que “(...) usavam somente o assim chamado Evangelho segundo os Hebreus e tinham em pequena conta o resto.” (História Eclesiástica III. 27, 27), e ademais disso, o que Epifânio afirmou, que os ebionistas: “aceitam o Evangelho segundo Mateus (...). Eles o chamam, porém, 'de acordo com os Hebreus', que é o nome correto, pois Mateus é o único nome de evangelista no Novo Testamento que escreveu em hebraico e com as letras hebraicas.” (Contra as Heresias ou Panarion 30.3.7), e finalmente o que Eusébio afirmou, que: “(...) na sua opinião (dos ebionitas) a observância da lei cerimonial era completamente necessária, pelo motivo de que eles não podiam ser salvos pela fé em Cristo somente e por uma vida correspondente.” (História Eclesiástica III.27, 27), ou seja, possivelmente eram judeus eruditos que empregavam o documento com os caracteres de sua língua; é válido inferir, portanto, que o evangelho do qual Pápias se referiu, poderia tratar-se do mesmo evangelho escrito na língua dos hebreus que posteriormente os ebionitas usavam, ou uma versão sua.

Quando verificamos se os evangelhos empregados pelos ebionitas e pelos Nazarenos, como também, o Evangelho dos Hebreus, têm o mesmo conteúdo do Evangelho de Mateus, podemos identificar por meio da tabela do Apêndice B⁹⁵, que o Evangelho dos Ebionitas nas sinopses: 20; 21; 75; 86; e 151, das colunas horizontais dispostas em cor azul, ou seja, em todas as suas ocorrências preservadas, atesta passagens que também se apresentam no Evangelho de Mateus. O Evangelho dos Nazarenos, nas sinopses: 79; 133; 135; e 139, das colunas horizontais dispostas em cor azul, ou seja, em todas as suas ocorrências preservadas;

Igreja apenas citam passagem seletas, mas nos ocuparemos de simplesmente verificar e concluir em termos aproximados. O objetivo principal da minha adoção deste/s evangelho/s, na tabela do Apêndice B, não é acrescentar um número maior de atestação externa as passagens que também se apresentam em outras fontes, já que não é este o critério que admito para identificar quais são as passagens que podem ter como origem relatos de testemunhas oculares, mas sim as atestadas externamente que se apresentam em diferentes tradições.

⁹⁴ Irineu: “Mateus, (que pregou) aos Hebreus em sua própria língua, também pôs por escrito o Evangelho, quando Pedro e Paulo evangelizavam e fundavam a Igreja. (Contra as Heresias, I, 1.1); Eusébio: “A respeito de Mateus assevera o seguinte: ‘Mateus escreveu os oráculos divinos na língua hebraica; cada qual os interpretou como pôde’” (Historia Eclesiástica, III, 39.16).

⁹⁵ Por aproximação, visto que esses evangelhos só se encontram preservados em trechos mencionados pelos pais da Igreja.

atesta passagens do Evangelho de Mateus. Já o Evangelho dos Hebreus, nas sinopses: 23; 24; 47; e 81, das colunas horizontais dispostas em cor azul, atesta passagens que também se apresentam no Evangelho de Mateus, com uma única exceção, a sinopse 161, porque esta passagem não é apresentada por Mateus. Disso, podemos concluir por indução incompleta, que estes evangelhos podem ser a mesma, ou uma versão muito semelhante do Evangelho de Mateus.

Os demais movimentos definidos pelo termo “hereges”, assim caracterizados porque usavam “incorretamente” os evangelhos adotados pela ortodoxia e construíam suas doutrinas a partir, supostamente, do equívoco, eram: o de Marcião (85-160 EC), que fazia uso “reprovável” do Evangelho de Lucas, sendo um destes usos o de subtrair partes; o movimento que Irineu denominava simplesmente como daqueles que “separam Jesus, de Cristo”, que empregavam o Evangelho de Marcos, não admitindo que Jesus fosse o Messias esperado pelos judeus; e o movimento de Valentino (c. 100-160 EC), que empregava o Evangelho de João “fazendo uso copioso”.

Mas Marcião, mutilando aquele segundo Lucas, é provado ser um blasfemador do único Deus existente, por aquelas [passagens] que ele ainda retém. Aqueles, novamente, que separam Jesus, de Cristo, alegando que Cristo permaneceu impassível, mas que foi Jesus que sofreu, preferindo o Evangelho segundo Marcos, se eles o lessem com amor pela verdade, teriam seus erros retificados. Aqueles, além disso, que seguem Valentino, fazendo uso copioso daquele segundo João, para ilustrar suas conjunções, será provado estarem totalmente em erro por meio deste mesmo Evangelho, como eu mostrei no primeiro livro. Então, visto que nossos oponentes dão testemunho para nós, e fazem uso destes [documentos], nossa prova derivada deles é firme e verdadeira (Irineu de Lyon, *Contra as Heresias*, 3,11:7).

A característica própria e inconfundível que um evangelho pode possuir, seja um evangelho da ortodoxia como os das “heresias”, não está precisamente em quais passagens preserva, mas sim de quais conjuntos de passagens está composto, portanto, a diferença entre uma fonte “X” que apresenta um conjunto de passagens “A”, de uma fonte “Y” que também possui o mesmo conjunto “A”, está que em “X”, “A”, é composto com o conjunto “B”, ao passo que na fonte “Y”, o seu autor compõe “A” com o conjunto “C”. Quando Irineu de Lyon afirmou que o evangelho empregado pelo movimento de Marcião era o Evangelho de Lucas sem algumas de suas passagens⁹⁶, afirmou que seu evangelho partilhava das mesmas

⁹⁶ Não abordarei o “Evangelho de Marcião” justamente porque não era um outro evangelho, mas o mesmo de Lucas, com a subtração de algumas de suas passagens, portanto, não cumpre o requisito mínimo para ser mencionado na tabela do Apêndice B, que é possuir passagens atestadas externamente a uma tradição. A verificação de que o documento empregado pela comunidade de Marcião era o Evangelho de Lucas pode ser levada a cabo nas passagens da próxima referência, citadas pelos pais da Igreja, Tertuliano (160-240 EC) e Epifânio, respectivamente: “Contra Marcião IV.7-43” e “Contra as Heresias ou Panarion. 42”. Não emprego as

composições de passagens de Lucas, ou seja, se seções de passagens “A” e “B” se apresentavam articuladas em Lucas, o autor do documento de Marcião também articulava “A” e “B”, distinguindo-se apenas por algumas subtrações de passagens. Se adotássemos as fontes dessas “heresias” mencionadas por Irineu, para identificar quais passagens dos núcleos precursores são passagens que também se apresentam em outras tradições, qualquer verificação a partir delas seria inválida, porque se a diferença de outros evangelhos na composição de conjuntos de passagens é o que aporta identidade a um evangelho, nos casos dessas “heresias”, verificamos que suas composições convergem com as composições de passagens dos evangelhos da ortodoxia, não sendo, portanto, fontes diferentes, tampouco fontes de tradições diferentes. “Tradições”, aqui, são os modos particulares de articulação de determinados conjuntos de passagens. Anteriormente havia afirmado que não derrocava no equívoco de datar as fontes, porque cada uma delas são composições de passagens de diferentes origens e temporalidades, neste momento, para o ensejo de identificar as fontes de diferentes tradições independentes da ortodoxia que atestam as suas passagens, conceber as fontes não a partir da origem do seu conteúdo, mas sim a partir da origem das composições, é fundamental. O Evangelho de Tomé, até aqui, continua sendo a fonte que expressa ser de uma tradição independente da tradição dos evangelhos da ortodoxia, quando atesta algumas passagens dos seus núcleos precursores, mas não suas composições, não expressa, portanto, preservar essas passagens desde a tradição de fontes da ortodoxia, mas sim como ela.

Das fontes que não são dependentes das composições de conjuntos de passagens da ortodoxia, abordo a fonte que possui as passagens da narrativa da Paixão e os momentos logo precedentes a ela; o “Evangelho de Pedro”⁹⁷. Embora não mencione algum trecho do evangelho, Eusébio de Cesareia afirmou que de Serapião de Antioquia (191-211 EC), foi preservado, segundo o que soube, dentre outros documentos, um “tratado que compôs acerca do chamado Evangelho de Pedro”, no qual redigia refutações às doutrinas presentes neste evangelho, elas, que haviam sido adotadas por alguns membros da Igreja de Rosos, cujos integrantes se justificavam com o apoio desta fonte. Eusébio, além de preservar a informação que este evangelho foi utilizado por alguns membros da Igreja de Rosos, também atribui o emprego dele aos “docetas”, que por terem empregado esta fonte, tornaram possível a

doutrinas de Valentino, nem o evangelho atribuído a ele, chamado de “Evangelho da Verdade” (Irineu de Lyon, *Contra as Heresias*, 3,11:9); na tabela do Apêndice B, porque não possuem atestação externa.

⁹⁷ O Evangelho de Pedro foi encontrado por meio de um trabalho arqueológico, pois, os pais da Igreja apenas o mencionam. Para saber mais sobre os detalhes da sua descoberta indico a obra: Bouriant, *Fragments du texte grec du livre d'Énoch et de quelques écrits attribués à saint Pierre* in *Mémoires de la mission archéologique française au Caire* 1892. As passagens deste evangelho, atestadas externamente, poderá encontrar na tabela do Apêndice B.

identificação de que “a maior parte está conforme a reta doutrina do Salvador, mas também algumas coisas que se distinguem e que vos submetemos.”⁹⁸.

No início deste capítulo, quando abordava as contradições internas dos evangelhos do Novo Testamento, problematizei as passagens que descreviam milagres, porque além de serem contrapartes das passagens nas quais Jesus se negava a realizar feitos extraordinários, as narrativas que as caracterizavam se assemelhavam a descrições de mesma natureza, presentes no Antigo Testamento, quando eram atribuídos aos profetas; agora, ao abordar o Evangelho de Pedro e suas passagens atestadas externamente⁹⁹, identifico que se constituem somente entre as narrativas da Paixão, as quais também é possível verificar uma outra categoria de problema, porque apesar de serem passagens que não se apresentam em contradição, possuem indícios de serem reelaborações de passagens do Antigo Testamento. Isto, poderá ser verificado em uma nova tabela, agora, presente no Apêndice C, na qual dispus na coluna 1, as passagens da Paixão nos quatro evangelhos da ortodoxia e no Evangelho de Pedro, que não são fortuitamente semelhantes a algumas do Antigo Testamento, e as passagens do Antigo Testamento que se assemelham a elas, na coluna 2. Esta verificação resulta na mesma proposição das passagens que apresentam feitos extraordinários atribuídos a Jesus de Nazaré, a saber, o indício de poderem ser fabulações elaboradas desde passagens do Antigo Testamento. A construção de passagens assim caracterizadas, poderia ser motivada pela tentativa de conformar o que se esperava que Jesus fosse, e o que ele realmente foi, ademais, poderiam contornar o problema da morte na cruz. Dentre todos os elementos que compõe as descrições da Paixão, apenas um pesa contra a imagem de Jesus, sendo ele, hipoteticamente, também a causa das descrições: a punição de Jesus por meio de uma cruz¹⁰⁰.

⁹⁸ “(...) e outro tratado que compôs Acerca do chamado Evangelho de Pedro; escreveu-o refutando as falsidades que neste se dizem, por causa de alguns da igreja de *Rosos* que, com o pretexto da dita Escritura, haviam-se desviado para ensinamentos heterodoxos. Será bom oferecer deste livro algumas sentenças nas quais apresenta sua opinião sobre aquele livro; escreve assim: 3. ‘Porque também nós, irmãos, aceitamos Pedro e os demais apóstolos como a Cristo, mas como homens de experiência que somos, rechaçamos os falsos escritos que levam seus nomes, pois sabemos que não nos transmitiram semelhantes escritos. 4. Porque eu mesmo, achando-me entre vós, supunha que todos vos ativésseis à fé reta, e sem ter lido o Evangelho que eles me apresentavam com o nome de Pedro, disse: ‘se é apenas isto que parece preocupar-vos, que se leia’. Mas agora que me inteirei, pelo que me disseram, de que seu pensamento se ocultava em certa heresia, terei pressa para estar novamente entre vós; de maneira que, irmãos, esperai-me em breve. 5. Quanto a nós, irmãos, compreendemos a que heresia pertencia Marciano, o qual se contradizia e não sabia o que falava (isto aprendereis pelo que vos escrevi). 6. Efetivamente, graças a outros que praticaram este mesmo Evangelho, ou seja, graças aos sucessores dos que o iniciaram, aos quais chamaremos docetas (porque a maior parte de seu pensamento pertence a este ensino), por terem-no emprestado eles, pudemos lê-lo cuidadosamente, e achamos a maior parte conforme a reta doutrina do Salvador, mas também algumas coisas que se distinguem e que vos submetemos.’” (História Eclesiástica, VI, 12)

⁹⁹ Que podem ser verificadas na tabela do Apêndice B.

¹⁰⁰ Acerca da necessidade de preservarem passagens que podem ter gerado embaraços. A ocorrência delas, poderia ter sido levada a cabo conscientemente, devido terem sido outrora, ditos testemunhais. Ainda que, novamente, gerassem embaraços, essas passagens, deveriam ser preservadas porque poderiam haver testemunhas que as reivindicariam. Esse fator pode ter promovido a necessidade consequente de adicionar-se seções que

Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, seu cadáver não poderá permanecer na árvore à noite; tu o sepultarás no mesmo dia, pois o que for suspenso é um maldito de Deus. Deste modo não tornarás impuro o solo que Iahweh teu Deus te dará como herança (Deuteronômio 21:22-23).

Podemos identificar um indício do que motivou a elaboração das narrativas da Paixão: o fato de que a morte de Jesus foi impetrada por crucificação, portanto, seu corpo foi mantido “pendurado”. A possibilidade de Jesus poder ter sido amaldiçoado por Deus, obstaculizaria a crença na sua messianidade, de forma que a elaboração de uma narrativa que a circunscrevesse nas predições dos profetas, superaria a contradição entre como ele foi concebido e o que contrariamente a isso pôde ter sucedido. Em um cenário mais otimista, se adotássemos as passagens do Evangelho de Pedro atestadas pelo Núcleo Sinótico como consistentes, por não concebermos os indícios de fabulações como conclusivos, admitindo que essas passagens poderiam narrar fatos; pouco acrescentaríamos pelo emprego desta fonte, ao fato da crucificação de Jesus, porque as suas passagens atestadas externamente não a negam, mas sim a confirmam; por limitar-se a narrar os eventos compreendidos na Paixão, ou seja, os momentos logo anteriores à morte de Jesus, o Evangelho de Pedro não aporta nada de conclusivo à identificação de quais das demais passagens do Núcleo Sinótico e do núcleo Q (Mateus-Lucas) são as mais fiáveis.

Três outros evangelhos podem ser independentes das composições da ortodoxia, todavia, não são fontes que podem ser empregadas para a identificação de quais passagens dos núcleos precursores da ortodoxia são as mais fiáveis. Os evangelhos referidos são: o “Protoevangelho de Tiago”; o “Evangelho da Infância, de Tomé”; e o “Evangelho de Pseudo Mateus”; não devem ser empregados, apesar de pertencerem a tradições não ortodoxas, porque suas passagens não são atestadas por passagens presentes nos núcleos precursores da ortodoxia, que como vimos, são núcleos primitivos. Apresentam seu conteúdo atestado externamente apenas com as passagens sucessoras, para lembrar: Marcos (não sinótico); Mateus (não sinótico e não Q [Mateus-Lucas]); Lucas (não sinótico e não Q [Mateus-Lucas]); e João, além do mais, por parte significativa de seus conteúdos serem compreendidos entre as narrativas da natividade de Jesus, possuem pouca possibilidade de estarem preservando relatos testemunhais, visto que estas narrativas já foram problematizadas na tabela do Apêndice A.

carregam doutrinas “X” ou “Y” que buscam superar os embaraços, algo que, novamente, podia fazer que não abdicassem da doutrina de suas tradições, ao preservar tais passagens controversas.

Assegurando-nos pelas ressalvas feitas no último parágrafo, acrescento a fim de contextualização que o Protoevangelho de Tiago foi mencionado por Orígenes, quando se referindo a uma de suas passagens, uma das mesmas que podem ser verificadas no documento sobrevivente, afirmou que a tradição que o empregava defendia que os irmãos de Jesus eram filhos de José de seu primeiro casamento¹⁰¹. O Evangelho da Infância, de Tomé, por sua vez, foi mencionado por Irineu de Lyon indiretamente, quando simplesmente mencionou uma de suas passagens sem denominar o evangelho a qual pertencia; a atribuição a este evangelho é justificada, porque no documento sobrevivente que leva esse nome, encontramos a mesma passagem evocada por Irineu. Refere-se ao documento como uma “fábula” sobre a infância de Jesus, elaborada pelos “hereges”¹⁰². Já acerca do Pseudo Evangelho de Mateus, ou “Evangelho da Infância, de Mateus”, ou até mesmo “O Livro de Maria Santíssima e da Infância do Salvador”; não foram preservadas informações a seu respeito, sabemos que compartilha similitudes com o Protoevangelho de Tiago e contém apenas uma atestação externa com os evangelhos da ortodoxia, a que pode ser verificada na tabela do Apêndice B¹⁰³.

Uma outra categoria de documentos com passagens atestadas externamente sobre Jesus de Nazaré deve ser abordada, contudo, de maneira semelhante ao Protoevangelho de Tiago, o Evangelho da Infância, de Tomé, e o Pseudo Evangelho de Mateus; não devem ser adotados para a identificação de quais passagens dos núcleos precursores da ortodoxia são atestadas por outras tradições. Estes documentos não podem ser seguramente categorizados como fontes independentes da ortodoxia porque são textos fragmentários, descobertos por trabalhos arqueológicos, e por atestarem apenas, majoritariamente, o Núcleo Sinótico, o que pode ser um indício de serem parcelas de versões alternativas de um dos evangelhos sinóticos.

¹⁰¹ “Mas alguns dizem, baseando-se numa tradição do Evangelho de Pedro, como é intitulado, ou ‘O livro de Tiago’, que os irmãos de Jesus eram filhos de José com uma ex-esposa, com quem ele se casou antes de Maria.” (Comentário ao Evangelho de Mateus, 17, 5.265). A passagem referida do Protoevangelho de Tiago, é a passagem 9. Possivelmente por conceber José como sendo esposo de Maria, depois de já ter tido esposa; este evangelho não foi admitido pela ortodoxia.

¹⁰² “Além destes, eles acrescentaram muitos escritos apócrifos e bastardos, que causam admiração aos ignorantes, que desconhecem as verdadeiras Escrituras. Entre outras, difundem aquela fábula sobre o Senhor que, quando era menino e aprendia as letras, seu mestre lhe havia dito: ‘De alfa’, e o havia respondido: ‘Alfa’. De novo lhe havia ordenado dizer: ‘Beta’, e o Senhor lhe havia respondido: ‘Primeiro me dê tu que es alfa, e logo eu te direi o que é beta’. E a explicam dizendo que somente ele conhecia ao Desconhecido, escondido baixo a figura do alfa.” Tradução sob minha responsabilidade. (Contra as Heresias, I, 2.7.8, 20.1). A passagem em questão pode ser: Evangelho da Infância, de Tomé, passagem 6 ou 14.

¹⁰³ Este pode ser um evangelho tardio. Para saber mais sobre este documento, ver a obra de Bart Ehrman: *The Apocryphal Gospels: Texts and Translations*, pp. 73-113. “Longe de ser um escrito homogêneo, é, na verdade, esta composição, um mosaico com abundantes empréstimos de outros evangelhos (...) e de diversas lendas da infância (e18-24.40-42)” (*Los Evangelios Apócrifos*, Aurelio de Santos Otero, p.75).

Os referidos documentos são: “Evangelho *Egerton*”¹⁰⁴; o “Fragmento *Strasbourg*”¹⁰⁵; o “Papiro *Merton 51*”¹⁰⁶; o “Fragmento *Fayyum*”¹⁰⁷; o “Ev. *Oxyrinchus 1224*”¹⁰⁸; e o “Fragmento de Cairo”¹⁰⁹. Eles não foram mencionados por nenhum pai da Igreja, ou quando possivelmente foram, foram por meio de outra denominação, o que pode indicar que são versões dos mesmos evangelhos já abordados. A verificação de suas passagens atestadas externamente poderá ser levada a cabo na tabela do Apêndice B, e a razão da minha escolha em inscrevê-los nesta tabela, diferentemente de apenas mencioná-los como fiz com os evangelhos de Marcião; dos que “separam Jesus, de Cristo”; e de Valentino, é que acerca destes últimos, há dados¹¹⁰ que indicam de que se tratavam dos mesmos da ortodoxia.

Depois de abordar todas as outras fontes que compartilham passagens com as fontes da ortodoxia e ter identificado que apenas o Evangelho de Tomé será empregado para a identificação de quais passagens dos núcleos precursores da ortodoxia podem ser mais primitivas, proponho para facilitar a verificação de quais passagens dos núcleos precursores da ortodoxia são atestadas externamente, a disposição dos dados a esse respeito na Figura 1. O sistema de cores das flechas é o seguinte: vermelho se refere a passagem que, além do evangelho denominado, também se apresenta no Núcleo Sinótico; laranja, a que também se apresenta no Evangelho de Sinais; verde, a que também se apresenta no núcleo Q (Mateus-Lucas); rosa, a que também se apresenta no Evangelho de Mateus; amarelo, a que também se apresenta no Evangelho de Lucas; e azul, a que também se apresenta no Evangelho de João. Os números poderão ser usados para a identificação de qual sinopse de passagem se trata na tabela do Apêndice B. As flechas e as suas cores, portanto, servem para a melhor identificação de quantas passagens atestadas externamente as fontes “heréticas” possuem com as fontes da ortodoxia e quais são elas. Os números das passagens referentes à tabela, que não possuem flechas indicativas, tratam-se de passagens atestadas somente por outro evangelho não empregado pela ortodoxia.

¹⁰⁴ Todas as suas passagens são atestadas pelos evangelhos da ortodoxia, com exceção das passagens 60 à 75, todavia, elas podem ser inspiradas em Lucas 17:5-6 e João 12:24

¹⁰⁵ *The Apocryphal New Testament. A Collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation* J. K. Elliot, p. 41.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 45.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 43.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 35.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 36. O Papiro nº 10735, pode ser uma antiga homilia.

¹¹⁰ Anteriormente abordados.

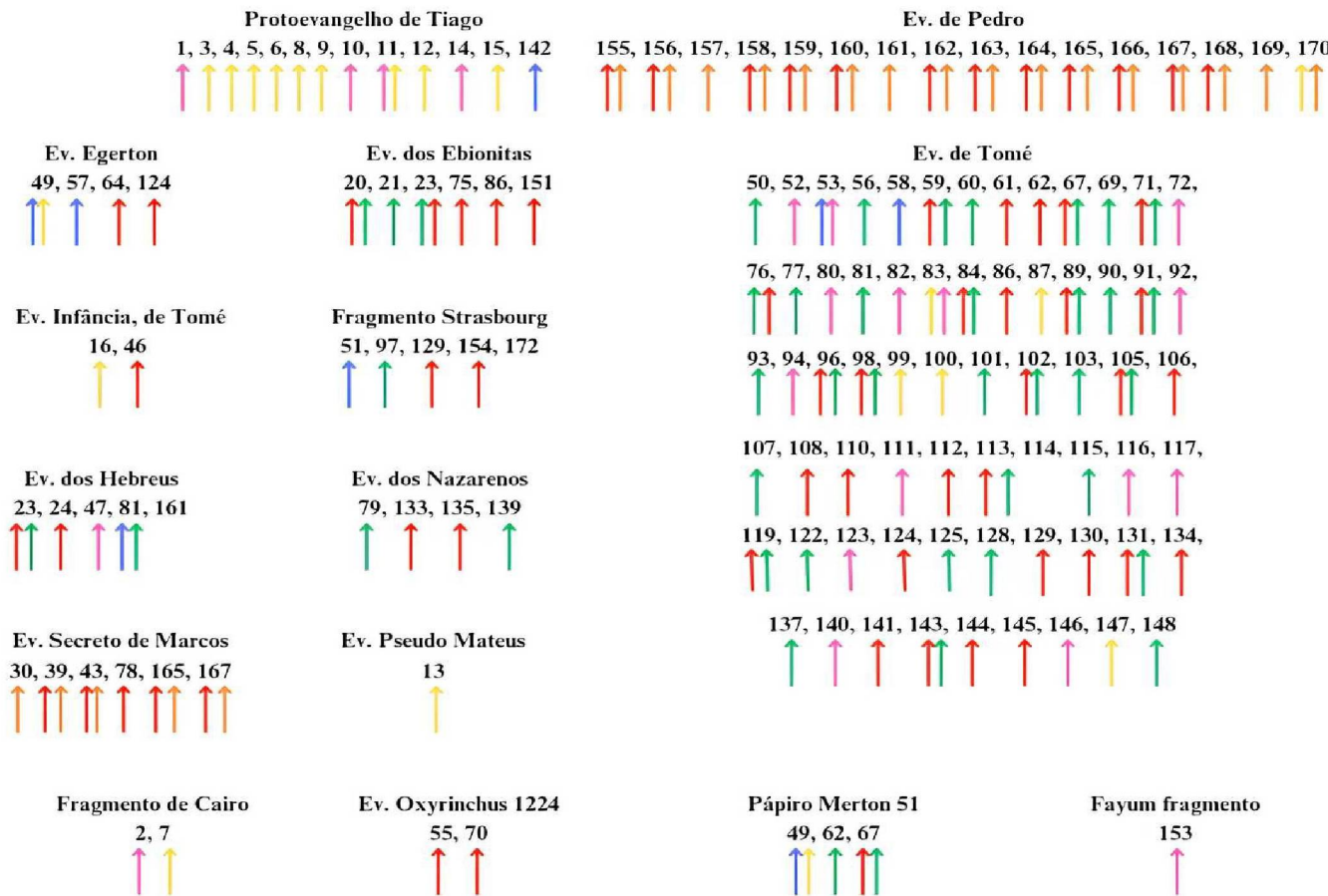


Figura 1 – Passagens da ortodoxia atestadas pelas fontes das “heresias” e em fragmentos ¹¹¹

ção da imagem sob minha responsabilidade. As passagens sem flechas correspondem às passagens que não são atestadas pelas fontes da ortodoxia.

As flechas vermelhas que representam as passagens do Núcleo Sinótico, apresentaram-se também no: Evangelho de Pedro; Evangelho *Egerton*; Evangelho dos Ebionitas; Evangelho da Infância, de Tomé; Fragmento Strasbourg; Evangelho dos Hebreus; Evangelho dos Nazarenos; Evangelho Secreto de Marcos; Evangelho *Oxyrinchus* 1224; Evangelho de Tomé; e Papiro *Merton* 51. Ao passo que as flechas verdes que representam o núcleo Q (Mateus-Lucas), apresentaram-se também no: Evangelho dos Ebionitas; Fragmento Strasbourg; Evangelho dos Hebreus; Evangelho dos Nazarenos; Evangelho de Tomé; e Papiro *Merton* 51.

Com exceção do caso especial do Evangelho de Pedro, além do Evangelho de Tomé nenhuma outra fonte das “heresias” pode ser empregada para a identificação de quais passagens dos núcleos precursores da ortodoxia (Núcleo Sinótico e Q [Mateus-Lucas]) se apresentam em outras tradições, porque, como anteriormente eu afirmava, o Evangelho de Tomé ao atestar algumas passagens dos núcleos precursores da ortodoxia, mas não suas composições, não expressa preservar essas passagens desde a tradição de fontes da ortodoxia, mas sim como ela preservava.

Quando identificamos as passagens atestadas dos dois núcleos precursores da ortodoxia, com passagens do Evangelho de Tomé, como também, quando identificamos as passagens atestadas entre um dos dois núcleos precursores da ortodoxia e o Evangelho de Tomé, é possível verificarmos que elas são passagens que não se apresentam em contradições como as apresentadas na tabela 1, nem expressam indícios de se constituírem como fabulações, como as apresentadas nas tabelas do Apêndice A e C.

2 Acerca do procedimento de aplicação do Método

Por meio da análise dos dados apresentados neste capítulo, foi possível identificar a existência de núcleos independentes de passagens precursoras nas fontes da ortodoxia. Enquanto: “núcleos independentes de passagens precursoras”, compreendi o fato de que existem passagens mais antigas que outras no interior dos evangelhos, por exemplo, o Evangelho de Mateus apresenta dois núcleos independentes um do outro com passagens mais antigas que as suas passagens exclusivas, foi possível afirmar isto, porque o Evangelho de Lucas também apresenta estes dois núcleos, todavia, não apresenta as passagens exclusivas de Mateus¹¹², como os núcleos são identificados pela semelhança não fortuita de seus conteúdos, foi possível verificar isto. Dos núcleos precursores, ademais, também foi possível identificar

¹¹² O mesmo vale para Mateus em relação ao Evangelho de Lucas.

que podem existir entre a totalidade de suas passagens, algumas passagens que são mais antigas, porque estes núcleos também compartilham passagens, apesar de serem fortuitamente semelhantes. Da identificação de quais seções das outras passagens do Núcleo Sinótico são muito provavelmente fabulações, concluí a necessidade de identificar a fiabilidade de todas as passagens dos núcleos precursores, visto que também poderiam ser fabulações; esta verificação só poderia ser levada a cabo por meio da identificação de quais passagens estes núcleos atestam com o Evangelho de Tomé, porque assim concluiríamos quais passagens precursoras, ou seja, primitivas, também eram preservadas por uma fonte de uma tradição não ortodoxa; chegaríamos a um núcleo fiável de passagens atestadas entre os núcleos precursores da ortodoxia e Tomé.

Não pressuponho que o autor do Evangelho de Tomé tenha tido conhecimento de quais eram as passagens mais originárias antes das supostas composições presentes nos núcleos precursores da ortodoxia, afinal, também preservou passagens de segunda geração: as exclusivas de Mateus ([não sinótico] e não Q [Mateus-Lucas]); de Marcos (não sinótico); de João; e de Lucas ([não sinótico] e não Q [Mateus-Lucas]). Em termos necessários, todavia, acerca dos autores dos núcleos precursores da ortodoxia e de Tomé, temos que afirmar que acreditavam que as passagens que preservaram vinham ou poderiam ser atribuídas a Jesus, paralelamente, desconheciam ou contestavam as que não preservaram¹¹³. O fator determinante que indica um fenômeno que não pode ser ignorado, é que não divergem ou desconhecem todas as passagens uns dos outros, tampouco assumem todas em sua totalidade apresentada pelo outro. É devido, portanto, identificar quais passagens eram adotadas entre esses movimentos: as que independiam das crenças de cada movimento¹¹⁴.

¹¹³ O mesmo também deve ser inferido em relação à “heresia” do Evangelho de Tomé. Embora assumamos que Jesus, para esse movimento, era um “simples e comum homem”; sabedoria e autoridade lhe eram concebidas. Isto, inclusive já foi corroborado pela ortodoxia, quando identificava seus integrantes como “hereges” e não como gentios ou pagãos.

¹¹⁴ Um experimento mental proponho para compreendermos o que estou tratando. Um gentio que nunca havia ouvido nada a respeito de Jesus de Nazaré é interpolado por um pregador cristão, este, afirma-lhe muitas coisas sobre Jesus, de maneira que ele fica impressionado com referidas histórias. A sua possibilidade de crítica se dá não a algo que já conhece sobre ele e que contesta, do que o pregador disse, mas sim à análise formal do que ele afirma: pode questionar que Jesus não poderia ter ressuscitado, pois isso é sobre-humano, que não poderia caminhar sobre as águas, por fisicamente isso ser impossível, contudo, não questionaria o que Jesus disse ou sofreu em cenários possíveis, porque não sabia nada a seu respeito anteriormente. Quando o autor do Evangelho de Tomé subtraiu, ou simplesmente desconheceu as passagens que não apresenta das da ortodoxia; não subtraiu ou desconheceu por questionar o sobre-humano presente na ortodoxia, isto, somos nós que questionamos, mas porque simplesmente não acreditava nelas, não as atribui a Jesus, de maneira que contesta os seus conteúdos com aquilo que já sabia acerca dele, esse conhecimento prévio, pode estar disposto nas passagens que conhecia e que eram compartilhadas com a ortodoxia. O mesmo deve ser inferido para os membros da ortodoxia em seus primórdios, quando diante de várias documentações, necessitaram instaurar um critério anterior a elas, para elegê-las. Imaginemos agora um cenário no qual dois dialogam sobre suas doutrinas, sendo um ortodoxo e um outro herege, ambos, não ouviram nem viram nenhuma testemunha ocular de Jesus, mas estabeleceram suas crenças nas fontes que leram, o ortodoxo, nas fontes da ortodoxia, e o herege, no Evangelho de Tomé. Ao discutirem, o ortodoxo cita uma passagem e atribui ela a Jesus, a qual não está presente no Evangelho de Tomé,

Tão firme é o chão em que estes Evangelhos repousam, que os hereges mesmos dão testemunho deles, e, a partir destes [documentos], cada um deles se esforça para estabelecer sua própria doutrina peculiar (Irineu de Lyon, *Contra as Heresias*, 3,11:7).

Irineu de Lyon já havia identificado que a atestação de passagens entre doutrinas divergentes, poderia indicar que o conteúdo convergente do que narram e descrevem, é um indício de uma legítima reivindicação de fatos, o que não se ateve, todavia, foi ao dado de que uma fonte como o Evangelho de Tomé, não atesta todas as passagens da ortodoxia, mas apenas algumas, o que indica que nem todas as passagens da ortodoxia estão em um “tão firme chão em que repousam”. Se as fontes da ortodoxia e da “heresia” de Tomé compartilham passagens em comum, entre tudo o que discordam/desconhecem, é possível inferir que há núcleos primitivos entre as passagens que preservam que não dependem das passagens que foram estabelecidas pelas suas crenças peculiares, afinal, para que dois posicionamentos sejam concebidos como divergentes, é necessário, antes, concordarem mutuamente sobre o que divergem.

Para exemplificar a constatação do último parágrafo, elaboro um experimento mental em dois cenários possíveis: em um diálogo entre duas pessoas, uma delas afirma: “Está chovendo hoje!”, ao passo que outra, a sua vez, afirma: “uma árvore na floresta deu frutos!”. Em outro cenário, uma pessoa afirma: “Está chovendo hoje!”, a outra, a sua vez, afirma o contrário: “não está chovendo hoje!”. Não há dúvidas de que apenas no segundo cenário podemos afirmar que os interlocutores se contestaram, porque no primeiro, eles enunciaram dois estados distintos para duas coisas distintas, ao passo que no segundo, os interlocutores enunciaram dois estados distintos para uma mesma coisa, divergindo, portanto, apenas acerca do que é acidental ao sujeito da frase, ou seja, o estado de estar chovendo ou não. Se nos evangelhos da ortodoxia é afirmado “Y” com “X”, ao passo que no Evangelho de Tomé é afirmado “B” com “X”, podemos afirmar que “X” é a condição de possibilidade para que ambos possam concordar ou discordar, e “Y” e “B”, as variáveis que condicionam as diferentes crenças, sendo que “X” equivale, aqui, aos núcleos de passagens precursoras da ortodoxia atestadas externamente por determinadas passagens do Evangelho de Tomé, e “Y” e “B”, as passagens destes núcleos e do Evangelho de Tomé que, todavia, não são atestadas entre estas distintas tradições. Concluo que para contestarem/desconhecerem parte das passagens da tradição alheia, dependem, necessariamente, de um conjunto de passagens por

o mesmo faz o herege em relação a uma que não está nas fontes da ortodoxia; ambos concebem a passagem um do outro como fraude. Depois da breve discussão, o herege cita uma passagem que também está presente em uma das fontes da ortodoxia, por isso, pela primeira vez concordam. O que poderíamos concluir de tal situação? Que as passagens que convergem, independem das que foram elaboradas ou estabelecidas pelas suas crenças próprias, enquanto que acerca das passagens que divergem, dependem delas.

ambas tradições concebidas como advindas de testemunhas oculares. Uma outra verdade pode ser inferida: ainda que o autor do Evangelho de Tomé, integrante de uma “heresia”, considerasse Jesus um “simples homem”, não é correto afirmar que não o considerava como uma figura notável, necessariamente concebia que o que pronunciou e fez era digno de consideração, a favor disso, todas as objeções dos pais da Igreja, porque não foram dirigidas a uma negação da existência de Jesus pelos integrantes das “heresias”, mas sim à fraude da sua figura e corrupção dos seus ensinamentos causada pelas doutrinas que defendiam; as passagens que a tradição do autor do Evangelho de Tomé adotou, que eram corroboradas pela ortodoxia, apresentaram-se como incontestáveis para ambas tradições¹¹⁵.

Se fizéssemos um experimento mental em que o autor do Evangelho de Tomé primeiro elaborou as passagens exclusivas da sua doutrina, depois, subtraiu da ortodoxia as que divergiam dela, acrescentando das do mesmo movimento, as que corroborava com as doutrinas estabelecidas pelas passagens que já havia elaborado; tampouco não poderíamos conceber um núcleo primitivo anterior as composições de passagens de diferentes origens da ortodoxia nos seus núcleos de passagens precursoras, porque embora a doutrina da “heresia” que elaborou o Evangelho de Tomé, não tenha se formado por seções de passagens mais primitivas dos núcleos de passagens precursoras da ortodoxia, sua doutrina se formou desde uma crença no que Jesus supostamente teria feito e dito, a qual, não corroborava com a maioria das passagens da ortodoxia, pois, refletiam a crença que ela possuía acerca do que Jesus supostamente teria feito e dito, de forma que as passagens da ortodoxia que a “heresia”, neste experimento mental, teria acrescentado no seu evangelho, correspondiam em alguma medida com o que a sua crença já havia estabelecido, portanto, ainda que o autor do Evangelho de Tomé subtraiu passagens dos núcleos precursores da ortodoxia em observância à sua doutrina, ela precedeu o seu contato com estes núcleos, com efeito, as passagens que atesta dos núcleos precursores da ortodoxia, indiretamente, já guardariam alguma identidade com o que a sua doutrina já havia independentemente da ortodoxia, estabelecido. O fator que assegura a conclusão do último período é que o autor do Evangelho de Tomé não preserva

¹¹⁵ O que foi abordado se configura como algo semelhante ao experimento mental que abordei neste capítulo, no qual propus que imaginássemos um fenômeno luminoso estranho, e os mais diferentes juízos déssimos sobre ele, com os quais inferi que não poderíamos concluir a não existência do fenômeno, apenas os diversos modos de recepção que os interpretou, contudo, ainda assim sobrevivia um núcleo fixo comum em todos os juízos sobre o que aconteceu. De forma que isto também pode ser empregado para o caso do Evangelho de Tomé, que ao possuir passagens atestadas externamente com os núcleos fixos da ortodoxia, manifesta a existência de um núcleo fixo comum, ainda entre doutrinas divergentes. Os seus conteúdos conflitantes, nada mais manifestam as suas diferentes formas de recepção do que é partilhado, que exatamente por apresentar-se junto com seções próprias de cada movimento, indicam ser originárias de testemunhas oculares.

todas as passagens dos núcleos precursores, mas apenas algumas, subentendendo um critério de escolha não manifesto no seu documento.

Depois de estabelecidas razões para o emprego do Evangelho de Tomé, proponho para a aplicação do método, a análise da tabela do Apêndice B. Observe a seguinte descrição do sistema de cores para a aplicação: as passagens paralelas em cor cinza, representam as passagens atestadas externamente, todavia, que não são atestadas entre um ou dois dos núcleos independentes precursores e o Evangelho de Tomé. As passagens paralelas em cor laranja, apresentam as passagens atestadas externamente entre Núcleo Sinótico, Q (Mateus-Lucas) e o Evangelho de Tomé, sendo o Núcleo Sinótico identificado pelos números de suas passagens em cor vermelha. As passagens paralelas em cor verde, apresentam as passagens atestadas externamente, entre o Evangelho de Tomé e Q (Mateus-Lucas), ou entre o Evangelho de Tomé e o Núcleo Sinótico. Portanto, as passagens mais relevantes que representam o núcleo de passagens mais fiáveis, são as passagens dispostas em cor laranja e verde.

A consistência das passagens é causada pelas respostas de quatro perguntas: 1) há a presença de posições conflitantes entre as passagens atestadas entre os núcleos precursores e Tomé, quando elas são tomadas em conjunto?; 2) há passagens que narram feitos extraordinários atribuídos a Jesus de Nazaré e narrativas da sua natividade?; 3) há passagens com narrativas da Paixão? Estas, que também se manifestaram em problemáticas; 4) as passagens apresentam um “locutor privilegiado”, ou em sua maioria são ditos e parábolas?

- 1) Dos assuntos centrais evocados na tabela 1, algumas passagens que identificamos como possivelmente advindas de testemunhas oculares, podem ser compreendidas nas colunas 1, 4 e 5, sobre se Jesus veio trazer paz ao mundo, se realizou milagres, se o Reino de Deus viria ou já se fazia presente. Verifica-se que as posições não são conflitantes: 1) ele não veio trazer paz ao mundo (Núcleo Sinótico [em Marcos] 13:12. Ev. de Tomé 10; 82: 1-2; 16: 1-3. Q [Mateus-Lucas] 12:49, 51, 53). 2) Ele não realizou milagres [não há nenhuma descrição desta natureza]; 3) O Reino de Deus não virá, já se faz presente. (Ev. de Tomé 113:1-4; 3:1-3; Q [Mateus-Lucas] 17:20-21).
- 2) Não há narrativas de feitos extraordinários, nem narrativas acerca da sua natividade.
- 3) Não há narrativas da Paixão.
- 4) Em sua maioria, as passagens se constituem como ditos e parábolas.

Estabelecido o método para a identificação de quais passagens legitimam a reivindicação de fatos; desta construção de metodologia, dirijo-me a análise das passagens resultantes do método proposto, investigando se são ou não consistentes com as circunstâncias materiais da Província da Judeia e com o mundo simbólico judaico da primeira metade do século primeiro.

PARTE 2 | DO QUE JESUS DISSE E FEZ. DE QUAL MUNDO OBJETIVO E SIMBÓLICO PARTICIPAVA

Por meio da aplicação do método proposto no capítulo anterior, é possível identificar na tabela do Apêndice B, 45 passagens atestadas entre: o Núcleo Sinótico, o núcleo Q (Mateus-Lucas) e o Evangelho de Tomé, além das atestadas entre: o Núcleo Sinótico e o Evangelho de Tomé, como também, entre o núcleo Q (Mateus-Lucas) e o Evangelho de Tomé. Essas passagens, nestes cenários, correspondem aos números das sinopses nesta mesma tabela, são eles: 50; 56; 59; 60; 61; 62; 67; 69; 71; 76; 77; 81; 84; 86; 89; 90; 91; 96; 98; 101; 102; 103; 105; 106; 107; 108; 110; 112; 113; 115; 119; 122; 124; 125; 128; 129; 130; 131; 134; 137; 141; 143; 144; 145; 148. Devemos verificar a partir de agora, se estas passagens são ou não consistentes, se não ocorrem em contradições, nem como fabulações como as problematizadas no capítulo anterior. Para isso, vou abordá-las desde temáticas centrais, e a cada passagem evocada, elaborarei um comentário que propõe uma interpretação ao que ela preserva. Posteriormente, vou abordar outras personalidades de temporalidades próximas a Jesus de Nazaré que possuíam semelhanças com a sua figura, ademais, também vou dedicar-me em abordar as circunstâncias socioeconômicas e simbólicas do seu meio.

1 Maior dos homens, mas nem mesmo o menor no Reino de Deus

Antes de abordar todas as passagens resultantes do Método, devo deter-me a uma passagem relativa a João Batista¹¹⁶, circunscrita por mim na primeira temática central, ao distinguir-se das outras por tratar desta personalidade; abordarei as outras passagens no próximo subcapítulo, onde vou abordar exclusivamente os ditos e feitos de Jesus de Nazaré. Sobre João, do que foi preservado externamente aos evangelhos a seu respeito, Flávio Josefo

¹¹⁶ Podemos, novamente, evocar uma inconsistência que poderia apresentar-se nesta investigação se assumíssemos passagens dos evangelhos da ortodoxia sobre João Batista, sem contestá-las. As passagens que a apresentam, são: João 1:29-30, que preserva que João reconheceu Jesus como “aquele que é maior” que ele, quando o narrador afirma que “No dia seguinte, ele vê Jesus aproximar-se dele e diz: ‘Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Dele é que eu disse: Depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim.’”; e “ Lucas 7: 18-23 e Mateus 11:2-6, quando os discípulos de João perguntam: “João Batista nos enviou para te perguntar: ‘És tu aquele que deve vir, ou devemos esperar outro?’”. Se assumíssemos as duas passagens citadas, uma contradição instaurar-se-ia à investigação, porque a posição de João, ora é afirmativa sobre Jesus, ao afirmar que é ele quem esperava; ora é inconclusiva acerca da sua natureza, porque não sabe se é ele ou virá outro do qual ele espera. Com o emprego do método proposto no último capítulo, tal contradição foi dissolvida, pois, as passagens resultantes, não se compõem entre as que citei.

afirmou em sua “Antiguidades Judaicas”, que era “um homem bom” que ensinava os judeus a agirem de maneira justa e a serem piedosos uns com os outros; que o batismo que pregava e fazia, era para remissão de pecados, mas que deveria ser precedido pela execução dessas ações morais, pois, era o cumprimento delas o que se constituía como o fator fundamental à purificação da alma, porque Deus, somente assim, “consideraria aceitável seu batismo”. Segundo o historiador, o seu batismo não era a causa do perdão dos pecados; exercia a função exclusiva de “purificação corporal”, de tal forma que não era “para nenhuma outra coisa” a não ser para este propósito. Sobre a sua morte, afirmou que a autoridade responsável pela ordem de execução, foi Herodes Antipas, que motivado pela suposição de que o poder de persuasão de João, incitaria o povo a um “levantamento popular”, ordenou que o levassem à fortaleza de Maquerunte para que o executassem. Ainda segundo Josefo, para o povo, foi justamente esta ação de Antipas que ocasionou a sua derrota ante os oficiais do imperador Tibério César que se alojavam na Síria; foi por ter matado João, que foi castigado por Deus com a derrota (Antiguidades Judaicas, XVIII. 116-119).

É correto afirmar que João realizava um batismo caracterizado por uma forma de ritualística que demandava o arrependimento prévio para sua consumação. Seu batismo não era caracterizado como “o meio para perdão de pecados”, mas um para “o arrependimento de pecados”, pressupunha desta forma, o arrependimento por algo cometido, manifesto na busca pelo ritual que executava. O ato mesmo do batismo, portanto, não era a causa do perdão, mas era o quê correspondia a ação de limpeza do estado de pecado/sujeira, para a conversão em pureza/limpeza, ou seja, enquanto o arrependimento era responsável pela reorientação do estado de pecado em pureza, o ato ritualístico do batismo era responsável pela substituição do estado externo de sujeira ao de limpeza, de forma que as duas ações eram concebidas correlatamente: o pecado, implica sujeira; a pureza, implica limpeza.

A passagem atestada entre o Núcleo Sinótico, o núcleo Q (Mateus-Lucas) e o Evangelho de Tomé, que compõe a temática central sobre João Batista, preserva: “ ‘Vocês saíram ao deserto para ver o quê? Um homem vestido de roupas finas? Mas os que as usam vivem no luxo, estão em palácios de reis. (...) eu lhes digo, que é muito mais que um profeta. (...) Entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João. No entanto, o menor no Reino de Deus é maior que ele’.” (Mc. 10:15; Mt. 11:7-11; Lc. 7:24-30; Ev. Tomé 78:1-3. 46:1-2; Q 7:24-30; Pap. Merton 51). Neste trecho, Jesus, refere-se a João como de nenhuma maneira semelhante se referiu a outra personalidade; ele é entre todos os que já nasceram, incontestavelmente o maior, inclusive, maior que os profetas, apesar disso, ele é menor que o menor no Reino de Deus, a pergunta, portanto, que devemos fazer, é acerca do motivo que faz

João, apesar de ser reconhecido como alguém de incomparável caráter, não ser contado entre os que compõem o Reino de Deus. Uma resposta à indagação do último período deve considerar somente as informações preservadas entre as que são admitidas no método construído no capítulo anterior, desta forma, a resposta deve estar disposta sobre o dado de que Jesus reconhece João, embora nada é preservado acerca de algum reconhecimento de João sobre quem seria Jesus. João, pode não tê-lo concebido como ele esperaria ser concebido, por não admitir a sua doutrina acerca do Reino de Deus que logo mais abordarei. A falta de reconhecimento de João, pode ser inferida não por meio de suas palavras ou ações descritas, mas especialmente por meio das palavras de Jesus, quando afirma que até mesmo “o menor no Reino de Deus é maior que João”, não o contando entre os que o compõe, embora João satisfizesse as condições que os seus integrantes deveriam ter para participar dele.

Algo notável quando nos deparamos com o que preservou Josefo, é o modo como descreveu João Batista. Distintamente das demais personalidades que veremos nesta investigação, ele o considera “um bom homem”; o consenso entre a sua obra e o reconhecimento de Jesus, acerca do caráter de João, só é confrontado pela ordem de condenação de Herodes Antipas, que não podemos negligenciar que é, por sua vez, segundo Josefo, condenada pela posição popular, a que atribuiu a sua derrota exatamente pela morte de João; de forma que a única contestação de seu “bom” caráter é superada por uma defesa maior. Uma outra pergunta que nos cabe responder, é sobre se João Batista foi, para o povo da sua região, uma figura muito mais incontestável do que Jesus de Nazaré? Uma resposta objetiva a esta pergunta talvez jamais possa ser seguramente proposta, todavia, indícios já são manifestos, o prestígio consolidado de João, contrasta-se com a continua tentativa de Jesus de assegurar quem é. Jesus afirmou que nenhum profeta é aceito em seu lugar de origem (Mc. 6:4; Mt. 13:57b; Lc. 4:24; Jo. 4:44b; Ev. Tomé 31:1-2), como também, que “a pedra que os construtores rejeitaram se tornou a pedra angular” (Mc. 12:16-11; Mt. 21:42; Lc. 20:17; Ev. Tomé 66), poderia, indiretamente, estar constatando a não adesão do seu povo às suas ideias.

O prestígio consolidado em João, contrasta com a falta do de Jesus, todavia, a ausência de dados sobre variáveis acerca do tempo em que ambos pregaram e a quem se dirigiam, impede-me de assegurar alguma hipótese mais consistente sobre estes indícios. Dados sobre outra variável, todavia, são possíveis de serem identificados, precisamente sobre o conteúdo do que Jesus pregava, porque a doutrina que o compreende, também pode constituir-se como o fator da sua falta de prestígio, como esclarecer o amplo prestígio de João. A partir de agora, portanto, devemos analisar o que Jesus disse e fez, ao abordar as outras passagens.

2 “Vocês não sabem interpretar o tempo presente”

Neste subcapítulo abordarei outras 44 passagens resultantes da aplicação do método proposto, articulá-las-ei em temáticas principais, onde o conteúdo delas será brevemente exposto, como também proporei sua interpretação, ao correlacioná-las por proximidade temática, e depois, construirei argumentações pertinentes.

Porque a primeira passagem já foi abordada no subcapítulo anterior, contabilizarei as próximas passagens desde uma segunda temática, ela, que compreende as passagens que são caracterizadas pelos ensinamentos de Jesus; sendo composta por quatorze passagens que serão articuladas a partir de agora: Jesus anuncia um “Reino de Deus” que pertence aos pobres, os mesmos a quem dirige suas palavras; assegura-lhes, que dos que entre eles sofrem e têm fome, uma vindoura abundância os aguarda, motivo que justifica desde já o seu júbilo¹¹⁷. Os bons, afirma, são como a árvore que produz bons frutos; os maus, como a árvore que produz maus frutos, não pode ser dito acerca da primeira que é uma má, nem da segunda que é uma boa árvore, pois, são os frutos, ou seja, as ações, que determinam que uma pessoa seja boa ou má¹¹⁸. Sua gratidão a Deus, é por Ele ter dado o conhecimento, não aos eruditos, mas aos “pequeninos”¹¹⁹, porque são eles que podem compreender as sabedorias que ensina. Aos que estão seguindo-o, é devido dirigirem suas preces a Deus, porque Ele os apetececerá¹²⁰. Não devem, todavia, vacilar no que os fazem fortes, se bons, as suas boas ações, porque para tirar algo de um homem forte, só é possível ao destruir o que o faz forte¹²¹. Essas sabedorias devem ser públicas¹²², porque ninguém acende uma lâmpada para escondê-la, e até mesmo o que se esconde, tende a revelar-se¹²³. Se alguém, por ocasião, questionar ou atuar contra o “filho do homem”, poderá ter perdão, todavia, nenhum perdão haverá contra o Espírito Santo, ou seja, nenhum perdão para aquilo que atentar contra a sabedoria que vem de Deus¹²⁴. Aos seus seguidores, também sacrifícios deverão ser feitos, porque se os que o seguem não odeiam seu pai, sua mãe e seus irmãos, não poderão continuar a segui-lo, já que a adesão ao seu

¹¹⁷ (Mt. 5:2-12; Lc. 6:20-26; Ev. Tomé 54, 69:2, 68:1-2; Q 6:20-26). Sinopse 50.

¹¹⁸ (Mt. 7:18.12:33.7:16.12:35,34; Lc. 6:43-45; Ev. Tomé 45:1. 45:2-3; Q 6:43-45; Pap. Merton 51). Sinopse 62.

¹¹⁹ (Mt. 11:25-27; Lc. 10:21-22; Jo. 3:35. 13:3. 10:15^a; Ev. Tomé 61:3b; Q 10:21-22). Sinopse 76.

¹²⁰ (Mt. 7:7-11; Lc. 11:9-13; Jo. 16:4b-5; Ev. Tomé 92:1. 2:1. 94:1-2; Pap. Oxyrh. 654 [Ev. Tomé]; Ev. Hebreus 6b; Q 11:9-13). Sinopse 81.

¹²¹ (Mc. 3:22-27; Mt. 12:22-30; Lc. 11:14-23; [Somente um pequeno trecho fora do contexto de acusação e sem a menção a Beelzebul] Ev. Tomé 35:1-2; Q 11:14-15, 17-23). Sinopse 84.

¹²² (Mc. 4:21; Mt. 5:15; Lc. 11:33; 8:16; Ev. Tomé 33:2-3; Q 11:33). Sinopse 89.

¹²³ (Mc. 4:22; Mt 10:26b-27; Lc. 12:2; [Alguns trechos] Ev. Tomé 5:2. 6:5. 6; 33:1; Pap. Oxyrh. 654 [Ev. Tomé]; Q 12:2). Sinopse 96.

¹²⁴ ([Alguns trechos] Mc. 3:28-29. 13:9. 13:11; Mt. 10:32-33. 12:32. 10:19-20; Lc. 12:8-12; [Trecho] Ev. Tomé 44:1. 3; Q 12:8-12). Sinopse 98.

movimento demanda um sacrifício que poucos poderão suportar¹²⁵. O culto a um único Deus deve ser mantido, porque não é possível servir a duas divindades, sem que ao amar uma, odeie a outra¹²⁶. Se alguém não sabe a quem se assemelha os ingressantes no Reino de Deus, é só perceber as crianças que ainda dependem da amamentação, porque eles são como elas¹²⁷. Jesus constata que todo profeta é rejeitado em sua região de origem, porque também ele, não é ouvido¹²⁸. Se seus seguidores de fato tivessem fé no que ele profere, ainda que pouca, até o que acreditam ser improvável, ocorreria¹²⁹. Embora rejeitado, sabe que aquilo que é rejeitado, acaba tornando-se o mais fundamental¹³⁰.

A segunda temática de passagens, que é caracterizada pela situação a qual se encontrava Jesus e pela pergunta sobre quem ele era, é composta por três passagens. Jesus se compara com as raposas e os pássaros, eles, ao possuírem seus abrigos, distinguem-se dele, que não tem nem mesmo onde descansar. Os que quiserem fazer parte do Reino de Deus, deverão assumir todos os sacrifícios e não recuar¹³¹. Jesus diz que seus parentes verdadeiros são os que fazem a vontade de Deus, sendo eles os que entrarão no Reino de Deus¹³². Jesus, não supõe estar sendo compreendido, por isso, pergunta aos que o seguem o que acreditam que ele é¹³³.

A terceira temática de passagens, que é caracterizada pelos aconselhamentos diversos de Jesus aos seus seguidores, é composta por dez passagens. Jesus ensina aos que o ouvem, que se alguém quer o bem, deve promovê-lo, por esta razão, não é devido que emprestem qualquer coisa esperando recebê-la de volta, porque para que o bem seja promovido é devido emprestar a quem não pode devolver¹³⁴. Não é devido julgar a não ser que quem o faça, também queira ser julgado, muito menos é devido, orientar sem estar preparado para orientar, como também sujeitar-se a uma orientação de alguém sem um correto preparo, porque apenas os que são capazes de orientar, o devem fazer, afinal, quando um que não esta preparado, orienta a um outro que lhe assemelha, ambos se arruinam¹³⁵. Que qualquer um que encontrar um defeito no outro, detenha-se primeiro em retirar os seus próprios defeitos¹³⁶. Não somente

¹²⁵ (Mt 10:37-38; Lc. 14:26-27; [Trechos] Ev. Tomé 101:1. 55:1. 55:2; Q 14:26-27). Sinopse 125.

¹²⁶ (Mt. 6:24; Lc. 16:13; Ev. Tomé 47:2; Ev. Q 16:13). Sinopse 128.

¹²⁷ (Mc. 10:13-14; Mt. 19:13-14; Lc. 18:15-16; Ev. Tomé 22:1-2). Sinopse 134.

¹²⁸ (Mc. 6:4; Mt. 13:57b; Lc. 4:24; Jo. 4:44b; Ev. Tomé 31:1-2; Pap. Oxyrh. 1 [Ev. Tomé]). Sinopse 141.

¹²⁹ (Mc. 11:23; Mt 21:21; Lc. 17:6; Ev. Tomé 48. 106:2; Q 17:6). Sinopse 143.

¹³⁰ (Mc. 12:10-11; Mt. 21:42; Lc. 20:17; Ev. Tomé 66). Sinopse 145.

¹³¹ (Mt. 8:19-22; Lc. 9:57-62; Ev. Tomé 86:1-2; Q 9:57-62). Sinopse 69.

¹³² (Mc. 3:31-35; Mt. 12:46-50; Lc. 8:19-21; Ev. Tomé 99:1-3; [Citação patrística do Ev. Ebionitas] Epifânio, *Contra as Heresias ou Panarion*. 30). Sinopse 86.

¹³³ (Mc. 8:29; Mt. 16:15-16; Lc. 9:20; Ev. Tomé 13:1-4). Sinopse 108.

¹³⁴ (Mt. 7:12, 5:46-48; Lc. 6:31-36; Ev. Tomé 95:1-2; Q 6:31-32. 34. 36). Sinopse 56.

¹³⁵ (Mc. 4:24; Mt. 7:1-2, 15:14, 10:24-25^a; Lc. 6:37-40; Jo. 13:16, 15:20; Ev. Tomé 34; Q 6:37-40). Sinopse 59.

¹³⁶ (Mt. 7:3-5; Lc. 6:41-42; Ev. Tomé 26:1, 26:2; Ev. Q 6:41-42; Pap. Oxyrh. 1 [Ev. Tomé]). Sinopse 60.

podem, como devem amar os seus amigos com a alma, e protegê-los como alguém protege algo que lhe é próprio¹³⁷. Não é devido, todavia, carregar bens; é devido aceitar e comer o que lhes oferecerem, devem, sobretudo, desejar a paz aos que os acomodarem, como também, disporem-se a cuidar de seus doentes. Não é devido se preocupar com o vindouro, é devido ser como as aves, que não se preocupam e sempre têm com o quê subsistir, porque é a Deus que cabe o provir¹³⁸. Não é devido acumular posses que são consumíveis por insetos, mas os bens que não podem se corromper¹³⁹. Se há luz dentro de uma pessoa, o bem se expressa no seu entorno¹⁴⁰. Jesus, contudo, fala para poucos, afinal poucos são os trabalhadores para a grande colheita¹⁴¹. Os poucos devem estar preparados como alguém está ao não saber em que hora o assaltante chegará, embora esteja convicto que chegará. Jesus, apesar de expressar não saber quando algo que o ameaça ocorrerá, parece demonstrar estar seguro que ocorrerá¹⁴². Jesus, à parte disso, afirma que não é devido a ninguém colocar vinho novo em odres velhos, nem remendo velho em roupa nova, porque o que já está ruim, na sua tentativa de melhorar, piorará¹⁴³.

A quarta temática de passagens, que é caracterizada pelas parábolas que Jesus ensina aos seus seguidores, é composta por cinco passagens. Jesus ensina a parábola do semeador que saiu a semear. Deixando sementes pelo caminho, algumas caíram em um mal lugar e outras em um bom, as que caíram em bom, produziram; assim também é com os seus ensinamentos, que dependem, especialmente da boa recepção para serem concretizados em ações¹⁴⁴. Jesus compara o Reino de Deus com uma semente de mostarda, que ao ser a menor das sementes, transforma-se em uma das maiores árvores, sua esperança no futuro sucesso do seu movimento se manifesta¹⁴⁵. Como a mulher que acrescenta fermento a uma medida de trigo, assim é o Reino de Deus: iniciará pequeno, mas ganhará amplitude¹⁴⁶. Para um jantar, Jesus disse que muitos foram convidados, todavia, não quiseram participar, foi por isso que os que foram chamados eram os que estavam pelos caminhos. A ampla negação para a participação do seu movimento é contrastada pela melhor recepção dos que pouco tinham; o Reino que apresenta, portanto, esta sendo formado por pobres, os poucos que efetivamente se

¹³⁷ (Mc. 12:30-31; Mt. 22:37-39; Lc. 10:27; Ev. Tomé 25:1-2). Sinopse 61.

¹³⁸ (Mt 6:25-34; Lc. 12:22-31; Ev. Tomé 36; Pap. Oxyrh. 655 [Ev. Tomé]; Q 12:22-31). Sinopse 101.

¹³⁹ ([Trecho] Mc. 10:21; Mt 6:19-21; Lc. 12:33-34; [Trecho] Ev. Tomé 76:3; Q 12:33-34). Sinopse 102.

¹⁴⁰ (Mt. 6:22-23; Lc. 11:34-35; Ev. Tomé 24:3. 61:5; Q 11:34-35). Sinopse 90.

¹⁴¹ ([Apenas trechos] Mc. 6:8-9. 6:10. 6:11; Mt. 9:37-38. 10:16^a,9-10^a, 11-13,10b, 7-8^a,14-15. 10:9-10^a. 10:11-13. 10:10b. 10:7-8^a. 10:14-15. 10:7; Lc. 10:2-12; Ev. Tomé 73. 14:4; Ev. Q 10:2-12). Sinopse 71.

¹⁴² (Mt 24:43-44; Lc. 12:39-40; [Trechos] Ev. Tomé 21:5-7. 103; Q 12:39-40). Sinopse 103.

¹⁴³ (Mc. 2:22, 21; Mt. 9:17, 16; Lc. 5:39, 37-38, 36b; Ev. Tomé 47:3-5). Sinopse 130.

¹⁴⁴ (Mc. 4:3-8; Mt. 13:3b-8; Lc. 8:5-8^a; Ev. Tomé 9:1-5). Sinopse 110.

¹⁴⁵ (Mc. 4:30-32; Mt 13:31b-32; Lc. 13:18-19; Ev. Tomé 20:1-4; Q 13:18-19). Sinopse 113.

¹⁴⁶ (Mt 13:33; Lc. 13:20-21; Ev. Tomé 96:1-2; Ev. Q 13:20-21). Sinopse 115.

convencem das suas palavras¹⁴⁷. Não há pastor que responsável por cem ovelhas, ao ter uma perdida, não se preocupa mais com ela do que com as noventa e nove; mais alegria gerará ao encontrá-la do que por continuar possuindo todas as outras¹⁴⁸.

A quinta temática de passagens, que é caracterizada pelos atritos de Jesus com os eruditos, é composta por três passagens. A primeira reprimenda de Jesus aos fariseus, dirige-se ao ato de se preocuparem somente em purificar o exterior, não se comprometendo com o interior. Jesus se opõe a mera observação sacramental que não é acompanhada por uma purificação espiritual¹⁴⁹. A segunda reprimenda, é dirigida aos eruditos da Lei. Ao terem conhecimento da reta interpretação da mensagem de Deus, não o compartilham e não permitem os que querem tê-lo, conseguí-lo¹⁵⁰. Jesus, todavia, também é contestado, mas a contestação se forma como uma pergunta armadilha: “é lícito ou não pagar o tributo?”, a resposta não é direta, mas é constituída por uma outra pergunta que aperfeiçoa a do interpolador; pede uma moeda, depois, pede que lhe digam de quem é a imagem nela inscrita, dizem ser de César, ao passo que diz: “A Deus o que é de Deus e a César o que é de César”. A resposta de Jesus, quando interpretada em contexto com as demais passagens aqui evocadas, não resulta em uma defesa a licitude de pagar os tributos, porque os assuntos de Deus não se confundem com os terrenos. Jesus ignora qualquer juízo sobre isso, se é devido ou não pagá-los. A primeira pergunta que deve ser feita, todavia, é: por que perguntam a Jesus sobre isso? Ela subtende uma circunstancia que as outras passagens nos permite concluir: se Jesus prega um Reino de Deus, ao participar dele, o integrante deve continuar pagando a tributação ao Império ou não? A resposta não pode ser afirmativa nem negativa^{151 152}.

A sexta temática de passagens é caracterizada pela descrição do que poderá ocorrer com Jesus, é composta por nove passagens. Jesus sinaliza que já concebe que não permanecerá muito tempo mais com seus seguidores, ao afirmar que muitos quiseram ver (sua presença), todavia, felizes foram os que viram, porque chegará o tempo que não o encontrarão mais¹⁵³. Afirma, que não veio para trazer paz, mas conflito, que todo o que estiver perto dele, estará como perto do fogo¹⁵⁴. Sobre o que ocorrerá próximo aos dias em que será capturado,

¹⁴⁷ (Mt 22:2-14; Lc. 14:16-24; Ev. Tomé 64:1-11, 12; Q 14:16-18, 21, 23). Sinopse 122.

¹⁴⁸ (Mt 18:12b-14; Lc. 15:4-7; Ev. Tomé 107:1-3; Q 15:4-5, 7). Sinopse 137.

¹⁴⁹ ([Apenas um trecho] Mc. 12:38-39; Mt 23: 23, 25, 26, 6, 27; Lc. 11:42, 39-41, 43-44; [Um trecho] Ev. Tomé 89:1-2; Q 11:42, 39b, 41, 43-44). Sinopse 91.

¹⁵⁰ (Mt 23:4, 13; Lc. 11:46, 52; [Um trecho] Ev. Tomé 39:1-2. 102; Pap. Oxyrh. 655; [Ev. Tomé]; Q 11:46, 52). Sinopse 93.

¹⁵¹ Interpretarei esta passagem no próximo capítulo.

¹⁵² (Mc. 12:13-15^a. 7:6-7. 12:15b-17^a; Mt. 22:15-18^a. 7:21. 15:7-9; 22:18b-21; Lc. 20:20-23a; 6:46. 20:23b-25; Ev. Tomé 100:1-4; Ev. Egerton 3:1-6 [sem menção a César]). Sinopse 124.

¹⁵³ (Mt. 13:16-17; Lc. 10:23b-24; Jo. 7:34; Ev. Tomé 38:1-2; Q 10:23-24). Sinopse 77.

afirma que os de uma casa estarão em disputa, alguns contra outros e os outros contra o resto¹⁵⁵. Apesar de sempre estar com os seus seguidores e ter ensinado a eles muitas coisas, percebe que eles não compreendem quem ele é, nem a razão de tudo aquilo que ele fez e disse; eles sabem “olhar para o céu e prever se choverá ou não amanhã (...), mas não sabem interpretar o tempo presente”¹⁵⁶. Dos que possuem, será acrescentado, e dos que nada têm, não será mais acrescentado nada a partir de então; refere-se não a propriedades que os “insetos podem destruir”, mas aos bens incorruptíveis¹⁵⁷. Assegura que os últimos serão os primeiros e os primeiros serão como foram os últimos, ou seja, que os mais desfavorecidos ocuparão os melhores lugares, ao passo que os que já ocupam, serão como foram os que agora precipitam¹⁵⁸. Ademais, afirma que “o noivo será levado”, e nesses dias jejuarão. Concebendo o que já se anunciava que lhe ocorreria¹⁵⁹. Afirma que este céu e esta terra passarão, referindo-se ao seu mundo contemporâneo em contraste com mundo da sua esperança, onde os objetivos do Reino de Deus estarão plenamente cumpridos, ou até mesmo, que será mais fácil o céu e a terra passarem do que as suas promessas não se cumprirem¹⁶⁰. O dia do filho do homem será repentino, segundo ele, não poderá ser previsto, mas quando ocorrer, um será levado e o outro deixado. Ao contrário do que pode ser intuído, neste contexto, esta passagem parece referir-se a sua morte, a qual ele já percebe os sinais iminentes, todavia, não sabe quando efetivamente será¹⁶¹.

Há indícios de fabulações em seis das 45 passagens referidas neste capítulo, eles, identificados desde as semelhanças de passagens dos núcleos precursores e no Evangelho de Tomé, com ensinamentos contidos em determinados textos que compõem a Mishná. Para verificarmos em qual medida esses indícios devem ser concebidos como os anteriores apresentados no capítulo sobre a metodologia, nos seis itens a seguir, disponho as passagens nas quais são identificados esses indícios nos núcleos precursores e no Evangelho de Tomé, e em seguida, as passagens da Mishná com as quais guardam semelhanças.

¹⁵⁴ (Mc. 13:12; Mt 10:34-36; Lc. 12:49-53; [Trechos] Ev. Tomé 10; 82:1-2. 16:1-3; Ev. Q 12:49, 51, 53). Sinopse 105.

¹⁵⁵ ([Trecho] Mc. 13:12; Mt. 10:34-35; Lc. 12:51-53; Ev. Tomé 16:1-4. 10). Sinopse 106.

¹⁵⁶ (Mt 16:2-3; Lc. 12:54-56; [Trecho] Ev. Tomé 91:2; Q 12:54-56). Sinopse 107.

¹⁵⁷ (Mc. 4:25; Mt. 13:12; 25:29; Lc. 8:18b. 19:26; Ev. Tomé 41:1-2). Sinopse 112.

¹⁵⁸ (Mc. 10:31; Mt 8:11-12. 20:16. 19:30; Lc. 13:28-30; [Trecho] Ev. Tomé 4:2; Pap. Oxyrh. 654 [Ev. Tomé]; Q 13:29, 28, 30). Sinopse 119.

¹⁵⁹ (Mc. 2:20; Mt. 9:15b; Lc. 5:35; Ev. Tomé 104:1-3; Fragmento Strasbourg página 5, verso). Sinopse 129.

¹⁶⁰ ([Trecho. Sem menção à Lei] Mc. 13:31; Mt 11:12-13. 5:18; Lc. 16:16-17; [Trecho. Sem menção à Lei] Ev. Tomé 11:1; Q 16:16-17). Sinopse 131.

¹⁶¹ (Mt 24:26-28, 37-39, 17-18, 40-41; Lc. 17:22-37; [Um trecho] Ev. Tomé 61:1; Ev. Q 17:23-24, 37, 26-30, 34-35). Sinopse 148.

- 1) Jesus ensina aos que o ouvem, que se alguém quer o bem, deve promovê-lo. Não é devido emprestar esperando receber, mas se deve emprestar a quem não pode devolver (Mt. 7:12, 5:46-48; Lc. 6:31-36; Ev. Tomé 95:1-2; Q 6:31-32. 34. 36). A passagem se assemelha a seguinte: “Abba Shaul diz: Ve’anveihu deve ser interpretado como se estivesse escrito em duas palavras: (...) Seja semelhante, por assim dizer, a Ele, o Todo-poderoso: Assim como Ele é compassivo e misericordioso, você também deve ser compassivo e misericordioso. (...)” (Shabbat 133 b, § 6-7)¹⁶².
- 2) Jesus orienta que não é devido se preocupar com o vindouro, é devido ser como as aves, que não se preocupam e sempre têm com o quê subsistir, porque é a Deus que cabe o provir (Mt 6:25-34; Lc. 12:22-31; Ev. Tomé 36; Pap. Oxyrh. 655 (Ev. Tomé). A passagem se assemelha a seguinte: “O Santo, e bendito seja Ele, disse: Se eu os conduzir para a terra pela rota mais direta, cada um deles tomará posse de um campo e de uma vinha e negligenciarei a lei. Portanto, eu os conduzirei pelo deserto por quarenta anos e os farei comer o maná e beber a água do poço para que a lei possa penetrar em seus próprios seres.” (Midrash Tanchuma)¹⁶³; e a passagem: “Que o sofrimento futuro seja suportado em seu tempo determinado. Não há necessidade de mencionar sua futura subordinação. (...)” (Berakhot 9b, § 7)¹⁶⁴.
- 3) Antes de encontrarem o defeito no outro, devem identificar e retirar os seus próprios (Mt. 7:3-5; Lc. 6:41-42; Ev. Tomé 26:1, 26:2; Q 6:41-42; Pap. Oxyrh.1). A passagem se assemelha a seguinte: “E mais, com relação à declaração do Rabino Elazar na baraita de que a geração do julgamento dos Juízes foi uma geração de vaidade, o Rabino Yohanan diz: Qual é o significado do que está escrito: ‘E aconteceu nos dias do julgamento dos Juízes’ [Rute 1:1]? Isso significa uma geração que julgou seus juízes. Se um juiz dissesse ao réu diante dele: Remova a farpa no seu olho, significando livrar-se de alguma infração menor, o réu diria a ele: Remova a trave no

¹⁶² Tradição talmúdica babilônica (c.450 – c.550 EC). “Shabat (‘Sabbath’) é o primeiro tratado no Seder Moed (Ordem dos Festivais). Seus 24 capítulos discutem as 39 melachot (trabalhos proibidos no sábado), proibições de realizar o Shabat e mandamentos positivos que preservam a santidade do dia, como acender velas e fazer três refeições. O tratado também contém a principal discussão do Talmud sobre o feriado de Chanukah” (Sefaria.org).

¹⁶³ Tradição talmúdica babilônica (c.500 – c.800 EC). “Midrash Tanchuma é um midrash sobre os cinco livros da Torá, estruturado como sermões sobre os versículos iniciais de cada parágrafo dela. Nomeado em homenagem ao sábio talmúdico Rabino Tanchuma, que aparece com destaque no texto, também é conhecido como ‘Tanchuma-Yelammedenu’ devido à prevalência de passagens que começam com as palavras ‘yelammedenu rabeinu’ (ensinemos, nosso Rabino). A datação e a história da composição do Tanchuma são questões de debate acadêmico” (Sefaria.org).

¹⁶⁴ Tradição talmúdica babilônica (c.450 – c.550 EC). “Berakhot (‘Bênçãos’) é o primeiro tratado de Zeraim (‘Sementes’), a primeira ordem da Mishná, e o único tratado em Zeraim desta tradição talmúdica. Seus nove capítulos discutem as leis das orações, focando no Shema, na Amidá e nas bênçãos, incluindo aquelas recitadas no contexto da alimentação” (Sefaria.org).

seu olho, significando que você cometeu pecados muito mais graves.” (Bava Batra 15b, § 11)¹⁶⁵.

- 4) Não é devido julgar a não ser que um queira ser julgado. Apenas os que são capazes de orientar, o devem fazer, porque quando um que não é, orienta ao outro que lhe assemelha e ambos se arruinam (Mc. 4:24; Mt. 7:1-2, 15:14, 10:24-25^a; Lc. 6:37-40; Jo. 13:16, 15:20; Ev. Tomé 34; Q 6:37-40). A passagem se assemelha a seguinte: “O mesmo gentio veio diante de Hillel. Ele o converteu e disse a ele: Aquilo que é odioso para você não faça a outro; essa é toda a Torá, e o resto é sua interpretação. Vá estudar.” (Shabbat 31 a, § 7).
- 5) Afirma que os últimos serão os primeiros e os primeiros serão como foram os últimos. Talvez, que os mais desfavorecidos ocuparão os melhores lugares, ao passo que os que já ocupam, serão como os que precipitam (Mc. 10:31; Mt 8:11–12. 20:16. 19:30; Lc. 13:28–30; (Trecho: apenas o conteúdo da sinopse a seguir) Ev. Tomé 4:2; Pap. Oxyrh. 654 (Ev. Tomé). A passagem se assemelha a seguinte: “O rabino Simon ben Azai: Afasta-se dois ou três assentos do seu lugar de direito e se sente até que lhe digam, suba. Mas não suba, pois lhe dirão, desça. É preferível que lhe digam, suba, suba, e que não digam, desça, desça. Da mesma forma Hillel diz: Minha humilhação é minha exaltação; minha exaltação é minha humilhação. Qual é a fonte? ‘Quem se senta no Alto e olha para baixo para ver’ (Salmos 113:5-6).” (Vayikra Rabbah 1, §5)¹⁶⁶.
- 6) Não devem carregar sandálias. É devido desejar a paz aos que os recolherem, e se estes oferecerem algo de comer, que o comam e se disponham a cuidar de seus doentes. Ademais, exprime uma preocupação com a metáfora dos poucos trabalhadores para a grande colheita: talvez, o número de seus seguidores sejam poucos para seu propósito (Mc. 6:8-9. 6:10. 6:11; Mt. 9:37-38. 10:16^a,9-10^a, 11-13,10b, 7-8^a,14-15. 10;9-10^a. 10:11-13. 10:10b. 10:7-8^a. 10:14-15. 10:7; Lc. 10:2-12; Ev. Tomé 73. 14:4; Q 10:2-12). A passagem também se assemelha a seguinte: “Hillel e Shammai receberam [a tradição oral] deles. Hillel costumava dizer: sejam dos discípulos de Aarão, amando a paz e buscando a paz, amando a humanidade e

¹⁶⁵ Tradição talmúdica babilônica (c.450 – c.550 EC). “Bava Batra (‘O último portão’) é o terceiro de uma série de três tratados em Seder Nezikin (‘Ordem dos Danos’) que tratam de leis civis. Ele aborda relações entre vizinhos, presunções de propriedade e escrituras, e leis de vendas e herança. Bava Batra se destaca de seus tratados circundantes porque a vasta maioria de suas leis não são explicitamente bíblicas em sua origem, mas sim ordenanças rabínicas baseadas na compreensão dos sábios sobre a natureza humana, convenções sociais e a necessidade de estabelecer limites e diretrizes para regular relacionamentos comerciais” (Sefaria.org).

¹⁶⁶ Tradição talmúdica babilônica (500 EC). “Vayikra Rabbah é um midrash do livro de Levítico contendo sermões baseados nos versículos de abertura das seções do livro. Inclui materiais de obras contemporâneas como Gênesis Rabbah e o Talmude de Jerusalém, e ensinamentos que também são encontrados em Pesikta DeRav Kahana e no Talmude Babilônico. Estudiosos datam a obra do século V” (Sefaria.org).

atraindo-a para perto da Torá.” (Pirkei Avot 1, § 13); e também se assemelha a seguinte passagem: Há uma mulher que é inteligente em pedir emprestado e há uma mulher que não é inteligente em pedir emprestado. Ela vai até a sua vizinha. Mesmo que o portão esteja aberto, ela bate. Ela diz: ‘A paz esteja com você, minha vizinha. Como está? Como estão seus filhos?’ Ela responde: ‘Bem.’ E pergunta: ‘Posso entrar?’ Ela responde: ‘Entre, o que você quer?’ Ela diz: ‘Você tem tal e tal utensílio para me dar?’ Ela responde: ‘Sim.’ A não inteligente vai até a sua vizinha. Se o portão está fechado, ela o abre e diz: ‘Você tem tal e tal utensílio?’ Ela a responde: ‘Não.’(...) (Vayikra Rabbah 1. 5, §8).

Poderíamos afirmar que devido a esses indícios de serem fabulações, as passagens resultantes da aplicação do método proposto no capítulo da metodologia, são inconsistentes, de forma que falseiam o método proposto. Todavia, não é este o caso, porque esses indícios se configuram distintamente dos anteriormente abordados, principalmente por um motivo concernente a natureza dos indícios: enquanto os demais eram concebidos assim porque descreviam eventos da vida de Jesus, ou seja, reivindicavam, nos evangelhos, ser fatos vividos por ele, seja tratando dos seus milagres, seja das narrativas da sua infância e paixão; estes, se referem a doutrinas, ou seja, os indícios podem manifestar que as doutrinas ensinadas por Jesus, não eram necessariamente criações independentes suas, porque também se apresentam na Mishná (como também nas midrash’s). Alguém poderia falsear a hipótese de que ele pôde ter tido contato com as doutrinas que ensinava nos documentos judaicos, afirmando que não há nenhum indicio que expresse que Jesus pudesse ser alfabetizado, e por ser originário de Nazaré, ou de suas redondezas, dificilmente poderia saber ler, ademais, em nenhum contexto, é caracterizado como filho de pessoas nobres, e não havendo nada consistente preservado acerca de sua vida pregressa, não poderia ser inferido com assertividade, que Jesus leu e reproduziu estes ensinamentos. O elemento fundamental para o alto grau de probabilidade de Jesus poder ter tido contato com a tradição que preservava estes ensinamentos, é que ele pôde ter tido alguma forma de formação rabínica. Os documentos que foram referidos, não existiam antes de 70 EC porque eram na contemporaneidade de Jesus, tradições orais, portanto, não necessariamente ele deveria ter tido contato com todos os documentos mencionados para aprender semelhantes doutrinas, mas sim ter ouvido doutrinas semelhantes.

Em Mateus 23:4, 13; Lucas 11:46, 52 (Um trecho); Ev. Tomé 39:1-2. 102; Pap. Oxyrh. 655 (Ev. Tomé); e Q 11:46, 52; quando Jesus se dirige aos eruditos da Lei, afirmando que ao terem conhecimento, provavelmente da interpretação das escrituras; não o compartilham e não permitem os que querem tê-lo, consegui-lo, é notável que não se opõem ao

“conhecimento” dos eruditos, pelo contrário, valora que o possuem, o que contesta é a sua resistência em ensiná-los, impedindo inclusive os que querem adquiri-lo, de tê-lo. Também afirmou sobre isso, que “ninguém ascende uma lâmpada para escondê-la” (Mc. 4:21; Mt. 5:15; Lc. 11:33; 8:16; Ev. Tomé 33:2-3; Q 11:33); e mesmo o que se esconde, tende a revelar-se (Mc. 4:22; Mt 10:26b–27; Lc. 12:2; (Alguns trechos) Ev. Tomé 5:2. 6:5. 6; 33:1; Pap. Oxyrh. 654 (Ev. Tomé); Ev. Q 12:2). Nestas passagens, a doutrina de Jesus, não expressa a sua abdicação às doutrinas rabínicas, mas sim à contestação da forma com a qual os “eruditos da Lei” as preservavam, ao não torná-las públicas, de forma que a acepção talmúdica (que ainda não mencionei) acerca de quem foi Jesus de Nazaré, pode não ser equívoca, ou seja, apesar de poder ser tardiamente elaborada, e poder ser contestada pelo grau de veracidade das histórias nas quais é apresentada; a noção que representa Jesus como um aluno de um rabino e consequentemente também poder ter sido um rabino, pode efetivamente corresponder com o que Jesus foi. Em Avodah Zarah, o locutor afirma que encontrou um dos “estudantes” de “Jesus, o Nazareno”, cujo nome era Ya’akov, o qual demonstrou conhecimento da Torá dizendo que não é devido levar o dinheiro de um pagamento de prostituta para a casa de Deus (Avodah Zarah 17 a, §1)¹⁶⁷. Apesar da história da passagem poder ser fictícia, a ideia de Jesus ser um rabino, é consistente. Em Sanhedrin e Berakhot, a memória de “Jesus, o Nazareno” é evocada como exemplo de um mal aluno/jovem que desonrou seu mestre, ao ter pecado em público e ter feito com que outros pecassem também (Sanhedrin 103 a, §12; e Berakhot 17 b, §1)¹⁶⁸. Também em Sanhedrin, e em Sotah, “Jesus, o Nazareno”, é usado como exemplo de alguém que foi plenamente rechaçado por um mestre, é afirmado que os sábios ensinaram que “a mão esquerda afaste os pecadores e a direita os aproxime”, mas que Yehoshua ben Perahya, “empurrou Jesus, o Nazareno, com suas duas mãos”, fazendo com que perdesse sua parte no Mundo Vindouro (Sanhedrin 107 b, § 7; e Sotah 47 a, § 6 e 7)¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Tradição talmúdica babilônica (c.450 – c.550 EC). “O Tratado Avodah Zara (“Idolatria”) é um tratado em Seder Nezikin (“Ordem dos Danos”) que discute a proibição da idolatria e regulamentações sobre interações entre judeus e idólatras. Os dois primeiros capítulos abordam as relações econômicas com idólatras e o consumo de seus alimentos. O terceiro e o quarto capítulos discutem leis relacionadas a ídolos e imagens proibidos e o processo de sua anulação, e o quinto capítulo discute a proibição de derivar benefícios do vinho que foi derramado como libação para adoração de ídolos”. “(...) encontrei um homem que era um dos estudantes de Jesus, o Nazareno, e o seu nome era Ya’akov de Kefar Sekhanya. Ele me disse: Está escrito em sua Torá: ‘Você não deve trazer o pagamento de uma prostituta, ou o preço de um cão, para a casa do Senhor seu Deus.’ Deuteronômio 23:19)” (Avodah Zarah 17 a, §1). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

¹⁶⁸ “Nem praga alguma chegará à tua tenda” significa que você não terá uma criança ou aluno que cozinhe muito sua comida em público, ou seja, que peque em público e faça com que outros pequem, como no caso bem conhecido de Jesus, o Nazareno.” (Sanhedrin 103 a, §12; e Berakhot 17 b, §1). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

¹⁶⁹ Tradição talmúdica babilônica (c.450 – c.550 EC). “O Tratado Sanhedrin (‘Assembleia de Juizes’) é um tratado em Seder Nezikin (‘Ordem de Danos’) que aborda o sistema judicial. Seus onze capítulos discutem a seleção de juizes e a formação de um tribunal, o processo de aceitação de testemunhos e a punição monetária, corporal e capital. O último capítulo, conhecido como ‘perek chelek’, aborda o Mundo Vindouro e quem não o

A partir deste momento, volto a abordar a condenação de Jesus de Nazaré, porque depois de arrazoar sua doutrina, caracterizada pelo ensinamento relativo a um “Reino de Deus”; e a possível origem de seu conhecimento, devemos correlacioná-la com a causa da sua morte, a que no capítulo da metodologia propus que efetivamente poderia ter sido em uma cruz. A hipótese que poderia ser proposta, relativa a um possível acolhimento de Pilatos (26-37 EC na Província da Judeia) de um pedido para a condenação de Jesus em uma cruz por parte dos judeus, devido ao crime de blasfêmia apontado em algumas passagens dos evangelhos da ortodoxia; não deve ser assumida como uma hipótese forte, não somente por poder ser uma conjectura, mas sim porque quando investigamos outras situações nas quais Pilatos recebeu pedidos dos judeus, nelas, segundo Flávio Josefo e Fílon de Alexandria (25 AEC – 50 EC), foi irredutível em negar.

Segundo a Lei dos judeus, efigies eram terminantemente proibidas de serem confeccionadas ou cultuadas, algo que sob observação dos oficiais romanos fez com que os procuradores responsáveis pela Província da Judeia entrassem na cidade de Jerusalém com estandartes sem elas. Pilatos diferentemente de seus precursores, levou de Cesárea até Jerusalém efigies do imperador Tibério, todavia, não sem reação popular, provocou distúrbios por muitos dias entre os judeus, que suplicando a ele para que ordenasse a retirada delas, tiveram seu pedido ignorado e devido a ele, foram ameaçados; mostrando-se intransigente, e percebendo que também estavam irredutíveis no pedido, ameaçou com a morte os que estavam engajados (Antiguidades Judaicas, XVIII, 55)¹⁷⁰. Segundo Fílon, essa medida de Pilatos, não era motivada para honrar o imperador Tibério, mas sim para irritar a multidão, porque ele tinha uma “disposição muito inflexível e muito implacável, bem como muito obstinado”. O povo implorava para que ele ordenasse a retirada de tais objetos evocando à consciência de que o imperador: “não deseja que nenhuma de nossas leis, ou costumes, seja destruída”, ao ouvir isso, Fílon, afirma que Pilatos se exasperou demasiadamente, porque

recebe”. “Os sábios ensinaram: Sempre faça com que a mão esquerda afaste os pecadores e a direita os aproxime, para que o pecador não se desespere totalmente da expiação. Isso é diferente de Eliseu, que empurrou Geazi com suas duas mãos e o fez perder sua parte no Mundo Vindouro, e diferente de Yehoshua ben Perahya, que empurrou Jesus, o Nazareno, com suas duas mãos.” (Sanhedrin 107 b, § 7; e Sotah 47 a, § 6 e 7). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

¹⁷⁰ “Pilatos depois de levar de Cesárea o exército e assentá-lo em Jerusalém para que passasse o inverno ali, quis colocar as efigies do imperador que portam os estandartes militares, quando a lei dos judeus proíbe a fabricação de efigies, por esta razão os procuradores anteriores entravam na cidade com estandartes sem elas. Mas os judeus quando souberam disso, apresentaram-se em massa em Cesárea, suplicando a Pilatos durante um grande número de dias que ordenasse o traslado das efigies de Jerusalém a outra parte. Mas ele não aceitou o que rogavam (...) e em vista de que eles não o deixavam de importunar com suas petições (...). Depois de dar um sinal a seus soldados, colocou seus soldados em torno dos suplicantes e os ameaçou em impor-lhes imediatamente como castigo a morte se não o deixavam de promover distúrbios e regressassem a casa. (...)” (Antiguidades Judaicas, XVIII, 55). Tradução do espanhol sob minha responsabilidade.

temia que o acusassem em alguma embaixada, e dessem outros detalhes de seu governo, marcado pela “corrupção, seus atos de insolência, sua rapina, seu hábito de insultar as pessoas, sua crueldade, e seus assassinatos contínuos de pessoas sem julgamento e não condenadas” (Fílon de Alexandria, Sobre a Embaixada em Gaius, XXXVIII, 299-303)¹⁷¹. Josefo, também afirmou que Pilatos havia sido responsável por ordenar a construção de um aqueduto até Jerusalém com o dinheiro do Templo, algo que ao ser tomado como conhecimento por uma parte dos judeus, fez com que eles se amotinasse contra ele, todavia, como retaliação, Pilatos ordenou que uma grande quantidade de soldados se dirigissem até eles para os castigar com golpes (Antiguidades Judaicas, XVIII, 60-62)¹⁷². O caráter controverso de Pilatos expresso por todos estes eventos descritos e referidos, teve um momento final na Província da Judeia, quando depois que o motim organizado pelo Profeta Samaritano fora vencido, ele recebeu acusações dos senadores da Samaria perante Vitélio o legado da Síria (ex cônsul), eles o acusaram de ser responsável pela morte indevida dos que faziam parte do movimento deste profeta, porque segundo eles, ele e seu movimento não se levantava contra Roma, mas sim contra os atos de Pilatos, Vitélio, para averiguar a acusação, mandou Marcelo, seu amigo próximo, para que governasse a Judeia, enquanto Pilatos foi ordenado a ir até Roma ante ao Imperador para responder às acusações dos samaritanos,

¹⁷¹ “Pilatos era um dos tenentes do imperador, tendo sido nomeado governador da Judeia. Ele, não mais com o objetivo de honrar Tibério do que com o de irritar a multidão, dedicou alguns escudos dourados no palácio de Herodes, na cidade santa (...) Mas quando a multidão ouviu o que havia sido feito, e quando a circunstância se tornou notória, então o povo (...) lhe implorou para alterar e retificar a inovação que ele havia cometido em relação aos escudos (...) Mas quando ele recusou firmemente esta petição (pois ele era um homem de disposição muito inflexível e muito implacável, bem como muito obstinado), eles gritaram: “(...) não faça guerra contra nós; não destrua a paz que existe (...)” Tibério não deseja que nenhuma de nossas leis ou costumes seja destruída. E se você disser que sim, mostre-nos algum comando dele (...) Mas esta última frase o exasperou no maior grau, pois ele temia que eles pudessem ir em uma embaixada, e pudessem acusá-lo com relação a outros detalhes de seu governo, com relação à sua corrupção, e seus atos de insolência, e sua rapina, e seu hábito de insultar as pessoas, e sua crueldade, e seus assassinatos contínuos de pessoas sem julgamento e não condenadas (...)” (Fílon de Alexandria, Sobre a Embaixada em Gaius, XXXVIII, 299-303). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

¹⁷² “Pilatos construiu também um aqueduto até Jerusalém a custa do dinheiro sagrado (...). Mas eles não estavam contentes com este assunto e milhares de pessoas gritavam contra ele (...). Então, Pilatos, depois de enviar uma grande quantidade de soldados, mandou que eles os golpeassem.” (Antiguidades Judaicas, XVIII, 60-62). Tradução do espanhol sob minha responsabilidade.

todavia, à caminho de lá, Tibério morreu (37 EC) (Antiguidades Judaicas, XVIII, 88)¹⁷³. Sob Pilatos (e também sob Florus) o número de transtornos populares foi notavelmente o maior¹⁷⁴.

Pilatos, segundo o que podemos averiguar nas passagens mencionadas de Flávio Josefo e Fílon de Alexandria, era “um homem de disposição muito inflexível e muito implacável”. A ameaça do povo em levá-lo ante César, foi consequência de tudo o que ele já havia feito: “sua crueldade, seus assassinatos contínuos de pessoas sem julgamento e não condenadas”, de forma que é mais intuitivo afirmarmos que a morte de Jesus de Nazaré pode ser concebida como uma dessas ações da ira de Pilatos, inclusive, não respaldada por algum traço da lei romana; do que produto do pedido de morte feito pelos judeus (por ter infligido um dos seus costumes). Quando investigamos os ensinamentos de Jesus de Nazaré, a implicação de uma hipotética ira de Pilatos causada por ele¹⁷⁵, pode ser identificada, especialmente pelo o que pode ser concluído a partir de expressões como esta: “os primeiros serão os últimos”.

Antes de seguir com outros assuntos, vou analisar a improbabilidade da pena de Jesus ter sido imposta pelos judeus. A referência a um cadáver pendurado em Deuteronômio 21:22, que poderia ser evocada como forma de contestação a improbabilidade que defendo; caracteriza-se como inconsistente nesta argumentação, na medida que a ação ali descrita era dirigida a alguém que já havia sido morto, e portanto, depois disposto pendurado, não pressupunha que esse procedimento fosse responsável pela sua morte. Para o crime de blasfêmia, o atribuído a Jesus nos evangelhos da ortodoxia, a pena aplicada, era o apedrejamento, seguido pela suspensão do cadáver após a morte.

Os cadáveres de todos aqueles que são apedrejados são pendurados após sua morte; esta é a declaração do Rabino Eliezer. E os rabinos dizem: Somente o cadáver do blasfemador, que amaldiçoou a Deus, e o cadáver do adorador de ídolos são pendurados. (...) Como eles penduram o cadáver de alguém que foi morto por

¹⁷³ “Depois que o motim liderado pelo Profeta Samaritano foi aplacado, os senadores da Samaria se apresentaram ante Vitélio, ex cônsul que ocupava o cargo de legado da Síria, e acusaram a Pilatos da morte dos amotinados, visto que, segundo o que eles diziam, haviam ido a Tirazana não para levantar-se contra os romanos, mas sim para escapar da insolência de Pilatos. Vitélio, então, depois de enviar a Marcelo, um de seus amigos, para que se encarregasse do governo da Judeia, ordenou a Pilatos que partisse até Roma para responder ante o Imperador das acusações que contra ele haviam levantado os judeus. E Pilatos, depois de passar dez anos na Judeia, se dirigiu a Roma, obedecendo aos mandos de Vitélio, aos que não podia se opor. Mas antes de que ele chegasse a Roma, Tibério César já havia deixado este mundo.” (Antiguidades Judaicas, XVIII, 88). Tradução do espanhol sob minha responsabilidade.

¹⁷⁴ Houve revoltas violentas na província enquanto Pilatos era governador: em 26 e c. 36 EC (Antiguidades Judaicas. XVIII. 60–62; Guerra Judaica. II.175–77); e enquanto Florus o era, em 66 EC (Guerra Judaica. II.293).

¹⁷⁵ Não asseguro de nenhuma forma, nem defendo, que Pilatos mesmo pode ter sido informado da doutrina do Reino de Deus, de Jesus, todavia, concebo como mais provável que ele tenha estabelecido alguma ordem, a qual foi seguida por algum de seus oficiais, e esse sim, conhecendo ou sendo informado da doutrina de Jesus, levou a cabo a sua morte, contudo, estou no campo das conjecturas.

apedrejamento? Eles afundam um poste na terra com um pedaço de madeira projetando-a para fora, formando uma estrutura em forma de “T”. (...) O morto fica pendurado ali por apenas um tempo muito curto, e então eles o desamarram imediatamente (Mishnah Sanhedrin. VI. 4).

Concebendo que a morte de Jesus foi por apedrejamento, tendo seu corpo pendurado depois, devido ao seu crime de blasfêmia, a narrativa da ortodoxia acerca dos procedimentos com o seu corpo, os posteriores a sua morte; divergem dos procedimentos prescritos pela lei judaica.

Depois que o agressor executado é levado para baixo, ele é enterrado, e eles não o enterrariam em seu lote de sepultamento ancestral. Em vez disso, dois cemitérios foram estabelecidos para o enterro dos executados pelo tribunal: um para aqueles que foram mortos por decapitação ou estrangulados, e um para aqueles que foram apedrejados ou queimados (Mishnah Sanhedrin. V-VI).

De acordo com os evangelhos da ortodoxia (especificamente os sinóticos), a morte de Jesus foi no primeiro dia da Páscoa, dado que entra em conflito com a lei judaica, pois, nenhuma execução poderia ser feita neste período.

E os seguintes são os atos que são proibidos no Shabat (sábado) e são notáveis porque são opcionais, ou seja, que envolvem um aspecto de uma mitzvá, mas não são mitzvot completas: Não é devido julgar, nem desposar uma mulher, nem realizar halitza, que é feito em vez do casamento de levirato, nem realizar o casamento de levirato (Mishnah Beitza 5, § 2)¹⁷⁶.

Ao analisar uma circunstância na qual a pena de crucificação foi aplicada pelos romanos a judeus, para concluirmos quais dos possíveis motivos hipotéticos pela pena de crucificação, é o mais provável para o caso de Jesus de Nazaré; é possível identificarmos a impetrada contra os que foram responsabilizados pela Primeira Guerra Judaico-Romana, Josefo afirma que por possuírem essa culpa, foram condenados à crucificação depois de serem torturados, portanto, por agirem contra o poder imperial local, receberam esta pena.

Como depois de terem lutado, eles pensaram que era tarde demais para fazer qualquer súplica por misericórdia. Então eles foram, primeiro, chicoteados, e então atormentados com todos os tipos de torturas, antes de morrerem; e foram então crucificados diante do muro da cidade (Guerra Judaica, V. 11, § 1).

O “Reino de Deus” terrestre proclamado por Jesus de Nazaré, no qual os humilhados seriam exaltados, em que os primeiros seriam os últimos, e os últimos os primeiros (Mc.

¹⁷⁶ Tradição talmúdica babilônica (c.450 – c.550 EC). “O Tratado Beitza (‘Ovo’), nomeado devido à primeira palavra do tratado) está localizado em Seder Moed (‘a Ordem dos Festivais’) e discute as leis de Yom Tov (feriados bíblicos). (...) O tratado abre com discussões sobre muktzeh, ou itens que são reservados e não podem ser usados no Shabat ou Yom Tov. Os capítulos restantes focam principalmente na preparação de alimentos no Yom Tov, uma forma de trabalho que é proibida no Shabat” (Sefaria.org).

10:31; Mt 8:11–12. 20:16. 19:30; Lc. 13:28–30; Ev. Tomé 4:2; Pap. Oxyrh. 654 [Ev. Tomé]); pôde ter sido concebido, seja por Pilatos mesmo ou seus oficiais, como uma tentativa de instauração de um reino paralelo ao Império, de forma que seu mestre proclamador, um insurgente contrário a Roma, deveria ser penalizado com a mais dura pena. Esta especulação corroboraria com a morte de Jesus de Nazaré ter ocorrido em uma cruz, penalização imposta pelos romanos por um crime por eles concebido, todavia, quero salientar que não existe nenhum dado conclusivo acerca da razão objetiva da sua crucificação.

Apesar da carência de informações a respeito do motivo objetivo da crucificação de Jesus de Nazaré, proporei uma hipótese a partir do que podemos averiguar da vida e dos ensinamentos de Jesus de Nazaré; que poderia responder a pergunta sobre o crime identificado por Pilatos, ou indiretamente pelos seus oficiais, para a pena de crucificação.

3 Da insurgência de Jesus de Nazaré

Os caçadores-coletores Ju/hoan do deserto do Kalahari possuíam uma sabedoria que contribui à compreensão da forma de insurgência que podemos caracterizar Jesus de Nazaré. Os integrantes da sociedade da qual me refiro, mantinham sua confiança na providencia de seu entorno, de forma que nunca armazenavam comida ou recorriam mais que o suficiente para apaziguar seus ensejos (James Suzman, 2021, p. 176). Apesar das temporalidades e mundos simbólicos sem nenhuma forma de interação, o que Jesus pregou acerca dos “tesouros que os insetos podem destruir” (Mc. 4:25; Mt. 13:12; 25:29; Lc. 8:18b. 19:26; Ev. Tomé 41:1–2); e que é devido ser como as aves, que não se preocupam com o amanhã e sempre têm com o quê subsistir (Mt 6:25-34; Lc. 12:22-31; Ev. Tomé 36; Pap. Oxyrh. 655 [Ev. Tomé]; Q 12:22-31), no seu contexto com as demais passagens, assemelha-se a sabedoria adquirida pelos caçadores-coletores Ju/hoan.

‘Quando um jovem homem consegue muita carne, pensa sobre si mesmo como um chefe ou um grande homem, e crê que o resto de nós somos seus serventes ou inferiores. Não podemos aceitar isso (...). Por isso sempre falamos de sua carne como algo sem valor. Desta maneira baixamos os seus ânimos e conseguimos que seja amável.’ (James Suzman, 2021, p. 193).

Submetendo o conceito de “tesouros corruptíveis” à acepção Ju/hoan da causa da existência de poderes exercidos por uns sobre outros, poderíamos afirmar que o reconhecimento coletivo de algum valor nos “tesouros que os insetos podem destruir”, pode ser caracterizado como o desconhecimento de que o valor reconhecido neles, nada mais

depende que desse reconhecimento pelos sujeitos e que é ele o fator responsável pelos poderes que, por meio da sua posse ou da sua busca (dos “tesouros corruptíveis”); serão exercidos sobre os que os reconhecem. Na armadilha sobre pagar impostos (Mc. 12:13–15^a. 7:6–7. 12:15b–17^a; Mt. 22:15–18^a. 7:21. 15:7–9; 22:18b–21; Lc. 20:20–23a; 6:46. 20:23b–25; Ev. Tomé 100:1–4; Ev. Egerton 3:1–6 [sem menção a César]), a resposta de Jesus expressa a sua posição acerca desse valor: se alguém negasse o imposto e usasse a moeda requerida, uso rechaçado pela doutrina contra o acúmulo desses “tesouros”; ainda a atribuiria valor, como também faria com que ações contra a sua posse, levadas a cabo pelos que também a valoravam, fossem significativas, em um acordo subsumido sobre a pertinência do valor suposto neles. Portanto, segundo o mesmo raciocínio, não seria devido afirmar que há ganho a quem logrou um tesouro, se ele não é reconhecido como um objeto de valor a quem o perdeu, como também não há perda por um ganho de outro, se o tesouro não é reconhecido por quem o perdeu como um objeto com valor, afinal, poder agressor e resistente só são assim definidos a partir de algum grau de convergência na acepção de valor do que reivindicam. Os poderes que poderiam ser exercidos contra um portador desses “tesouros” do “reino humano”, só constituir-se-iam como “poderes”, precisamente se o sujeito também atribuísse valor a eles tal como seus requerentes, ao ignorar que também era o seu reconhecimento o responsável pelo valor e pela existência de uma ação de um poder agressor. O mesmo poderíamos afirmar acerca do caçador Ju/hoan, porque depois de ter algum suposto valor de sua caça ignorado, não voltaria mais a esperar ou exigir algum privilégio pelos demais que a conquistassem.

A doutrina de Jesus não seria melhor caracterizada como uma defesa ao amplo acesso às riquezas materiais ou às posições de destaque pelos “últimos”, porque desta forma presumiríamos que ela admitia um valor essencial na natureza desses “tesouros”, mas sim como um conjunto de normas morais essenciais para o Reino de Deus, fundado no modo de vida que seus integrantes teriam ao praticá-las. Jesus ensinava a não reconhecerem valor nos “tesouros do reino humano”, e por consequência, emancipava o seu movimento de ter algum homem como soberano; se reconhecessem valor nos tesouros incorruptíveis e tivessem boas ações, estabeleceriam a única e exclusiva soberania de Deus. Jesus, não se submetia e ensinava a se submeterem aos poderes instituídos, mas instava os integrantes do Reino de Deus a reconhecerem nos tesouros incorruptíveis um verdadeiro valor, um que ao ser acumulado jamais seria perdido, de forma que nele, por esse motivo, “os últimos serão os primeiros e os primeiros os últimos” (Mc. 10:31; Mt 8:11–12. 20:16. 19:30; Lc. 13:28–30; [Trecho] Ev. Tomé 4:2; Pap. Oxyrh. 654 [Ev. Tomé]; Q 13:29, 28, 30), ou seja, os menores no reino humano, seriam os maiores no Reino de Deus, pois, as preocupações que constituem

o reino humano, as que eram fundamentais para a existência dele; eram as rechaçadas pelo Reino de Deus. Jesus, portanto, também não se opunha aos soberanos do mundo, mas desvelava a condição necessária para que eles existissem, ensinando que a sua existência dependia justamente da adesão comum aos “tesouros”, ademais, promovia a esperança futura dos “últimos”, ao se tornarem os “primeiros” quando reconhecessem valor nos verdadeiros “tesouros”. Semelhantemente aos Ju/hoan que não reconheciam valor de destaque na carne conquistada pelo caçador, de forma que impediam com isso, qualquer exercício de poder ou distinção por ele reivindicada, e guardadas todas as distâncias, Jesus ao perguntar qual imagem estava inscrita na moeda, e orientar que devolvessem ao referido pela inscrição, atribuiu o suposto valor que portava à demanda do representado, não um pertencente a ela mesma ou algum reconhecido pelos ingressantes no Reino de Deus, de forma que a orientação a entregá-la como imposto, apesar de manifestar-se como uma passividade ante uma agressão, constituía-se como um ato de libertação. Frente a possíveis insurgentes que poderiam não querer pagar o tributo por “conhecer”¹⁷⁷ o seu valor, e os que o entregariam como algo sem valor, há pouca dúvida que os insurgentes que poderiam impetrar uma efetiva ameaça ao Império, seria estes últimos, porque sem o reconhecimento dos instrumentos de poder, nenhuma ação imperial frente aos “descrentes dos valores do reino humano” poderia ser concebida como isso mesmo que se presumia ser, a saber, um poder. No Reino de Deus, portanto, os tesouros que seriam guardados, os reconhecidamente valorados, eram os tesouros que os insetos não poderiam destruir¹⁷⁸.

Se o Reino de Deus se cumpre plenamente segundo a esperança de Jesus ao tornar-se “a maior das árvores” (Mc. 4:30–32; Mt 13:31b-32; Lc. 13:18-19; Ev. Tomé 20:1-4; Q 13:18-19), na adesão contínua de mais integrantes; não haveria valores reconhecidos em objetos desde os quais o Império exerceria e seria legitimado a exercer seu poder, nem tampouco os que os sujeitos mesmos submeter-se-iam ao reconhecê-los. A conjunção do ensino de doutrinas que pregavam a abdicação a todos, de todo acordo acerca dos “tesouros do reino humano”: a preocupação com o vindouro no acúmulo de riquezas que poderiam ser usurpadas ou corrompidas, além, conseqüentemente, das práticas de mesquinha que as acompanhariam; com a afirmação de um reino que já havia instaurado a partir da adoção da não preocupação com o amanhã e de princípios morais que emancipariam seus integrantes de identificarem valor nos “tesouros” pelos quais eram exercidos o poder imperial; Jesus pôde ter

¹⁷⁷ Aqui “conhecer” o valor da moeda, e por isso, rebelar-se contra o tributo, configura-se como desconhecimento da condição necessária da existência do tributo.

¹⁷⁸ Eles, os descritos por Jesus no capítulo anterior, especialmente na segunda, quarta e quinta temática de passagens.

sido identificado como um insurgente, ou seja, alguém que por alguma ação foi identificado obstaculizando o exercício de poder instituído. Saliento que, apesar de tudo, o motivo objetivo, ou os motivos responsáveis pela sua condenação, não são encontrados descritos nas documentações, portanto, apenas em termos hipotéticos, afirmo esta articulação.

4 Insurgentes à margem da História¹⁷⁹

Jesus de Nazaré foi um fenômeno isolado? Sua preocupação com os “últimos”, constituía-se como uma preocupação de um homem singular sem semelhantes? Afinal, qual esperança os poucos que o seguiam, possuíam? Antes do propor responder a estas perguntas, devemos investigar se haviam ou não outras personalidades que como ele, conseguiram perceber o que os eruditos com muita dificuldade podiam ver. As personalidades que neste capítulo abordarei são: Judas, o galileu (c. 6 EC) e Saduco (c. 6 EC); um profeta da Samaria (36 EC); Teudas (46 EC); um profeta egípcio (c. 52 – 58 EC); e um profeta não nomeado (c. 59 EC). Abordarei estas personalidades porque também eles, como Jesus, engajaram-se em libertar a si mesmos como o povo, da escravidão do “reino humano”. Abordarei estas personalidade e não outras de outras temporalidades, porque o critério que estabeleço é o de identificar e arrazoar os movimentos dos que motivados pela tradição simbólica judaica, interpretaram sua realidade a partir do que os profetas havia afirmado, ademais, os que não se propuseram fazer guerra contra Roma, mas sim que com uma segurança no auxílio divino, lograriam libertar-se do julgo gentio.

Flávio Josefo em sua “Antiguidades Judaicas”, afirmou, que por ordem de Augusto César (63 AEC – 14 EC), foram enviados para a região da “Província da Judeia”, Quirino (51 AEC – 21 EC) e Copônio (c. 6 EC). De referida ordem, da parte atribuída a Quirino, além da que já lhe cabia, a de exercer poder ante o povo; era levar a cabo um censo das propriedades da população da nova região, do mais, executar a venda das propriedades de Herodes Arquelau, que havia tido seu poder suplantado pela decisão de que a região a qual era soberano fosse a partir de então parte agregada da Província da Síria. Do que foi atribuído a

¹⁷⁹ Não abordarei outras personalidades como Manahem, o essênio (c. 66); João de Gischala (67-70 EC); e Simão bar Giora (69-70 EC), que também poderiam ser concebidos como insurgentes ou líderes de movimentos não hegemônicos na primeira metade do século primeiro na Província da Judeia; porque adoto como critério, o perfil de pessoas que não possuíam nenhum aparente vínculo com a corte do rei, como também, nenhuma intenção em tornar-se líder de todo o povo.

Copônio, era desempenhar a função de procurador, para governar o povo da região sob seus “poderes absolutos”¹⁸⁰.

Em um primeiro momento, a população não recebeu positivamente a informação de que um censo seria feito em breve acerca de seus bens, todavia, sob a ação influente de Joazar ben Boethus (4 AEC), o Sumo Sacerdote daquele momento; acometeram-se, e decidiram submeter-se ao censo que lhes havia sido imposto desde César. Apesar da aparente conformidade conquistada entre os interesses imperiais e a submissão popular, uma figura originária da região da Galileia, provocaria a mudança do cenário favorável ao poder já hegemônico. Judas, originário da cidade de Gamala mais precisamente, suposto por Josefo como um “terrível doutor”¹⁸¹, com o auxílio de Saduco, caracterizado simplesmente como um fariseu; insuflou a população, assegurando-lhes que o censo promovido por Roma exercia a real função de submetê-los, de maneira que era necessário “defender a sua liberdade” ante tal violência simbólica contra ela. Deus os reconhecera se esforçassem a referido intuito, de maneira que disporia de apoio na concretização do que ensejavam. Se fossem exitosos com a defesa de sua liberdade, não somente a assegurariam, como também a sua felicidade, mas se não lograssem êxito, lograriam ao menos, honra.

Josefo em um manifesto desejo de salientar a proporção da adesão dessas ideias, afirmou que: “não há calamidade alguma, originária destes homens, que não encheu por completo a nação judia, em forma inclusive indizível”. Conflitos violentos foram causados e causaram “a morte dos varões principais”, que movidos a conquista de um bem que atingiria a todos, caíram por aderir o que “aqueles criminosos” ensejavam à sua própria causa.

Segundo o que afirmou Josefo, esse movimento insuflado inicialmente por Judas e seu auxiliar Saduco, não simplesmente se dirigia contra os gentios que os submeteriam, porque era uma condição que condenavam; como também entre si mesmos não admitiam nenhum soberano a não ser Deus (do povo judeu). A estes dois homens, atribuiu a “alteração” das normas tradicionais, de forma que também foram referidos como os responsáveis por uma “quarta escola de filosofia” (Antiguidades Judaicas, XVIII, 1-10), a qual muitos adeptos

¹⁸⁰ O território de Arquelau foi posto sob a administração romana, como uma parte da província da Síria, apesar de não ser reduzida a ela. A província teve um governador próprio de nível equestre, que circunstancialmente estava subordinado ao legado imperial da Síria. Síria e Judeia eram províncias distintas conforme assegurou Tácito em Anales II. 42, referindo-se ao ano de 17 EC. O primeiro procurador desta região foi Copônio, que esteve no seu cargo entre 6 e 9 EC, às ordens do legado imperial da Síria, sob Quirino (Antiguidades Judaicas XVIII. 1).

¹⁸¹ Um erudito da Lei. Em “Guerra Judaica”, Josefo se refere a Judas, o Galileu, com esta denominação, o que aponta que suas ideias podiam provir de sua interpretação da Torá: “ (...) não ouças as palavras desse profeta ou desse intérprete de sonhos. Porque é Iahweh vosso Deus que vos experimenta, para saber se de fato amais a Iahweh vosso Deus com todo o vosso coração e com todo o vosso ser. Seguireis a Iahweh vosso Deus e a ele temereis, observareis seus mandamentos e obedecereis à sua voz, a ele servireis e a ele vos apegareis.” (Deuteronômio 13:4-5).

foram os responsáveis pelos futuros eventos que geraram a ruína do estado judeu¹⁸². Sua filosofia concordava com a perspectiva farisaica “em todas as questões”, com a diferença de que seu afinco a uma defesa pela liberdade se orientava somente para admissão de uma única e incontestável submissão a Deus (Antiguidades Judaicas, XVIII, 23). Se opunham intransigentemente a dar a alguém o poder e honra de soberano, de maneira que preferiam se submeter “a maiores sofrimentos” em defesa desta ideia do que abdicá-la para não perecerem.

(...) suportam os maiores sofrimentos por defender estes princípios, omito de estender-me mais sobre isso, pois, temo não que algo do que eu fale acerca deles impressione, mas sim, pelo contrário, que minhas palavras induzam ao leitor a considerar a capacidade de sofrimento destes homens menor que o desprezo que a eles mostram (Antiguidades Judaicas, XVIII, 23).

De Judas, o Galileu e Saduco, carecemos de mais informações, todavia, a preservada, elucida o que defenderam, embora entre o que é peculiar de Josefo; não é a simples troca do poder soberano local por um gentio, que Judas e Saduco, foram movidos a voltar-se contra o poder imperial que se instaurava. Podemos inferir que nem mesmo reconheciam como efetivamente soberano a Arquelau, embora tolerassem que se concebesse como tal. O poder gentio na província, representado por Quirino e Copônio, não foi a causa da revolta, o problema foi instaurado especialmente devido ao censo de propriedades: o dever de fornecer informações sobre os bens pôde ter sinalizado uma nova carga tributária, que não somente poderia prejudicar a vida da população, como ser um símbolo de submissão ao poderio imperial. A aparente falta de sentido que pode levar a ser concebida pelo motivo apresentado por Josefo, acerca da correlação censo e possibilidade de escravidão, é superada quando identificamos o ensejo do historiador, quando o distinguimos dos eventos descritos. Ao se submeterem ao censo, o povo, deixariam de servir ao Deus garantidor da sua liberdade para servir aos homens cuja subserviência era proibida (Deuteronômio 13:4). A escolha pela morte ante a subserviência, foi a escolha à obediência a Deus ante a verdadeira morte: a escravidão à vontade da falsa soberania.

A culpa atribuída por Josefo a Judas e Saduco, também pelo o que futuramente ocorreu com Jerusalém na ocasião de sua destruição; pode dever-se ao dado de que os filhos de Judas, também foram responsáveis por agitações, como seu pai. Suas ações podem ter sido compreendidas como a origem e inspiração dos eventos que derrocaram na destruição de Jerusalém. Da condenação de Judas, Josefo nada preserva, mas a de seus filhos Jacó e Simão,

¹⁸² Josefo culpa Judas e Saduco também pelo que futuramente ocorreu com Jerusalém na ocasião de sua destruição. Não menciona como estes foram condenados, mas ao tratar dos movimentos futuros, preserva o dado que os filhos de Judas, também foram responsáveis pela guerra (Antiguidades Judaicas, XVIII, 23)..

afirma que foram crucificados na época do procurador Tibério Alexandre (Antiguidades Judaicas XX. 99-102). Não identifiquei um indício claro acerca de que Judas, o Galileu, ou Saduco, compreendiam-se como o Messias ou anunciavam um, todavia, mais à frente, abordarei noções de messianidade que podem oferecer-nos mais elementos conclusivos. A insurgência de Judas, o Galileu e Saduco, esteve disposta na oposição contra os poderes que eram instituídos, movidos pela fé à subserviência exclusiva a Deus.

Josefo também afirmou que um homem que “não se importava em mentir”, buscava por todos os meios persuadir o povo samaritano. Os instou para que conjuntamente com ele fossem ao monte que se chamava Garizín (para eles esse monte era sagrado), para que lhes mostrassem objetos de culto escondidos por Moisés. Os que se convenceram de sua retórica, armaram-se e se assentaram na aldeia de Tirazana, com o objetivo de agruparem mais pessoas para irem em direção ao Monte Garizín. Pilatos, contudo, adiantou-os com oficiais, com o objetivo de combatê-los, de forma que ao conseguir encontrá-los, ordenou matar alguns dos que seguiam o profeta, e outros, fugiram ou foram levados presos (Antiguidades Judaicas XVIII. 85-87).

O profeta não nomeado por Josefo, foi mais uma das personalidades das quais se atém pouco em descrever e busca orientar ao leitor a conceber com precaução. Das escassas informações sobre ele, sua historicidade enquanto pessoa real, estabelece-se justamente entre os posicionamentos negativos de Josefo, como: “buscava (...) persuadir o povo samaritano”, informação que não descreve algo sobre a personalidade, mas sim sobre a concepção do historiador. Quando, todavia, analisamos a informação de que o profeta orientou o povo a ir até o referido monte, persuadidos por um objetivo ligado a Moisés, podemos estabelecer uma possível correlação com Deuteronômio 18:9-18, na passagem, sob um diferente contexto, um profeta restaurador é prometido, um que se opõe às práticas estrangeiras “abomináveis”. Este dado, corrobora com as outras informações dispostas e articuladas por Josefo, visto que segundo este propósito, seguir-se-ia a motivação do movimento do profeta em armar-se, e ser violentamente impedido a levar a cabo seu objetivo pelas forças imperiais sob autoridade de Pilatos. O profeta samaritano, poderia promover uma tentativa de revolta na região, desde a ojeriza por muitas das práticas do Império até a inconformidade à sua submissão aos poderes imperiais. Sobre isto, a causa apontada por Josefo acerca da retirada de Pilatos da região, é que segundo o que os senadores da Samaria relataram ante Vitélio, o legado da Síria naquele momento; o profeta samaritano foi punido por Pilatos indevidamente, porque ele não se levantava contra Roma, mas sim contra as injustiças causadas por Pilatos (Antiguidades

Judaicas, XVIII, 88), o que faz com que possamos defender que ele se tornou insurgente contra o poder romano local, e não necessariamente, contra todo o poder imperial.

Já na época em que o procurador da Judeia era Fadus, houve um homem chamado Teudas que buscou convencer a população a pegar seus bens e segui-lo até o rio Jordão para que ele dividisse as suas águas; muitos se convenceram e o seguiram. Fadus, sabendo disso, ordenou o envio de oficiais até ele e seus seguidores, os surpreendendo, matando e prendendo muitos dos que o seguiam, sendo que Teudas, também foi morto, por degola (Antiguidades Judaicas XX, 97-98). Nada mais sabemos deste homem, contudo, não foi a tentativa de abrir o rio Jordão, que causou a sua perseguição e morte, como poderíamos inferir a partir da descrição de Josefo, mas sim o que pode ter significado tal ato. Em Josué 3:1, 7, 9-10, é dito: “(...) partiu de Setim com todos os filhos de Israel; vieram até o Jordão (...) Yahweh disse a Josué: ‘Hoje começarei a engrandecer-te aos olhos de todo o Israel, para que saibam que assim como estive com Moisés estarei contigo.’ (...) Disse então Josué aos filhos de Israel: ‘Aproximai-vos e ouvi as palavras de Iahweh vosso Deus.’ Acrescentou Josué: ‘Nisto reconheceréis que o Deus vivo está no meio de vós e que certamente expulsará da vossa presença os cananeus, os heteus, os heveus, os ferezeus, os gergeseus, os amorreus e os jebuseus’.”. E em Êxodo 14:13-16, é dito: “Moisés disse ao povo: ‘Não temais; permaneçei firmes e vereis o que Iahweh fará hoje para vos salvar, porque os egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver. Iahweh combaterá por vós e vós ficareis tranquilos.’ Iahweh disse a Moisés: ‘Por que clamas por mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta a tua vara, estende a mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel caminhem em seco pelo meio do mar.’”. De maneira que podemos inferir que Teudas poderia ter se inspirado nas histórias de Moisés e Josué, para libertar o povo da submissão aos romanos, sendo esta a causa da violência promovida por Fadus.

Durante o governo de Marco Antônio Félix, surgiu, segundo Josefo, um “falso” profeta egípcio que persuadiu um número significativo de pessoas a irem com ele até o deserto, mais precisamente ao Monte das Oliveiras; com o objetivo estabelecido de invadir Jerusalém e vencer a guarnição romana. Josefo afirma que o verdadeiro objetivo do suposto profeta, apesar do que ele pregava, era o de governar o povo como um “tirano”¹⁸³. Félix previu o golpe que impetravam e os precedeu com tropas. O profeta, todavia, logrou fugiu com alguns (de seus seguidores), ao passo que a maioria dos que o acompanhavam morreram ou foram presos (Guerra Judaica, II. 259-263).

¹⁸³ Isto, todavia, pode ser apenas um elemento figurativo do autor para que o seu leitor forme a imagem deste personagem segundo o que ele mesmo enseja.

Não é possível assegurar quais conceitos o profeta adotava, ou desde quais partiu para formar sua doutrina; a sua tentativa de “invasão” a Jerusalém não deve ser concebida como o seu ensejo de tornar-se governante, mas muito mais o de estabelecer uma mudança, a qual, manifesta-se como partilhada como os que com ele se uniram. Talvez, como o profeta da Samaria, poderia ter se inspirado em Deuteronômio 18:15-18, onde é descrito sobre um profeta que liberta seu povo ao ir em direção ao deserto.

Em sua “Antiguidades Judaicas”, Josefo novamente abordou sobre esta personalidade. Afirmou que este homem alegava ser um profeta; saiu de sua origem no Egito em direção a Jerusalém, orientou uma multidão a ir com ele até o Monte das Oliveiras, disse aos que o acompanhavam que mostraria os muros de Jerusalém sendo destruídos sob sua ordem, de maneira que poderiam entrar na cidade por meio dos escombros deles. Ao saber de tudo isso, Félix, mandou oficiais contra ele e seu movimento, dos quais matou muitos e levaram presos outros, todavia, o mesmo profeta escapou, e não se soube mais dele (Antiguidades Judaicas XX. 169-171).

O Monte das Oliveiras, em Zacarias 14:3-5, é o lugar onde Yaweh, através do profeta, afirma que combateria contra os inimigos de Israel. Em Josué 6:20-21, é descrito o momento em que: “O povo gritou com força (...), a muralha ruiu por terra, e o povo subiu à cidade”, o que pode nos indicar que o Profeta Egípcio, poderia ser inspirado pelas histórias proféticas para alçar o povo a uma guerra contra poderes dominantes em Jerusalém, pode ter convencido o povo, não simplesmente com seu carisma, mas desde um sentimento de insatisfação comum que o próprio povo possuía.

Segundo Josefo, sob governo de Festus, um falso profeta apareceu na província; afirmava ao povo que se o seguissem até o deserto, lograriam conseguir o fim dos seus sofrimentos. O projeto de tal homem, todavia, foi suplantado por ordem de Festus, que enviando seus oficiais, o mataram e também aqueles a quem ele havia persuadido (Antiguidades Judaicas XX. 188). Nada mais sabemos sobre este homem, todavia, o ensejo comum de libertar o povo de algum mal, ao ir com eles ao deserto, como vimos, um ensejo comum; pode ser relativo a libertação do povo em direção ao deserto por Moisés, em Êxodo. Novamente, aqui, é possível identificar a incongruência da motivação apontada por Josefo, a saber, o fim dos sofrimentos; do destino de morte violenta da personalidade, provocado pelo poder imperial.

5 Quando o preservar também é esquecimento

Ao preservar a memória destes eventos e destes homens, Josefo preserva desde o seu modo de recepcionar o que eles fizeram. Efetivamente expressou não ter buscado preservar a memória destes homens, mas conseqüentemente a preservou pela necessidade de contornar e condicionar a percepção dos que poderiam recordar de tais eventos. A sua preocupação é manifesta, o seu leitor deve concluir aquilo que ele busca salientar: que não julgamos eles positivamente pelo o que ele concebia como os mais violentos impróprios, pois, justamente o que devemos prestar atenção é a ruína que causaram, sendo isto, o critério para julgar. Como exemplo objetivo disto, o caso do Profeta Samaritano é chamativo: Josefo se ateve pouco em descrever quem foi e qual doutrina ensinava, todavia, não negligenciou em orientar o leitor a concebê-lo com suas ressalvas. Das expressas escassas informações sobre ele, sua historicidade enquanto pessoa real, estabelece-se justamente entre os posicionamentos negativos de Josefo, como: “buscava (...) persuadir o povo samaritano”, informação que não descreve algo sobre a personalidade, mas sim sobre a concepção do historiador. O fator: “preservar o indesejável”, manifesta-se aqui, não somente pela escassez de informações redigidas por Josefo, mas pela caracterização do intuito do profeta, antes mesmo da descrição do que fomentou. O modo como as informações foram articuladas por ele, também gera estranheza: instar o povo a ir ao monte Gerazín para desvelar objetos ocultados por Moisés, contrasta-se totalmente com as próximas informações, a saber, que os que foram convencidos das palavras de tal profeta, pegaram em armas, e que depois, Pilatos, o governador da província no momento; mobilizou-se com oficiais e impetrou violentamente uma intervenção ao que iriam fazer, algo que não foi expresso por Josefo; de forma que preserva os dados necessários para a caracterização da personalidade e salienta sua pena, ocupando-se em articular muito mais, portanto, a opinião do leitor, do que o conteúdo da descrição.

Willibaldo Ruppenthal Neto, na sua tese de doutorado: “Josefo, O Profeta de Três Mundos: Profecia, Religião e Política na Obra de Flávio Josefo”, apresenta-nos uma perspectiva, dentre outras, de autores que concebem a obra “Guerra Judaica”, de Josefo, “com perspicácia política”, na qual ele expressava defender a coabitação entre o judaísmo e o poder romano (Cohen-Matlofsky, 2016, p. 116 apud Ruppenthal Neto, 2022, p. 121). Ademais, que Thackeray afirmou que Josefo pode ter sido comissionado para redigir uma história oficial (da Primeira Guerra Judaico-Romana) com “propósitos propagandísticos” (Thackeray, 1929, p. 27 apud Ruppenthal Neto, 2022, p. 125). Além destas posições, aborda que, ainda que a referida obra possa ter tido “encorajamento imperial” (cf. Rajak, 2003, p. 200-201; Flavius Josephus, 2001b, p. 149 apud Ruppenthal Neto, 2022, p. 126), ela também manifesta

intenções políticas particulares de Josefo: “Por conta disto, Josefo constrói seu relato da BJ (Guerra Judaica) colocando a culpa em alguns causadores de confusão” (Ruppenthal Neto, 2022, p. 126). Para além destas posições que arrazoam em termos hipotéticos e não se apresentam como conclusivas, defendo que com um alto grau de segurança, a partir simplesmente da análise da descrição de Josefo, especificamente acerca destes, caracterizados por mim, “insurgentes”; que podemos inferir o caráter das descrições como a “preservação do indesejável”, ou seja, devido a alguma circunstancia do seu tempo, Josefo, não ignora e preserva a memória destes homens, todavia, com o principal objetivo de estabelecer aos seus leitores que estes homens foram criminosos, e que qualquer informação que ainda tivessem e que poderia levá-los a concebê-los distintamente, seria equivocada. Assim, preserva “esquecendo” qualquer noção alternativa a por ele adotada; para apagar qualquer inspiração, preserva. Por uma razão semelhante, poderíamos inferir acerca do contestável: “Testemunho Flaviano”, a passagem na qual Josefo preserva sobre Jesus de Nazaré (Antiguidades Judaicas, XVIII, 63 - 64), porque nela, Jesus é positivamente caracterizado.

Por estas datas viveu Jesus, um homem sábio, se é que é devido chamá-lo homem. Pois foi autor de feitos extraordinários e mestre de pessoas que gostavam de alcançar a verdade. E foram numerosos os judeus e igualmente numerosos os gregos que ganhou para sua causa. Este era o Cristo. E ainda que Pilatos o condenou a morrer na cruz por denúncia apresentada pelas autoridades de nosso povo, as pessoas que o haviam amado anteriormente tampouco deixaram de fazê-lo depois, pois, apareceu-lhes vivo de novo ao terceiro dia, milagre este, assim como outros mais em número infinito, que os divinos profetas haviam predito acerca dele. E até o dia de hoje todavia não desapareceu a raça dos cristãos, assim chamados em honra a ele (Antiguidades Judaicas, XVIII, 63 - 64).

A passagem pode ter uma interpolação de outro ou outros autores posteriores a Josefo, especialmente por expressar elementos doutrinários característicos da ortodoxia. A hipótese da interpolação no trecho citado, ganha mais probabilidade de corresponder a um fato, por ser a única passagem que Josefo objetivamente trata sobre Jesus, embora poucas figuras tenham sido apresentadas por ele como merecedoras de muitos qualificativos positivos; o que é difícil de ser concebido, portanto, é a razão de ao mesmo tempo atestar a natureza extraordinária Jesus, como, inclusive, a sua messianidade, e ter redigido tão pouco sobre ele. Por outro lado, se admitíssemos que toda essa formulação da descrição é, de fato, de Josefo, poderíamos conjecturar que o seu conteúdo pôde ter vindo de uma fonte ligada a um movimento da ortodoxia, por essa razão, não caracterizou Jesus negativamente. Ademais, porque a ortodoxia atribuía o motivo da morte de Jesus às lideranças judaicas e a conivência do seu povo, e não aos poderes de Roma, Josefo, como partidário de um bom relacionamento com o Império Romano, pôde ter adotado sem ressalvas a versão dos acontecimentos pregados por ela e ter

elaborado sua descrição desde eles, assim, poderíamos conceber a possibilidade de Josefo ter abordado sobre Jesus brevemente, e tê-lo caracterizado positivamente segundo um modo muito característico da ortodoxia¹⁸⁴. Saliento, contudo, que esta argumentação é tanto especulativa como inconclusiva, e não propõe se estabelecer como uma verdade.

6 Circunstâncias socioeconômicas da “Província da Judeia”¹⁸⁵

Depois de analisarmos o que foi preservado sobre a vida dos insurgentes da Província da Judeia e identificarmos que seus intuítos foram adotados também por outras pessoas que se tornaram seus seguidores, devemos perguntar por que, alguns ou muitos de seus autóctones, acompanhara-os, como também, o que foi que os inspiraram, para isto, inicio abordando as circunstancias socioeconômicas na região em meados do século primeiro, porque assim contemplaremos alguns dos hipotéticos motivos que levaram a estes insurgentes a construírem suas doutrinas e o que levou que outros aderissem a elas.

Para a compreensão das circunstancias socioeconômicas na região, devo iniciar abordando o reinado de Herodes, o Grande (73 – 4 AEC), porque ele foi responsável por ordenar obras importantes na infraestrutura da região, levadas a cabo com relativo sucesso, em parte, pela sua concepção e execução de medidas eficientes, em parte, devido ao apoio romano¹⁸⁶. Suas medidas marcaram a divisão de dois tempos, um relativamente próspero caracterizado por essas construções, e um de grandes conflitos, marcado pela substituição de seus filhos pelo governo romano direto. Uma dessas obras, sem dúvida a mais importante, foi a reforma e ampliação do Segundo Templo em Jerusalém; não se limitando a ela ordenou a construção de cidades fortificadas em várias localizações das regiões sob seu reinado¹⁸⁷. A importância destas construções podem ter levado a Plínio, o Velho (79 EC) a redigir que a cidade de Jerusalém era a mais notável no Oriente (Plínio, o Velho, História Natural. V. §70)¹⁸⁸.

¹⁸⁴ Em contraste aos demais insurgentes, acerca dos quais os relatos poderiam atribuir um intuito comum contrário ao Império Romano.

¹⁸⁵ “Província da Judeia” (Guerra dos Judeus, II, 8).

¹⁸⁶ *Social and Economic Life in Second Temple Judea*, Samuel L. Adams. First edition Published by Westminster John Knox Press Louisville, Kentucky, 2014. cap. 4, Roman Period.

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ “(...) O resto da Judeia está dividido em dez topárquias, nesta ordem diremos: Jericó (...), Emaús, Lida, Jopica, Acrabatena, Gophanítica, Thamnitica, Betholeptephenen, Orinen, onde ficava Jerusalém, de longe a mais famosa das cidades orientais (...)” (Plínio, o Velho, História Natural. V. §70).

Propondo como hipótese, Samuel L. Adams, afirma que os trabalhos ordenados por Herodes, o Grande podem ter gerado empregos e receitas que, indiretamente, podem ter beneficiado o aumento do comércio local¹⁸⁹, apesar disso, não é possível inferir com segurança que não existiam tributos abusivos. Apesar de poder ter usado de sua própria riqueza pessoal para a execução de seus planos, Herodes, também ordenou a usurpação de territórios e recursos do povo, como também exigiu mais impostos, especificamente, sobre as propriedades (Antiguidades Judaicas, XV. 109)¹⁹⁰. Em 25 AEC, contudo, em um período de seca, Herodes, o Grande, expressou perspicácia para solucionar este problema: recorreu ao uso de seus recursos para comprar cereais do Egito, e não impôs a obrigação tributária neste período. Em Neemias 5:14-18, durante o período de dominação persa, é descrito uma crise promovida pela fome que fez com que o povo fosse impossibilitado de quitar os impostos exigidos, de forma que foi adotada a isenção deles como medida para atenuar as circunstâncias. Todavia, normalmente, os impostos existiam e eram muito mal concebidos, isto pode ser afirmado porque após a morte de Herodes, o Grande, quando o poder passaria a seus filhos: Antipas, como tetrarca da Galileia e Arquelau, como rei da Judeia (Guerra dos Judeus, I. 33); o povo, de modo geral, reivindicava mudanças. Em uma das suas primeiras ocasiões públicas como novo rei, o povo aclamava a Arquelau, pedindo a ele que reduzisse os impostos que “pagavam ao ano”, e pediam que libertasse os que haviam sido presos por ordem de seu pai, como também havia um grupo que pedia que ele diminuísse as taxas impostas para vendas e compras¹⁹¹, sendo que para agradar a todo esse público, Arquelau, não negava o pedido de ninguém (Antiguidades Judaicas, XVII, § 205). Apesar de em um primeiro momento ganhar simpatia de parte do povo, Arquelau não sustentou um governo sem controvérsias, porque segundo Josefo, uma delegação de súditos foi até a corte do imperador Augusto, para expressar desapontamento diante de perseguições impetradas, e desgosto aos gastos incontidos de recursos a empreendimentos (Antiguidades Judaicas XVII. 300-310). Depois de reinar por um período de nove anos, Arquelau foi banido da região por Tibério César, sendo instituída a partir de então, a parte que lhe foi atribuída do território do seu pai; como uma província sob o poder imperial, precisamente em 6 EC (Guerra dos Judeus, II, 7). O território anexado pelos romanos correspondia a Samaria, a Induméia e a Judeia, sendo nomeado este território pelos romanos, simplesmente como “Província da Judeia”, naquele então, todavia, não incluía a região da Galileia que ainda tinha por soberano a

¹⁸⁹ Fabian Udoh, *To Caesar What Is Caesar's*, 190–93.

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ Podemos intuir que Herodes, o Grande, pode ter ordenado alguma forma de avaliação da produção comercializada, uma que poderia ter alcançado os proprietários menores que constituíam a maior parte dos que estavam sob seu poder.

Herodes Antipas. Nas décadas posteriores, o controle da província esteve sob os governadores enviados por Roma.

Quirino foi o oficial responsável por levar a cabo a ordem de um censo das propriedades do povo da província, como o da região que já era responsável, a Síria (Antiguidades Judaicas XVIII. 1-2). Apesar de não ter sido preservado nada mais detalhado sobre o referido censo, os elementos preservados por Josefo não permitem inferir que tinha o propósito de registrar os números correspondentes a demografia populacional, mas sim o de registrar os dados relativos as propriedades e quem as possuía. Da escassez de maiores dados sobre um censo de tal natureza na Província da Judeia na primeira metade do século primeiro, algo que poderia fragilizar à concepção de que a descrição de Josefo corresponde a um evento real; outro censo de mesma natureza, ou muito semelhante, pode ser identificado no século segundo, todavia, na província da Arábia. A descrição que preserva tal censo, é encontrada no arquivo Babtha ou Babatha (127 EC), no qual uma mulher de mesmo nome, registra seu pomar de tâmaras e expressa o dever de pagar um imposto proporcional a sua propriedade.

No reinado do Imperador César divi Traiani Parthici filius divi Nervae nepos Traianus Hadrianus Augustus pontifex maximus tribuniciae potestatis XII cônsul III, no consulado de Marcus Gavius Gallicanus e Titus Rufus Titanus, (...), e de acordo com o cálculo da nova província da Arábia, ano vigésimo segundo, mês Appellarios décimo sexto, na cidade de Rabbath-Moab. Enquanto um censo (de propriedades) da Arábia está sendo conduzido por Titus Aninus Sextius Florentinus, legatus Augusti pro praetore; eu, Babtha, filha de Simão, de Maoza, no Zoareno (distrito) da região administrativa de Petra, residente de minha propriedade em Maoza, registro o que possuo (presente comigo meu guardião, Judanes, filho de Elazar, da aldeia de Em-Gedi, do distrito de Jericó, na Judeia, residente de sua propriedade em Maoza) dentro dos limites de Maoza; um pomar de tâmaras chamado Algiphamma (...), pago como imposto, em tâmaras (...) e para o imposto da coroa, um “preto” e trinta sexagésimos (...)” (Kraemer, 2004, página 148. Tradução sob minha responsabilidade).

Há a possibilidade de que as autoridades romanas na Província da Judeia, podem ter exigido, como a partir do censo mencionado, impostos pontuais ou regulares, que efetivamente puderam ser responsáveis por gerar um ambiente de insatisfação para a população com propriedades menores. Tácito preserva (Anales II. 42) que em meados de 17 EC, as províncias da Síria e da Judeia, não sustentando altas taxas, pediram pela sua diminuição¹⁹²; como anteriormente, a Arquelau, o pedido pela diminuição de tributos, expressava uma situação desgastante de longa data que ainda não era satisfatoriamente resolvido.

¹⁹² “ (...) e as províncias da Síria e da Judeia, cansadas dos encargos, pediram pela redução do tributo.” (Tácito, Anales. II.42). Tradução do inglês sob minha responsabilidade.

Josefo, sobre o início da Primeira Guerra Judaico-Romana, fornece-nos dados que podem indicar alguns motivos econômicos que a promoveram, apesar de não serem contemporâneos às personalidades que abordei, podem fornecer-nos alguns indícios que corroboram com a identificação de um ambiente hostil causado, pelo menos também, por um fator econômico. Houve uma queima, segundo ele, de registros de dívidas no departamento do tesouro, esta ação tinha por intuito, supostamente, impedir a consumação da cobrança de dívidas, paralelamente, também ocorreu uma queima de propriedades dos sumos sacerdotes (Guerra Judaica II. 427). A queima das propriedades dos sumos sacerdotes indica um descontentamento por suas ações ou por seu alinhamento a ideias ou propostas controversas, uma das propostas, pode ter sido a instituição do Prozbul (פרוזבול)¹⁹³, uma medida econômica elaborada pelo Rabino Hillel, o ancião (c. 10 EC), que flexibilizava o sentido original da passagem de Deuteronômio 15: 2-9, que não permitia a cobrança de dívidas a cada sete anos, Shimita (שמיתה), na “libertação” ou Ano Sabático, que visava a atenuação das dificuldades econômicas vividas pelos mais pobres. Até antes da sua promulgação, o devedor que devolvia uma dívida após o sétimo ano, deveria ouvir do credor que ela estava perdoada, ainda assim, se o devedor quisesse devolver a dívida, só depois de dar o seu perdão, o credor poderia aceitá-la (Mishná Sheviit X, 9)¹⁹⁴. Com o Prozbul, os que eram mais beneficiados eram os credores; permitia-se a cobrança de dívidas mesmo depois do Ano Sabático. No ato do empréstimo, deveria ser estabelecido um acordo entre os credores e os juízes, na ausência destes últimos, das testemunhas; assim, poderia ser cobrada uma dívida após o sétimo ano. Segundo o que foi preservado na Mishná, o Rabino Hillel havia promulgado a nova norma, porque observava que as pessoas se abstinham de emprestar pela necessidade de respeitar a norma estabelecida em Deuteronômio 15 (Mishná Sheviit XX, 4)¹⁹⁵. A fórmula do Prozbul, portanto, deveria seguir o modelo de um juramento, este, escrito pelo credor em primeira pessoa do singular que se dirigisse aos juízes ou as testemunhas envolvidas (os juízes e as

¹⁹³ Ver: Mishná Sheviit XX, § 6.

¹⁹⁴ “Aquele que devolve uma dívida (após) o sétimo ano, o (credor) deve dizer ao (devedor): ‘Eu a perdoei.’ Mas (o devedor) pode dizer: ‘Mesmo assim (eu a pagarei).’ (O credor) pode então aceitá-la dele, porque diz: ‘E esta é a palavra da libertação’ (Deuteronômio 15:2)” (Mishná Sheviit X, 9). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade. Esta Mishná pertence a tradição talmúdica de Israel (c.190 – c.230 EC). “Sheviit (“Sétimo”) é um tratado em Seder Zeraim (“Ordem das Sementes”). Ele discute o sétimo ano bíblicamente mandatado do ciclo agrícola, conhecido como o ano Shemitah, quando trabalhar a terra é proibido, os produtos que crescem na terra assumem um status sagrado e as dívidas são perdoadas. Os dez capítulos do tratado abordam detalhes como tipos de práticas agrícolas proibidas, cronogramas de proibições e os lugares em que Shemitah se aplica”.

¹⁹⁵ “Um empréstimo garantido por prozbul não é cancelado. Esta foi uma das coisas promulgadas por Hillel, o ancião; pois quando ele observou as pessoas se abstenendo de emprestar umas às outras, e assim transgredindo o que está escrito na Torá, ‘Cuidado, para que você não abrigue o pensamento vil’. ‘O sétimo ano, o ano da remissão, está se aproximando, de modo que você não seja mesquinho com seu parente necessitado e não lhe dê nada.’ Hillel promulgou o prozbul.” (Mishná Sheviit XX, 4). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

testemunhas deveriam ser identificadas por seus lugares de origem), por meio do acordo estabelecido por Prozbul, então, o credor afirmaria que poderia cobrar uma dívida quando desejasse. Após fazer a sua declaração segundo o modelo descrito, os juízes ou as testemunhas deveriam ratificá-la.

Esta é a fórmula do Prozbul: ‘Eu declaro a vocês, fulano de tal, juízes de tal e tal lugar, que qualquer dívida que eu possa ter pendente, eu a cobrarei quando eu desejar.’ E os juízes assinam abaixo, ou as testemunhas (Mishná Sheviit XX, 6).

A situação para a população mais pobre depois do Prozbul, pôde ter-se agravado, de tal forma que é possível conceber um exponencial aumento de conflitos causados por dívidas cobradas após o ano sabático, todavia, não podemos concluir que somente esses hipotéticos conflitos, podem ter se constituído como os únicos fatores responsáveis pelo crescente ambiente hostil entre a população da Província da Judeia (como da Galileia) e os poderes instituídos, mas sim um dos diversos elementos responsáveis, dentre os quais, muitos não foram registrados, apesar disso, os indícios abordados apontam para atores, de forma que eles também devem ser admitidos como um dos elementos que favoreceram a adesão, dos setores mais pobres da população, às doutrinas das personalidades aqui abordadas, pois, a proclamação de mudanças futuras acompanhadas de abundância, pôde ter se apresentado como uma salvação às circunstâncias sociais adversas. Saliento que, apesar de todos estes indícios, a saber: a seca e a fome; o aumento da carga tributaria; o novo governo romano; e a possibilidade da cobrança de dívidas após o ano da libertação, não podemos atribuir a nenhum deles a causa da existência dos movimentos de insurgência na primeira metade do século primeiro, porque cada um destes fatores pôde ter sido recebido diferentemente por indivíduo e por setor da sociedade, sendo qualquer afirmação sobre isto, muito mais generalista que assertiva, mas algo gera pouca dúvida, toda a insatisfação era acompanhada de esperanças, e sobre isto, a partir de então abordarei.

7 Esperanças messiânicas

A antiga esperança de um ungido que libertaria o povo judeu dos sofrimentos, pôde ter sido a esperança mais partilhada na Província da Judeia na primeira metade do século primeiro. A confluência de uma realidade social desfavorável para alguns setores da população, com a nova governança gentia na região, pôde ter sido interpretada como a época da realização das diversas histórias proféticas que se referiam a uma figura que traria paz ao

povo de Deus. Uma delas, entre as mais diferentes versões, assegurava que um personagem, ungido por Deus, restabeleceria a paz, como também subjugaria os gentios aos quais o povo se submetia. É necessário, todavia, concebermos corretamente os conceitos apontados pelo termo “Messias” (ungido)¹⁹⁶, para que todas as noções possíveis do termo sejam abordadas, proponho, portanto, que partamos para a identificação dos casos em que foi empregado.

Na citação do conceito em Juízes, em uma fábula, as árvores procuravam alguém que pudesse ser ungido para governá-las (Juízes 9:8). Podemos, portanto, afirmar que o conceito de “Messias” foi empregado para referir-se à unção para um reinado¹⁹⁷. Na passagem de 1 Reis, ainda que o termo esteja correlacionado ao rei de Israel, à unção deveria ser feita para estabelecer Eliseu como profeta (1 Reis 19:16), portanto, como um profeta, também podemos afirmar que o ungido era concebido¹⁹⁸. Em 1 Samuel, o ungido é Saul, Samuel, em nome de Deus, instituiu-lhe um propósito para ser “chefe” da herança divina (1 Samuel 9:26; 10:1)¹⁹⁹. Novamente, em 1 Samuel, o ungido é o que tornar-se-á o rei de Israel, na passagem, Deus orienta Samuel a não se impressionar com a aparência de Eliab, porque Ele não julga como o homem, que julga segundo as aparências, mas sim com o coração, por essa razão Ele escolhe o menor e mais fraco dos filhos de Jessé, o jovem Davi (1 Samuel 16:6-7, 11-13)²⁰⁰. Em 1 Crônicas, Salomão também é ungido para ser rei de Israel no lugar de seu pai Davi, e Sadoc é ungido para ser sacerdote (1 Crônicas 29:22)²⁰¹. No Salmo 2, de Davi, ele afirma que os reis

¹⁹⁶ Nesta investigação também foi empregado o termo “Cristo”, todavia, somente quando há citações, porque a tradução das fontes primárias preservadas, empregam-no. A diferença do termo “Messias” e “Cristo” não é substancial, ambos termos significam “ungido”, com distinção do termo “Cristo” que é amplamente empregado pelas tradições cristãs referindo-se, também, a Jesus como Deus, ao passo que “Messias” para os judaísmos, nunca se refere a Deus mesmo. Nesta investigação, quando abordo sobre Jesus sem o uso de citações de traduções das fontes primárias, privilegio o termo “Messias”, para não remeter a uma suposta divindade de Jesus.

¹⁹⁷ “Um dia as árvores se puseram a caminho para ungir um rei que reinasse sobre elas. Disseram à oliveira: ‘Reina sobre nós!’” (Juízes 9:8).

¹⁹⁸ “Ungirás Jeú, filho de Namsi, como rei de Israel, e ungirás Eliseu, filho de Safat, de Abel-Meula, como profeta em teu lugar” (1 Reis 19:16).

¹⁹⁹ “Ao raiar da aurora, Samuel chamou Saul, no terraço, e disse: “Levanta-te, vim despedir-me.” Saul se levantou, e Samuel e ele saíram juntos para fora. (...) Então Samuel pegou o frasco de azeite e o derramou sobre a cabeça de Saul, beijou-o e disse-lhe: “Não foi Iahweh que te ungiu como chefe do seu povo, Israel? Tu és quem julgará o povo de Iahweh e o livrarás das mãos dos seus inimigos ao redor. E este é o sinal de que Iahweh te ungiu como chefe da sua herança” (1 Samuel 9:26; 10:1).

²⁰⁰ “Logo que chegaram, quando Samuel viu Eliab, disse consigo: ‘Certamente Iahweh tem o seu ungido perante ele!’ Mas Iahweh disse a Samuel: ‘Não te impressione a sua aparência nem a sua elevada estatura: eu o rejeitei. Deus vê, não como o homem vê, porque o homem toma em consideração a aparência, mas Iahweh olha o coração’. (...) Ele perguntou a Jessé: ‘Acabaram os teus filhos?’ Ele respondeu: ‘Falta ainda o menor, que está tomando conta do rebanho.’ Então Samuel disse a Jessé: ‘Manda buscá-lo, porque não nos sentaremos à mesa enquanto ele não estiver presente’. Jessé mandou chamá-lo: era ruivo, de belo semblante e admirável presença. E Iahweh disse: ‘Levanta-te e unge-o: é ele!’. Samuel apanhou o vaso de azeite e ungiu-o na presença dos seus irmãos. O espírito de Iahweh precipitou-se sobre Davi desse dia em diante. Samuel se pôs a caminho e seguiu para Ramá.” (1 Samuel 16:6-7, 11-13).

²⁰¹ “Nesse dia comeram e beberam diante de Iahweh com grande alegria. A seguir, tendo pela segunda vez proclamado rei a Salomão, filho de Davi, ungiram-no em nome de Iahweh como chefe e ungiram a Sadoc como sacerdote.” (1 Crônicas 29:22).

da terra se organizam contra Deus e seu Messias (ungido); Davi é concebido como filho de Deus e afirma que é rei por ser ungido por Ele (Salmo 2: 2, 6-7)²⁰². No Salmo 20, é assegurado ao ungido, como rei, uma vitória (Salmo 20:7, 10)²⁰³. No livro de Isaías, o profeta afirma sobre si, como um ungido que tem por missão cuidar dos sofredores e dos pobres, como também, clamar à liberdade dos escravos e prisioneiros, ademais, deverá proclamar o dia da vingança do seu Deus e consolar os enlutados (Isaías 61:1-2). Essa noção se aproxima da adotada pelos insurgentes abordados no capítulo anterior²⁰⁴. Também em Isaías, há a noção de um ungido do “tronco de Jessé” (descende do pai de Davi) que trará paz e justiça ao mundo, não podemos, todavia, inferir que seja necessariamente um rei; sobre ele pousará o espírito de sabedoria e inteligência. Ele não julgará por aparências, mas com justiça, fazendo justiça aos pobres; os animais ferozes farão morada com os mansos, o lobo será hospede do cordeiro e ninguém agirá mal em nome de Deus (Isaías 11:1-7, 9), o que possibilita que concebamos também essa noção como adotada pelos insurgentes que abordamos²⁰⁵. No livro do profeta Miqueias, a noção de um ungido que governará Israel novamente é presente, na passagem que me refiro, inclusive, determina-se onde nascerá: em Belém de Éfrata, em Judá (no século primeiro, a região da Judeia, uma das partes constituintes da Província da Judeia) (Miquéias 5:1-1)²⁰⁶. Em Isaías, também é reforçada a noção de um ungido que virá para estabelecer uma felicidade “como nunca houve”, ele virá por meio de uma jovem que dará à luz (Isaías 7:14, 17)²⁰⁷. No livro do profeta Zacarias, Deus afirma que está fazendo vir um servo que trará harmonia entre vizinhos (Zacarias 3:8, 10), talvez entre o povo de Deus, ou

²⁰² “Os reis da terra se insurgem, e, unidos, os príncipes conspiram contra Iahweh e contra o seu Messias. (...) ‘Fui eu que consagrei o meu rei sobre Sião, minha montanha sagrada!’ Vou proclamar o decreto de Iahweh: Ele me disse: ‘Tu és meu filho, eu hoje te gerei (...)’” (Salmo 2: 2, 6-7).

²⁰³ “Agora eu sei que Iahweh dá a salvação ao seu messias; ele responde do seu santuário celeste com as proezas de sua direita salvadora. (...) Iahweh, salva o rei! No dia em que clamarmos, responde-nos!” (Salmo 20:7, 10).

²⁰⁴ “O espírito do Senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade aos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a Iahweh e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados” (Isaías 61:1-2).

²⁰⁵ “Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará das suas raízes. Sobre ele repousará o espírito de Iahweh, espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Iahweh: no tempo de Iahweh estará a sua inspiração. Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará uma sentença em favor dos pobres da terra. Ele ferirá a terra com o bastão da sua boca, e com o sopro dos seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto dos seus lombos e a fidelidade, o cinto dos seus rins. Então o lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem como o boi. (...) Ninguém fará o mal nem destruição nenhuma em todo o meu santo monte, porque a terra ficará cheia do conhecimento de Iahweh, como as águas enchem o mar.” (Isaías 11:1-7, 9).

²⁰⁶ “Mas tu, (Belém), Éfrata, embora o menor dos clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel. Suas origens são de tempos antigos, de dias imemoráveis.” (Miquéias 5:1).

²⁰⁷ “Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel. (...) Iahweh trará sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai dias tais como não existiram desde o dia em que Efraim se separou de Judá (o rei da Assíria).” (Isaías 7:14, 17).

entre ele e os gentios²⁰⁸. Ainda em Zacarias, o servo, que será um rei que receberá majestade; será responsável pela reconstrução do Templo (Zacarias 6:12-13)²⁰⁹.

A concepção de um Messias que já era conhecido, consolida-se no livro do profeta Ezequiel, que reconhece Davi como o Messias que reinará sobre todos, e todos observarão as normas de Deus e as colocarão em prática (Ezequiel 37:24)²¹⁰. Em Isaías, por sua vez, há a noção de um ungido que cumpre a promessa de Yahweh, ao qual, Ele entregará os tesouros escondidos e dobrará as nações; algo curioso não pode passar despercebido, Deus, afirma o seguinte: “ainda que você não me conheça”, ou seja, o Messias não é do seu povo eleito, é um gentio. Ele é nomeado, e é Ciro, o grande (530 AEC) (Isaías 45:1-5), portanto, aqui, é apresentada uma noção que admite um gentio que não possuía fé no Deus de Israel, como um ungido por Ele²¹¹. No livro do profeta Ageu, o ungido de Deus é Zorobabel, o governador da Judeia (responsável pela construção do Segundo Templo), que como rei, vencerá os reinos das nações; Deus afirma que fará um selo com ele, porque é Seu escolhido (Ageu 2:21-23)²¹².

Até os capítulos anteriores foi possível identificar, com o emprego de dados não conclusivos, alguns indícios acerca da insatisfação da população da Província da Judeia, especialmente na primeira metade do século primeiro; responsável pela emergência de insurgentes ante os poderes imperiais. Não é possível atribuir esse fenômeno apenas às dificuldades econômicas sofridas por muitos setores da população da Província, porque haviam “esperanças messiânicas” que motivavam estes movimentos. Depois de arrazoarmos a criação da crença acerca de um homem ungido por Deus que traria tempos de paz ao seu povo, não é possível afirmarmos que os insurgentes reivindicavam a mudança das

²⁰⁸ “Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e teus companheiros que estão sentados diante de ti — porque eles são homens de presságio —: Eis que vou introduzir o meu servo ‘Rebento’. (...) Naquele dia — oráculo de Iahweh dos Exércitos — convidar-vos eis uns aos outros debaixo da vinha e debaixo da figueira.” (Zacarias 3:8, 10).

²⁰⁹ “E Ihe dirás: Assim disse Iahweh dos Exércitos: Eis um homem cujo nome é Rebento; de onde ele está, germinará (e ele reconstruirá o Templo de Iahweh). Ele reconstruirá o Santuário de Iahweh; ele carregará insígnias reais. Sentará em seu trono e dominará. Haverá um sacerdote à sua direita. Entre os dois haverá uma perfeita paz.” (Zacarias 6:12-13).

²¹⁰ “O meu servo Davi será rei sobre eles, e haverá um só pastor para todos, e andarão de acordo com as minhas normas e guardarão os meus estatutos e os praticarão.” (Ezequiel 37:24).

²¹¹ “Assim diz Iahweh ao seu ungido, a Ciro que tomei pela destra, a fim de subjugar a ele nações e desarmar reis, a fim de abrir portas diante dele, a fim de que os portões não sejam fechados. Eu mesmo irei na tua frente e aplainarei lugares montanhosos, arrebutarei as portas de bronze, despedaçarei as barras de ferro e dar-te-ei tesouros ocultos e riquezas escondidas, a fim de que saibas que eu sou Iahweh, aquele que te chama pelo teu nome, o Deus de Israel. Foi por causa do meu servo Jacó, por causa de Israel, o meu escolhido, que eu te chamei pelo teu nome, e te dei um nome ilustre, embora não me conhecesses. Eu sou Iahweh, e não há nenhum outro, fora de mim não há Deus. Embora não me conheças, eu te cinjo,(...)” (Isaías 45:1-5).

²¹² “Fala assim a Zorobabel, governador de Judá: Eu abalarei o céu e a terra. Derrubarei o trono dos reinos e destruirei o poder dos reis das nações. Derrubarei os carros e aqueles que os montam; os cavalos e seus cavaleiros cairão, cada qual pela espada de seu irmão. Naquele dia — oráculo de Iahweh dos Exércitos — eu tomarei Zorobabel, filho de Salatiel, meu servo — oráculo de Iahweh — e farei de ti como um sinete. Porque foi a ti que eu escolhi, oráculo de Iahweh dos Exércitos.” (Ageu 2:21-23).

circunstâncias socioeconômicas movidos somente pelas suas experiências com elas mesmas, mas antes, foram movidos: Jesus, ao proclamar um Reino de Deus, e os demais insurgentes, segundo cada uma de suas expressões; a libertar o povo, foram estas esperanças promovidas, especialmente, nos trechos dos textos proféticos, como os que abordei. A pergunta que devemos fazer neste momento, portanto, deve ser relativa a quais noções de messianidade existiam, porque diante de inúmeras concepções do conceito nos textos das sagradas escrituras, devemos identificar qual, ou quais noções, os insurgentes que foram abordados, adotaram. Para apontar a isto, devo identificar quais eram as noções de messianidade adotadas entre os estudiosos da Torá no século primeiro, ou de temporalidades próximas; como eram as sabedorias preservadas acerca de quem, como e quando viria o Messias, porque poderíamos por meio disto verificar com maior perfeição quais esperanças acerca do Messias eram adotadas, e verificaríamos que até mesmo a noção de um Messias pobre, como a adotada por Jesus de Nazaré, não era necessariamente uma criação sua, mas uma noção também arraçoada por estudiosos da Torá.

Com o emprego de: “estudiosos da Torá”, aqui, refiro aos rabinos mais ilustres que na Mishná apresentam ensinamentos e orientações. Arrazoarei, quando for possível identificar um rabino descrevendo a sua concepção acerca de quem seria o Messias; as semelhanças com a possível concepção de Jesus de Nazaré acerca de quem seria o Messias. Por pertencerem a diferentes temporalidades, não poderei concluir que a ideia defendida por um determinado rabino foi criada por ele mesmo e reproduzida por Jesus, mas sim que a concepção que ele estava preservando, poderia existir também na temporalidade de Jesus. Devemos compreender, ainda que a grosso modo, que a Mishná possuía a função de preservar as interpretações tradicionais da Torá por meio do que os rabinos mais ilustres defendiam, por isto, é válido articularmos uma concepção de messianidade de um rabino do século terceiro, com a concepção de Jesus sobre messianidade, visto que elas não necessariamente foram originárias deles mesmos; poderiam ser originárias de uma tradição rabínica de longa data, da qual eles participavam.

No início do reinado de Herodes, o Grande, por meio dos rabinos Hillel (Zugot – Quinta Geração e Tannaim – Primeira Geração c. 75 AEC – c. 10 EC) e Sammai ha-Zaken (Zugot – Quinta Geração e Tannaim – Primeira Geração c. 30 AEC – c. 20 EC), foi dado início ao período dos Tannaim. “Tanna”, referia-se ao homem que estudava, repetia e transmitia o que fora ensinado pelos seus professores acerca da Torá; uma das funções exercidas por eles, além das mencionadas, era a de criarem a Lei oral. Em meados de 70 EC, para os estudiosos, surgiu a necessidade de reconstrução da religiosidade que havia perdido

não somente seu lugar de unidade, o Segundo Templo, e a liderança unificadora, pelas perseguições ao Sinédrio pelos romanos; como ganhava traços estranhos aos tradicionais pelos hereges (Mínim), que segundo a perspectiva judaica eram os integrantes dos mais diversos cristianismos que neste período estavam se formando ²¹³ (Steinsaltz, 1985 p. 29).

Décadas depois, quando as relações com o Império Romano já não eram tão hostis, Rabba Shimon ben Gamliel II (Tannaim – Quinta Geração c. 135 – c. 170 EC) foi sucedido pelo seu filho, Judah haNasi²¹⁴ (Tannaim – Sexta Geração c. 135 – c. 200 EC). Judah, apesar de viver em tempos mais harmoniosos do que os de seus antepassados, percebeu que eles não durariam para sempre. Julgou que era necessário implementar um plano que asseguraria o estudo contínuo da Torá, porque temia que as pessoas se esquecessem completamente dela, não por não ser mais preservada, mas sim porque os grupos que mais a preservavam eram cristãos, e estavam em um exponencial crescimento, portanto, a sua reta interpretação sofria da ameaça de interpretações equívocas que poderiam substituí-la. Judah, tomou a decisão de violar a proibição de registrar a Lei oral para compor uma obra/organização de conteúdos que incluísse os seus dados relativos mais importantes, desta forma, criou a Mishná (Steinsaltz, 1985, p. 29). Como a Lei oral era transmitida de mestre a discípulo por séculos, ele percebeu a necessidade de coletar todos os ditos dos rabinos e organizá-los, assim, começou por classificar a maioria dos temas destes ditos em seus sentidos mais amplos, dividindo-os em 6 categorias (seis ordens ou sedarim da Mishná)²¹⁵ e 63 subcategorias ou tratados (masejet). O Rabino Judah, aparentemente, buscava preservar o que os estudiosos pensavam para que as futuras gerações conhecessem qual eram as posições tradicionais acerca de um determinado tema. Os tratados foram divididos em capítulos e os capítulos em unidades mais pequenas (mishnaiot)²¹⁶. Nem todos os ditos foram incluídos na Mishná, e outros que não se encontram nela foram registrados e denominados de “baraitas”²¹⁷.

Depois da morte do Rabino Judah, só foram introduzidas modificações menores. Conseguiu, portanto, completar a Mishná e atribuí-la forma e caráter permanente, terminando, assim, o período dos Tannaim. Não é possível, todavia, assegurar com precisão que a Mishná foi registrada inicialmente por escrito e distribuída amplamente, ou se foi organizada oralmente, todavia, o fator que podemos assegurar é que a partir deste momento os estudantes não precisaram recorrer a inúmeras fontes para aprender a Lei oral (Steinsaltz, 1985, p. 29),

²¹³ Incluindo a ortodoxia.

²¹⁴ “Nasi”, significa: patriarca.

²¹⁵ Zeraim (sementes); Moed (Festival); Nashim (Mulheres); Nezikin (Danos); Kodashim (Coisas Sagradas); e Tohorot (Purezas).

²¹⁶ Nesta dissertação, identificarei simplesmente como parágrafo (§).

²¹⁷ Especificamente, no Talmude, na coleção de baraitas chamada de “Tosefta”.

porque o intuito de compilar e organizar as mais diversas sabedorias, havia se estabelecido. Outros estudiosos que eram referidos como Tannaim, surgiram, todavia, estes, eram diferentes dos primeiros: já não elaboraram a Lei oral, mas tinham a função de memorar. Eles se lembravam de um conteúdo mesmo quando não sabiam seu significado.

A codificação da Mishná e a morte do Rabino Judah haNasi marcou o início de um novo período: o dos “Amoraim” (aqueles que são relativos à ação de interpretar), os interpretes da Mishná. Estes sábios, colegas e discípulos do Rabino Judah, tiveram o dever de estudar e interpretar a Mishná, como também, continuar compilando e editando o conteúdo de fontes de gerações anteriores. Apesar de que sua codificação tenha sempre permanecido como de grande autoridade, o Rabino Judah havia reunido apenas uma pequena fração da sabedoria das distintas academias (elas, de diferentes localidades), de forma que foi reconhecida a importância de preservar outros conteúdos para o estudo, também com a finalidade de estabelecer comparações. Aos Amoraim, no princípio, a ação de interpretação tinha uma característica definida: os acadêmicos mais sábios falavam em público em hebraico, e seus discípulos repetiam suas palavras em aramaico (que era a língua popular), de forma que eram interpretes do idioma, não obstante, faziam também a interpretação da Torá, repetindo cada versículo em aramaico em público para que todos tivessem conhecimento do conteúdo; em alguns casos os Amoraim simplificavam os ensinamentos dos especialistas (Steinsaltz, 1985, p. 48). Depois de um tempo, os Amoraim se tornaram como conselheiros das pessoas, e introduziram suas próprias inovações, depois da época mishnaica, os sábios ainda se denominavam “Amoraim”, como uma forma de preservar a sua modéstia.

O Rabino Giddel (Amoraim – segunda geração c.250 – 290 EC)²¹⁸, segundo o que é preservado no Sanhedrin, assegurou que o povo judeu desfrutaria da generosidade da época do Messias, o Rabino Yosef (Amoraim – Terceira Geração c.290 – c. 320 EC)²¹⁹, todavia, ao saber que havia afirmado isto, contestou-o, não porque fosse errado afirmar isso, mas sim porque ao afirmar, Giddel, expressava que esta verdade, a saber, que o povo judeu desfrutaria da época do Messias, não era estabelecida e carecia de consenso de alguma parte. Foi explicado que o Rabino Giddel falou sobre o Messias, porque o Rabino Hillel (Zugot – Quinta Geração c. 30 AEC – c. 20 EC), afirmava que “não há Messias vindo para o povo judeu”, porque concebia que as profecias relativas a ele, já haviam sido cumpridas nos tempos do profeta Ezequias (Sanhedrin 98b, § 12-14)²²⁰. Tendo acesso a essas informações, devemos

²¹⁸ Aluno do Rabino Huna e estudou posteriormente com o Rabino Yochanan.

²¹⁹ Contemporâneo de Rabbah.

²²⁰ “Rabino Giddel diz que o Rabino diz: O povo judeu está destinado a desfrutar da generosidade, ou seja, desfrutar, dos anos do Messias. Rabino Yosef diz: Isso não é óbvio? E, em vez disso, quem mais desfrutará?”

inferir que até meados do início do século primeiro, a esperança de que o Messias viria, não era amplamente adotada como uma crença estabelecida, inclusive, um rabino de grande prestígio, como Hillel, não concebia a vinda do Messias como uma esperança, mas sim como um evento que já havia se cumprido, sabendo disso, podemos afirmar que a esperança de um ungido que salvaria ou restabeleceria a paz entre o povo de Deus, dispunha-se muito mais nas sabedorias rabínicas do que na objetividade dos textos sagrados que apresentavam a/s noção/ões referidas pelo termo “Messias”. Nas próximas referências, quando foi estabelecida a concepção de que efetivamente viria um Messias, abordarei o que diferentes rabinos de temporalidades próximas ao século primeiro²²¹, afirmaram sobre a sua vinda, com isso, será possível contemplar a diversidade de concepções que sobre este tema existiam, desde as sabedorias rabínicas relacionadas às Sagradas Escrituras.

O Rabino Yohanan bar Napacha (Amoraim – Segunda Geração c. 250 – c. 290 EC) se referiu a alguns sinais que precederiam a vinda do Messias, eles: uma geração que negligenciaria o estudo da Torá e que estaria em problemas que “a inundam como um rio” (Sanhedrin 98a, § 9-10)²²². Rabba ([nascido Nachmani] Amoraim – Terceira Geração c. 290 – c. 320) suplicava para que o Messias viesse após a sua morte, para que ele não o visse, todavia, o Rabino Yosef, suplicava para ele vir enquanto ainda estivesse vivo, para ter o “privilégio” de sentar próximo aos excrementos do seu jumento, expressando a inigualável honra e dádiva de testemunhar a sua presença, ao mesmo tempo que expressava crer que o Messias viria humildemente montado em um animal. Ademais, o Rabino Yosef, como o Rabino Yohanan, referia-se a “problemas” nos quais os judeus estariam envolvidos antes da vinda do Messias; compreendia-os como “dor e desgraça” (Sanhedrin 98b, § 3 - 4)²²³. Abaye (Amoraim – Quarta Geração c.320 – c.350 EC)²²⁴ disse que era ensinado em uma baraita que

Hillak e Billak, dois personagens indolentes, desfrutarão eles? A Gemara explica que a declaração de Rabino Giddel serve para excluir a declaração do Rabino Hillel, que diz: Não há Messias vindo para o povo judeu, pois já receberam ele, todas as profecias relacionadas ao Messias já foram cumpridas durante os dias de Ezequias.” (Sanhedrin 98b, § 14). Tradução desde o inglês, sob minha responsabilidade.

²²¹ Apesar da imprecisão acerca das datas nas quais cada rabino afirmou o que a citação preserva, ao abordar suas diferentes perspectivas, podemos conceber quais interpretações acerca das passagens sobre a vinda do messias, eram defendidas.

²²² “O Rabino Yohanan diz: Se você viu uma geração cuja sabedoria e estudo da Torá estão diminuindo constantemente, aguarde a vinda do Messias, como está escrito: ‘E o povo aflito Você redimirá’ (2 Samuel 22:28). O Rabino Yohanan diz: Se você viu uma geração cujos problemas a inundam como um rio, aguarde a vinda do Messias, como está escrito: ‘Quando a angústia vier como um rio que o sopro do Senhor impulsiona’” (Isaías 59:19). E justaposto a ele está o versículo: ‘E um redentor virá a Sião’ (Isaías 59:20).” (Sanhedrin 98a, § 9-10). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²²³ “Da mesma forma, Rabba diz: Que o Messias venha, mas depois da minha morte, para que eu não o veja. Rabino Yosef diz: Que o Messias venha, e terei o privilégio de sentar-me à sombra dos excrementos de seu jumento. Estou disposto a passar por toda dor e desgraça associadas à sua chegada.” (Sanhedrin 98b, § 4). Tradução desde o inglês, sob minha responsabilidade.

²²⁴ Sobrinho de Rabba.

o Rabino Elazar (Elazar b. Shamu'a. Tannaim – Quinta Geração c.135 – 170 EC ou Elazar b. Pedat. Amoraim – Terceira Geração c. 290 – c. 320 EC) afirmou que, depois de ser inquerido sobre o que alguém deveria fazer para ser poupado “das dores que precedem a vinda do Messias”; os que queriam ser poupados dos flagelos que precederiam o seu dia, o estudo da Torá e os atos de bondade seriam necessários (Sanhedrin 98b, § 4)²²⁵. Ainda no Sanhedrin, é possível identificar um dado mais específico acerca da vinda do Messias. O “filho de Davi”, segundo o que expressou o Rabino Rav (Amoraim – Primeira Geração c. 220 – c. 250 EC), ou seja, na sua concepção, presume-se que o ungido seria alguém que reinaria o povo de Deus; não viria até que “o maligno reino romano”²²⁶ ganhasse poder diante de Israel por um período

²²⁵ “(...) perguntaram ao Rabino Elazar: O que uma pessoa deve fazer para ser poupada das dores que precedem a vinda do Messias? O Rabino disse a eles: Eles devem se envolver no estudo da Torá e em atos de bondade (...). (Sanhedrin 98b, § 4). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²²⁶ A expressão “o maligno reino romano”, do Rabino Rav, possui proximidade com noções presentes no Livro do Apocalipse, especialmente, a do capítulo: 13, onde o autor descreve a sua visão de uma Besta, e a adoração a um dragão; e a do capítulo 16, onde é descrita uma batalha no Armagedom, onde Deus venceria as forças malignas. Apesar do Apocalipse ser uma obra ligada à ortodoxia, por apresentar a noção de Jesus divino, também apresenta noções semelhantes à apresentada pelo Rabino Rav, ou seja, inscrita em um ambiente judaico: cuja ação de Deus para a libertação do seu povo, seria contra o Império Romano. Podemos afirmar isto porque muitos elementos apresentados no Apocalipse de forma não clara, são apresentados por historiadores romanos de forma mais elucidativa e referentes ao Império Romano, dentre esses, a referência a uma Besta que subia do mar, com dez chifres e sete cabeças, que se assemelhava com uma pantera, tendo os pés semelhantes a de um urso, e a boca como de um leão, ademais, que parecia que em uma das suas cabeças havia uma ferida mortal, mas que foi curada, e a multidão ficou maravilhada por isso, e foi atrás da besta e adoraram o dragão por ter dado autoridade a ela (Apocalipse 13:1-4). Isto se assemelha às metáforas de Apolônio de Tiana (15 – 98 EC) a Nero (37 – 68 EC). Uma dessas metáforas trata dos companheiros de Apolônio, quando o acompanharam até Roma. Eles, foram reduzidos a oito, e os restantes, fugiram de Nero, porque sua tirania havia sido estabelecida em Roma, uma cidade “dura e cruel”, que não permitia que homens fossem sábios. E Apolônio disse: “apesar de atravessar muitas terras, vendo hostes de feras árabes e indianas; mas quanto a esta fera, que muitos chamam de tirano, não sei quantas cabeças ela tem, nem se tem garras tortas e dentes irregulares. Em qualquer caso, embora se diga que esse monstro é uma besta social (...) ele também é muito mais selvagem e feroz (...), embora é possível alterar o caráter de leões e leopardos por lisonjeá-los, este só é despertado para uma crueldade maior. (...) E, novamente, não há nenhum animal de que você possa dizer que devora sua própria mãe, mas Nero está farto dessa presa. (...) não é seguro para ele frustrar seu temperamento maligno” (Filostrato, Vida de Apolônio de Tiana, 4. 37 - 38). Na passagem de Filostrato (c. 170 – 250 EC), é notável as semelhanças entre as imagens, enquanto no Apocalipse não é possível identificar objetivamente de quem está tratando, em Vida de Apolônio de Tiana é expresso. Também é possível que em apocalipse 16:16, quando é afirmado que os espíritos vão ao encontro dos reis do mundo para a guerra do Grande Dia do Deus e eles vão reunir os reis no lugar chamado Armagedom, é possível encontrar paralelos com o fato de que a região de Meggido, era o Castro, ou seja, a localização reservada para a VI legião romana, a mesma responsável pela Primeira Guerra Judaico-Romana (Tácito, Histórias, III). De forma que estes indícios apontam que o Império Romano, para o ambiente judaico, e para o cristão em seus primórdios; não era somente a representação do mal, como efetivamente o mal objetivo. Em Apocalipse 13: 3, quando é afirmado que uma das cabeças da Besta parecia estar com uma ferida mortal, mas essa ferida foi curada e que a “terra inteira ficou maravilhada”, pode possuir proximidade, ou descrever, a lenda que se popularizou após a morte de Nero, acerca de que ele na verdade não havia sido morto mas voltaria a qualquer momento (Suetônio, A Vida dos Doze Césares, Vida de Nero, 57; Tácito, Histórias, II, 8), acrescentado ao fato de que Otão (32 – 69 EC) foi concebido por muitos, ao parabenizá-lo e lisonjeá-lo; como Nero (Tácito, Histórias, I, 4). Impostores também apareceram dizendo ser Nero, um durante o reinado de Vitélio (Tácito, Histórias II.8), outro durante o reinado de Tito Flávio Sabino Vespasiano (78-81 EC) (Dio Cássio, História Romana LXVI. 19), e outro durante o reinado de Domiciano (Suetônio, A vida dos doze césares, Vida de Nero 57), sendo este, apoiado pelos partos (Tácito, Histórias I.2). Ademais, em Apocalipse 13:14, onde é dito que uma Besta ordenou que fizessem uma imagem da Besta que havia sido ferida e sobreviveu; se assemelha ao dado de que Otão também permitiu que os bustos e estátuas de Nero fossem erguidos novamente (Suetônio, A Vida dos Doze Césares, Vida de Otão, 7).

de nove meses, sendo eles, sucedidos pela redenção, portanto, o Messias viria após um período de flagelo impetrado pelo Império Romano (Sanhedrin 98b, § 2-3)²²⁷. E o Rabino Hama bar Hanina (Amoraim – Segunda Geração c. 250 – c. 290 EC), disse que o filho de Davi não viria até que o reino desdenhoso (hazalla) de Roma se desprendesse do povo judeu como estava declarado: “E Ele cortará os ramos (hazalzallim) com foices” (Isaías 18:5) (Sanhedrin 98a, § 5). Em Sanhedrin 98b, parágrafo 8, é descrito o infortúnio que deve ser caracterizada a vida do homem (do povo de Deus), no “mundo” antes da vinda do Messias, na passagem, a sabedoria proposta se refere especificamente a uma outra passagem presente no livro do profeta Amós, nela, por meio de uma metáfora, é descrita a difícil condição de um infortunado que: fugindo de um leão, um urso o encontrou, e chegando na sua casa, ao encostar o braço em uma parede, uma cobra o mordeu (Amós 5:19); a passagem foi interpretada como a condição do homem frente a exigência de pagamentos no campo, a de tributos na cidade e a fome que os seus filhos sofrem na sua casa²²⁸.

A diversidade de interpretações sobre a vinda do Messias, expressava-se também pela identificação de passagens das sagradas escrituras que contradiziam-se. O Rabino Alexandri (Amoraim – Terceira Geração c. 320 EC)²²⁹ afirmou que o Rabino Yehoshua ben Levi (Amoraim – Primeira Geração c. 220 – c. 250 EC)²³⁰ encontrou uma contradição cometida por Deus em afirmar, por meio do profeta Isaías (Isaías 60:21), que havia um tempo estabelecido para a vinda do Messias, todavia, também identificou que Deus também afirmava que apressaria a vinda do esperado, de forma a indicar que não necessariamente havia um tempo estabelecido. O Rabino Alexandri para superar descrita contradição, a interpretou como uma dubiedade intencionalmente elaborada para referir-se a uma condicionante para o tempo do Messias, ela, uma prescrição: se os judeus apresentassem arrependimento e fizessem boas ações, ou seja, se a merecessem, a vinda do Messias não seria mais postergada por Deus,

²²⁷ “Rabino diz: ‘O filho de Davi não virá até que o maligno reino romano se disperse por toda Eretz Yisrael por nove meses’, como está declarado: ‘Portanto, Ele os abandonará, até o tempo em que aquela que está em trabalho de parto tiver dado à luz; então o restante de seus irmãos retornará com os filhos de Israel’” (Miquéias 5:2). Uma vez que um período equivalente a um tempo de gravidez passe, a redenção virá.” (Sanhedrin 98b, § 2-3). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²²⁸ “Como quando um homem fugiu de um leão e um urso o encontrou, ou entrou em casa e encostou o braço na parede e uma cobra o mordeu” (Amós 5:19) (...). Venha, e eu lhe mostrarei uma contrapartida neste mundo para a situação descrita neste versículo, pois mesmo hoje se encontra essas situações. Em um momento em que uma pessoa sai para o campo e é abordada por um guarda que exige pagamento, sua situação é semelhante à de alguém que é abordado por um leão. Ele então entra na cidade e é abordado por um cobrador de impostos real. Sua situação é semelhante à de alguém que é abordado por um urso. Ele então entra em sua casa e encontra seus filhos e filhas afligidos pela fome. Sua situação é semelhante à de alguém que foi mordido por uma cobra.” (Sanhedrin 98b, § 8). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²²⁹ Provavelmente o Rabino que estava presente no ritual pela morte do Rabino Hanina b. Pappa (Amoraim – Terceira Geração c. 290 – c. 320 EC).

²³⁰ Contemporâneo do Rabino Chiyya, que foi conhecido por ter tido, supostamente, contato com Elias.

todavia, se não agissem de tal forma, a de merecê-la, ela só ocorreria no tempo estabelecido (Sanhedrin 98a, § 11)²³¹. Uma outra suposta contradição, agora, sobre duas representações da vinda do Messias, também foi identificada pelo Rabino Yehoshua ben Levi. No livro do profeta Daniel 7:13-14, é afirmado que o Messias viria com as nuvens do céu, e que a ele seria dado muito poder, todavia, no livro do profeta Zacarias 9:9, é afirmado que ele viria como um rei, mas um humilde, não vindo com as nuvens, mas montado em um jumentinho. O Rabino Alexandri, contudo, também não encontrou contradição, mas interpretou as passagens referidas, identificando que as diferenças na descrição acerca da vinda do Messias, deviam-se também à anterior condicionante: se o povo judeu merecesse a redenção promovida por Deus, o Messias viria milagrosamente, todavia, se não merecessem, ele viria muito humilde (Sanhedrin 98a, § 12)²³². O Rabino Yohanan b. Napacha (Amoraim – Segunda Geração c. 250 – c. 290 EC)²³³ afirmou que “O filho de Davi” viria para uma geração que fosse inteiramente irrepreensível, em uma que fosse merecedora de redenção, mas também para uma culpada, para o caso de não houver outra medida possível a não ser a redenção, neste caso Deus a faria por amor a Ele mesmo (Sanhedrin 98a, § 9-11)²³⁴. Em um diálogo (fictício?) com Elias, o Rabino Yehoshua ben Levi lhe perguntou acerca de quando o Messias viria, Elias disse a ele que perguntasse ao Messias mesmo, que estava sentado na entrada da cidade de Roma, sendo que para reconhecê-lo era necessário ver as suas ações, porque “Ele se senta entre os pobres que sofrem doenças. E todos eles desamarram suas ataduras e as amarram todas de uma vez, mas o Messias desamarra uma atadura e amarra uma de cada

²³¹ “O Rabino Alexandri diz: ‘O Rabino Yehoshua ben Levi levanta uma contradição em um versículo abordando o compromisso com Deus em redimir o povo judeu’. No versículo: ‘Eu, o Senhor, em seu tempo, apressarei isso’ (Isaias 60:22), está escrito: ‘Em seu tempo’, indicando que há um tempo designado para a redenção, e está escrito: ‘Eu apressei isso’, indicando que não há um tempo definido para a redenção. O Rabino Alexandri explica: Se eles merecerem a redenção por meio do arrependimento e boas ações, apressarei a vinda do Messias. Se eles não merecerem a redenção, a vinda do Messias será em seu tempo designado. (Sanhedrin 98a, § 11). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²³² “O Rabino Alexandri diz: O Rabino Yehoshua ben Levi levanta uma contradição entre duas representações da vinda do Messias. Está escrito: “Veio com as nuvens do céu, um semelhante a um filho do homem... e lhe foi dado domínio, glória e um reino... o seu domínio é um domínio eterno” (Daniel 7:13-14). E está escrito: “Eis que teu rei virá a ti; ele é justo e vitorioso; humilde e montado num jumentinho, filho de jumenta” (Zacarias 9:9). O Rabino Alexandri explica: Se o povo judeu merecer redenção, o Messias virá de forma milagrosa com as nuvens do céu. Se eles não merecerem redenção, o Messias virá humilde e montado num jumento.” (Sanhedrin 98a, § 12). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²³³ Estudou com o Rabino Yehudah haNasi.

²³⁴ E Rabino Yohanan diz: O filho de Davi virá somente em uma geração que seja inteiramente inocente, caso em que eles serão merecedores de redenção, ou em uma geração que seja inteiramente culpada, caso que não haverá alternativa à redenção. Para uma geração inteiramente inocente: “E o teu povo também será todo justo; eles herdarão a terra para sempre” (Isaias 60:21). Para uma geração toda culpada: “E Ele viu que não havia homem algum, e ficou surpreso por não haver intercessor (...) “Por amor de Mim, por amor de Mim o farei; pois como seria profanado? E minha glória não a darei a outro” (Isaias 48:11) “(Sanhedrin 98a, § 9-11). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

vez”²³⁵. Nesta passagem é preservada a noção de um Messias humilde, o que viria ao mundo repreensível, onde o povo não merecesse redenção (Sanhedrin 98a, § 16)²³⁶. O Rabino, seguindo a orientação de Elias, foi até o Messias, o encontrou e perguntou a ele quando viria, o Messias lhe respondeu que seria naquele mesmo dia. Depois de esperar, o Rabino Yehoushua ben Levi foi ao encontro de Elias e disse-lhe que o Messias havia mentido a ele, porque afirmando que viria naquele dia mesmo, não veio, Elias, todavia, contestou-o, afirmando que ele não havia mentido, porque o que ele havia dito na verdade é que viria naquele dia, sob a condição de “vocês ouvirem a sua voz” (Salmo 95:7) (Sanhedrin 98a, § 17)²³⁷.

Para além dos rabinos, eruditos judeus e romanos preservaram sobre a crença no Messias na primeira metade do século primeiro. Filon de Alexandria, no início do século primeiro, afirmava que um homem que lideraria, guerrearía com grandes nações; Deus seguramente enviaria a sua assistência (Filon de Alexandria, Sobre Recompensas e Punições, XVI, § 95)²³⁸. Ademais, afirmou que ele manteria firme a vitória sem violência (Filon de Alexandria, Sobre Recompensas e Punições, XVI, § 97)²³⁹. Tácito e Suetônio, afirmaram que na Província da Judeia havia uma crença estabelecida, de que homens saíam da Judeia para governar o mundo (Tácito, História V, § 13; Suetônio, Vida dos doze Césares, Vespasiano IV,

²³⁵ Temos o elemento do “desamarrar”, presente em João Batista que dispunha suas esperanças em um enviado de Deus, do qual ele não seria digno de abaixar-se para desamarar a correia de suas sandálias (Mc. 1:7-8; Mt. 3:11-12; Lc. 3:16-17; Jo. 1:26-27; Ev. Q 3:16-17).

²³⁶ “O Rabino Yehoushua ben Levi disse a Elias: Quando o Messias virá? Elias disse a ele: Vá perguntar a ele. O Rabino perguntou: E onde ele está sentado? Elias disse a ele: Na entrada da cidade de Roma. O Rabino perguntou a ele: E qual é o seu sinal de identificação por meio do qual eu posso reconhecê-lo? Elias respondeu: Ele se senta entre os pobres que sofrem doenças. E todos eles desamararam suas ataduras e as amarram todas de uma vez, mas o Messias desamarra uma atadura e amarra uma de cada vez.(...) (Sanhedrin 98a, § 16). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²³⁷ “O Rabino Yehoushua ben Levi foi até o Messias. Ele disse ao Messias: Saudações a você (...). O Messias disse a ele: Saudações a você, bar Leva’i. O Rabino disse: Quando o Mestre virá? O Messias disse a ele: Hoje. (...) Yehoushua ben Levi disse a Elias: O Messias mentiu para mim, como ele me disse: Eu estou vindo hoje, e ele não veio. Elias lhe disse que isto é o que ele disse a vocês: Ele disse que viria ‘hoje, se vocês ouvirem a sua voz’. (Salmos 95:7)” (Sanhedrin 98a, § 17). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

²³⁸ “(...) liderando uma hoste e guerreando furiosamente, que subjugará grandes e populosas nações, Deus enviando aquela assistência que é adequada para homens piedosos; e esta assistência é uma coragem intrépida da alma e uma força irresistível do corpo, qualquer uma das quais é formidável para o inimigo, e se ambas as qualidades estiverem unidas, elas são completamente invencíveis”. (Filon de Alexandria, Sobre Recompensas e Punições, XVI, § 95). Tradução do inglês sob minha responsabilidade.

²³⁹ “E ele prediz, que ele não apenas manterá sempre firmemente a vitória sem derramamento de sangue assim conquistada, mas que também terá um poder de domínio irresistível, de modo a poder beneficiar as pessoas sujeitas a ele, que podem tornar-se assim, seja por boa vontade, ou por medo, ou por vergonha; pois ele terá em si três coisas da maior importância, todas contribuindo grandemente para tornar sua autoridade indestrutível, a saber, dignidade, terror e beneficência, por meio das quais qualidades os fins acima mencionados serão alcançados; pois a dignidade causa respeito, e o terror causa medo, e a beneficência causa boa vontade; que, quando são misturadas, adaptadas e unidas na alma, tornam os súditos obedientes aos seus governantes”. (Filon de Alexandria, Sobre Recompensas e Punições, XVI, § 97). Tradução desde o inglês sob minha responsabilidade.

§ 5)²⁴⁰. Tácito corroborou com Flávio Josefo sobre um fenômeno dito testemunhado por muitos: que em meados da Primeira Guerra Judaico-Romana, do santuário saiu uma voz sobre-humana que gritou: “Os deuses (‘uma multidão’ segundo Josefo) estão partindo”, e muitos acreditaram que isto se tratava de um sinal acerca da vinda do Messias (Tácito, História. V, § 13; Flávio Josefo, Guerra Judaica, VI. 299)²⁴¹.

Depois de identificar as posições de alguns rabinos acerca da vinda do Messias, podemos compreender com maior clareza os posicionamentos dos insurgentes, e mais especificamente, de Jesus de Nazaré e João Batista (apesar deste último não ter sido concebido como um insurgente por não ter sido penalizado por Roma). O Rabino Yehoshua ben Levi, no diálogo fictício com Elias, expressou uma concepção, não necessariamente advinda dele mesmo, mas podendo expressar uma tradição de longa data preservada de geração em geração por diferentes professores e estudantes da Torá²⁴², que o Messias só viria, no sentido de somente ser percebido, se “ouvissem a sua voz”, como foi afirmado por meio de Elias, semelhantemente a Jesus quando se impressionou com a falta de compreensibilidade dos que o ouviam, dizendo que eles sabiam “olhar para o céu e prever se choverá ou não amanhã (...) mas não sabem interpretar o tempo presente” (Mt 16:2-3; Lc. 12:54-56; [Trecho] Ev. Tomé 91:2; Q 12:54-56). O Messias, nestas concepções, não seria percebido como tal, porque não viria milagrosamente, mas muito humilde, sendo encontrado sentado entre os pobres e doentes. Isto também converge com a vida levada por Jesus e sua doutrina, guardadas as diferenças e distâncias, expressaram que, apesar de não podermos assegurar que se concebia como o Messias mesmo, ou se esperava um como o da fábula do Rabino Yehoshua e Elias; a missão de andar com os “últimos”, demonstra que a concepção messiânica

²⁴⁰ Disse Suetônio: “Havia se espalhado por todo o Oriente uma crença antiga e estabelecida, de que estava destinado naquela época que homens vindos da Judeia governassem o mundo” (Vida dos doze Césares, Vespasiano. IV, § 5). Essa concepção é corroborada pelo profeta Daniel: “Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e este reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mais ele mesmo subsistirá para sempre” (Daniel 2:44). E Tácito: Poucos interpretaram esses presságios como assustadores; a maioria acreditava firmemente que seus antigos escritos sacerdotais continham a profecia de que este era o momento exato em que o Oriente se fortaleceria e que os homens partindo da Judeia possuiriam o mundo. (Tácito, História. V, § 13). Traduções do inglês sob minha responsabilidade.

²⁴¹ Flávio Josefo também relatou que no tempo de Pentecostes os sacerdotes ouviram um grito vindo do Templo. “Antes do pôr do Sol, foi visto nos ares de todo o país, carros e esquadrões de soldados armados (...). Ademais, na festa chamada de Pentecostes, os sacerdotes entraram pela noite no interior do Templo, como têm por costume para celebrar o culto, e disseram haver sentido primeiramente uma sacudida e um ruído, e logo a voz de uma multidão que dizia: ‘Saíamos daqui’.” (Guerra Judaica, VI. 299). E Tácito afirmou: “De repente, as portas do santuário se abriram e uma voz sobre-humana gritou: ‘Os deuses estão partindo’; no mesmo momento, o poderoso movimento de sua partida foi ouvido.” (Tácito, História. V, § 13). Traduções do espanhol e do inglês sob minha responsabilidade.

²⁴² Visto que o Rabino Yosef também expressava ter a esperança em um Messias humilde e o Rabino Yohanan afirmava que o Messias poderia vir milagrosamente se a geração que o receberia seria irrepreensível, todavia, humilde, se fossem repreensíveis.

de Jesus de Nazaré não era estranha ao ambiente judaico, justamente por ser partilhada na tradição rabínica.

De forma semelhante a Jesus, a concepção de João Batista acerca do Messias também não era estranha ao ambiente judaico, pois, ao ensinar aos judeus o dever de agir de maneira justa e piedosa, requisito fundamental para que o batismo que pregava tivesse valor (Antiguidades Judaicas, XVIII. 116-119); poderia estar expressando uma mesma ou semelhante noção preservada pelos rabinos Alexandri e Yohanan, como também Elazar, quando afirmaram que a condicionante das boas ações e a do estudo da Torá, determinaria de qual maneira viria o Messias: ele viria milagrosamente, se observassem estas normas morais, do contrário, viria muito humilde. Os indícios, portanto, indicam que João Batista preparava a vinda de um Messias glorioso, ao passo que Jesus, em um (quando não sendo ele mesmo) muito humilde, distinguindo-se de João, para o qual essas ações “preparavam o caminho” do Messias, para Jesus, as boas ações seriam as práticas de manutenção do Reino de Deus.

Os demais insurgentes, à parte de Jesus, também puderam adotar noções próximas das dos rabinos abordados acerca do messianismo, pois, a compreensão de que o Messias viria para uma geração imersa em problemas como nos ditos expressos por Yohanan e Elazar, e que o Messias traria paz como em Filon de Alexandria, e que governaria o mundo, como em Tácito e Suetônio; demonstra que seus objetivos não diferiam do ambiente judaico da sua contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução, a pergunta inicial sobre quem foi Jesus de Nazaré e se de fato existiu, requeria uma resposta que se distanciasse do pressuposto de que as fontes e a própria tradição da ortodoxia, preservavam as palavras e ações de Jesus, distanciando, portanto, da ideia não problematizada de que essas fontes possuíam as verdades para qualquer resposta sobre esse tema. A abdicação do pressuposto, não foi a negação da afirmação de que as fontes eram “a palavra de Deus”, afinal, derrocava no mesmo erro de admitir um pressuposto antes da investigação, só que em forma de negação: que essas fontes não preservavam palavras e ações de uma pessoa real; seria um erro, porque faria uma afirmação sobre elas, problematizado uma causa alheia a elas mesmas, ou seja, a fé de que elas preservam verdades. Iniciei a investigação a partir da possibilidade de que as fontes preservariam informações verdadeiras de uma pessoa real, porque qualquer afirmação sobre isso, deveria ser resultado da análise das informações que os evangelhos apresentam; não o resultado de uma causa externa ao seu conteúdo. Os evangelhos atribuem a Jesus descrições de palavras e ações, não como fabulações, mas sim como eventos que ocorreram, por isso, foi afirmado que reivindicam preservar fatos. Se o objetivo é identificar se há ou não informações consistentes sobre Jesus sem adotar pressupostos, um investigador deveria iniciar sua investigação acerca da matéria, pela análise da reivindicação. Propus, por esse motivo, a elaboração de um método para a averiguação da legitimidade da reivindicação de fatos sobre uma pessoa real pelas fontes.

Ao iniciar a construção do método, foi possível identificar duas coisas, a primeira, que as fontes apresentavam inconsistências internas, e segundo, que as suas narrativas de milagres possuíam semelhanças aos milagres atribuídos a alguns profetas no Antigo Testamento. Com o emprego do que denominei de “razão de Justino”, referindo-me ao argumento que o referido autor formulou e que se fundava na percepção que de duas sentenças semelhantes em documentos distintos, uma das versões poderia ser inspiradora e a outra inspirada; conjecturei que os milagres que se apresentam nos evangelhos abordados, por terem divergido do conteúdo central de outras passagens e por guardarem semelhanças com narrativas já existentes; poderiam ser fabulações inspiradas em narrativas do Antigo Testamento. Sobre as passagens que sobrepujavam às passagens com indícios de fabulações, inferi que deveriam ser investigadas e não concebidas como fabulações como as passagens problematizadas. Em sequência, abordei as razões que estabeleciam as contradições e os indícios de fabulações como problemáticas, sendo elas, três princípios metodológicos, os quais, detive-me em expor.

Posteriormente, da análise dos indícios de interações entre os evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus, conclui que são compostos de seções de passagens de diferentes origens, não deveria, portanto, buscar qual fonte era a que legitimamente reivindicava descrever fatos sobre uma pessoa real, mas sim procurar quais seções de passagens eram mais consistentes, e por consequência, que legitimamente reivindicavam descrever fatos. O núcleo de passagens “Q (Mateus-Lucas)” e o “Núcleo Sinótico”, em termos necessários, foram identificados como os mais primitivos. Os núcleos de passagens precursoras, seriam passagens que viriam antes das demais passagens dos evangelhos abordados, deduzindo que, se existiam passagens que descreviam eventos verdadeiros, elas seriam anteriores às demais que eram fabulações.

Da procura por indícios que apontariam quais seriam as seções de passagens que compõem o Núcleo Sinótico e o núcleo Q (Mateus-Lucas), supondo existir mais de uma seção de passagens além da identificada pelas passagens fortuitamente semelhantes entre eles, e a partir da dinâmica de milagres presentes no Núcleo Sinótico e no Evangelho de João, como no Evangelho de Sinais; foi possível identificar que o Núcleo Sinótico e João, possuíam seções de passagens sobre milagres que apresentavam o indício de serem fabulações, por essa razão, conclui que as passagens que narram milagres no Núcleo Sinótico e em João não eram primitivas, tampouco as narrativas de milagres em Sinais, que apesar de serem anteriores às do Núcleo Sinótico, não exerciam a mesma autoridade que elas, por serem contestadas. Disto, demonstrou ser necessário verificarmos quais eram as passagens fiáveis, as passagens restantes que sobrepujavam as narrativas de milagres anteriormente problematizadas, entre elas, as que eram atestadas com o núcleo Q (Mateus-Lucas), e também, todas as desse Núcleo Sinótico; para isto, julguei prudente identificar pelo menos um evangelho das “heresias” que partilhasse de passagens com estes núcleos, pois, assim, poderíamos localizar quais das passagens destes núcleos eram atestadas até mesmo por uma fonte não adotada pela ortodoxia. Conclui, articulando informações que vieram de Irineu de Lyon, que a característica própria e inconfundível que um evangelho pode possuir, seja um evangelho da ortodoxia como os das “heresias”, não era quais passagens preservava, mas sim de quais conjuntos de passagens estava composto, por esta razão, o único evangelho que poderia ser devidamente caracterizado como de uma tradição independente dos evangelhos da ortodoxia, foi o Evangelho de Tomé.

O conteúdo atestado entre o Núcleo Sinótico, o núcleo Q (Mateus-Lucas) e o Evangelho de Tomé, foi afirmado como constituído por 45 passagens, estas, podendo ser as mais fiáveis justamente por serem núcleos de passagens precursoras atestadas por fontes de diferentes tradições. Se essas passagens apresentassem indícios de fabulações e narrativas de

milagres, o resultado da investigação não apontaria nada nas fontes preservadas que pudesse ser legitimamente reivindicado como uma descrição de fatos, de forma que o método seria falseado, e concluiria que as fontes não preservam verdades sobre uma pessoa real, a não ser quando o pressuposto da fé é adotado. Contudo, analisei o conteúdo dessas passagens a partir da segunda parte desta dissertação, e o resultado foi que não apresentaram passagens com indícios de fabulações, tampouco há narrativas de milagres. Na primeira passagem abordada, João Batista possuía o protagonismo, e as demais, predominantemente, preservavam os ensinamentos, confrontos e ensejos de Jesus de Nazaré. Propus, depois disso, uma investigação de outras personalidades da primeira metade do século primeiro que foram mortas por pregarem doutrinas não hegemonicamente adotadas, elas, denominei de “insurgentes”; que como a verificação da fiabilidade das 45 passagens resultantes do método, tinha a função de verificar se a personalidade de Jesus era, ou não, muito diversa de outras personalidades da sua contemporaneidade.

Abordei as circunstâncias socioeconômicas na Província da Judeia (incluindo a Galileia) em meados do século primeiro. Embora os indícios da seca; da fome; do aumento da carga tributaria; do novo governo romano e a possibilidade da cobrança de dívidas após o ano da libertação, não foi possível atribuir a nenhum destes fatores a causa da existência dos movimentos de insurgência na primeira metade do século primeiro, porque cada um destes fatores pôde ter sido recebido diferentemente por individuo e por setor daquela sociedade. Apesar da falta de assertividade a este respeito, foi estabelecido o indício de que toda ou alguma insatisfação popular, foi acompanhada de esperanças.

As “esperanças messiânicas” motivavam todos os movimentos liderados pelos insurgentes. Depois de ser arrazoada a criação da crença acerca de um homem ungido por Deus que traria tempos de paz ao seu povo, abordei diversas e contrastantes interpretações rabínicas acerca da vinda do Messias, que apesar de serem tardias, expressaram crenças que não eram exclusivas dos homens que insurgiram. O Rabino Yehoshua ben Levi, por exemplo, no diálogo fictício com Elias, afirmava que o Messias só viria, no sentido de somente ser percebido; se “ouvissem a sua voz”, por sua vez, o Rabino Yosef, defendia a ideia de um Messias que seria muito humilde. O Rabino Alexandri, afirmava que o Messias poderia vir milagrosamente se a geração que o recebesse fosse irrepreensível, todavia, humilde, se fossem repreensíveis. Essas perspectivas, fizeram com que eu concluísse, mas apenas por conjectura; que uma noção de “Messias” semelhante a desses rabinos pôde ter sido adotada por Jesus de Nazaré. Mais uma vez, portanto, as 45 passagens estabelecidas pelo método, poderiam ser legitimamente reivindicadas como correspondendo a possíveis fatos.

A resposta à pergunta da introdução, acerca se Jesus foi uma pessoa real e se há informações verdadeiras sobre ele, portanto, tem a sua validade disposta em todos os procedimentos descritos nesta dissertação e versa nos seguintes termos: Jesus pôde ter se concebido como o Messias, todavia, não o esperado por João Batista, mas um humilde, que não fez milagres nem feitos notáveis. Jesus, ensinou aos que o seguiam a não guardarem os tesouros do reino dos homens, mas sim os tesouros do “Reino de Deus”. Não defendia uma ideia apocalíptica desse reino, na qual ele interviria em uma renovação do mundo, mas sim defendia a transformação da realidade se adotassem os seus ensinamentos. Foi seguido por poucos, estes, o seguiam muito menos por compreenderem e adotarem os seus ensinamentos, mas muito mais pela esperança na mudança nas duras condições das quais padeciam.

Depois da breve recapitulação dos procedimentos construídos, redijo indagações e respostas que esclarecerão e consolidarão algumas das decisões feitas ao longo da investigação. Os evangelhos poderiam ser adotados como fontes históricas? A primeira pergunta não contesta o modo como as informações foram articuladas, mas sim a sua própria validade. Não é devido ignorar uma diferença básica entre o “para quê” os evangelhos foram elaborados e o “para quem” eles serão abordados. Segundo um aspecto, uma fonte é histórica porque todo o seu conteúdo, ou parte dele, é reivindicado como correspondente aos eventos que descreve como eventos reais, nada obstante, uma fonte também é histórica, embora não corresponda com a realidade; porque preserva o modo como o seu autor expressava as suas crenças e elaborava as fabulações que as respaldavam. Como o objetivo estabelecido por esta dissertação era a análise da existência ou não de passagens consistentes sobre Jesus, implicando isto, uma preocupação com possíveis fatos, a historicidade dos evangelhos deveria ser relativa à correspondência das suas informações com a realidade, no entanto, como essa realidade é inverificável, e a mera reivindicação de correspondência com eventos reais não é suficiente para assegurar o fato de que as fontes preservam descrições de eventos reais; a primeira parte desta dissertação averiguou a legitimidade dessa reivindicação. Se o resultado não fosse a identificação de alguma seção de passagens consistentes, a reivindicação seria contestada, e por conseguinte, a suposta correspondência das passagens com eventos reais não seria aceita e os evangelhos não seriam concebidos como fontes históricas para o objetivo estabelecido. Os evangelhos ainda seriam fontes históricas para o conhecimento do modo como os seus autores produziram fabulações, objetivo que não adotei, e portanto, neste cenário onde os evangelhos apesar de reivindicarem fatos, não descrevem fatos, haveria uma discrepância entre a natureza que foi verificada das fontes, identificada na ilegitimidade da reivindicação de fatos; e a razão pela qual essas fontes foram abordadas.

Quando, amiúde, a historicidade dos evangelhos é negada, o que é negado é a sua correspondência à fatos, no entanto, por ser possível identificar passagens com fortes indícios de fabulações, não é devido subverter a razão pela qual eles foram formulados, sem antes averiguar se de fato todas as passagens possuem a mesma origem e são inconsistentes. Com a identificação das seções de passagens mais primitivas, e sendo elas passagens consistentes, foi assegurado nesta investigação que a reivindicação de fatos por parte de seções de passagens de alguns evangelhos é legítima, ou seja, que parte do seu conteúdo pode corresponder a fatos. A conclusão construída foi que as fontes possuem passagens de diferentes origens, possuindo passagens com indícios de fabulações e passagens sem esses indícios, entre estas últimas, algumas foram verificadas sendo as mais antigas: com passagens conhecidas por mais de uma tradição, portanto, foi compreendido que as fontes eram compostas de seções de passagens mais primitivas e que a elas foram acrescentadas fabulações características dos movimentos que as preservaram, sendo que essas passagens criadas, eram desconhecidas ou contestadas pela fonte da outra tradição. Em resumo, antes de definir uma fonte como sendo ou não histórica, aqui, que preserva ou não descrições de eventos reais, é necessário partir da provável razão para que foram formuladas, nos evangelhos, expressa pela atribuição de palavras e ações a uma pessoa chamada “Jesus”; verificar, ademais, se há passagens que não legitimam a reivindicação de fatos, e distingui-las das que podem legitimar, por fim, conhecida a natureza das fontes, e estabelecido o objetivo para o qual elas serão abordadas, é possível definir os evangelhos como fontes históricas.

A maior parte das passagens das fontes são constituídas por fabulações, expressam por esse motivo, que não foram elaboradas para preservar as verdades sobre Jesus de Nazaré, mas sim a doutrina adotada pelos seus autores, apesar disso, preservaram núcleos de passagens precursoras atestadas por diferentes documentos de diferentes tradições, que nesta dissertação foram referidas como as passagens que legitimamente reivindicam fatos. Por meio da problematização das passagens de milagres em Sinais que promovem a fé, foi possível identificar uma razão, desconhecida e na dissertação apenas conjecturada; que impedia a admissão dos milagres como verdadeiros no Núcleo Sinótico e em João. Essa razão, do que dedutivamente pôde ser afirmado, expunha a contestação de determinados autores às passagens de outras fontes, no entanto, isso não indicava que os milagres no Núcleo Sinótico e João correspondiam a eventos reais, porque eles também foram problematizados. Não é correto afirmar que a contestação de algumas passagens por outras, assegura que uma das versões é verdadeira e a outra falsa, mas sim que as seções de passagens não contestadas: as preservadas entre outras passagens contestadas, exercem maior autoridade do que qualquer

seção de passagens contestadas. Embora mais primitivas, as passagens que narram milagres em Sinais foram contestadas, por essa razão, é possível deduzir que não era a primitividade ou não, o critério para a contestação de passagens, mas sim um outro motivo (a autoridade).

Poderia ser conjecturado que, apesar de ser um núcleo de passagens precursoras, as seções de passagens mais primitivas poderiam ser fabulações coerentes com as circunstâncias simbólicas e materiais dos judaísmos do século primeiro. Seria possível conceber isso, todavia, não seria possível conceber qual era a razão para a elaboração de um personagem sem traços característicos dos cristianismos posteriores. As passagens mais primitivas são preservadas em alguns evangelhos, mas estão submetidas à ampla maioria das passagens com indícios de fabulações que fundamentam as divergentes doutrinas dos cristianismos. A autoridade estabelecida das passagens mais primitivas, justifica a elaboração das fabulações posteriores que respaldam as crenças dos seus autores, enquanto defesa à doutrina não respaldada pelo o que já exercia autoridade. Quando fabulações são cogitadas sobre as passagens mais primitivas corroboradas por diferentes tradições, também é suposto que seus autores convergiram doutrinariamente sobre algumas passagens, não questionando a autenticidade delas, no entanto, se o desenvolvimento das suas crenças foi independente, quando convergiram, não convergiram por um acordo comum, mas sim pela autoridade que as passagens que partilharam possuíam; por terem divergido na maioria das demais passagens e substancialmente das suas doutrinas, qualquer acordo doutrinário comum baseado em fabulações, é pouco coerente, sendo possível conceber, somente, que a adoção das passagens primitivas não ocorreu simplesmente por serem as mais antigas.

Não é correto requerir e somente adotar informações sobre Jesus de Nazaré preservadas em fontes que não são evangelhos e não são documentos redigidos por cristãos, porque ao requeri-las, seria suposto que as informações sobre todas as personalidades do século primeiro que viveram na região da Província da Judeia, eram preservadas sob as mesmas circunstâncias e de única forma, ou seja, por exemplo, das informações preservadas por Flávio Josefo sobre alguns insurgentes da província, não é dedutivamente inferível que as informações sobre Jesus de Nazaré também deveriam ser preservadas por ele; apenas indutivamente por conjectura. Ademais, também estaria supondo que todas as informações sobre todos as personalidades notáveis da Província da Judeia na primeira metade do século primeiro, foram preservadas, e que Josefo as preservou, com a exclusiva exceção das informações sobre Jesus de Nazaré, suposição esta, que jamais poderá ser verificada, e por isso, não pode ser adotada como verdadeira.

O Evangelho de Tomé foi crucial para a identificação das passagens mais primitivas entre todas as passagens dos evangelhos, porque por dedução, foi possível inferir que quando o seu autor responsável, pertencente a um movimento não ortodoxo, preservou apenas algumas passagens das fontes da ortodoxia, expressou que não acreditava ou não conhecia as outras passagens dessas fontes como sendo originárias das palavras e ações de Jesus de Nazaré. É fundamental compreender que a fé é anterior a elaboração/composição de todas as passagens que compõem as fontes no seu estado preservado, isso é manifesto pela corroboração de algumas passagens, como pela contestação/desconhecimento de outras delas entre diferentes fontes, portanto, o que determinou a criação das fabulações em todas as tradições, pôde ter sido a necessidade de conformar o que amplamente era conhecido que advinha de Jesus, e como os diferentes movimentos concebiam Jesus. Em suma, por meio do Evangelho de Tomé, foi possível identificar quais passagens dos núcleos de passagens precursoras das fontes da ortodoxia, passagens que foram verificadas como anteriores às passagens desta tradição; eram anteriores às passagens que apresentaram suas fabulações características. Não defendi que o autor deste evangelho possuía um conhecimento privilegiado da verdade, não o tinha, porque ao ser verificada a completude do seu documento, é possível identificar passagens não atestadas externamente, como também, passagens que não eram dos núcleos de passagens precursoras verificadas por meio das fontes da ortodoxia, no entanto, a sua crença nas passagens que partilha com o núcleos precursores da ortodoxia, assegura que essas passagens exerciam autoridade.

A interdisciplinariedade “História-Filosofia”, que caracterizou esta dissertação, foi importante não somente para o modo singular de abordar a existência de informações preservadas sobre Jesus de Nazaré, como também, para a construção do método, o sustentáculo desta investigação. Por meio da reflexão filosófica, os modos de raciocínios que articulam todos os dados, foram expostos e estabelecidos os seus limites. A busca por quais informações sobre Jesus de Nazaré eram as mais consistentes e correspondiam à possíveis fatos, não foi uma afirmação de que elas existiam, mas antes, a concepção de que se elas existem e estão entre todas as passagens preservadas; é possível serem identificadas por meio de novas articulações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

Antiguidade:

ARISTÓFANES. *As Vespas*. Trad. Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

ARISTÓTELES. *Metafísica* vols. I, II, III, 2ª edição. Ensaio introdutório, tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola. 2002.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

DEWEY, Arthur J. e MILLER, Robert J.. *The Complete Gospels Paralells*. Harper Collins Paperback edition published, 1994.

DIO CÁSSIO. *Roman History*. Translation by Earnest Cary. Loeb Classical Library, 9 volumes, Greek texts and facing English translation: Harvard University Press, 1914.

ELLIOT, J. K. *The Apocryphal New Testament. A Collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation based on M. R. James*. The Oxford University Press, 1993.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *Historia Eclesiástica*. Trad. Argimiro Velasco-Delgado. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

EPIFÂNIO. *The Panarion of Epiphanius of Salamis*. Trad. Frank Williams. Leiden: Brill, 2009. (Obra também conhecida como “Contra as Heresias”).

FLÁVIO JOSEFO. *La Guerra de los Judíos*. Trad. Jesús M. Nieto Ibáñez. Madrid: Editorial Credos, 1997.

_____. *Antigüedades Judías*. Edición de José Vara Donado. Madrid: Ediciones Akal, 1997.

FÍLON DE ALEXANDRIA. *Obras completas de Filón de Alexandria*. Trad. José María Triviño. Buenos Aires: Acervo Cultural, 1976.

FILÓSTRATO. *Vida de Apolonio de Tiana*. Traducción, introducción y notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Editorial Credos, 1992.

HIPÓLITO DE ROMA. *Refutación de todas las herejias*. Tra. José Montserrat Torrents. Madrid: Editorial Credos, 1983.

HOLMES, Peter. *From Ante-Nicene Fathers, Vol. 3*. Edited by Alexander Roberts, James Donaldson, and A. Cleveland Coxe. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885. Tradução para o inglês da obra de Tertuliano: “Contra Marcião” e “Contra Praxeas”.

HYPERIDES. *Minor Attic Orators*, Vol. 2. Burt, J. O., editor. London: William Heinemann, Ltd.; Cambridge, MA: Harvard University Press, 1954.

_____. *Against Athrogenos*. *Greek Texts & Translations*. Disponível em <https://anastrophe.uchicago.edu/cgi-bin/perseus/citequery3.pl?dbname=GreekNov21&getid=1&query=Hyp.+3>. Acesso em 26 de Julho. 2024.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epístola aos Filadelfenses*. <https://www.ccel.org/ccel/schaff/anf01.v.vi.vi.html>. Acesso em 26 de Julho de 2024.

IRINEU DE LYON. *Contra las Herejías*. Trad. Jesús Garitaonandia Churruca. Salamanca: Kadmos, 1999.

JERÔNIMO. *Against Rufinus*. Translated by W.H. Fremantle. From *Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*, Vol. 3. Edited by Philip Schaff and Henry Wace. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1892.

_____. *Against Rufinus*. Translated by W.H. Fremantle. From *Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*, Vol. 3. Edited by Philip Schaff and Henry Wace. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1892.) Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. <http://www.newadvent.org/fathers/2710.htm>. Acesso em 26 de Julho. 2024.

_____. *Comentario al Evangelio de Mateo*. Traducción: Hnas. Bernarda Bianchi di Carcano (f) y María Eugenia Suárez, OSB. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1999.

JUSTINO MÁRTIR. *Apologias*. Trad. Hilario Yabén. Sevilla: Apostolado Mariano, 1990.

_____. *I e II apologias: diálogo com Trifão*. Introd. e notas explicativas Roque Frangiotti; trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

ORÍGENES. *Homilías sobre el Evangelio de Lucas*. Introducción, traducción y notas de Agustín López Kindler. Madrid: Ciudad Nueva, 2014.

OTERO, Aurelio dos Santos. *Los Evangelios Apocrifos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2005.

PLATÃO. *Teeteto e Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1988.

_____. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PLÍNIO, O VELHO. *Historia Natural*. Traducción: AA. VV. Las traducciones y notas han sido llevadas a cabo por Antonio Fontán (Libro III), Ignacio García Arribas (Libro IV), Encarnación del Barrio Sanz (Libro V), M^a Luisa Arribas Hernáez (Libro VI) Coordinadora: Ana M^a Morue Casas Asesores para la sección latina: José Javier Iso y José Luis Moralejo Revisión: Luis Alfonso Hernández Miguel y Francisco Manzanero Cano. Madrid: Editorial Cremos.

PSEUDO FÍLON. *Livro de Antiguidades Bíblicas*. Trad. M.R. James. London: Priceton Theological Seminary Library, 1917.

PSEUDO JONATHAN. The Targum of Jonathan ben Uzziel, trans. J. W. Etheridge, London, 1862. https://www.sefaria.org/Targum_Jonathan_on_Exodus.1?lang=bi&with=About&lang2=en. Acesso em 26 de julho de 2024.

SUETÔNIO. Vida de los Doce Césares. Traducción: Alfonso Cuatrecasas. Edición digital: epublibre (EPL), 2014.

TÁCITO. Histories. Loeb Classical Library edition of Tacitus, 1931. https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Tacitus/Histories/5A*.html. Acesso em 26 de Julho 2024.

TERTULIANO. Against Praxeas. Translated by Peter Holmes. From Ante-Nicene Fathers, Vol. 3. Edited by Alexander Roberts, James Donaldson, and A. Cleveland Coxe. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885.) Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. <http://www.newadvent.org/fathers/0317.htm> . Acesso em 26 de Julho. 2024.

_____. Against Marcion. Translated by Peter Holmes. From Ante-Nicene Fathers, Vol. 3. Edited by Alexander Roberts, James Donaldson, and A. Cleveland Coxe. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1885.) Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. <http://www.newadvent.org/fathers/0312.htm> . Acesso em 26 de Julho. 2024.

Antiguidade tardia/medievo:

MIDRASH TANHUMA-YELAMMEDENU. Trad. Samuel A. Berman. https://www.sefaria.org/Midrash_Tanchuma%2C_Foreword?lang=bi&with=About&lang2=en . Acesso em 26 de julho de 2024.

MISHNAH AVODAH. William Davidson Edition - English from The William Davidson digital edition of the Koren Noé Talmud, with commentary by Rabbi Adin Even-Israel Steinsaltz. https://www.sefaria.org/Mishnah_Avodah_Zarah.1?lang=bi&with=About&lang2=en . Acesso em 26 de julho de 2024.

MISHNAH BAVA BATRA. William Davidson Edition - English from The William Davidson digital edition of the Koren Noé Talmud, with commentary by Rabbi Adin Even-Israel Steinsaltz. https://www.sefaria.org/Mishnah_Bava_Batra.1?lang=bi&with=About&lang2=en . Acesso em 26 de julho de 2024.

MISHNAH BEITZAH. William Davidson Edition - English from The William Davidson digital edition of the Koren Noé Talmud, with commentary by Rabbi Adin Even-Israel Steinsaltz. https://www.sefaria.org/Mishnah_Beitza.1?lang=bi . Acesso em 26 de julho de 2024.

MISHNAH BERAKHOT. William Davidson Edition - English from The William Davidson digital edition of the Koren Noé Talmud, with commentary by Rabbi Adin Even-Israel

Steinsaltz. https://www.sefaria.org/Mishnah_Berakhot.1?lang=bi&with=About&lang2=en . Acesso em 26 de julho de 2024.

MISHNAH SANHEDRIN. William Davidson Edition - English from The William Davidson digital edition of the Koren Noé Talmud, with commentary by Rabbi Adin Even-Israel Steinsaltz. https://www.sefaria.org/Mishnah_Sanhedrin.1?lang=bi&with=all&lang2=en . Acesso em 26 de julho de 2024.

MISHNAH SHABBAT. William Davidson Edition - English from The William Davidson digital edition of the Koren Noé Talmud, with commentary by Rabbi Adin Even-Israel Steinsaltz. https://www.sefaria.org/Mishnah_Shabbat.1?lang=bi&with=About&lang2=en . Acesso em 26 de julho de 2024.

VAYIKRA RABBA. Version Notes: Managing Editor: Jason Rappoport. Translator: Joshua Schreier. Editor: Michael Siev. Editor: Yaacov Francus. Copy-editor: Deborah Meghnagi Bailey. Copy-editor: Ilana Sobel. https://www.sefaria.org/Vayikra_Rabbah.1?lang=bi&with=About&lang2=en . Acesso em 26 de julho de 2024.

COMENTADORES/HISTORIOGRAFIA

ADAMS, Samuel L. Social and Economic Life in Second Temple Judea. First edition Published by Westminster John Knox Press Louisville, Kentucky, 2014.

BOOTH, W. C. A metáfora como retórica: o problema da avaliação. Em. SACKS, Sheldon. (Org.) Da metáfora. Tradução de Leila Cristina M. Darin. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p. 53-75.

BOURIANT. "Fragments du texte grec du livre d'Énoch et de quelques écrits attribués à saint Pierre" in Mémoires de la mission archéologique française au Caire. Princeton Theological Seminary Library, 1892. (Acerca do fragmento do Evangelho de Pedro).

BROWN, Raymond E. An Introduction to the New Testament. New York: Doubleday, 1996.

COHEN, Ted. A metáfora e o cultivo da intimidade. In. SACKS, Sheldon. (Org.) Da metáfora. Tradução de Leila Cristina M. Darin. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. p. 9-17.

COPI, Irving. Introdução à Lógica. 2. Ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

EHRMAN, Bart. The Apocryphal Gospels: Texts and Translations. New York : Oxford University Press, 2011.

FOUREZ, Gérard. A Construção das Ciências. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

FORTNA, Robert Tomson. The Fourth Gospel and its Predecessor. Philadelphia: Fortress Press, 1988.

HONORÉ, A. M. A Statistical Study of the Synoptic Problem. *Novum Testamentum*, Vol. 10. Published by: BRILL Fasc. 2/3 (Apr. - Jul., 1968), pp. 95-147. URL: <http://www.jstor.org/stable/1560364> . Acesso: 14/06/2014.

HUME, David. Of Miracles. <https://davidhume.org/texts/e/10>. Acesso em 26 de Julho de 2024.

KLOPPENBORG, John S. *The Critical Edition of Q: Synopsis including the Gospels of Matthew and Luke, Mark and Thomas with English, German and French translations of Q and Thomas*. Fortress Press, 2000.

KRAEMER, Ross Shepard. *Women's Religions in the Greco-Roman World A Sourcebook. Babatha's Registration of Land, Sworn by the Genius of the Emperor*. New York: Oxford University Press, 2004. Babatha's Registration of Land, Sworn by the Genius of the Emperor P. Yadin 16, página. 148.

KYSAR e FORTNA. *The Anchor Bible Dictionary*. David Noel Freedman. Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc, 1992.

LATOURE, B. A esperança de Pandora. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001. p. 143-200.

MICHAELIS, John David. *Introduction on the Origin of our Three First Canonical Gospels*. London: Luke Hanford, 1802.

PATTERSON, Stephen J.. *The Gospel of Thomas and Jesus*. Sonoma, CA: Polebridge, 1993.

PERRIN, Norman. *The New Testament: An Introduction*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.

POPPER, Karl R. *A Lógica da Pesquisa Científica*. Trad. Leonidas Hegenberg e Úctanny Silveira da Mota. São Paulo: EDITORA CULTRIX, 2008.

_____. *Conjecturas e Refutações*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: Editora UnB, 2008.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. *Josefo. O profeta de três mundos: profecia, religião e política na obra de Flávio Josefo*. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Defesa : Curitiba, 12/12/2022.

SMITH, Morton, *The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel According to Mark*. London: Victor Gollancz Ltd, 1974. A descoberta do Evangelho Secreto de Marcos.

STEINSALTZ, Adin. *Introducción al Talmud*. Buenos Aires: Asociación Ediciones La Aurora Deán Funes 1823/25 (1244), 1985.

STORR, Gottlob Christian. *Über den Zweck der evangelischen Geschichte und der Briefe Johannis*. Hörbrandt, 1810.

SUZMAN, James. Trabajo Una historia de cómo empleamos el tiempo. Traducción de Ramón González Férriz y Marta Valdivieso. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, Edición en formato digital: marzo de 2021.

THEISSEN y MERZ. El Jesús Histórico. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999.

TOPA, Helena. Das fronteiras de gênero às fronteiras discursivas: aforismo, fragmento e ensaio. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n.º 11, Lisboa, Edições Colibri, 1998, pp. 23-33. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/6948> . Acesso em 26 de Julho de 2024.

UDOH. Fabian E. To Caesar What Is Caesar's. Tribute, Taxes, and Imperial Administration in Early Roman Palestine (63 B.C.E.–70 C.E.). Providence, Rhode Island: Brown University, 2005.

APÊNDICE A

As colunas horizontais “1”, apresentam as referências das narrativas de milagres nos evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus, como também, as suas narrativas exclusivas. Abaixo de cada referência, a alusão do milagre atribuído a Jesus. Nas colunas horizontais “2”, são apresentadas as referências das narrativas de milagres dos evangelhos de João e Sinais. Abaixo de cada referência, a alusão do milagre atribuído a Jesus. Nas colunas horizontais “3”, são apresentadas as referências das narrativas de milagres semelhantes às das colunas horizontais anteriores, todavia, presentes no Antigo Testamento. Abaixo de cada passagem, a alusão do milagre atribuído a Jesus. O sistema de cores deve ser observado para a identificação das passagens semelhantes entre as fontes do Novo Testamento e as do Antigo Testamento: cores semelhantes se referem às passagens semelhantes.

Coluna horizontal 1. Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas	Mc. 1:29-34 Mt. 8:14-17 Lc. 4:38-41	Mc. 1:40-45 Mt. 8:1-4 Lc. 5:12-16	Mc. 2:1-12 Mt. 9:1-8 Lc. 5:17-26	Mc. 3:1-7 ^a Mt. 12:9-15 ^a Lc. 6:6-11	Mc. 5:21-34 Mt. 9:20-22 Lc. 8:43-48
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 1.	Cura da Sogra de Pedro	Cura de um Leproso	Cura de um paralítico	Cura de um homem de mão ressequida	Cura da mulher com hemorragia
Coluna horizontal 2. Evangelhos de João e de Sinais			Ev. Sinais 5:1-9		
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 2.			Cura do Paralítico no Tanque de Bethzata		

Coluna horizontal 3. Antigo Testamento e Pseudoepígrafes	2 Reis 5:10-14			1 Reis 13:4-6	
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 3.		Naamã curado de lepra		Cura de um homem de mão ressequida	

Coluna horizontal 1. Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas	Mc. 5:22-24; 35-43 Mt. 9:18-26 Lc. 8:40-56	Mc. 7:24-30 Mt. 15:21-28	Mc. 7:31-37	Mc. 8:22-26	Mc. 10:46-52 Mt. 20:29-34 Lc. 18:35-43
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 1.	Ressurreição da Filha de Jairo/Lázaro	Cura da mulher sirofenícia (Cananeia)	Cura do surdo- gago	Cura de um cego	Cura do cego Bartimeu
Coluna horizontal 2. Evangelhos de João e de Sinai	Ev. Sinais 11:17-44			Ev. Sinais 9:1-7	
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 2.	Ressurreição de Lázaro			Cura de um cego de nascença	

Coluna horizontal 3. Antigo Testamento e Pseudoepígrafes	1 Reis 17:17-24 2 Reis 4:19-37 2 Reis 6:18-20			Isaías 42:7, 18; 35:5-6	
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 3.	O filho da viúva ressuscitado. O filho da Sunamita ressuscitado. Ressurreição pelo toque nos ossos, por Eliseu.			(Yahweh acerca do que seu servo faz) Para você abrir os olhos dos cegos... ; fará milagres	
Coluna horizontal 1. Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas	Mc. 4:35-41 Mt. 8:23-27 Lc. 8:22-25	Mc. 6:34-44 Mt. 14:13-21 Lc. 9:10-17	Mc. 6:45-52 Mt. 14:22-33	Mc. 6:53-56 Mt. 14:34-36	Mc. 8:1-9 Mt. 15:32-39
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 1.	Acalmou a tempestade	Multiplicação dos Pães	Caminhou sobre as Águas	Curas de doentes em Genesaré	2º Multiplicação dos Pães
Coluna horizontal 2. Evangelhos de João e de Sinais		Ev. Sinais 6:1-14	Ev. Sinais 6:16-21		Ev. Sinais 6:5-13
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 2.			Caminhar sobre as águas		Multiplicação dos Pães
Coluna horizontal 3. Antigo Testamento e		2 Reis 4:1-7		2 Reis 20:1-11	

Pseudoepígrafes		2 Reis 4:42-44			
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 3.		O óleo da viúva multiplicado sobrenaturalmente. Cem alimentados com 20 pães.		Ezequias é curado em resposta à sua fé	

Coluna horizontal 1. Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas	Mc. 11:12-14 Mt. 21:18-19	Mc. 1:23-28 Lc. 4:31-37	Mc. 5:1-20 Mt. 8:28-34 Lc. 8:26-39	Mc. 9:14-29 Mt. 17:14-20 Lc. 9:37-43 ^a	Lc. 22:49-51
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 1.	Figueira Amaldiçoada	Libertação de um endemoninhado na Sinagoga	Libertação dos demônios gadarenos	Libertação de um endemoniado (Epilético)	
Coluna horizontal 2. Evangelhos de João e de Sinais					Ev. Sinais 18:10

Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 2.					Restauração da orelha de Malco
Coluna horizontal 3. Antigo Testamento e Pseudoepígrafes					
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 3.					

Coluna horizontal 1. Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas		Mt. 8:5-13 Lc. 7:1-10	Lc. 5:1-11	Lc. 7:11-17	Mt. 9:32-34; 12:22-30 Lc. 11:14
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 1.				Jesus ressuscita a filha de Naim	Cura de um endemoniado cego e mudo
Coluna horizontal 2. Evangelhos de João e de Sinais	Ev. Sinais 2:1-11	Ev. Sinais 4:46-54	Ev. Sinais 21:1-11		

Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 2.	Água em Vinho	Cura do filho de um Oficial Real (centurião)	Segunda pesca maravilhosa		
Coluna horizontal 3. Antigo Testamento e Pseudoepígrafes	Êxodo 15:23-25 2 Reis 3:16-20				
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 3.	Água amarga transformada em água doce Aguas supridas sobrenaturalmente à Josafá				

Coluna horizontal 1. Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas	Lc. 13:10-17	Lc. 14:1-6	Lc. 17:11-19	Mt. 9:27-34	Mt. 17: 24-27
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 1.	Cura da mulher encurvada	Cura do homem doente de hidropisia	Os dez leprosos	Cura de dois cegos e do mudo	A moeda dentro do peixe

Coluna horizontal 2. Evangelhos de João e de Sinais					
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 2.					
Coluna horizontal 3. Antigo Testamento e Pseudoepígrafes					
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 3.					

Coluna horizontal 1. Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas	Lc. 1:26-38	Mt.2:16	Lc. 1:5-15
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 1.	Anúncio do nascimento de Jesus. O anjo Gabriel foi enviado a uma virgem prometida	Herodes manda matar todos os meninos de Belém e de todos os seus território	Isabel não tinha filhos, era estéril, e como seu marido Zacarias, era idosa.
Coluna horizontal 2. Evangelhos de João e de Sinais			

Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 2.			
Coluna horizontal 3. Antigo Testamento e Pseudoepígrafes	Pseudo Fílon, Livro de Antiguidades Bíblicas, 9, 7-13	Pseudo Fílon, Livro de Antiguidades Bíblicas, 9, 12 Pseudo Jonatas, Targum palestino sobre o livro de Shemot, de Êxodo. Seção da Lei XIII. Semelhante a Êxodo 1:6	Pseudo Jonatas, Targum palestino sobre o livro de Shemot, de Êxodo. Seção da Lei XIII. Semelhante a Êxodo 1:6
Assuntos referentes às passagens da coluna horizontal 3.	“E o espírito de Deus veio sobre Maria (de Amram) de noite, e ela teve um sonho, e pela manhã contou a seus pais, dizendo: Eu tive uma visão esta noite, e eis que um homem vestido de linho se levantou e me disse: Vai e diz a teus pais: eis que aquele que nascer de ti será lançado na água, porque por ele a água secará, e por ele farei sinais e salvarei o meu povo, e ele terá a capitania dele para sempre”	“O rei do Egito havia nomeado superintendentes da região, para que quando as mulheres hebreias dessem à luz, eles deveriam lançar os homens no rio imediatamente.” “E ele disse: Quando você atender as mulheres de Jehudith, e ver elas terem, se for um menino, você o matará; mas se for menina, você poderá deixá-la viver”	“Jokeved, que era amada por ele, (ou, que era parente dele) (...) E ela era a filha de cento e trinta anos quando ele voltou para ela (...) mas um milagre ocorreu nela, ela voltou à juventude como antes, quando ainda era menor de idade e era chamada de filha de Levi. A mulher concebeu e deu à luz um filho ao cabo de seis meses.”

APÊNDICE B²⁴³

A tabela é dividida em cinco colunas, na primeira, estão dispostas as referências das passagens que possuem atestação externa, dos evangelhos da ortodoxia. Na segunda coluna, estão dispostas as referências das passagens atestadas externamente, dos evangelhos das “heresias”. Na terceira coluna, estão dispostas as referências das passagens que possuem atestação externa, de evangelhos reconstruídos e apócrifos. Na quarta coluna, estão dispostas as referências das passagens atestadas externamente, das cartas paulinas e de Atos dos Apóstolos. Na quinta e última coluna, há as sinopses das passagens referidas nas outras colunas, que são corroboradas por diferentes documentações. Cada referência das colunas horizontais, são relativas às sinopses de 1 à 174. Por meio da tabela, portanto, é possível identificar quais são as passagens que preservam informações reivindicadas como sendo originárias de Jesus de Nazaré, que são atestadas externamente.

Evangelhos da ortodoxia	Evangelhos de tradições categorizadas como heréticas.	Evangelhos reconstruídos e Apócrifos. Possuem narrativas locucionadas, similarmente às narrativas das fontes da ortodoxia.	Cartas (paulinas e não paulinas). Atos dos Apóstolos	Breves sinopses das passagens corroboradas por diferentes documentações
<p style="text-align: center;">-</p> <p style="text-align: center;">Mt. 2:1-12</p> <p style="text-align: center;">-</p> <p style="text-align: center;">-</p>	<p style="text-align: center;">Protoevangelho de Tiago 21:4</p>			<p style="text-align: center;">Os magos foram avisados para voltarem a seus lugares de origem usando outro caminho</p> <p style="text-align: center;">1</p>
<p style="text-align: center;">-</p> <p style="text-align: center;">Mt. 2:13</p> <p style="text-align: center;">-</p> <p style="text-align: center;">-</p>		<p style="text-align: center;">Fragmento de Cairo (Pap. N^o 10.735)</p>		<p style="text-align: center;">Um anjo disse a José: “ levanta-te e leva a sua mulher para o</p>

²⁴³ Esta tabela não se assemelha a um modelo precedente, todavia, é inspirada na obra “*The Complete Gospel Parallels*” de Arthur J. Dewey e Robert J. Miller, publicada por *Polebridge Press*, em 2012. Em referida obra, há a disposição paralela da tradução para o inglês de parte desses evangelhos. Os demais evangelhos e textos fragmentários que inscrevo nesta tabela, e que não estão presentes na anterior obra referida, foram localizados na obra: *The Apocryphal New Testament. A Collection of Apocryphal Christian Literature in an English Translation*, de J. K. Elliot, onde se encontram compilados, traduzidos para a língua inglesa, todos os evangelhos preservados sobre Jesus de Nazaré. As passagens contidas nesta tabela não estão segundo a ordem dos fatos narrados. Aqui, serão apresentadas apenas as fontes que apresentam passagens atestadas externamente aos seus próprios documentos, portanto, não abordo a totalidade de fontes acerca de Jesus de Nazaré, mas as que se corroboram. As referências das passagens dos evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus que são do Núcleo Sinótico, estão em vermelho.

				Egito” 2
- - Lc. 1:13 -	Protoevangelho de Tiago 4:1			Não tenha medo Zacarias, sua esposa Isabel conceberá um filho 3
- - Lc. 1:20-22, 64 -	Protoevangelho de Tiago 10:2			Zacarias não podia falar e só se comunicava por gestos. Sua voz, contudo, foi reconstituída. 4
- - Lc. 1:28 -	Protoevangelho de Tiago 11:1			Ave, cheia de graça o senhor é convosco 5
- - Lc. 1: 31 -	Protoevangelho de Tiago 11:3			Ficará grávida e dará à luz um filho, que chamar-se-á Jesus. 6
- - Lc. 1:36 -		Fragmento de Cairo (Pap. Nº 10735)		Isabel sua parente (à Maria) também concebeu, mesmo sendo estéril 7
- - Lc. 1:41-44 -	Protoevangelho de Tiago 12:2			Como mereço que a mãe de meu Senhor venha me visitar 8
- - Lc. 1:42, 48 -	Protoevangelho de Tiago 12:1			Bendita entre as mulheres e bendito o teu fruto 9
- Mt. 1:20 - -	Protoevangelho de Tiago 14:2			O filho que sua esposa gera é do Espírito Santo. 10
- Mt. 2:1 Lc. 2:1 -	Protoevangelho de Tiago 17:1			Decreto do Imperador Augusto ordenava o

				recenseamento de todos. Veio a noticia de que Jesus estava em casa 11
- - Lc. 2:7 -	Protoevangelho de Tiago 22:2			Maria concebe o primogênito 12
- - Lc. 2:14 -		Ev. Pseudo Mateus 13		Glória a Deus e paz na terra os que ele ama. 13
- Mt. 2:16 - -	Protoevangelho de Tiago 22:1			Herodes fica furioso e manda matar as crianças 14
- - Lc. 2: 25-26. -	Protoevangelho de Tiago 24:4			Simeão deseja ver o Messias, antes de morrer. 15
- - Lc. 2:41-52 -	Ev. Infância de Tomé 19:3-5			Os pais de Jesus viajaram a Jerusalém para a festa de Páscoa 16
- - - Jo. 1:6-7		Ev. Sinais 1:6-7 (mesma referencia empregada para o Ev. de João)		Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João. Ele veio como testemunha para que todos crescem por meio dele. 17
Mc. 1:2-8 Mt. 3:1-12 Lc. 3:1-9, 15-17 Jo. 1:19-28		Ev. Sinais 1:19-28 (mesma referencia do Ev. de João)		Os sacerdotes e levitas perguntaram a João: “quem és tu?” Ele respondeu: “não sou o Messias, eu sou a voz que clama no deserto: endireitai o caminho do Senhor.” João

				quando vê Jesus o reconhece como o enviado. 18
- - - Jo. 1:35-49		Ev. Sinais 1:35-49		Dois discípulos de João seguem Jesus. Jesus reúne mais discípulos para o seguirem. 19
Mc. 1:5 Mt. 3:1,5 Lc. 3:2-3 Jo. 1:19-28	(Citação patrística do Ev. Ebionitas) Epifânio, Contra as Heresias ou Panarion, 30. 13	Q 3:2-3		Introdução de João Batista (perto do Rio Jordão) 20
- Mt. 3:7-10 Lc. 3:7-9 -	(Citação patrística do Ev. Ebionitas) Epifânio, Contra as Heresias ou Panarion, 30. 13	Q 3:7-9		Pregação de João Batista. Um batismo para arrependimento de pecados. 21
Mc. 1:7-8 Mt. 3:11-12 Lc. 3:16-17 Jo. 1:26-27		Q 3:16-17		João Batista diz “Depois de mim, vem aquele que é mais forte do que eu.” 22
Mc. 1:9-11 Mt. 3:16-17 Lc. 3:21-22 Jo. 1:32	Ev. Hebreus 3:2-4 (Citação patrística do Ev. Ebionitas) Epifânio, Contra as Heresias ou Panarion, 30. 13)	Q 3:21-22 ^a		Jesus é batizado 23
(Trecho) Mc. 1:9 Mt 3:13-15 (Trecho) Lc. 3:21 -	Ev. Hebreus 2:1-2			A mãe de Jesus e seus irmãos disseram para ele que João Batista estava batizando para remissão de pecados e que iriam ser batizados por ele, todavia, Jesus disse: “pequei? Por que eu deveria ser batizado por ele?”

				24
- - - Jo. 2:1-12		Ev. Sinais 2:1-12		O casamento em Caná. Jesus transforma água em vinho. O primeiro dos sinais 25
- - - Jo. 4:46-54		Ev. Sinais 4:46-54		A cura do filho de um oficial do rei. O oficial lhe pede que cure seu filho doente. O filho foi curado. Este foi o segundo sinal que Jesus fez. 26
- - Lc. 5:1-11 Jo. 21:2-14		Ev. Sinais 21:2-14		A pesca milagrosa. Pedro diz a outros discípulos que iria pescar, junto com ele foram alguns mas não pegavam nada. Jesus lhes disse: “lançai a rede para o lado direito do barco e encontrareis”. Fizeram, e conseguiram muitos peixes. Este foi o terceiro sinal que Jesus fez diante dos discípulos. 27
Mc. 6:30-44 Mt. 14:13-21 Lc. 9:10-17 Jo. 6:1-15		Ev. Sinais 6:1-15		O milagre da multiplicação dos pães. Depois de ir para o outro lado do Mar de Tiberíades, Jesus viu uma grande multidão em sua direção. Jesus tomou os poucos pães que tinham, deu graças, e distribuiu à vontade a quem queria. Quando viram o sinal que ele havia feito diziam: “este é verdadeiramente o profeta que há

				de vir ao mundo”. Este foi o quarto sinal 28
Mc. 6:45-52 Mt. 14:22-33 - Jo. 6:16-21		Ev. Sinais 6:16-21		Jesus caminha sobre o mar, quando antes, Jesus e seus discípulos descenderam ao mar e entraram no barco para ir em direção a Cafarnaum. Este foi o quinto sinal. 29
- - - Jo. 11:1-7, 17, 32-34, 38-39, 44-45.		Ev. Sinais 11:1-7, 17, 32-34, 38-39, 44-45 Ev. Secreto de Marcos 1:1-6		A ressurreição de Lázaro. Aqueles que viram o que Jesus fez , acreditaram nele 30
- - - Jo. 9:1-8		Ev. Sinais 9:1-8		Jesus vê um homem cego. Cospe no chão e faz lama com a saliva, espalha sobre os olhos do homem, e ele restabelece a visão. 31
- - - Jo. 5:2-9		Ev. Sinais 5:2-9		A cura em Jerusalém perto da Porta das Ovelhas, no tanque chamado Beth-zatha de cindo pórticos. Nele jaziam muitos inválidos. Haviam um homem doente há trinta e oito anos? Jesus o curou imediatamente. 32
Mc. 11:15-19 Mt. 21:12-17 Lc. 19:45-48 Jo. 2:14-19		Ev. Sinais 2:14-19		Jesus expulsa os vendedores que estavam no Templo. “Tirem essas coisas daqui. Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado!” Os judeus lhe

				<p>perguntaram: “que sinal você pode mostrar-nos para fazer isso?”. Jesus respondeu: “destruirei este Templo, e em três dias eu o reconstruirei”.</p> <p>33</p>
<p>Mc. 14:1-2 Mt. 26:1-5 Lc. 22:15 Jo. 11:47-50, 53</p>		<p>Ev. Sinais 11:47-50, 53</p>		<p>Os principais sacerdotes convocaram uma reunião e disseram que Jesus estava realizando muitos sinais, e que não poderiam deixar realizar mais se não todos acreditariam nele e os romanos se voltariam contra a nação. Caifás disse: “é melhor que um homem morra pelo povo do que toda a nação seja destruída”.</p> <p>34</p>
<p>- - - Jo. 12:37-40</p>		<p>Ev. Sinais 12:37-40</p>		<p>Embora tivesse realizado muitos milagres não acreditavam nele. Para cumprir o que o profeta Isaías disse: “quem acreditou na nossa mensagem?” E também: “ele cegou os seus olhos para que entendam com o coração”.</p> <p>35</p>
<p>Mc. 14:3-9 Mt. 26:6-13 - Jo. 12:1-5, 7-8</p>		<p>Ev. Sinais 12:1-5, 7-8</p>		<p>Maria irmã de Marta, da casa de Lázaro o que Jesus havia ressuscitado; pegou perfume e ungiu Jesus, o enxugando com os cabelos.</p> <p>36</p>

<p>Mc. 11:1-11 Mt. 21:1-11 Lc. 19:28-40 Jo. 12:12-15</p>		<p>Ev. Sinais 12:12-15</p>		<p>Uma multidão pega ramos de palmeiras e saem ao encontro de Jesus gritando: “Hosana! Bendito aquele que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel!” Jesus montou sobre um jumento, 37</p>
<p>- - - Jo. 13:1-20</p>		<p>Ev. Sinais 13:1-20</p>		<p>O lava pés. Jesus lava os pés de seus discípulos. “Eu lhes dei um exemplo, para que vocês façam do modo como eu fiz”. 38</p>
<p>Mc. 14:43-52 Mt. 26:47-56 Lc. 22:47-53 Jo. 18:1-5, 10-12</p>		<p>Ev. Sinais 18:1-5, 10-12 Ev. Secreto de Marcos 1:7^a</p>		<p>Judas trai Jesus, e acompanha um destacamento de soldados com os guardas dos principais sacerdotes para prendê-lo. Pedro com uma espada fere a orelha de um servo do sumo sacerdote. 39</p>
<p>Mc. 14:53-72 Mt. 26:57-75 Lc.22:54-71 Jo. 18:15-22, 24-27</p>		<p>Ev. Sinais 18:15-22, 24-27</p>		<p>Levaram Jesus a Anás, sogro de Caifás. Pedro nega Jesus ao ser apontado como um dos seus seguidores. Um dos guardas dá um tapa no rosto de Jesus. Jesus é enviado a Caifás. 40</p>
<p>Mc. 15:1-11 Mt. 27:1-2, 11-18, 20 Lc. 23:1-3, 13-19 Jo. 18:28-29, 33, 38-40</p>		<p>Ev. Sinais 18:28-29, 33, 38-40</p>		<p>Depois de Caifás, levaram ao quartel general de Pilatos. Pilatos pergunta: “tu és o Rei dos judeus?” Jesus responde: “tu o dizes”. Entre Jesus e outro, os judeus escolhem soltar</p>

				Barrabás, um conhecido bandido. 41
Mc. 15:12-20 Mt. 27:21-31 Lc. 23:20-25 Jo. 19: 1-3, 6, 13-14, 16		Ev. Sinais 19: 1-3, 6, 13-14, 16		Jesus foi açoitado, os soldados colocaram nele uma coroa de espinhos e o vestiram com um manto. Pilatos diz não encontrar nenhuma acusação contra ele. Mas entregou Jesus para ser crucificado, como era da vontade do povo. 42
Mc. 15:23-27, 33-41 Mt. 27:32-38, 45-50, 55 Lc. 23:33, 44-49 Jo. 19:17-20, 23-25, 28-34, 36-38, 41-42		Ev. Sinais 19:17-20, 23-25, 28-34, 36-38, 41-42 Ev. Secreto de Marcos 2:1b		Jesus é levado ao Gólgota (Lugar da Caveira). O crucificaram junto com dois outros homens. 43
Mc. 16:14-18 Mt. 28:16-20 Lc. 24:36-49 Jo. 20:19-22		Ev. Sinais 20:19-22		Jesus aparece ressuscitado aos seus discípulos 44
- - - Jo. 20:30-31		Ev. Sinais 20:30-31		“Jesus realizou, diante dos seus discípulos, muitos outros sinais que não foram escritos neste livro. Estes sinais foram escritos para que vocês acreditem que Jesus é o Messias.” 45
Mc. 5:38 - - -	Ev. Infância de Tomé (não confundir com Ev. Tomé) 17:1			Jesus viu um alvoroço e disse “porque choram? O menino está dormindo”. 46
- Mt 4:8 -	Ev. Hebreus 4ª			Jesus é levado ao monte Tabor

-				47
- Mt. 4:1-11 Lc. 4:1-4, 9-12, 5-8, 13 -		Q 4:1-4, 9-12, 5-8, 13		Jesus é tentado (versão estendida da de Marcos) 48
- - Lc. 4:28-30 Jo. 7:30; 8:20b; 10:39		Ev. Egerton 1:7- 10 Pap. Merton 51		Tentam cometer um atentado contra Jesus, contudo, ele consegue despista-los 49
- Mt. 5:2-12 Lc. 6:20-26 -	Ev. Tomé 54; 69:2; 68:1-2	Q 6:20-26		Felizes são os pobres, porque o Reino de Deus pertence a eles. Felizes os odiados e perseguidos. Felizes os que têm fome, pois, serão saciados. 50
- - - Jo. 15: 20		Fragmento Strasbourg (página 5, verso)		Se me perseguram, também perseguirão você. 51
- Mt. 5:14b - -	Ev. Tomé 32	Pap. Oxyrh. 1		Uma cidade construída sobre um monte alto não pode cair facilmente, todavia, também não pode ser escondida 52
- (Trecho) Mt. 5:14 - Jo. 8:12; 9:5	Ev. Tomé 77:1-3			Eu sou a luz do mundo 53
- Mt. 5:41-45,39b-42 Lc. 6:27b-28,35,29-30 -		Q 6:27-28, 35, 29, 5:41, 6:30		Ame os seus inimigos 54
Mc. 9:40 Mt. 5:44 Lc. 6:27-28; 9:50b -		Ev. Oxyrhynchus 1224 6:1-2		Ore pelos seus inimigos

				55
- Mt. 7:12; 5:46-48 Lc. 6:31-36 -	Ev. Tomé 95:1-2	Q 6:31-32, 34, 36		A regra de ouro (Tratem como queiram ser tratados)
				56
- - - Jo. 5:39, 45; 9:29; 5:46		Ev. Egerton 1:1-6		Não pense que sou seu julgador diante do pai, para isso tens Moisés...
				57
- - - Jo. 8:51, 52b; 6:68	Ev. Tomé prólogo e dito 1	Pap. Oxyrhynchus. 654		Quem compreende os meus ensinamentos (Jesus) e os prática, jamais conhecerá a morte.
				58
Mc. 4:24 Mt. 7:1-2; 15:14; 10:24- 25 ^a Lc. 6:37-40 Jo. 13:16, 15:20	Ev. Tomé 34	Q 6:37-40		Não julgue para não ser julgado. Se uma pessoa cega guia outra cega, ambos caem.
				59
- Mt. 7:3-5 Lc. 6:41-42 -	Ev. Tomé 26:1, 26:2	Q 6:41-42 Pap. Oxyrh. 1		Antes de apontar a palha no olho do seu amigo, retire a trave do seu
				60
Mc. 12:30-31 Mt. 22:37-39 Lc. 10:27 -	Ev. Tomé 25:1-2			Ame os seus amigos com a sua alma, os proteja como a pupila dos seus olhos
				61
- Mt. 7:18;12:33;7:16;12:35,34 Lc. 6:43-45 -	Ev. Tomé 45:1; 45:2-3	Q 6:43-45 Pap. Merton 51		A árvore que produz bons frutos
				62
- Mt. 7:21, 24-27 Lc. 6:46-49 -		Q 6:46-49		Quem ouve a minha palavra e a cumpre

				63
Mc. 1:40–45 Mt. 8:1–4 Lc. 5:12–16 -		Ev. Egerton 2:1–4		Um homem com lepra pede a Jesus que ele tenha a cura, e Jesus diz que quer, e ele fica curado. 64
- Mt. 8:5-10 (7:28) Lc. 7:1-9 Jo. 4:46-53		Q 7:1,3, 6-9		O filho de um oficial 65
- Mt. 11:2-6 Lc. 7:18-23 -		Q 7:18-19, 22-23		João Batista manda perguntar a Jesus: “você o é, ou virá outro?” 66
Mc. 10:15 Mt. 11:7-11 Lc. 7:24-30 -	Ev. Tomé 78:1-3; 46:1-2	Q 7:24-30 Pap. Merton 51		Mais do que um profeta (João Batista). Vieste ver um homem com roupas finas? Os que as vestem não conseguem entender a verdade. Qualquer um, todavia, no Reino de Deus é maior que João. 67
- Mt. 11:16-19 Lc. 7:31-35 -		Q 7:31-35		Como crianças no mercado 68
- Mt. 8:19-22 Lc. 9:57-62 -	Ev. Tomé 86:1-2	Q 9:57-62		As raposas têm suas tocas os pássaros seus ninhos. O filho do homem, contudo, não tem onde descansar. (Que os mortos enterrem os mortos) 69
Mc. 2:16–17 Mt. 9:11–13 Lc. 5:30–32		Ev. Oxyrhynchus 1224 5:1–2		Ficaram indignados quando Jesus se sentou com

-				pecadores, todavia, ele disse que os sadios não precisam de médico 70
(Apenas trechos) Mc. 6:8-9; 6:10; 6:11 Mt. 9:37-38; 10:16 ^a ,9-10 ^a , 11-13,10b, 7-8 ^a ,14-15; 10:9-10 ^a ; 10:11-13; 10:10b; 10:7-8 ^a ; 10:14-15; 10:7 Lc. 10:2-12 -	Ev. Tomé 73; 14:4	Q 10:2-12		Não leve sandálias (diga que a paz esteja nesta casa). Quando acolherem a vós, comam o que lhes oferecem e cuidem dos seus doentes. A colheita é grande mas os trabalhadores são poucos. 71
Mc. 7:15 Mt. 15:11 - -	Ev. Tomé 14:5			Não é o que entra pela boca que contamina, mas sim o que sai dela 72
- Mt. 11:21-24 Lc. 10:13-15 -		Q 10:13-15; 11:23-24		Ai de Corazim e Betsaida (se os milagres que foram feitos aí, fossem feitos ...) 73
Mc. 9:37b Mt. 10:40 Lc. 10:16 Jo. 13:20		Q 10:16		Aquele que recebe você, recebe a mim 74
Mc. 3:13-19 Mt. 10:1-4 Lc. 6:12-16 -	(Citação patrística do Ev. Ebionitas) Epifânio, Contra as Heresias ou Panarion. 30. 13			Escolha dos doze apóstolos 75
- Mt. 11:25-27 Lc. 10:21-22 Jo. 3:35; 13:3; 10:15a	Ev. Tomé 61:3b	Q 10:21-22		Porque escondeste estas coisas dos sábios... 76
- Mt. 13:16-17 Lc. 10:23b-24	Ev. Tomé 38:1-2	Q 10:23-24		Felizes os olhos que viram, porque muitos

Jo. 7:34				quiseram e não viram. Haverá dias em que me procurará e não me encontrará 77
Mc.4:11 Mt. 13:10-17 Lc. 8:9-10 -		Ev. Secreto de Marcos 1:12		A vocês (apóstolos) é dado o mistério do Reino de Deus 78
- Mt. 6:9-12 Lc. 11:2-4 -	Ev. Nazarenos 3 (apenas o trecho: dai o pão nosso de cada dia)	Q 11:2-4		Perdoai as nossas dividas como perdoamos os que nos devem 79
- Mt. 6:16, 5, 2 - -	(Trecho) Ev. Tomé 14:1-3 Pap. Oxyrh. 654 (Ev. Tomé)			Quando jejuar ou doar ao próximo, não faça espetáculo disso. 80
- Mt. 7:7-11 Lc. 11:9-13 Jo. 16:4b-5	Ev. Tomé 92:1; 2:1; 94:1-2 Pap. Oxyrh. 654 (Ev. Tomé) Ev. Hebreus 6b	Q 11:9-13		Pergunte e será respondido, procure e acharás ... 81
- Mt. 7:6 - -	Ev. Tomé 93:1-2			Não jogue o que é sagrado aos cães. 82
- Mt. 7:13-14 Lc. 13:24 -	Ev. Tomé 75			Apenas alguns conseguirão entrar 83
Mc. 3:22-27 Mt. 12:22-30 Lc. 11:14-23 -	(Somente um pequeno trecho fora do contexto de acusação e sem a menção a Beelzebul) Ev. Tomé 35:1-2	Q 11:14-15, 17-23		A acusação de estar agindo por intermédio de Beelzebul. Não se pode entrar na casa de um homem forte sem o amarrar 84
-		Q 11:24-26		Quando um

Mt. 12:43-45 Lc. 11:24-26 -				espírito imundo sai de uma pessoa ele percorre muitos caminhos... 85
Mc. 3:31-35 Mt. 12:46-50 Lc. 8:19-21 -	Ev. Tomé 99:1-3 (Citação patrística do Ev. Ebionitas) Epifânio, Contra as Heresias ou Panarion, 30. 1			Disseram a Jesus: “sua mãe e seus irmãos estão lá fora”. Ele respondeu: “aqueles que aqui fazem o que meu Pai quer, esses são meus irmãos e minha mãe. Eles vão entrar no Reino de meu pai. 86
- - Lc. 11:27-28; 23:28-29 -	Ev. Tomé 79:1-3			Uma mulher disse a Jesus: “feliz o ventre que te carregou e os seios que te amamentaram. E ele disse a ela: “felizes aqueles que ouviram a palavra do Pai e a guardaram. Haverá dias que dirá: felizes os ventres que não carregaram e os seios que não amamentaram”. 87
Mc. 8:11; 8:12 Mt. 12:38-40, 42, 41 Lc. 11:16, 29-32 (Trecho) Jo. 6:30		Q 11:16, 29-32		Pedem um sinal, mas não será dado nenhum sinal além do de Jonas 88
Mc. 4:21 Mt. 5:15 Lc. 11:33; 8:16 -	Ev. Tomé 33:2-3	Q 11:33		Ninguém acende uma lâmpada e a encobre 89
- Mt. 6:22-23 Lc. 11:34-35 -	Ev. Tomé 24:3; 61:5	Q 11:34-35		Há luz dentro de uma pessoa de luz, e ela brilha ao mundo, se não, está na escuridão. O olho é a lâmpada que

				ilumina o corpo... 90
(Apenas um trecho) Mc. 12:38-39 Mt 23: 23, 25, 26, 6, 27 Lc. 11:42, 39-41, 43-44 -	(Um trecho) Ev. Tomé 89:1-2	Q 11:42, 39b, 41, 43-44		Aí de vocês fariseus. Só purificam o exterior. Quem fez o exterior também fez o interior. 91
- Mt. 11:28-30 - -	Ev. Tomé 90:1-2			Vinde a mim (Jesus) porque meu jugo é confortável e minha autoridade é gentil. Vocês encontraram descanso. 92
- Mt 23:4, 13 Lc. 11:46, 52 -	(Um trecho) Ev. Tomé 39:1-2; 102 Pap. Oxyrh. 655 (Ev. Tomé)	Q 11:46, 52		Ai de vocês doutores da lei. Eles tem as chaves do conhecimento, contudo, não entram e nem deixam entrar 93
- Mt. 10:16 - -	Ev. Tomé 39:3			Sejam tão astutos como as cobras e tão simples como as pombas 94
- Mt 23:29-36 Lc. 11:47-51 -		Q 11:47-51		Ai de vocês. Erigem tumbas aos profetas, que seus antepassados mataram (respondem pelo sangue dos profetas) 95
Mc. 4:22 Mt 10:26b-27 Lc. 12:2-3 -	(Alguns trechos) Ev. Tomé 5:2; 6:5-6; 33:1 Pap. Oxyrh. 654 (Ev. Tomé)	Q 12:2-3		Não há nada coberto que não venha a ser descoberto (nada obscurecido que não venha a luz). 96
- Mt 10:28-31 Lc. 12:4-7 -		Q 12:4-7 Fragmento Strasbourg (página 5, verso)		Não temas aqueles que podem matar o corpo porque não podem matar o

				espírito 97
(Alguns trechos) Mc. 3:28–29; 13:9; 13:11 Mt. 10:32-33; 12:32; 10:19-20 Lc. 12:8-12 -	(Trecho) Ev. Tomé 44:1–3	Q 12:8-12		Aquele que falar contra o filho do homem será perdoado, contudo, aquele que falar contra o Espírito Santo não o será. 98
- - Lc. 12:13–14 -	Ev. Tomé 72:1–3			Disseram a Jesus: “diga a meus irmãos que dividam os bens de meu pai comigo”. Jesus disse: “eu não sou divisor, sou?” 99
- - Lc. 12:16b–21 -	Ev. Tomé 63:1–4			Parábola do homem rico. Havia um homem rico que tinha muito dinheiro, ele pensou: “vou investir o meu dinheiro, para encher os meus depósitos para que nada me falte”. Naquela mesma noite ele morreu. Quem tem ouvidos, ouça. 100
- Mt 6:25-34 Lc. 12:22-31 -	Ev. Tomé 36 Pap. Oxyrh. 655 (Ev. Tomé)	Q 12:22-31		Não se preocupe com o que irá comer ou vestir amanhã. Faça como as aves... Deus os proverá 101
(Trecho) Mc. 10:21 Mt 6:19-21 Lc. 12:33-34 -	(Trecho) Ev. Tomé 76:3	Q 12:33-34		Não acumule posses na terra, que insetos podem devorar 102
- Mt 24:43-44 Lc. 12:39-40 -	(Trechos) Ev. Tomé 21:5-7; 103	Q 12:39-40		É devido preparar-se porque não se sabe a que hora o assaltante vai chegar

				103
Mc. 13:35 Mt. 24:45-51 Lc. 12:42-46 -		Q 12:42-46		Feliz o trabalhador confiável
				104
Mc. 13:12 Mt 10:34-36 Lc. 12:49-53 -	(Trechos) Ev. Tomé 10; 82:1-2; 16:1-3	Q 12:49, 51, 53		Eu (Jesus) não vim trazer paz a terra, mas espada! Qualquer que estiver perto de mim está perto do fogo.
				105
(Trecho) Mc. 13:12 Mt. 10:34-35 Lc. 12:51-53 -	Ev. Tomé 16:1-4; 10			Haverá cinco em uma casa, três contra dois e dois contra três.
				106
- Mt 16:2-3 Lc. 12:54-56 -	(Trecho) Ev. Tomé 91:2	Q 12:54-56		Vocês sabem olhar para o céu e prever se choverá ou não amanhã. Vocês sabem interpretar a face do céu mas não sabem interpretar o tempo presente
				107
Mc. 8:29 Mt. 16:15-16 Lc. 9:20 -	Ev. Tomé 13:1-4			O que vocês acham que eu sou? (Jesus pergunta)
				108
- Mt 5:25-26 Lc. 12:58-59 -		Q 12:58-59		Quando estiver a caminho do julgamento com seu acusador, procure resolver- se com ele antes de chegar ao juiz, para que este não o condene
				109
Mc. 4:3-8 Mt. 13:3b-8 Lc. 8:5-8a -	Ev. Tomé 9:1-5			A parábola do semeador. O semeador jogou um punhado de sementes pelo caminho, algumas caíram

				em lugar inapropriado, outras em lugar bom, das que caíram em lugar bom, produziu-se boa colheita 110
- Mt 13:24b-30 - -	Ev. Tomé 57:1-4			O Reino de Deus é como alguém que semeou boa semente. Seu inimigo veio a noite e semeou ervas daninhas entre as boas. O homem não deixou que retirassem as ervas porque poderiam tirar o bom trigo. Mas ao seu tempo as ervas serão lançadas ao fogo 111
Mc. 4:25 Mt. 13:12; 25:29 Lc. 8:18b; 19:26 -	E. Tomé 41:1-2			Aqueles que tem será dado mais e aqueles que não tem será privado até o pouco que possuem 112
Mc. 4:30-32 Mt 13:31b-32 Lc. 13:18-19 -	Ev. Tomé 20:1-4	Q 13:18-19		A parábola do grão de mostarda. O Reino de Deus é como ela, é a menor das sementes mas tornar-se-á uma grande árvore 113
Mc. 4:29 - - -	Ev. Tomé 21:8-10			Quando a colheita amadureceu, veio rapidamente o ceifador com a foice e colheu. Aquele que for capaz de compreender, compreenda. 114
- Mt 13:33 Lc. 13:20-21	Ev. Tomé 96:1-2	Q 13:20-21		A parábola da levedura. (O Reino de Deus se

-				parece com uma mulher que ajuntou fermento a uma medida de trigo) 115
- Mt. 13:44 - -	Ev. Tomé 109:1-3			A parábola do tesouro. O Reino de Deus é como um homem que teve tesouro em seu campo mas não sabia, ele morreu e deixou para seu filho, que também não sabia e vendeu o campo. O comprador foi arar e descobriu, e começou a emprestar dinheiro a juros a quem ele quisesse. 116
- Mt. 13:47-50 - -	Ev. Tomé 8:1-4			A parábola do pescador sábio. O humano é como um pescador que lançou sua rede no mar cheio de pequenos peixes, ao pescar, encontrou entre os pequenos um grande e jogou os pequenos de volta ao mar. Quem tem ouvidos, ouça. 117
- Mt 7:13-14; 25:10b-12; 7:22-23 Lc. 13:24-27 -		Ev. Q 13:24-27		Entre pela porta estreita. Muitos tentarão entrar mas apenas alguns conseguirão 118
Mc. 10:31 Mt 8:11-12; 20:16; 19:30 Lc. 13:28-30 -	(Trecho: apenas o conteúdo da sinopse a seguir) Ev. Tomé 4:2 Pap. Oxyrh. 654 (Ev. Tomé)	Q 13:29, 28, 30		Os últimos serão os primeiros e os primeiros os últimos 119
-		Q 13:34-35		Jerusalém, Jerusalém você

Mt 23:37–39 Lc. 13:34–35 -				matou os profetas que foram enviados a você 120
- Mt 23:12 Lc. 14:11* -		Q 14:11		Aqueles que se exaltam serão humilhados e aqueles que se humilham serão exaltados 121
- Mt 22:2–14 Lc. 14:16–24 -	Ev. Tomé 64:1–11, 12	Q 14:16–18, 21, 23		A parábola do convite para o jantar. (muitos foram convidados mas não foram, então foi ordenado que chamassem aqueles que estivessem nas ruas). 122
- Mt. 6:3–4 - -	Ev. Tomé 62:1–2			Não deixe a sua mão esquerda saber o que a direita está fazendo 123
Mc. 12:13–15a; 7:6–7; 12:15b–17 ^a Mt. 22:15–18a; 7:21; 15:7–9; 22:18b–21 Lc. 20:20–23a; 6:46; 20:23b–25 -	Ev. Tomé 100:1–4	Ev. Egerton 3:1–6 (sem menção a César)		“Mestre, sabemos que é de Deus, então nos responda, é lícito ou não pagar o que é pedido pelos governantes?” (Jesus percebe que era uma armadilha e pergunta a eles a razão pela qual o honram apenas da boca para fora). Dai a César o que é dele e a Deus o que é de Deus. 124
- Mt 10:37–38 Lc. 14:26–27 -	(Trechos) Ev. Tomé 101:1; 55:1; 55:2	Q 14:26–27		Aquele que não odeia seu pai, nem sua mãe e nem seus irmão, não pode ser meu discípulo (Jesus). 125

- Mt 10:39 Lc. 17:33 Jo. 12:25		Q 17:33		Quem perder a vida pelo meu seguimento (Jesus), vai encontrá-la 126
Mc. 9:50 Mt 5:13 Lc. 14:34–35 ^a -		Q 14:34–35		O sal é bom, mas se perde o vigor é jogado fora 127
- Mt. 6:24 Lc. 16:13 -	Ev. Tomé 47:2	Q 16:13		Não é possível servir a dois senhores, amas a um e odeia o outro. Ou a Deus ou a Mammom 128
Mc. 2:20 Mt. 9:15b Lc. 5:35 -	Ev. Tomé 104:1–3	Fragmento Strasbourg página 5, verso.		Haverá dias em que o noivo será levado, então, nesses dias jejuarão 129
Mc. 2:22, 21 Mt. 9:17, 16 Lc. 5:39, 37–38, 36b -	Ev. Tomé 47:3–5			Vinho novo não é derramado em odres velhos. Um remendo antigo não é posto em roupa nova. 130
(Trecho. Sem menção à Lei) Mc. 13:31 Mt 11:12–13; 5:18 Lc. 16:16–17 -	(Trecho. Sem menção à Lei) Ev. Tomé 11:1	Q 16:16–17		Este céu passará e o sobre ele. É mais fácil a terra e o céu passarem. 131
Mc. 10:11–12 Mt 19:9*(5:32) Lc. 16:18 -		Q 16:18	1 Cor 7:10–11	Quem se divorcia e se casa com outra comete adultério e quem se casa com divorciado comete adultério 132
Mc. 10:17–22 Mt 19:16–22 Lc. 18:18–23 -	Ev. Nazarenos 6:1-4			Jesus diz ao homem rico que siga os preccitos dos profetas. O homem diz que os segue. Jesus diz que então falta a ele doar tudo o

				que tem aos pobres, assim o poderá seguir. O homem recua 133
Mc. 10:13–14 Mt. 19:13–14 Lc. 18:15–16 -	Ev. Tomé 22:1–2			Esses bebês que estão amamentando são como aqueles que entram para o Reino de Deus 134
Mc. 10:25 Mt. 19:24 Lc. 18:25 -	Ev. Nazarenos 6:5b			É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus 135
Mc. 9:42 Mt 18:7, 6 Lc. 17:1–2 -		Q 17:1–2		É inevitável que aconteçam escândalos, mas aí daqueles que por eles vierem 136
- Mt 18:12b–14 Lc. 15:4–7 -	Ev. Tomé 107:1–3	Q 15:4–5, 7		Quem de vocês que ao ter cem ovelhas e ao perder uma delas, não deixa todas e vai atrás da perdida? Alegrar-se-á mais em encontrar uma só que estava perdida que das noventa e nove que não perderam-se 137
- - Lc. 15:8–10 -		Q 15:8–10		E há alguma mulher que com dez dracmas ao perder um, não vai acender uma lamparina e varrer a casa para procura-lo, e ao acha-lo não regozijar-se-á? 138
- Mt 18:15, 21–22 Lc. 17:3–4 -	Ev. Nazarenos 5:1	Q 17:3–4		Se alguém fazer sete vezes o mal a você, o perdoe sete vezes

				139
- Mt. 18:20 - -	Ev. Tomé 30:1–2a			Onde há dois reunidos, eu estou com eles 140
Mc. 6:4 Mt. 13:57b Lc. 4:24 Jo. 4:44b	Ev. Tomé 31:1–2 Pap. Oxyrh. 1 (Ev. Tomé)			Nenhum profeta é bem vindo em sua cidade 141
- - - Jo. 4: 34	Protoevangelho de Tiago 2:4			Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou a completar a sua obra 142
Mc. 11:23 Mt 21:21 Lc. 17:6 -	Ev. Tomé 48; 106:2	Q 17:6		Se tivessem fé do tamanho de um grão de mostarda, diriam a uma árvore: retira-te daqui, e ela retiraria-se. Diriam a uma montanha se retira daqui e ela se retiraria. 143
Mc. 12:1b–12 Mt. 21:33b–46 Lc. 20:9b–19 -	Ev. Tomé 65:1–8			A parábola da vinha confiada aos servos. Um homem tinha uma vinha e a deixou aos cuidados dos seus servos, ele enviou funcionários para receber a colheita da vinha, contudo, os servos os mataram, depois enviou o seu filho pensando que o respeitariam, mas eles o mataram também 144
Mc. 12:10–11 Mt. 21:42 Lc. 20:17 -	Ev. Tomé 66			A pedra que os construtores rejeitaram se tornou a pedra angular

				145
Mc. 14:57–58 Mt. 26:59–61 - Jo. 2:18–19	Ev. Tomé 71			Vou destruir esta casa e ninguém será capaz de reconstruí-la
- - Lc. 17:20–21 -	Ev. Tomé 113:1–4; 3:1–3			146 Vocês não poderão observar a vinda do Reino de Deus. Não poderá ser dito: olha, está ali, ou, lá está. Não poderá, porque o Reino de Deus já está no meio de vós.
- Mt 24:26–28, 37–39, 17–18, 40–41 Lc. 17:22–37 -	(Um trecho) Ev. Tomé 61:1	Ev. Q 17:23–24, 37, 26–30, 34–35		147 Se disserem que o filho do homem está no deserto ou em algum lugar, não acreditais nisso, porque o seu dia será repentino. Um será levado e o outro deixado. Eu sou aquele que vem daquele que é inabalável.
- Mt 25:14–30 Lc. 19:12–27 -		Ev. Q 19:12–13, 15–24, 26		148 A parábola do homem que foi viajar e confiou os seus bens aos seus servos, para que estes os cuidassem
- Mt 19:28 Lc. 22:28–30 -		Ev. Q 22:28, 30		149 Vocês que me seguirem estarão sentados em tronos para julgar as doze tribos de Israel
Mc. 12: 14-16 Mt. 26:17-25 Lc. 22:7-13 -	(Citação patrística do Ev. Ebionitas) Epifânio, Contra as Heresias ou Panarion, 30. 22			150 A preparação para a Pascoa. “Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Pascoa?” perguntam seus

				discípulos a Jesus. 151
Mc. 14:22–24 Mt. 26:26–28 Lc. 22:19–20 -			1 Cor 11:23–25	Jesus pegou o pão, partiu, deu a seus discípulos e disse: “este é o meu corpo”, pegou o vinho e fez o mesmo, depois disse: “este é o meu sangue”. 152
Mc. 14,26-30 Mt. 26,30-34 - -		Fragmento Evangélico de Fayum (Egito)		Antes que o galo cante duas vezes me negarás três 153
Mc. 14:34-42 Mt. 26:38-45 Lc. 22:39-46 -		Fragmento Strasbourg (página 5, verso)		Enquanto Jesus faz oração seus discípulos dormem 154
Mc. 15:43–45, 42 Mt 27:57–58 Lc. 23:50–52, 54 Jo. 19:38	Ev. Pedro 2:1–4	Ev. Sinais 19:38		José de Arimatéia pede o corpo de Jesus para sepultá-lo, ao perceber que o crucificariam 155
Mc. 15:15 Mt. 27:26 Lc. 23:24–25 Jo. 19:16	Ev. Pedro 2:5	Ev. Sinais 19:16		Pilatos entrega Jesus para ser crucificado 156
Mc. 15:16–19 Mt. 27:27–30 - Jo. 19:2–3	Ev. Pedro 3:1–4	Ev. Sinais 19:2-3		Cometeram escárnio contra Jesus. Bateram-lhe no rosto e cuspiam nele. 157
Mc. 15:24a, 26, 24b Mt 27:38, 37, 35 Lc. 23:33, 38, 34 Jo. 19:18–19, 23–24a	Ev. Pedro 4:1–3	Ev. Sinais 19:18-19, 23-24a		Crucificaram Jesus e diziam caçoando “este é o rei de Israel”. 158
Mc. 15:32b Mt 27:44 Lc. 23:39–43 Jo. 19:32–33	Ev. Pedro 4:4–5			Um dos criminosos que estavam crucificados junto a Jesus o defende 159
Mc. 15:33, 23, 34, 37	Ev. Pedro 5:1–5	Ev. Sinais 19:28-		Deram a Jesus

Mt 27:45, 34, 46, 50 Lc. 23:44–45a, 46 Jo. 19:28–30		30		vinagre misturado com fel. 160
- - - -	Ev. Pedro 5:5 Ev. Hebreus 1:7			Depois de suspirar o Pai o levou para o céu 161
Mc. 15:38 Mt 27:51–53 Lc. 23:45b -	Ev. Pedro 5:6– 6:2			O véu do templo se rasgou em dois 162
Mc. 15:45b–47 Mt. 27:58b–61 Lc. 23:53, 55 Jo. 19:38b–42	Ev. Pedro 6:3–4	Ev. Sinais 19:38b–42		José pegou o corpo de Jesus e o levou para ser preparado com panos, mirra ... 163
Mc. 15:39 Mt 27:54, 62b–66 Lc. 23:48, 47 -	Ev. Pedro 8:1–6			Os líderes dos sacerdotes diziam entre si que se a sua morte (Jesus) produziu sinais extraordinários (como o véu dividindo-se) ele deve ter sido inocente. E pediram para Pilatos que colocasse soldados na porta do sepulcro para que não viessem e tirassem seu corpo e dissessem que ele havia ressuscitado. 164
Mc. 16:2, 4–5 Mt 28:2–4 Lc. 24:2, 4 Jo. 20:1	Ev. Pedro 9:1–4	Ev. Sinais 20:1 Ev. Secreto de Marcos 1:7 ^a		Durante a noite, enquanto os soldados vigiavam, algo ocorreu desde o céu: dois jovens desceram, a pedra que tapava o sepulcro rolou e eles entraram 165
(Trecho) Mc. 15:39 (Trechos seletos) Mt 27:24; 27:54; 28:11–15	Ev. Pedro 11:3–7			Quando os soldados viram o feito

(Trecho) Lc. 23:47 -				extraordinário que ocorreu no sepulcro, correram até Pilatos e disseram que de fato Jesus era filho de Deus, o mesmo absteve-se da culpa pelo seu sangue, cuja culpa se dava aos líderes dos sacerdotes, e foi ordenado aos soldados que não contassem a ninguém o que haviam visto. 166
Mc. 16:1, 3, 4b Mt 28:1 Lc. 24:1 Jo. 20:1	Ev. Pedro 12:1-5	Ev. Sinais 20:1 Ev. Secreto de Marcos 2:1b		Maria Madalena não fez o que era de costume fazer aos entes queridos, com medo que os judeus inflamassem-se. Mas foi até o sepulcro com amigos. 167
Mc. 16:4-8 Mt 28:2b, 5-8 Lc. 24:2-9 Jo. 20:1, 11-13	Ev. Pedro 13:1-3	Ev. Sinais 20:1, 11-12, 14		E eles foram ao tumulo e o encontraram aberto. E encontraram um jovem no meio da tumba que perguntou a eles o por quê estavam lá procurando Jesus, já que ele havia ressuscitado. 168
(Trecho) Mc. 16:12 - (Trecho) Lc. 24:13 (Trecho) Jo. 21:1-11	Ev. Pedro 14:1-3			Os discípulos de Jesus ainda estavam de luto. Eu Simão Pedro e André fomos pescar... 169
Mc. 16:19 - Lc. 24:50-51 -	(Trecho: suspirou e entregou o espírito) Ev. Pedro 5:5		Atos 1:3, 9	Depois do que sofreu (quando entregou o espírito), Jesus apareceu a seus

				discípulos ainda muitas vezes. 170
- - - -	Ev. de Tomé 17		1 Cor 2:9	Nenhum olho jamais viu, nem ouvido jamais escutou o que Deus preparou para os que o amam 171
- - - -		Strasbourg fragmento (cap. 5, página 5 frente)	1 Cor. 15: 25-6, 55.	Dai-me senhor a sua força para que eles comigo possam suportar o mundo 172
	Ev. da Infância, de Tomé 4:2		Romanos 12:14	Abençoem os que perseguem vocês 173
- - Lc. 17:5-6 Jo. 12:24		Ev. Egerton 60-75		Se o grão de trigo ao cair na terra não morrer, ficará só, mas se morrer, produzirá muito 174

APÊNDICE C

A tabela possui duas colunas. Na primeira coluna, estão dispostas as referências das passagens das narrativas da Paixão dos quatro evangelhos da ortodoxia e no Evangelho de Pedro. Na segunda coluna, estão dispostas as referências e a descrição das passagens semelhantes às da primeira coluna, todavia, que se apresentam no Antigo Testamento.

COLUNA 1	COLUNA 2
Referências de narrativas da Paixão dos evangelhos do Novo Testamento e do Evangelho de Pedro	Referências e sinopses de profecias do Antigo Testamento semelhantes a passagens das narrativas anteriores e da Paixão, do Novo Testamento
Mc. 11:1-11 Mt. 21:1-11 Lc. 19:28-38 Jo. 12:12-19	Zacarias 9:9 “Exulta muito, filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso, humilde, montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho da jumenta.”
Mc. 15:23-27,33-41 Mt. 27:32-38,45-50,55 Lc. 23:33,44-49 Jo. 19:16-30 Ev. Pedro 1-4	Isaías 53:3-12 “Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado em virtude das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas Iahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha

	<p>que permanece muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca. Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os seus contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter ele sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo? Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos, se bem que não tivesse praticado violência nem tivesse havido engano em sua boca. Mas Iahweh quis feri-lo, submetê-lo à enfermidade. Mas, se ele oferece a sua vida como sacrifício pelo pecado, certamente verá uma descendência, prolongará os seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar. Após o trabalho fatigante da sua alma ele verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões. Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a sua alma à morte e foi contado com os transgressores, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores fez intercessão.”</p>
<p>Mc. 15:13 Mt. 27:22 Lc. 23:21 Jo. 19:7 Ev. Pedro 1</p>	<p>Isaías 6:9 “Ele me disse: "Vai e dize a este povo: Podeis ouvir certamente, mas não haveis de entender; podeis ver certamente, mas não haveis de compreender”</p>
<p>Mc. 14:22-24 Mt. 26:26-28 Lc. 22:19 -</p>	<p>Isaías 56:7 “trá-los-ei ao meu monte santo e os cobrirei de alegria na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão bem aceitos no meu altar. Com efeito, a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos”</p>

<p>Mc. 14:10-11 Mt. 26:14-16 Lc. 22:3-6 -</p>	<p>Zacarias 11:12</p> <p>“E eu lhes disse: "Se isto é bom aos vossos olhos, dai-me o meu salário; se não, deixai!" E eles pesaram o meu salário: trinta siclos de prata”</p>
<p>Mc. 14:17-26 Mt. 26:20-30 Lc. 22:14-23 Jo. 13:21-30 1Cor. 11:23-25</p>	<p>Salmo 41:10</p> <p>“Até meu amigo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim.”</p>
<p>Mc. 14:53-65 Mt. 26:67 Lc. 22:54, 63-71 Jo. 18:13, 19-24 Ev. Pedro 3</p>	<p>Isaías 50:6</p> <p>“Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos escarros.”</p>
<p>Mc. 15:24 Mt. 27:35 Lc. 23:33 Jo. 19:18 Ev. Pedro 6</p>	<p>Salmo 22:17</p> <p>“Cercam-me cães numerosos, um bando de malfeitores me envolve, como para retalhar minhas mãos e meus pés.”</p>
<p>Mc. 15:24 Mt. 27:35 Lc. 23:34 Jo. 19:23 Ev. Pedro 4</p>	<p>Salmo 22:19</p> <p>“repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica tiram sorte.”</p>
<p>Mc. 15:29-30 Mt. 27:39-40 Lc. 23:35-36 - Ev. Pedro 3</p>	<p>Salmo 22:7-9</p> <p>“Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo; todos os que me vêem caçoam de mim, abrem a boca e meneiam a cabeça: ‘Voltou-se a Iahweh, que ele o liberte, que o salve, se</p>

	<p>é que o ama!’”</p> <p>Zacarias 12:10</p> <p>“Derramarei sobre a casa de Davi e sobre todo habitante de Jerusalém um espírito de graça e de súplica, e eles olharão para mim. Quanto àquele que eles transpassaram, eles o lamentarão como se fosse a lamentação de um filho único; eles o chorarão como se chora sobre o primogênito.”</p>
<p>Mc. 15:34</p> <p>Mt. 27:46</p> <p>Lc. 23:46</p> <p>-</p> <p>Ev. Pedro 5</p>	<p>Salmo 22:2</p> <p>“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? As palavras do meu rugir estão longe de me salvar!”</p>
<p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>Jo. 19:32-33</p> <p>Ev. Pedro 4</p>	<p>Êxodo 12:46</p> <p>“Há de comer-se numa só casa, e não levareis dessa casa nenhum pedaço de carne. Não quebrareis osso algum.”</p> <p>Números 9:12</p> <p>“(…) não deverá restar dela nada para o dia seguinte e nem se lhe quebrará osso algum. Segundo todo o ritual da Páscoa, celebrá-la-ão.</p>